

A close-up photograph of a woman's face, partially visible on the right side of the frame, looking out of a car window. The window reflects a large, ornate Gothic cathedral, likely Notre-Dame de Paris, with its intricate stone carvings and flying buttresses. The reflection is slightly blurred, suggesting motion or a shallow depth of field. The car's window frame and a portion of the yellow exterior are visible at the bottom and left edges.

MARC LEVY

REPLAY

SUMA
de letras

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MARC LEVY

REPLAY

Tradução
Julia Nemirovsky



© Éditions Robert Laffont, S.A., Susanna Lea Associates, Paris, 2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Si c'était à refaire

Capa

Fernanda Mello

Imagem da capa

Fuse/Getty Images — Mulher no táxi

Revisão

Taisa Fonseca

Rita Godoy

Suelen Lopes

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Filigrana



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L65r

Levy, Marc

Replay [recurso eletrônico] / Marc Levy ; tradução Julia Nemirovsky. 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

recurso digital

Tradução de: *Si c'était à refaire*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8105-185-7 (recurso eletrônico)

1. Romance Francês. 2. Livros eletrônicos. I. Nemirovsky, Julia. II. Título.

13-02922 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

Para Louis, Georges e Pauline

“Seríamos muito felizes se pudéssemos abandonar a nós mesmos como abandonamos os outros.”

Madame du Deffand

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

20.

21.

22.

23.

24.

Agradeço a

1.

Se misturar na multidão, interpretar esse estranho drama sem que ninguém perceba nada, se lembre de nada.

Uma corrida, com todas as chances de passar despercebida. Ao longo do River Park. Às sete da manhã, todo mundo corre. Em uma cidade onde o tempo é cronometrado, onde os nervos de todos são postos à prova, corremos; corremos para conservar nossos corpos, para apagar os excessos da véspera, para prevenir o stress do dia que vai começar.

Um banco; o pé apoiado sobre o assento, amarrando o caderço e esperando que o alvo se aproxime. O capuz caído sobre o rosto reduz o campo de visão, mas permite dissimular o semblante. Uma chance para recuperar o fôlego, evitar que a mão trema. O suor não importa, não chama a atenção, não entrega ninguém, aqui, todos transpiram.

Até que ele aparece, deixar que ele passe, esperar alguns instantes antes de retomar a corrida, a passos curtos. Manter alguma distância, até o momento oportuno.

A cena foi repetida sete vezes. A cada manhã, na mesma hora. A cada vez, a tentação de agir era enorme. Mas o sucesso depende de uma boa preparação. Não se pode errar.

Lá vem ele, descendo a Charles Street, fiel à rotina. Ele espera que o sinal fique vermelho para atravessar as quatro primeiras vias da West Side Highway. Os carros seguem para o norte da cidade, as pessoas se deslocam em direção ao trabalho.

Ele parou no meio das pistas. O pequeno boneco luminoso no sinal de pedestres já piscava. Os carros avançavam em direção a TriBeCa e ao Financial District, para-choque contra para-choque, mas mesmo assim ele seguiu. Como sempre, respondeu às buzinas

levantando o punho, com o dedo médio apontado para o céu, virou à esquerda e pegou a via de pedestres, ao longo do rio Hudson.

Ele percorreu seus vinte quarteirões, em meio aos outros corredores, ficou contente em deixar para trás aqueles com menos preparo físico e amaldiçoou os que o ultrapassaram. Eles não têm nenhum mérito, têm dez ou vinte anos a menos. Quando ele tinha 18 anos, frequentar essa parte da cidade era impensável, mas ele foi um dos primeiros a suar a camisa ali. Pouco resta das docas que, no passado, se estendiam sobre as fundações de madeira. Hoje, fedem a peixe e a ferrugem. Odores de sangue. Como sua cidade mudou em vinte anos, rejuvenesceu, se embelezou. Nele, os anos começaram a deixar marcas no rosto.

Do outro lado do rio, as luzes de Hoboken se apagam com o nascer do dia, logo acompanhadas pelas de Jersey City.

Não perdê-lo de vista. Quando ele chegar no cruzamento da Greenwich Street, sairá da via de pedestres. É preciso agir antes. Nesta manhã, ele não irá ao Starbucks Coffee, onde costuma pedir seu mocaccino.

De passagem pelo Píer nº 4, a sombra que o segue, sem que ele perceba, terá se juntado a ele.

Ainda falta um quarteirão. Apertar o passo, se juntar à multidão que se forma sempre naquele local, uma vez que a passagem fica cada vez mais estreita e os mais lentos atrapalham os mais rápidos. A longa agulha desliza sob a manga; a mão, determinada, a segura com firmeza.

Acertar entre o alto do sacro e a última costela. Um golpe certo, uma incisão profunda que perfure o rim e chegue até a artéria abdominal. Ao sair, a agulha deixará marcas imperceptíveis até que alguém entenda o que aconteceu, que chegue o socorro, o tempo de transporte até o hospital, do encaminhamento para a sala de operação. Difícil chegar até o hospital, mesmo com as sirenes ligadas, na hora mais engarrafada da manhã, quando o tráfego está tão intenso que o motorista não pode fazer nada além de lamentar sua impotência.

Dois anos antes, talvez ele tivesse alguma chance. Desde que o hospital St. Vincent foi fechado, em benefício dos especuladores imobiliários, a emergência mais próxima fica a leste, em frente ao River Park. A hemorragia será severa demais, todo o sangue terá sido drenado.

Ele não sofrerá, não sofrerá tanto. Sentirá apenas frio, mais e mais frio. Tremerá, perderá pouco a pouco a sensibilidade nos membros, baterá os dentes até não poder mais falar, e para dizer o quê? Que foi ferido gravemente nas costas? Grande coisa! O que a polícia poderia descobrir?

Crimes perfeitos existem, os melhores policiais irão confessar, ao fim de suas carreiras, vários casos não solucionados que os perseguem, como um fardo para suas consciências.

E veja só ele, chegando no lugar certo. O gesto foi simulado inúmeras vezes em um saco de areia, mas a sensação é diferente quando a agulha penetra a carne humana. O importante é não atingir um osso. Acertar uma vértebra lombar corresponderia a um fracasso. A agulha deve ser enfiada e imediatamente recolhida para a manga.

Depois, continuar a correr da mesma forma. Resistir à tentação de olhar para trás, permanecer anônimo entre os corredores, invisível.

Tantas horas de preparação para alguns segundos de ação.

Levará mais tempo para que ele morra, 15 minutos, provavelmente; mas esta manhã, por volta das sete e meia, ele irá morrer.

2.

Maio de 2011

Andrew Stilman é jornalista do *New York Times*. Começou a carreira como freelancer, aos 23 anos, e escalou um a um os degraus da hierarquia. Tirar uma carteira de jornalista de um dos jornais mais célebres do mundo foi um dos seus sonhos de juventude. Todas as manhãs, antes de cruzar as portas do prédio número 860, na Oitava Avenida, Andrew se permite um pequeno prazer, levantando a cabeça. Ele admira a inscrição que decora a fachada e diz para si mesmo que seu escritório fica ali, naquele templo sagrado da imprensa, onde milhares de escritores sonham em ir, pelo menos uma vez, para visitar as instalações.

Foram quatro anos trabalhando com documentação antes que Andrew conseguisse uma vaga de redator-adjunto na seção de obituários. A antiga ocupante do cargo havia sido atropelada por um ônibus ao sair do trabalho, antes de ir parar nas colunas que ela própria costumava escrever. Apressada para chegar em casa e receber um entregador que deveria levar-lhe uma lingerie fina comprada pela internet. Como a vida é irônica!

Passaram-se outros cinco anos de trabalho duro na vida de Andrew, sempre em completo anonimato. Nada é assinado na seção de necrologia, todas as honras do dia vão para o morto. Cinco anos escrevendo sobre aqueles que já se foram e que são apenas lembranças, boas ou más. Mil oitocentos e vinte e cinco dias e quase 6 mil dry martinis consumidos noite após noite, entre sete e meia e 20h15, no bar Marriott, na 40th Street.

Três azeitonas por taça e, a cada caroço cuspidor no cinzeiro transbordando de guimbas de cigarro, Andrew apagava da memória a crônica concisa de uma existência efêmera que ele havia redigido

naquele mesmo dia. Talvez por viver na companhia dos mortos, Andrew exagerava um tanto com a bebida. No quarto ano de Andrew na seção de obituários, o barman do Marriott precisava preparar seis doses para aplacar a sede de seu fiel cliente. Quando estava no escritório, Andrew quase sempre tinha uma aparência acinzentada, as pálpebras pesadas, o pescoço curvado e o terno maltrapilho; mas o figurino gravata-camisa engomada não era obrigatório nas amplas salas compartilhadas da redação do jornal, e ainda menos naquela onde ele trabalhava.

Talvez devido a sua caneta elegante e precisa, ou a um verão particularmente quente, suas colunas logo se estenderam a duas páginas. Na ocasião do fechamento do balanço trimestral, um analista do departamento financeiro, contaminado com estatísticas, observou que o faturamento por defunto tinha aumentado rapidamente. As famílias enlutadas precisavam de mais e mais linhas para expor o quanto sofriam. Os números, quando bons, são comunicados rapidamente no seio de grandes corporações. No comitê diretor, que se reúne no início do outono, discutiram-se esses resultados, com a intenção de recompensar o autor recentemente reconhecido. Andrew Stilman foi nomeado redator, em uma seção relacionada, dessa vez na parte de casamentos, em que os resultados foram deploráveis.

Como nunca faltavam ideias a Andrew, ele deixou de lado por algum tempo o bar que costumava frequentar para ir passear nos estabelecimentos chiques aonde iam as diferentes comunidades homossexuais da cidade. Selando quantos contatos fossem possíveis entre um e outro dry martíni, Andrew aproveitava para distribuir sem reserva seu cartão de visita, falando para quem quisesse ouvir que a seção pela qual ele era responsável se orgulhava de publicar todos os anúncios de união, inclusive aqueles que a maior parte dos outros jornais se recusava a incluir em suas colunas. O casamento homossexual ainda não era legalizado no estado de Nova York, longe disso, mas a imprensa tinha liberdade para citar votos voluntariamente trocados em âmbito privado; ou seja, o que contava era a intenção.

Em três meses, a seção de casamentos se estendia por quatro páginas no jornal de domingo, e o salário de Andrew Stilman teve um considerável aumento.

Decidiu, portanto, reduzir o consumo de álcool. Não por receio de arruinar o fígado, mas porque ele acabara de adquirir uma Datsun 240Z, seu sonho de consumo desde que era garoto. A polícia tinha se tornado intransigente quanto às taxas de álcool ao volante. Beber ou dirigir... Andrew, loucamente fascinado por um carro antigo, impecavelmente restaurado na garagem de seu melhor amigo, dono de uma concessionária especializada em automóveis de coleção, havia feito sua escolha. E caso voltasse a frequentar o bar do Marriott, nunca bebia mais do que dois drinques por noite, exceto às quintas-feiras.

*

Foi exatamente em uma quinta-feira, alguns anos depois, saindo do bar do Marriott, que Andrew deu de cara com Valérie Ramsay. Estava tão bêbada quanto ele e sob o efeito de um ataque de risos incontrolável, após ter tropeçado em uma caixa de correio e ter caído de bunda no chão bem no meio da calçada.

Andrew reconheceu Valérie imediatamente, não por causa dos seus traços — ela não lembrava em nada a moça que ele havia conhecido vinte anos antes —, mas graças à risada dela. Uma gargalhada inesquecível, que fazia balançar seu peito. E os seios de Valérie Ramsay haviam assombrado a adolescência de Andrew.

Os dois se conheceram no colégio. Valérie, expulsa da equipe de *cheerleaders* — essas animadoras enfeitadas com roupinhas sexys, nas cores da equipe local de futebol — por causa de uma rixa boba nos vestiários com uma moça marrenta, foi parar no coral. Andrew, sofrendo de uma atrofia nas cartilagens dos joelhos, operada apenas anos mais tarde graças a uma moça que adorava dançar, havia sido dispensado de todas as atividades esportivas. Ele também, impedido de fazer outra coisa, emprestava sua voz àquele mesmo coral.

Andrew havia flertado com ela até terminarem os estudos. Nenhum sexo propriamente dito, mas línguas e mãos ousadas o suficiente para que se divertissem sobre os bancos da escola do desejo, aproveitando tudo o que as generosas curvas de Valérie tinham a oferecer.

Afinal, era a Valérie que devia seu primeiro orgasmo proporcionado por mãos que não as suas próprias. Uma tarde de jogo, na qual os dois pombinhos, escondidos nos vestiários desertos, haviam trocado mais palavras doces do que costumavam fazer, Valérie havia enfim concordado em deslizar sua mão para dentro da calça jeans de Andrew. Quinze segundos de vertigem, acompanhados da risada de Valérie, que fez balançar seus seios e contribuiu para o prolongamento desse prazer fugaz. A primeira vez não se esquece nunca.

— Valérie — balbuciou Stilman.

— Ben — respondeu Valérie, igualmente surpresa.

No colégio, todos o chamavam de Ben, impossível lembrar por quê; fazia vinte anos que não o chamavam assim.

Para justificar seu estado deplorável, Valérie inventou uma noitada entre amigos, do tipo que ela não participava desde aos anos de faculdade. Andrew, no mesmo estado, usou como desculpa sua promoção, sem especificar que ela havia ocorrido dois anos antes. E por acaso prescrevia a comemoração de boas notícias?

— O que trouxe você pra Nova York? — perguntou Andrew.

— Eu moro aqui — respondeu Valérie, enquanto Andrew a ajudava a se levantar.

— Há muito tempo?

— Há um tempo, só não me pergunte há quanto, não estou em condições de fazer as contas. O que você faz?

— O que eu sempre quis fazer, e você?

— Vinte anos. É uma longa história de vida, você sabe — respondeu Valérie, limpando a poeira da saia.

— Nove linhas — suspirou Andrew.

— Nove linhas o quê?

— Vinte anos de vida eu resumo para você em nove linhas, se quiser.

— Até parece.

— Você aposta?

— Depende. Apostar o quê?

— Um jantar.

— Eu sou comprometida, Andrew — respondeu Valérie.

— Eu não tô te chamando para ir a um motel. Só uma sopa com gyoza no Joe's Shanghai... Você ainda gosta de gyoza?

— Ainda.

— Você só precisa dizer ao seu namorado que eu sou uma velha amiga.

— Mas, antes disso, você precisa conseguir resumir meus últimos vinte anos em nove linhas.

Valérie olhou Andrew, com o pequeno sorriso de canto de boca que ela exibia na época em que ainda o chamavam de Ben, antes de propor encontrá-la atrás do prédio de ciências; um sorrisinho que não tinha envelhecido nem um pouco.

— Tudo bem — concordou ela —, só mais um drink e eu conto a minha vida.

— Mas não neste bar, aqui é muito barulhento.

— Ben, se você está pensando que vai me levar para a sua casa esta noite, está muito enganado.

— Valérie, isso nem passou pela minha cabeça, é só que, no estado em que estamos, a gente realmente precisa comer. Senão, temo que a nossa aposta será em vão.

Andrew não estava errado. Ainda que os dois saltos dos escarpins estivessem ancorados na calçada suja da 40th Street desde que ele a havia ajudado a se levantar, Valérie tinha a impressão de estar se equilibrando no convés de um barco. A ideia de comer alguma coisa não a desagradava. Andrew assobiou para um táxi e pediu que o motorista os levasse a um bistrô onde costumava ir algumas noites, no bairro SoHo. Quinze minutos depois, Valérie, sentada, o encarava de frente, tanto no sentido literal quanto no figurado.

Valérie tinha conseguido uma bolsa da universidade de Indianápolis. De todas as faculdades nas quais havia tentado entrar, aquela era a primeira a aceitar sua candidatura. O Meio-Oeste nunca tinha feito parte dos seus sonhos de juventude, mas ela não podia se dar ao luxo de esperar uma resposta mais prestigiosa; sem essa ajuda financeira para os estudos, seu futuro se resumiria a um emprego de garçoneiro em um bar em Poughkeepsie, cidade no norte do estado de Nova York onde os dois haviam nascido e crescido.

Oito anos mais tarde, com diploma de veterinária debaixo do braço, Valérie havia deixado Indiana e, como muitas jovens ambiciosas, tinha vindo se estabelecer em Manhattan.

— Você fez um curso inteiro na faculdade de veterinária em Indiana para terminar em Nova York?

— E por que não? — respondeu Valérie.

— O seu sonho era auscultar o traseiro de poodles?

— Que babaquice, Andrew!

— Eu não queria ser grosseiro, mas você precisa concordar que Manhattan não possui uma fauna muito diversificada. Tirando os cachorrinhos de madame no Upper East Side, quem são os seus clientes?

— Em uma cidade com dois milhões de solteiros, você ia ficar surpreso em saber o quanto os animais de estimação são importantes.

— Sei, então você cuida também dos hamsters, dos gatos e dos peixinhos vermelhos.

— Eu sou veterinária titular da polícia montada. Cuido dos cavalos e dos cachorros da brigada canina, que não tem nem um poodle. Só labradores para a busca de corpos, alguns pastores-alemães quase aposentados, retrievers especializados em detecção de entorpecentes e beagles para explosivos.

Andrew arqueou as sobrancelhas, uma após a outra. Havia aprendido esse truque na época em que era estudante de jornalismo. Isso sempre desconcertava o interlocutor. Quando entrevistava alguém, e duvidava da sinceridade do testemunho, ele iniciava a coreografia das sobrancelhas, avaliando pela reação do

“cliente” se estava mentindo ou não. Mas o rosto de Valérie permaneceu impassível.

— Naturalmente — disse surpreso —, eu não esperava tudo isso. Mas afinal, você é policial ou só veterinária? Enfim, quero dizer, você tem carteira de policial, anda armada?

Valérie olhou-o fixamente e soltou uma gargalhada.

— Vejo que você amadureceu bastante desde a última vez que a gente se viu, Ben.

— Você está tirando sarro de mim?

— De você não, mas da cara que você fez. Foi como ver de novo seu rosto da época da escola.

— Não me surpreende que tenha virado veterinária — disse Andrew. — Você sempre adorou animais. Uma noite, você me ligou, na casa dos meus pais, implorando para que eu saísse escondido e te encontrasse imediatamente; eu achei que fosse um desejo repentino de me ver, mas não era nada disso. Você me obrigou a levar um velho cachorro fedorento, com a pata quebrada, que tinha resgatado na rua, voltando do colégio. Nós acordamos o veterinário no meio da noite.

— Você lembra disso, Andrew Stilman?

— Eu lembro de todas as nossas histórias, Valérie Ramsay. E agora, me explica direito o que aconteceu entre a tarde em que eu esperei você, à toa, no cinema de Poughkeepsie e esta noite em que você reapareceu?

— De manhã, eu recebi pelo correio a carta de admissão da faculdade de Indianápolis e eu não podia esperar nem um dia a mais. Fiz minha mala e, graças às economias de todos os bicos que eu fiz nas férias e de todas as crianças que domei trabalhando como babá, saí de casa e de Poughkeepsie naquela mesma noite. Radiante por não ter mais que assistir à vidinha de casados dos meus pais, que nem quiseram ir comigo até a rodoviária, imagina só! E como você só tem nove linhas para dedicar a sua velha amiga, vou te poupar dos detalhes dos meus estudos universitários. Chegando em Nova York, eu trabalhei em várias pequenas clínicas veterinárias, uma depois da outra. Um dia, me candidatei a uma

vaga na polícia e consegui um cargo como substituta. Dois anos depois, fui promovida a veterinária titular.

Andrew pediu dois cafés para a garçonete que passava perto deles.

— Me agrada a ideia de você ser veterinária da polícia. Escrevi mais obituários e anúncios de casamento do que você seria capaz de imaginar. Mas eu nunca tinha ouvido falar dessa profissão. Nem imaginava que isso existia.

— Claro que existe.

— Eu fiquei com muita raiva de você, sabia?

— Por quê?

— Por ter ido embora sem se despedir.

— Você era o único que sabia que eu ia embora imediatamente, assim que eu pudesse.

— Eu não tinha entendido que aquele segredo era um aviso. Agora que você me disse, faz sentido.

— E você ainda tem raiva de mim? — zombou Valérie.

— Talvez eu devesse ter. Mas acho que essas coisas prescrevem.

— E você virou mesmo jornalista?

— Como você sabe?

— Eu perguntei ainda agora o que você fazia da vida, e você respondeu: “O que eu sempre quis fazer”... e você queria ser jornalista.

— Você se lembra disso, Valérie Ramsay?

— Eu me lembro de tudo, Andrew Stilman.

— Mas então quer dizer que você é comprometida?

— Está tarde — suspirou Valérie —, preciso voltar pra casa. E, além disso, se eu contar coisas demais, você nunca vai conseguir resumir tudo em nove linhas.

Andrew sorriu com malícia.

— Isso quer dizer que você aceitou o jantar no Joe’s Shanghai?

— Se você ganhar a aposta, sim. Eu sou uma mulher de palavra.

Eles caminharam em silêncio pelas ruas desertas do SoHo até a Sexta Avenida. Andrew segurou a mão de Valérie para ajudá-la a

atravessar as ruas com pavimentação irregular, comum nos bairros antigos da cidade.

Ele chamou um táxi que subia a avenida e segurou a porta para Valérie, enquanto ela se acomodava no banco traseiro.

— Foi uma bela surpresa te reencontrar, Valérie Ramsay.

— Para mim também, Ben.

— Para onde eu tenho que enviar minhas nove linhas?

Valérie mexeu na bolsa, encontrou um lápis de olhos e pediu para que Andrew abrisse a palma da mão. Escreveu seu número de telefone.

— Nove linhas você deve conseguir mandar por SMS. Boa noite, Ben.

Andrew olhou o carro seguir em direção ao norte. Quando o perdeu de vista, continuou o caminho a pé, até seu apartamento, a 15 minutos de lá. Ele precisava de um pouco de ar fresco. Ainda que tivesse decorado imediatamente o número escrito com a maquiagem na palma de sua mão, Andrew tomou o cuidado de mantê-la aberta durante todo o trajeto.

3.

Há muito tempo que Andrew não se propunha a resumir uma vida em algumas linhas. Há dois anos, trabalhava no departamento de “Notícias internacionais” do jornal. Andrew era curioso em relação à vida, à ordem mundial, e tinha um grande interesse por aqueles que mantinham relações com o exterior.

Agora que as telas dos computadores substituíam os componentes nos quais os linotipistas trabalharam, cada pessoa na redação tinha acesso às matérias que entrariam na edição do dia seguinte. Diversas vezes, Andrew tinha percebido análises equivocadas ou erros nas informações no caderno de atualidades internacionais. Seus avisos, durante as comissões semanais dos redatores, que reuniam todos os jornalistas, tinham evitado muitas vezes a publicação de retificações, motivadas pelo recebimento de cartas de leitores manifestando descontentamento. A competência de Andrew não tardou a ser percebida e ele não pensou duas vezes quando teve de optar entre uma gratificação de fim de ano ou um novo cargo.

A ideia de escrever novamente uma “crônica de vida”, como brincava ao apelidar seus antigos escritos, o estimulava enormemente; ele chegava a sentir uma certa nostalgia ao começar a compor aquela para Valérie.

Duas horas e oito linhas mais tarde, ele copiou seu texto para o celular e o enviou à parte interessada.

Passou o resto do dia tentando escrever, em vão, uma matéria sobre uma possível rebelião popular na Síria. Hipótese que seus colegas julgavam mais que improvável, para não dizer impossível.

Não conseguia se concentrar, seu olhar escapava da tela do computador em direção ao celular, que permanecia desesperadamente mudo. Quando ele finalmente se iluminou, por

volta das cinco horas, Andrew se jogou sobre o aparelho. Alarme falso. Era a lavanderia informando que as camisas estavam prontas.

Foi apenas no dia seguinte, por volta do meio-dia, que recebeu o seguinte SMS:

“Quinta que vem, 19h30. Valérie”

Respondeu imediatamente: “Sabe o endereço?”

Lamentou sua precipitação ao ler. Alguns segundos depois, um lacônico “Sim”.

*

Andrew retomou o trabalho e permaneceu sóbrio por sete dias. Nem uma gota de álcool pelo menos se considerarmos, como ele, que o teor alcoólico da cerveja é baixo demais.

Na quarta-feira, passou na tinturaria para buscar o terno que havia deixado na véspera e foi comprar uma camisa branca. Aproveitou para aparar os cabelos e fazer a barba em um barbeiro. E, como em todas as quartas, encontrou Simon, seu melhor amigo, por volta das nove da noite, em um pequeno bistrô de aparência duvidosa, mas que servia o melhor peixe de West Village. Andrew morava a dois passos de lá, e a cozinha do Mary’s Fish era seu refeitório quando voltava tarde do trabalho, o que acontecia frequentemente. Enquanto Simon, como de costume durante os tais jantares, reclamava dos republicanos, que impediam o presidente de empreender as reformas que fora eleito para fazer, Andrew, cujo espírito vagava longe, olhava através da vitrine os transeuntes e turistas que passeavam nas ruas.

— E isso é, eu admito, uma verdadeira surpresa, mas Barack Obama ficou louco pela Angela Merkel. Fonte confiável.

— Até que ela é bonita — respondeu Andrew distraído.

— Ou você está trabalhando em um enorme furo de reportagem, e aí está desculpado, ou conheceu alguém e, neste caso, você me atualiza na mesma hora — exigiu Simon.

— Nem uma coisa nem outra — respondeu Andrew. — Desculpa, estou muito cansado.

— Pra cima de mim? Eu não te vejo com a barba tão bem-feita desde a época em que você saía com aquela morena que tinha uns 20 centímetros a mais que você. Sally, se eu me lembro bem.

— Sophie, mas não importa, isso prova o quanto você se interessa pelas coisas que eu te conto. Como eu posso querer que você se lembre do nome dela se nós só ficamos um ano e meio juntos!

— Ela era insuportavelmente chata, eu nunca a ouvi rir — recomeçou Simon.

— Isso porque ela nunca ria das suas piadas. Termina seu prato, eu quero ir dormir — suspirou Andrew.

— Se você não me contar o que está te deixando preocupado, eu vou pedir uma sobremesa atrás da outra, até morrer de tanto comer.

Andrew olhou fixamente nos olhos do amigo.

— Tem alguma moça que marcou sua adolescência? — perguntou, fazendo sinal para que a garçonete trouxesse a conta.

— Eu sabia que você não estava nesse estado por causa do trabalho.

— Não tenha tanta certeza, estou trabalhando com um tema revoltante, uma história sórdida, de embrulhar o estômago.

— O que é?

— Segredo profissional!

Simon pagou a conta com dinheiro e se levantou.

— Vamos andar um pouco, preciso de ar puro.

Andrew pegou o casaco no cabideiro e foi se juntar ao amigo, que o esperava na calçada.

— Kathy Steinbeck — murmurou Simon.

— Kathy Steinbeck?

— A moça que marcou minha adolescência. Você me perguntou isso há cinco minutos, já se esqueceu?

— Você nunca tinha me falado dela.

— Você nunca me perguntou isso — respondeu Simon.

— Valérie Ramsay — declarou Andrew.

— Na verdade, você não está nem aí para saber por que Kathy Steinbeck marcou minha vida de rapaz. Você me perguntou isso com o único objetivo de me falar sobre a sua Valérie.

Andrew pegou Simon pelo ombro e o conduziu por alguns passos. Três degraus iam em direção ao subsolo do pequeno imóvel de tijolos. Ele empurrou a porta do Fedora, um bar onde outrora jovens artistas como Count Basie, Nat King Cole, John Coltrane, Miles Davis, Billie Holiday e Sarah Vaughan haviam tocado.

— Você me acha autocentrado demais? — perguntou Andrew.

Simon não respondeu.

— Você deve ter razão. Por ter resumido durante tantos anos a vida de desconhecidos, eu acabei achando que o único dia em que iriam se interessar por mim seria quando o meu próprio nome aparecesse naquelas malditas colunas de defuntos.

E, erguendo seu copo, Andrew começou a declamar em voz alta:

— Nascido em 1975, Andrew Stilman trabalhou a maior parte da vida no célebre *New York Times*... Viu, Simon, é por isso que os médicos nunca conseguem curar eles mesmos, a mão treme quando a gente tenta se operar. Entretanto, esse é o bê-á-bá da profissão, os adjetivos devem ser reservados exclusivamente ao defunto. Recomeço... nascido em 1975, Andrew Stilman colaborou por diversos anos com o *New York Times*. A ascensão meteórica o levou, no início dos anos 2020, a assumir o cargo de redator-chefe. Foi sob o comando dele que o jornal voltou a crescer e tornou-se novamente um dos periódicos mais respeitados do mundo... Talvez eu tenha exagerado um pouco, não?

— Não vai começar de novo seu obituário!

— Calma, deixa eu terminar, eu vou fazer o seu também, vai ser engraçado, você vai ver.

— Você acha que vai morrer com quantos anos, para que eu saiba quanto tempo esse pesadelo vai durar?

— Vai saber, com o progresso da medicina... Onde eu estava? Ah, sim, foi sob seu comando, blá-blá-blá, que o jornal voltou aos tempos de glória. Andrew Stilman recebeu, em 2021, o prêmio Pulitzer pela matéria visionária sobre... bem, eu não consigo pensar em nada agora, mas eu defino o assunto depois. Tema esse que, mais tarde, serviu de inspiração para o primeiro livro, também

bastante premiado e, hoje, estudado em todas as grandes universidades.

— *Tratado sobre a modéstia do jornalista* foi o título da sua obra-prima — zombou Simon. — E com quantos anos você recebeu o prêmio Nobel?

— Com 72 anos, eu já ia chegar nessa parte. Após deixar o cargo de diretor-geral, com notável carreira, aposentou-se, aos 71 anos, e no ano seguinte...

— ... recebeu um mandado de prisão por homicídio doloso por ter matado de tédio o amigo mais fiel.

— Você não é muito compreensivo, né?

— E o que eu deveria compreender?

— Eu estou passando por um período bizarro, meu caro Simon; a solidão me pesa, o que não é normal, já que eu costumo aproveitar muito mais a vida quando estou solteiro.

— Você está chegando aos 40!

— Eu agradeço, ainda me restam alguns anos antes da crise da meia-idade. O ambiente no jornal é nocivo — recomeça Andrew —, nós vivemos com a corda no pescoço. Eu só queria um pouco de sossego... Quem era essa sua Kathy Steinbeck?

— Minha professora de filosofia.

— Quê? Eu nunca ia imaginar que a moça que marcou sua adolescência... não era exatamente uma moça.

— A vida não é fácil; aos 20 anos, minha fantasia era sair com mulheres 15 anos mais velhas, com 37, são as com 15 anos a menos que me fazem perder a cabeça.

— É a sua cabeça que não é fácil, meu caro.

— Me fala um pouco mais sobre a sua Valérie Ramsay?

— Eu cruzei com ela semana passada, saindo do bar do Marriott.

— Sei.

— Não, você não sabe de nada. Eu era louco por ela no colégio. Quando ela foi embora da cidadezinha onde a gente morava, fugindo como uma ladra, eu demorei anos para esquecê-la. Na verdade, eu me pergunto se algum dia eu realmente me esqueci dela.

— E ao revê-la, foi grande a decepção?

— Pelo contrário, alguma coisa mudou nela, o que só a deixou ainda mais irresistível.

— Ela virou mulher. Um dia eu explico! Você está me dizendo que se apaixonou de novo? Andrew Stilman arrebatado por uma paixão na 40th Street, que manchete!

— Eu estou te dizendo que eu fiquei mexido, e que isso não acontecia comigo há muito tempo.

— Amanhã à noite vou jantar com ela e estou tendo a mesma crise de ansiedade que tinha quando era adolescente.

— Cá entre nós, acho que a gente nunca supera completamente esse tipo de ansiedade. Dez anos após a morte da minha mãe, meu pai conheceu uma mulher em um supermercado. Na época, ele tinha 68 anos e, na véspera do primeiro jantar que teriam juntos, eu tive que levá-lo até a cidade. Ele queria de qualquer jeito comprar uma roupa nova. Enquanto experimentava a roupa, no alfaiate, ele repetia para mim o que iria dizer para ela durante o jantar e perguntava minha opinião. Era patético. Moral da história: a gente sempre fica sem jeito diante de uma mulher que mexe com a gente, não importa a nossa idade.

— Muito obrigado. Isso me deixa mais tranquilo para amanhã.

— Eu digo isso para evitar que você cometa gafe atrás de gafe. Você vai ter a impressão de estar tendo uma conversa despretensiosa, e provavelmente estará certo; depois, voltando para casa, vai se culpar por ter sido patético durante a noite toda.

— Continue, por favor, Simon, é ótimo ter amigos de verdade.

— Dá um tempo antes de brigar comigo. Eu só quero ajudar você a não ficar pensando sobre todas as coisas. Amanhã à noite, aproveita o máximo possível o momento, que você nem esperava que fosse ter. Seja você mesmo, se ela gostar de você, gostou.

— As mulheres nos dominam a esse ponto?

— É só olhar em torno de nós, neste bar. Bem, eu volto a falar sobre a minha professora de filosofia em um outro dia. Vamos jantar sexta-feira, quero a descrição detalhada desse reencontro. Talvez não tão detalhada quanto o seu obituário, pensando bem.

O frescor da noite surpreendeu os dois quando saíram do Fedora. Simon pegou um táxi e Andrew voltou para casa a pé.

Na sexta-feira, Andrew contou a Simon que o havia sido do jeito que ele tinha imaginado, talvez até pior. Ele concluiu que provavelmente tinha se apaixonado de novo por Valérie Ramsay, o que não era nada conveniente, já que, sem dar maiores detalhes, ela tinha dito outra vez que estava envolvida com um homem. Ela não ligou para ele no dia seguinte, nem na semana seguinte. E Andrew se sentiu tomado por uma tristeza profunda. Passou o sábado trabalhando no jornal, encontrou Simon no domingo, na quadra de tênis na esquina da Sexta Avenida com a West Houston Street, onde, na falta de palavras, trocaram diversos passes.

A noite de domingo foi tão desagradável quanto uma tarde de domingo pode ser. Comida chinesa pedida pelo telefone, uma reprise de um filme, alternada com um jogo de hockey e incontáveis episódios de séries em que policiais cientistas resolviam assassinatos abomináveis. Uma noite nefasta, até que, por volta das nove horas, a tela do seu celular piscou. Não era uma mensagem de Simon, mas de Valérie, que queria encontrá-lo o mais rápido possível, ela precisava conversar com ele.

Andrew respondeu imediatamente, e com toda a sinceridade, que adoraria, e perguntou quando ela gostaria de vê-lo.

“Agora.” E a mensagem seguinte dizia o local do encontro — na esquina da 9th Street com a Avenue A, na frente do Tompkins Square, no East Village.

Andrew olhou para o espelho da sala. De quanto tempo ele iria precisar para ficar apresentável? O short e a camisa polo velha que estava vestindo desde o jogo de basquete com Simon não eram de muito bom gosto, e um banho não cairia mal. Mas ele tinha sentido, na mensagem de Valérie, uma urgência que o preocupava. Vestiu uma calça jeans, uma camiseta limpa, pegou as chaves em uma travessa perto da porta e desceu apressado os três lances de escada do prédio.

As ruas estavam desertas, sem vivalma e, sobretudo, sem táxis. Ele se pôs a correr em direção à Sétima Avenida, viu um táxi no sinal, na esquina da Charles Street e o alcançou por pouco, antes que partisse. Prometeu uma gorjeta generosa ao motorista se o levasse ao destino em menos de dez minutos.

Chacoalhando no banco traseiro, Andrew se arrependeu da promessa, mas chegou mais rápido do que o previsto, e o motorista recebeu um quantia significativa.

Valérie o esperava na frente da fachada de um café fechado, o Pick Me Up, o que o fez sorrir por um instante. Mas apenas por alguns segundos, porque Valérie tinha uma expressão abatida.

Ele se aproximou, e Valérie o acertou com um estrondoso tapa na cara.

— Você me fez atravessar a cidade para me bater — reclamou ele, esfregando a bochecha. — O que eu fiz para merecer tanto carinho?

— Minha vida estava quase perfeita até o momento em que eu cruzei com você na saída daquele maldito bar e, agora, eu estou totalmente perdida.

Andrew, sentindo-se tomado por uma onda de calor, disse para si mesmo que acabara de receber o tapa mais delicioso da sua vida.

— Eu não vou dar o troco, um cavalheiro não faz esse tipo de coisa, mas podia dizer a mesma coisa — suspirou, sem tirar os olhos dela —, minhas duas últimas semanas foram um inferno.

— Faz 15 dias que eu não paro de pensar em você, Andrew Stilman.

— Quando você abandonou Poughkeepsie, Valérie Ramsay, eu pensei em você todos os dias e todas as noites, durante três anos. Quatro, na verdade. Talvez até mais.

— Era uma outra época, eu não estou falando da época em que éramos adolescentes, mas de agora.

— Agora é igual, Valérie. Nada mudou, nem você, nem o efeito que você tem sobre mim.

— Você diz isso, mas talvez você só queira se vingar de mim pelo que eu fiz você passar.

— Eu não sei de onde você tira essas ideias tão equivocadas, você não deve ser tão feliz assim, na sua vida quase perfeita, para pensar desse jeito.

E antes que Andrew pudesse entender o que estava acontecendo, Valérie passou os braços ao redor do pescoço dele e o beijou. Primeiro foi um beijo tímido, sobre os lábios, depois,

Valérie ficou mais ousada. Ela interrompeu o momento e o olhou, com os olhos úmidos.

— Estou ferrada — disse.

— Valérie, mesmo com toda a boa vontade do mundo, eu não estou entendendo nada do que você está dizendo.

Valérie se aproximou dele, beijou-o com ainda mais paixão e empurrou-o novamente.

— Droga!

— Para de falar isso, meu deus!

— A minha única salvação seria o seu beijo ser...

— Ser o quê? — perguntou Andrew, com o coração batendo como se ele tivesse acabado de jogar uma partida de basquete.

— Andrew Stilman, eu quero você.

— Sinto muito, não na primeira noite, questão de princípio — respondeu, sorrindo.

Valérie bateu no ombro de Andrew e, enquanto ele continuava a sorrir alegremente, ela encostou as palmas das suas mãos nas dele.

— O que a gente vai fazer, Ben?

— Vamos caminhar um pouco juntos, Valérie, caminhar um pouco, e depois um pouco mais... desde que você não me chame mais de Ben.

4.

Para trilhar esse novo caminho, Valérie não tinha outra escolha senão deixar o companheiro. Dois anos de vida não podiam acabar com uma discussão de uma noite. Andrew concluiu que precisaria ser paciente, sabia que se tentasse apressar as coisas ela não ficaria com ele.

Vinte dias depois, ele recebeu no meio da noite uma mensagem quase idêntica à que havia balançado sua vida naquele domingo. Quando seu táxi chegou na frente do Pick Me Up, Valérie o esperava, com olheiras e uma mala no chão.

De volta à casa dele, Andrew pôs a mala no quarto e deixou Valérie sozinha para que ela se instalasse. Quando voltou, ela tinha deslizado para debaixo da coberta sem nem mesmo acender a luz. Sentou perto dela, beijou-a e voltou a sair, presumindo que precisava ficar sozinha para superar o luto de uma relação que acabava. Desejou boa-noite a ela e perguntou se ainda gostava de chocolate quente. Valérie fez que sim com a cabeça, e ele se retirou.

Nessa noite, deitado no sofá da sala, onde tentava sem sucesso dormir, ele a ouviu chorar, morreu de vontade de ir consolá-la, mas se conteve. Curar-se desse tipo de dor era algo que só dependia dela.

De manhã, Valérie encontrou sobre a mesinha de centro da sala uma bandeja de café da manhã com uma cumbuca com chocolate em pó e um pequeno bilhete.

“Esta noite, vou te levar para jantar.

Será nossa primeira vez.

Deixei uma cópia das chaves para você na entrada.

Beijo,

Andrew.”

Valérie prometeu a Andrew que ficaria por lá só até que seu ex tivesse terminado de tirar os pertences do apartamento. Se a amiga dela, Colette, não morasse em Nova Orleans, ficaria na casa dela. Dez dias depois, para desgosto de Andrew, que gostava cada vez mais de sua presença, ela arrumou a mala para voltar ao East Village. Vendo a expressão desolada de Andrew, lembrou-o de que 15 quarteirões, no máximo, os separavam.

Chegou o verão. Os fins de semana nos quais o calor de Nova York tornava-se insuportável. Eles pegavam o metrô até Coney Island, onde passavam horas na praia.

Em setembro, Andrew passou dez dias seguidos fora dos Estados Unidos, se recusando a dar a Valérie qualquer informação sobre a viagem. Evocou o segredo profissional e jurou que ela não tinha nenhum motivo para duvidar dele.

Em outubro, na ocasião de uma nova ausência, prometeu-a, como compensação, levá-la para uma viagem de férias assim que possível. Mas Valérie não gostava desse tipo de consolo e dizia para ele ir se danar com as suas férias.

No final do outono, Andrew colheu os frutos do trabalho que o exigira tanta dedicação. Semanas de pesquisa, duas viagens para a China para coleta de testemunhos e comparação entre diversas fontes para verificação da autenticidade tinham permitido que ele revelasse detalhes sobre um esquema de tráfico de crianças na província de Hunan e levasse a cabo uma de suas investigações que provavam o quão corrupto e detestável o comportamento humano podia ser. Sua matéria, publicada na edição de domingo, a mais lida da semana, gerou uma enorme repercussão.

Sessenta e cinco mil bebês chineses haviam sido adotados por famílias americanas ao longo dos últimos dez anos. O escândalo tratava de muitas centenas dessas crianças que não haviam sido abandonadas, como atestavam os documentos oficiais, mas tomadas à força de seus pais legítimos para serem postas em um orfanato que recebia, por cada adoção, uma compensação financeira de 5 mil dólares. Os lucros do esquema haviam

enriquecido uma máfia de policiais e funcionários corruptos responsáveis pela concepção desse sórdido tráfico. As autoridades chinesas colocaram um ponto final no escândalo com grande diligência, mas o mal estava feito. A matéria de Andrew afundou milhões de pais americanos em questionamentos morais com consequências dramáticas.

O nome de Andrew circulou em toda a redação e foi citado nos telejornais da tarde, que normalmente optavam por desenvolver os assuntos surrupiados dos fóruns do *New York Times*.

Andrew foi felicitado pelos colegas. Recebeu um e-mail da redatora-chefe e diversas cartas de leitores chocados com o fato. Mas ele atraiu também a inveja de algumas pessoas da redação. Três cartas anônimas contendo ameaças de morte chegam ao jornal, o que acontecia às vezes.

Andrew passou as festas de fim de ano sozinho. Valérie tinha deixado Nova York para encontrar-se com a amiga, Colette, em Nova Orleans.

No dia seguinte à partida de Valérie, Andrew foi agredido em um estacionamento, um ataque com golpes de taco de baseball que poderia ter sido uma tragédia se não fosse a chegada de um mecânico com o qual tinha marcado de se encontrar.

Simon tinha ido passar o réveillon com um grupo de amigos que esquiava, em Beaver Creeck, no Colorado.

Andrew não atribuía nenhuma importância especial ao Natal, nem ao ano-novo; ele detestava as noites de festa programada nas quais as pessoas têm que se divertir a qualquer custo. Passou suas duas noites sentado no balcão do Mary's Fish, diante de um prato de ostras e algumas taças de vinho branco seco.

O ano de 2012 começou sob os melhores auspícios — com exceção de um pequeno acidente nos primeiros dias de janeiro. Andrew foi atingido por um carro que saía da delegacia de polícia da Charles Street. O motorista, um policial da reserva, visitava seu antigo local de trabalho, na ocasião de uma passagem por Nova York, e ficou ao mesmo tempo estupefato com a colisão e aliviado ao perceber que a vítima não havia sofrido um arranhão sequer.

Insistiu em levá-lo para jantar em qualquer restaurante que escolhesse. Andrew não tinha feito nada naquela tarde, e um bom bife parecia mais atraente do que um boletim de ocorrência, além do mais, um jornalista não recusa nunca uma refeição com um velho policial nova-iorquino com ânimo para conversas.

Valérie tinha mantido seu apartamento, que Andrew batizou de “paraquedas”, mas, desde fevereiro, ela dormia na casa dele todas as noites, e eles começaram a pensar seriamente em encontrar um local mais amplo para morarem juntos. O único obstáculo era que Andrew se recusava a deixar o West Village, onde tinha jurado viver até o fim de seus dias. Em um bairro composto sobretudo por pequenas casas, apartamentos de três quartos eram raros. Valérie aceitou o trato do rapaz, ela sabia que jamais seria capaz de desalojá-lo dessas ruas insólitas, cuja história Andrew conhecia por completo. E sentia prazer em contar para ela, quando passeavam juntos, e atravessavam um cruzamento como o da Greenwich Avenue, que havia abrigado o restaurante que tinha inspirado Hopper a pintar seu célebre quadro *Nighthawks*, e as janelas de uma casa onde John Lennon vivera antes de se mudar para o Dakota Building. O West Village tinha sediado todas as revoluções culturais, abrigado os mais célebres cafés, cabarés e boates do país, e quando Valérie explicava para ele que a maior parte dos artistas de hoje em dia tinha se mudado para Williamsburg, Andrew olhava para ela com a mais séria das expressões e exclamava:

— Dylan, Hendrix, Streisand, Peter, Paul & Mary, Simon & Garfunkel, Joan Baez, todos começaram no Village, em um bar no meu bairro, não é motivo suficiente para querer viver aqui?

E Valérie, que não queria contrariá-lo por nenhum motivo do mundo, respondia:

— Claro que sim!

Quando ela evocava o conforto de todos que viviam a apenas alguns quarteirões dali, Andrew respondia que ele nunca iria viver em um poleiro de aço. Ele queria escutar a rua, as sirenes, as buzinas dos táxis nos cruzamentos, o barulho do pavimento rachado, o ruído da tubulação quando a caldeira do prédio

começava a trabalhar, a porta de entrada rangendo, esses barulhos que o lembravam de que ele estava vivo, rodeado por outros seres humanos.

Certa tarde, ele saiu do jornal, voltou para casa. Esvaziou seus armários e transferiu a maior parte dos seus pertences para um depósito de móveis local. Abrindo o armário, disse para Valérie que eles não tinham mais nenhuma urgência em se mudar, que agora ela tinha todo o espaço de que precisava para se instalar.

Em março, Andrew foi incumbido de uma investigação na linha da anterior, por sua redatora-chefe. Um dossiê importante, no qual se envolveu na mesma hora, contente em saber que o trabalho o levaria à Argentina.

Nos primeiros dias de maio, voltando de Buenos Aires e sabendo que precisaria voltar para lá em breve, Andrew não encontrou outro modo de conseguir o perdão de Valérie exceto declarando, durante um jantar, que queria se casar com ela.

Ela olhou para ele, circunspecta, antes de cair na gargalhada. O riso de Valérie o incomodava. Andrew olhou para ela confuso em perceber que o pedido de casamento que havia formulado sem maiores reflexões deixava ele próprio muito feliz.

— Você está falando sério? — perguntou Valérie, esfregando o canto dos olhos.

— Por que eu não estaria?

— Bem, Andrew, a gente só está junto há alguns meses. Talvez seja pouco tempo para tomar esse tipo de decisão.

— A gente está junto há um ano, mas se conhece desde a adolescência. Não acha que já tivemos tempo suficiente?

— Com um pequeno intervalo de vinte anos...

— Para mim, o fato de termos nos conhecido na adolescência, perdido o contato e depois nos reencontrado por acaso nas ruas de Nova York é um sinal.

— Agora você, um jornalista tão racional, acredita em sinais?

— Quando eu te vejo na minha frente, sim!

Valérie olhou-o nos olhos, em silêncio, e sorriu para ele.

— Pergunta de novo.

Andrew, por sua vez, observou Valérie. Ela não era mais aquela garota rebelde que conhecera vinte anos antes. A Valérie que jantava diante dele havia trocado o jeans rasgado por uma charmosa saia, os tênis com bicos remendados por escarpins de verniz, o recorrente casaco de sarja que dissimulava suas curvas por um suéter de caxemira com decote que destacava com perfeição seus seios. Seus olhos não estavam mais excessivamente maquiados, havia apenas uma leve sombra e um pouco de máscara para cílios. Valérie Ramsay era de longe a mulher mais bonita que ele já tinha conhecido, e ele nunca tinha se sentido tão próximo de alguém.

Andrew sentiu a palma de suas mãos ficarem úmidas, o que nunca acontecia com ele. Ele afastou sua cadeira, deu a volta na mesa e ficou de joelhos.

— Valérie Ramsay, eu não tenho nenhuma aliança aqui comigo, porque minha intenção é tão espontânea quanto sincera, mas se você quiser ser minha mulher, vamos juntos escolher uma, neste final de semana, e eu tentarei ser o melhor marido de todos, para que você use essa aliança a vida toda. Bem, enquanto eu viver, pelo menos, caso você decida se casar de novo depois que eu morrer.

— Você não consegue conter seu humor negro, mesmo quando me pede em casamento!

— Eu juro que nesta posição, com tanta gente me olhando, eu não estava querendo ser engraçado.

— Andrew — cochichou Valérie se inclinando para perto do ouvido dele —, eu vou aceitar seu pedido, porque eu quero e também para você não passar vergonha na frente de tanta gente, mas quando se sentar de novo na sua cadeira, eu vou te falar a única exigência que eu faço para a nossa união. Portanto, o “sim” que eu vou dizer, em voz alta, vai depender dos próximos minutos para que seja definitivo, combinado?

— Combinado — cochichou Andrew.

Valérie beijou os lábios de Andrew e pronunciou um sonoro “sim”. No salão do restaurante, os clientes, que prendiam a respiração, aplaudiram com empolgação.

O gerente da trattoria abandonou o posto para parabenizar seu fiel cliente. Pegou Andrew pelos braços, abraçou-o com firmeza e disse em segredo em seu ouvido, com um sotaque ítalo-nova-iorquino saído de um filme do Scorsese:

— Espero que você saiba o que está fazendo.

Depois, inclinou-se em direção a Valérie e beijou sua mão.

— Agora que a senhorita se tornou uma senhora, posso beijar sua mão. Vou trazer champanhe para comemorar, por conta da casa.

E Maurizio voltou para detrás do balcão, fazendo sinal para que seu único garçom fosse buscar a bebida sem demora.

— Estou ouvindo — cochichou Andrew, quando a rolha do champanhe estourou.

O garçom serviu o champanhe e Maurizio voltou, com uma taça na mão, decidido a brindar com os noivos.

— Nos dê apenas um segundo Maurizio — disse Andrew, segurando o gerente pelo braço.

— Você quer que eu diga minha exigência na frente dele? — perguntou Valérie surpresa.

— É um velho amigo, não tenho segredos com velhos amigos — respondeu Andrew, em um tom irônico.

— Muito bem, lá vai, senhor Stilman, eu me caso com você com a condição de você me jurar por tudo o que é mais sagrado que não vai mentir para mim, me trair, ou me fazer sofrer. Caso um dia você não me ame mais, quero ser a primeira a saber. Já tive histórias demais que terminaram em noites tristes. Se você me prometer isso, eu caso com você.

— Eu juro, Valérie Ramsay-Stilman.

— Pela sua vida?

— Pela minha vida!

— Se você me trair, eu te mato!

Maurizio olhou para Andrew e fez um sinal.

— Já podemos brindar? — perguntou o gerente. — Tenho que voltar a atender os clientes!

Depois de tê-los servido dois pedaços do tiramisú da casa, Maurizio se recusou a trazer a conta.

Andrew e Valérie voltaram para casa pelas ruas do West Village.

— Nós vamos mesmo nos casar — disse Valérie, apertando a mão de Andrew.

— Sim, vamos mesmo. E, para dizer a verdade, eu nunca imaginei que iria ficar tão feliz de te fazer o pedido.

— Também estou feliz — respondeu Valérie. — Que loucura. Preciso ligar para a Colette e contar pra ela. Nós estudamos juntas, compartilhamos alegrias e tristezas, especialmente tristezas, ela vai ser minha madrinha de casamento. E você, quem vai escolher?

— Simon, eu acho.

— E você não está com vontade de ligar para ele?

— Estou, ligo amanhã.

— Liga hoje à noite, enquanto eu estiver falando com a Colette!

Andrew não estava com nenhuma vontade de incomodar Simon a uma hora dessas da noite para contar uma novidade que ele poderia muito bem ficar sabendo no dia seguinte. Mas tinha percebido, nos olhos de Valérie, algo como uma súplica de criança, e esse olhar, uma inadvertida mescla de medo e alegria, tocou-o.

— Ligamos um de cada vez ou acordamos nossos dois melhores amigos ao mesmo tempo?

— Tem razão, precisamos começar a nos acostumar a fazer as coisas juntos — respondeu Valérie.

Colette prometeu que a visitaria em Nova York assim que possível. Parabenizou Andrew e disse que ele ainda não tinha noção da sorte que estava tendo. Sua melhor amiga era uma mulher excepcional.

Simon, por sua vez, achou que fosse brincadeira. Pediu para falar com Valérie, e Andrew dissimulou seu aborrecimento quando Simon deu os parabéns a ela primeiro. Para piorar, convidou-se para almoçar com eles no dia seguinte sem consultá-lo.

— É só porque eu queria ter eu mesmo contado para ele — disse Andrew a Valérie para explicar seu ar irritado.

— Mas foi isso que você acabou de fazer.

— Não, ele não acreditou em mim, foi você que contou. É meu melhor amigo, ora!

— Mas concordamos que a culpa não é minha — disse Valérie, aproximando seu rosto do de Andrew.

— É, a culpa não é sua, e agora você está mordendo meu lábio.

— Eu sei.

Eles fizeram amor a noite toda e, entre os momentos de ternura, ligaram a televisão que ficava na cômoda, na beira da cama, para assistir a séries antigas em preto e branco. Nas primeiras horas da manhã, atravessaram a cidade e sentaram-se em um banco de frente para o East River, para ver o nascer do sol.

— Você vai ter que se lembrar dessa noite para sempre — murmurou Andrew para Valérie.

5.

Andrew tinha passado os dez primeiros dias de junho em Buenos Aires. De volta de sua viagem à Argentina, encontrou Valérie mais radiante do que nunca. Um jantar na cidade reuniu os noivos e os respectivos padrinhos, e foi uma das noites mais agradáveis que ele já teve na vida. Colette achou Andrew encantador.

Esperando o casamento, previsto para o final do mês, Andrew passava os dias e várias noites aperfeiçoando sua matéria, sonhando às vezes que ganharia o prêmio Pulitzer.

O ar-condicionado do seu apartamento havia pifado e o casal tinha se mudado para o quarto e sala de Valérie no East Village. Às vezes, Andrew ficava até o meio da madrugada no jornal, já que Valérie não conseguia dormir direito com o barulho que seu teclado fazia quando trabalhava na casa dela.

Fazia um calor insuportável na cidade, as tempestades chamadas de apocalípticas pela televisão atingiam Manhattan quase todos os dias. E, ao ouvir a palavra apocalipse, Andrew não podia imaginar a que ponto sua própria vida estava prestes a chegar.

*

Ele havia feito a solene promessa a Valérie: sem fugidinhas para clubes de striptease, sem visitas a uma dessas boates por onde passeavam moças solitárias, seria apenas uma noite de comemoração, entre amigos.

Para a despedida de solteiro, Simon sugeriu um dos novos restaurantes da moda. Em Nova York, os restaurantes da moda abrem e fecham de acordo com as estações do ano.

— Você tem certeza? — indagou Simon, lendo o cardápio.

— Eu ainda estou na dúvida entre o lombo de vitela e o filé-mignon — respondeu Andrew, com uma voz distante.

— Eu estou falando sobre a sua vida.

— Eu tinha entendido.

— E então?

— O que você quer que eu te diga, Simon?

— Cada vez que eu te pergunto sobre o seu casamento, você muda de assunto. Eu sou seu melhor amigo, ora. Eu gostaria que você compartilhasse comigo o que está vivendo.

— Mentiroso! Você fica me observando como se eu fosse um rato de laboratório. Você queria saber o que passa pela minha cabeça, caso esse tipo de coisa aconteça um dia com você.

— Nenhum risco!

— Eu poderia ter dito isso há alguns meses.

— Então o que realmente aconteceu pra você dar esse passo?
— perguntou Simon, se inclinando na direção de Andrew. — Tudo bem, você é meu rato de laboratório, agora me diz se você sente que algo mudou desde que tomou essa decisão.

— Eu tenho 38 anos, e você também, e eu só vejo dois caminhos para nós: continuar nos divertindo com essas criaturas lindas que passeiam nos lugares da moda...

— O que até que é um programa divertido — exclamou Simon.

— ... E virar um desses velhos solitários que flertam com mulheres de 30 anos, achando que vão conseguir recuperar uma juventude que corre mais rápido do que eles.

— Eu não estou te pedindo para me passar uma lição sobre as coisas da vida, mas para me dizer se acha que ama Valérie a ponto de querer passar toda a vida com ela.

— E eu, se eu não tivesse te convidado para ser meu padrinho, provavelmente responderia que não é da sua conta.

— Mas eu sou seu padrinho!

— O resto da minha vida, eu não sei, e além do mais, não depende só de mim. De qualquer forma, não consigo mais imaginar a minha vida sem ela. Eu estou feliz, sinto saudade quando ela não está do meu lado, nunca fico entediado quando estou com ela,

gosto da sua risada, e ela ri muito. Eu acho que é isso que eu acho mais sedutor em uma mulher. Quanto à nossa vida sexual...

— Está bom — interrompeu Simon —, você me convenceu! O resto não é nem um pouco da minha conta.

— Você é ou não é o padrinho?

— Eu não preciso saber o que vocês fazem no escuro por causa disso.

— Ah, mas a gente não apaga as luzes...

— Tá bom, Andrew, para! Podemos mudar de assunto?

— Vou querer um filé-mignon — disse Andrew. — Você sabe o que eu quero?

— Que eu escreva um belo discurso para a cerimônia.

— Não, eu não posso te pedir o impossível, mas eu bem que gostaria que fôssemos terminar a noite em um dos meus novos bares preferidos.

— No TriBeCa, o bar cubano!

— Argentino.

— Eu estava pensando em outra coisa, mas a noite é sua. Você manda, eu obedeço.

*

O Novecento estava lotado. Simon e Andrew conseguiram abrir um caminho até o bar.

Andrew pediu um Fernet com Coca-Cola. Simon provou, fez uma careta e pediu uma taça de vinho tinto.

— Como você consegue beber esse negócio? É inacreditavelmente amargo!

— Eu frequentei alguns bares de Buenos Aires nesses últimos meses. É questão de hábito, pode apostar. Depois de um tempo, a gente passa a gostar.

— Bem, não conte comigo.

Simon, que tinha notado no salão um ser com pernas extralongas, abandonou imediatamente Andrew, sem grandes pedidos de desculpa. Sozinho no balcão, Andrew sorriu, observando

seu amigo se afastar. Das duas possibilidades de vida discutidas mais cedo, não restava dúvida de qual Simon havia escolhido.

Uma mulher se sentou na banquetta em que, há pouco, sentava Simon e abriu um sorriso assim que ele pediu um segundo Fernet-Coca.

Trocaram algumas palavras triviais. A jovem confessou estar surpresa em ver um americano gostar dessa bebida. Era bem incomum. Andrew respondeu que ele não era uma pessoa lá muito convencional. Ela abriu um sorriso ainda maior e perguntou o que poderia diferenciá-lo dos outros homens. Andrew ficou desconcertado com a pergunta e, sobretudo, pela profundidade do olhar de sua interlocutora.

— O que você faz da vida?

— Sou jornalista — gaguejou Andrew.

— É um trabalho interessante.

— Depende do dia, respondeu Andrew.

— Economia?

— Não, por que você achou isso?

— Não estamos muito longe de Wall Street.

— Se eu estivesse bebendo no Meatpacking District você teria pensado que eu sou açougueiro?

A jovem riu com vivacidade e Andrew adorou seu riso.

— Política — tentou novamente.

— Também não.

— Tudo bem, adoro charadas — disse ela. — Você tem a pele bronzeada, então deve viajar.

— Estamos no verão, você também está com a pele bronzeada... mas, de fato, eu viajo a trabalho.

— Minha pele é morena, por causa da minha origem. Você é um grande repórter!

— Pode-se dizer que sim.

— Sobre o que é sua investigação atual?

— Nada sobre o qual eu possa falar em um bar.

— E em outro lugar? — sussurrou.

— Apenas na redação — respondeu Andrew, sentindo-se de repente tomado por uma onda de calor. Ele pegou um guardanapo

de papel no balcão e secou a nuca.

Ele estava morrendo de vontade de fazer suas próprias perguntas, mas o simples fato de se prestar a essa conversa daria início a um jogo menos trivial do que simples charadas.

— E você? — balbuciou, procurando desesperadamente Simon, com o olhar.

A jovem olhou para o relógio e se levantou.

— Lamento — disse ela —, não tinha visto que horas eram, preciso ir. Foi um prazer te conhecer, como você se chama?

— Andrew Stilman — respondeu, levantando-se também.

— Até a próxima, quem sabe...

Ela se despediu. Ele a acompanhou com o olhar. Esperou para ver se ela olharia para trás no momento em que cruzasse a porta do bar, mas não conseguiu matar a curiosidade. Simon encostou a mão sobre seu ombro, o que o fez dar um pulo.

— O que você está olhando com essa cara?

— Vamos embora, que tal? — perguntou Andrew com uma voz abatida.

— Já?

— Preciso de um pouco de ar puro.

Simon levantou os ombros e levou Andrew para o lado de fora.

— O que aconteceu? Você está branco como um fantasma. Foi esse negócio que você bebeu que te fez mal? — perguntou Simon preocupado, ao sair do bar.

— Eu só quero voltar pra casa.

— Primeiro me conta o que aconteceu. Você tá com uma cara. Eu entendo que você tenha lá seus segredos profissionais, mas até onde eu sei você não estava trabalhando!

— Você não ia entender.

— O que eu não fui capaz de entender em relação a você nesses últimos dez anos?

Andrew não respondeu e começou a subir a West Broadway. Simon foi atrás dele.

— Eu acho que acabei de me apaixonar — murmurou Andrew.

Simon deu uma gargalhada. Andrew acelerou o passo.

— Você tá falando sério? — perguntou Simon, alcançando-o.

— Muito sério.

— Você se apaixonou por uma desconhecida enquanto eu estava no banheiro?

— Você não estava no banheiro.

— Você ficou completamente apaixonado em cinco minutos?

— Você me deixou sozinho no bar por mais de 15 minutos!

— Aparentemente não tão sozinho assim. Você pode me explicar o que está acontecendo?

— Não tem nada para explicar, eu não sei nem o nome dela...

— E?

— Eu acho que acabo de encontrar a mulher da minha vida. Eu nunca senti nada parecido, Simon.

Simon pegou Andrew pelo braço, impedindo-o de continuar a caminhar.

— Você não encontrou nada disso. Você bebeu um pouco demais. O dia do seu casamento está chegando e tudo isso é uma combinação bastante questionável.

— Eu estou falando sério, Simon, não estou para brincadeiras.

— Mas eu também não! Isso é o pânico falando. Você poderia inventar qualquer motivo para desistir.

— Eu não estou em pânico, Simon. Enfim, pelo menos eu não estava, antes de entrar nesse bar.

— O que você fez quando aquela criatura falou com você?

— Conversei com ela sobre coisas banais e me senti patético quando ela foi embora.

— Meu rato de laboratório está descobrindo os efeitos colaterais da poção do casamento, o que é bastante original considerando que ela ainda nem foi inoculada...

— Se você diz...

— Amanhã de manhã, você não vai nem se lembrar do rosto dessa mulher. Olha só o que nós vamos fazer. Vamos esquecer esta noite no Novecento e tudo voltará ao normal.

— Eu queria muito que fosse tão simples assim.

— Quer que voltemos amanhã à noite? Com um pouco de sorte, sua desconhecida vai estar lá, e vê-la de novo vai acalmar seu coração.

— Eu não posso fazer isso com Valérie. A gente se casa em 15 dias!

Mesmo se às vezes Andrew exibisse alguma desenvoltura que poderia ser confundida com arrogância, ele era um homem honesto e com princípios bem definidos. Ele tinha consumido álcool demais para poder pensar com clareza. Provavelmente Simon tinha razão, era o medo que o fazia sair da linha. Valérie era uma mulher excepcional, uma sorte inesperada que a vida lhe concedia. A melhor amiga dela, Colette, não cansava de repetir isso para ele.

Ele fez Simon jurar que nunca contaria a ninguém o que acabara de acontecer e o agradeceu por tê-lo ajudado a pensar com clareza.

Entraram no mesmo táxi, Simon deixou Andrew no West Village e prometeu ligar para ele por volta de meio-dia, para saber como estava.

*

Ao acordar, no dia seguinte, Andrew sentiu o contrário do que Simon tinha previsto. Os traços da desconhecida do Novecento estavam bem presentes na memória dele, assim como o cheiro do seu perfume. Era só fechar os olhos para rever suas longas mãos brincando com a taça de vinho. Ele se lembrava do timbre da sua voz, do seu olhar e, enquanto preparava um café, sentiu um vazio, ou talvez fosse uma ausência, e a necessidade urgente de encontrar a única pessoa que poderia extirpar esse sentimento.

O telefone tocou, Valérie o trouxe de volta a uma realidade que partia seu coração. Ela perguntou se a noite tinha correspondido às expectativas. Ele contou ter jantado na companhia de Simon em um bom restaurante e tomado um drink no bar do TriBeCa. Nada demais. Ao desligar, Andrew se sentiu culpado de ter mentido pela primeira vez à mulher com quem ia se casar.

Tinha contado uma pequena mentira quando, voltando de Buenos Aires, jurou a Valérie que já tinha ajustado a roupa que usaria no casamento. Como que para aliviar sua culpa, ligou imediatamente para o alfaiate e marcou com ele na hora do almoço.

Talvez esse tivesse sido o sentido desse incidente. Tudo tinha uma explicação na vida, e isso era para lembrá-lo da necessidade de fazer a bainha da calça de seu traje de casamento e de encurtar as mangas do paletó. Tudo isso tinha acontecido com ele para evitar o lamentável inconveniente de se apresentar diante da sua futura mulher com uma roupa que parecia ter sido pega emprestada do irmão.

Você nem tem irmão mais velho, imbecil, resmungou Andrew, falando sozinho, e imbecil da pior estirpe, difícil de se achar por aí.

Ao meio-dia, saiu do jornal. Enquanto o alfaiate riscava com giz branco os retoques que precisariam ser feitos nas mangas do terno, pinçando-o nas costas, assegurando que precisava apertar aqui e ali para ficar elegante, reclamando pela enésima vez do fato de seu cliente ter deixado os ajustes para a última hora, Andrew sentiu um profundo mal-estar. Quando a sessão de prova acabou, ele tirou o terno, deu para o alfaiate e se vestiu com pressa. Tudo estaria pronto na sexta-feira seguinte, e Andrew já podia voltar para seus afazeres do dia.

Quando pegou o celular, descobriu várias mensagens de Valérie. Estava preocupada, tinham marcado de almoçar ao lado da 42nd, e ela estava esperando há mais de uma hora.

Andrew ligou para pedir desculpas, disse que teve uma reunião de última hora na sala de conferências: se a sua secretária tinha dito que ele saiu, isso era apenas porque, naquele jornal, ninguém prestava atenção em ninguém. Segunda mentira do dia.

À noite, Andrew apareceu na casa de Valérie, levando um buquê de flores. Depois que ele a pedira em casamento, frequentemente mandava entregar buquês de rosas roxas na casa dela, suas preferidas. Encontrou o apartamento vazio e um pequeno bilhete rabiscado com pressa, em cima da mesa da sala.

“Tive que sair para uma emergência veterinária. Voltarei mais tarde. Não me espere. Te amo.”

Ele desceu para jantar no Mary's Fish. Durante a refeição, não parou de olhar para o relógio, pediu a conta antes mesmo de ter

terminado o prato principal e, assim que saiu do restaurante, pegou um táxi.

De volta ao TriBeCa, investigou a calçada na frente do Novecento, morrendo de vontade de entrar para beber algo. O porteiro, que assegurava que o estabelecimento era seguro, pegou um cigarro e perguntou se Andrew tinha um isqueiro. Andrew tinha parado de fumar há muito tempo.

— Você quer entrar? Está bem tranquilo esta noite.

Andrew interpretou esse convite como um segundo sinal.

A bela desconhecida da véspera não estava sentada perto do balcão. Andrew percorreu a sala com o olhar, o porteiro não tinha mentido. Precisou apenas de uma rápida olhada para constatar que ela não estava lá. Ele se sentiu grotesco, engoliu seu Fernet-Coca e pediu a conta para o barman.

— Só um drink esta noite? — perguntou.

— Você se lembra de mim?

— Sim, eu já te vi aqui, enfim, não dá pra esquecer de alguém que pediu cinco Fernet-Coca seguidos ontem à noite.

Andrew hesitou por um instante antes de pedir para o barman servi-lo mais uma dose e, enquanto ele enchia o copo, Andrew lhe fez uma pergunta surpreendente, pelo menos para um homem prestes a se casar.

— A mulher que estava do meu lado, você também se lembra dela? Ela vem sempre aqui?

O barman fez uma expressão pensativa.

— Muitas mulheres bonitas vêm aqui nesse bar. Eu não prestei atenção. É importante?

— Sim, quer dizer, não — respondeu Andrew. — Preciso voltar para casa. Quanto eu te devo?

O barman se virou para calcular a conta na caixa registradora.

— Se por acaso — disse Andrew, deslizando três notas de 20 dólares no balcão — ela voltar aqui e perguntar quem era o homem do Fernet-Coca, aqui está meu cartão. Quem sabe você pode entregar para ela?

— Você escreve para o *New York Times*?

— É o que diz o cartão...

— Se um dia você quiser fazer uma pequena matéria sobre o nosso bar, fique completamente à vontade.

— Vou tentar lembrar disso — disse Andrew —, tente não esquecer também.

O barman sorriu e piscou o olho, enquanto guardava o cartão na gaveta da caixa registradora.

Ao sair do Novecento, Andrew verificou as horas; se a intervenção de Valérie tivesse sido longa, talvez ele chegasse em casa antes dela. Caso contrário, ele fingiria que tinha ficado trabalhando até tarde no jornal. Seria uma mentira a mais.

*

Desde aquela noite, Andrew não teve mais paz. Dia após dia, sentia sua calma esvair. Chegou a ter um desentendimento violento com um colega de trabalho que tinha pego no flagra mexendo nas suas coisas. Freddy Olson era um intrometido, invejoso, um indivíduo inoportuno; mas Andrew não costumava dar importância a isso. As duas últimas semanas de junho seriam cheias de eventos relevantes. Essa era a sua desculpa. Ele precisava acabar de redigir aquela matéria que o havia levado duas vezes à Argentina e que, esperava, teria tanto sucesso quanto a investigação na China. A data de entrega estava marcada para a próxima segunda-feira, mas Olivia Stern era uma redatora-chefe meticulosa, sobretudo quando se tratava de uma matéria que ocuparia uma página inteira na edição de terça-feira. Ela adorava reservar o sábado para reler e elaborar sugestões, que enviava para o autor na mesma noite, por e-mail. Estranho sábado este, no qual Andrew juraria perante Deus, estranho domingo, no qual deveria se desculpar com Valérie por ter que postergar a viagem de lua de mel por causa de seu maldito trabalho e dessa investigação considerada tão importante por sua chefe.

Nada disso tinha conseguido apagar a desconhecida do Novecento da mente de Andrew. A vontade de rever essa mulher começava a virar uma obsessão, sem que ele entendesse o porquê.

Na sexta-feira, indo buscar seu traje, Andrew se sentiu ainda mais perdido. O alfaiate ouvi-o suspirar, enquanto observava-se de pé, na frente do espelho.

— Não gostou de alguma coisa na roupa? — perguntou, com uma voz pesarosa.

— Não, senhor Zanelli, seu trabalho está perfeito.

O alfaiate observou Andrew e levantou o ombro direito de seu paletó.

— Mas tem alguma coisa te incomodando, não tem? — recomendou, enfiando um alfinete na borda da manga.

— É mais complicado do que isso.

— Você definitivamente tem um braço maior do que o outro, eu não tinha percebido isso durante as provas. Vamos resolver isso imediatamente, só preciso de alguns minutos.

— Não se preocupe com isso, é o tipo de roupa que a gente usa uma vez só na vida, não é?

— Espero que sim, mas é também o tipo de fotografia que a gente revê durante toda a vida, e quando seus netos te disserem que o seu paletó não estava bem-ajustado, eu não quero que diga para eles que seu alfaiate era ruim. Por isso, deixa eu fazer meu trabalho.

— É que eu tenho uma matéria muito importante para entregar esta noite, senhor Zanelli.

— Sim, e eu tenho uma roupa muito importante para terminar em 15 minutos. Você estava falando de algo que parecia complicado?

— É verdade — suspirou Andrew.

— Que tipo de coisa, sem querer ser indiscreto?

— Imagino que você também esteja comprometido com o sigilo profissional, senhor Zanelli?

— Se você se importar em não estragar meu nome, eu me comprometo. Zanetti, e não Zanelli! Me dê este paletó, e sente-se aqui nesta cadeira, vou trabalhar enquanto conversamos.

E enquanto o senhor Zanetti ajustava a manga do traje, Andrew contou como, um ano antes, saindo de um bar, tinha reencontrado seu amor de adolescência, e como, em um outro bar, conheceu, na

véspera do seu casamento, uma mulher por quem estava obcecado desde que seus olhares se cruzaram.

— Talvez você devesse se abster por um tempo de frequentar casas noturnas, isso deixaria sua vida mais simples. Devo reconhecer que não é uma história banal — acrescentou o alfaiate, indo buscar um carretel na gaveta de uma cômoda.

— Simon, meu melhor amigo, me disse exatamente o contrário.

— Esse Simon tem uma concepção esquisita da vida. Posso te perguntar uma coisa?

— Tudo o que quiser, se isso puder me ajudar a ver as coisas com mais clareza.

— Se pudesse voltar atrás, senhor Stilman, se pudesse escolher entre não ter reencontrado a mulher com quem vai se casar ou não ter conhecido a que te atormenta, o que preferiria?

— Uma é meu alter ego, a outra... eu nem sei como se chama.

— Então você percebe que não é tão complicado assim.

— Encarando desse jeito...

— Considerando nossa diferença de idade, vou tomar a liberdade de falar como se fosse seu pai, senhor Stilman e, dito isso, devo confessar que não tenho filhos e, portanto, muito pouca experiência no assunto...

— Ainda assim, pode falar.

— Já que você está pedindo! A vida não é como um desses aparelhos modernos em que basta apertar um botão para passar de novo a parte que quiser. Não é possível voltar atrás, e alguns dos nossos atos têm consequências irreparáveis. Como o de se impressionar por uma ilustre desconhecida, por mais extraordinária que ela seja, na véspera do casamento. Se você persistir nisso, temo que se arrependa bastante, sem falar das pessoas em volta de você que estaria ferindo. Você vai me dizer que a gente não manda no nosso coração, mas você também tem uma cabeça, então, use-a. Não é nada condenável que você fique balançado por uma outra mulher, considerando que isso não vá além de uma leve inquietação.

— Você nunca teve a impressão de ter encontrado sua alma gêmea, senhor Zanetti?

— A alma gêmea, que ótima ideia! Quando eu tinha 20 anos, achava que encontrava uma a cada sábado que saía para dançar. Eu dançava muito bem quando era jovem e tinha um coração pra lá de mole. Várias vezes eu me perguntei como a gente podia achar que encontrou a alma gêmea antes mesmo de ter construído qualquer coisa junto.

— Você já foi casado, senhor Zanetti?

— Já fui casado quatro vezes, para você ver como eu sei do que estou falando.

Ao se despedir, o senhor Zanetti assegurou a Andrew que, com as mangas no tamanho certo, nada mais poderia atrapalhar a felicidade que o aguardava. Andrew Stilman saiu da alfaiataria completamente decidido a vestir seu traje de casamento no dia seguinte.

6.

A mãe de Valérie tinha se aproximado de Andrew logo antes do início da cerimônia e, com um amigável tapinha em seu ombro, cochichou em seu ouvido:

— Bendito Ben! Você é a prova viva de que, com perseverança, sempre conseguimos o que queremos. Eu me lembro quando você tinha 16 anos e cortejava a minha filha... eu não diria que você tinha uma chance em mil de conseguir o que queria. E aqui estamos nós hoje, na igreja!

Andrew entendeu melhor por que sua futura mulher quis sair da casa dos pais na primeira oportunidade.

Valérie estava mais bonita do que nunca. Portava um vestido branco discreto e elegante. Tinha prendido os cabelos sob um pequeno chapéu branco que fazia lembrar aqueles das antigas comissárias de bordo da Pan Am, ainda que estes fossem azuis. Seu pai a acompanhou até o altar, onde Andrew a esperava. Ela sorria de todo o coração.

O padre fez um sermão perfeito e Andrew se emocionou.

Trocaram votos e alianças, se beijaram demoradamente e saíram sob os aplausos dos pais da noiva, de Colette e de Simon. Andrew não pôde deixar de imaginar, elevando seu olhar para o céu, que seus próprios pais estavam também testemunhando aquele momento.

O pequeno cortejo marchou pelo caminho do parque que beirava a igreja St. Luke in the Fields. As rosas trepadeiras dobravam-se devido ao peso das flores, os canteiros de tulipas explodiam em cores, o dia estava bonito, Valérie, radiante, e Andrew, feliz.

Feliz até o momento em que, chegando na Hudson Street, notou na janela de um 4 x 4 preto, parado no sinal vermelho, o rosto de

uma mulher. Uma mulher que ele não reconheceria se visse de novo, tinha-o assegurado seu padrinho de casamento, uma mulher com a qual tinha trocado algumas frases inofensivas em um bar de TriBeCa.

A garganta de Andrew secou e ele teve um desejo súbito por um Fernet-Coca, ainda que não fosse nem meio-dia.

— Tudo bem? — preocupou-se Valérie. — Você ficou pálido de repente.

— É que estou emocionado — respondeu Andrew.

Sem conseguir desviar o olhar do cruzamento, acompanhou o 4 x 4 que sumiu no fluxo de carros. Andrew sentiu o coração apertar, ele tinha quase certeza de que a desconhecida do Novecento tinha sorrido para ele.

— Você está me machucando — gemeu Valérie. — Está apertando a minha mão com muita força.

— Desculpa — ele disse, diminuindo a força.

— Eu queria que as comemorações do dia já tivessem acontecido para que eu pudesse ficar só com você em casa — suspirou Valérie.

— Você é uma mulher cheia de surpresas, Valérie Ramsay.

— Stilman — corrigiu Valérie. — E por que eu sou uma mulher cheia de surpresas?

— Eu não conheço nenhuma outra que desejaria que o dia do casamento passasse o mais rápido possível. Quando eu pedi sua mão, imaginava que ia querer organizar uma grande cerimônia, eu nos imaginava no meio de duzentos convidados, tendo que cumprimentar um após o outro, esperava cruzar com primos e primas, com seus tios e tias, que cada um fosse querer falar sobre lembranças que eu nunca ouvi falar. Mas aqui estamos nós seis nesta calçada.

— Você deveria ter falado comigo antes, eu teria te tranquilizado. Sempre sonhei com um casamento mais íntimo. Eu tinha vontade de ser sua mulher, e não de brincar de cinderela em roupa de festa.

— Uma coisa não impede a outra.

— Você está arrependido?

— Não, nem um pouco — disse Andrew, olhando para longe, na direção da Hudson Street.

Quarta mentira.

Jantaram no melhor restaurante chinês de Nova York. Na sala do Mr. Chow, serviam-se pratos refinados, na vanguarda da culinária asiática. A refeição foi agradável, Colette e Simon se entenderam perfeitamente com os pais de Valérie. Andrew falou pouco, e sua mulher percebeu o quanto ele estava ausente.

Foi ela quem recusou o convite do pai para continuar a festa em outro lugar. E, quando ele reclamou de ter sido privado de uma dança com a filha, Valérie pediu desculpas, estava com uma vontade enorme de ficar a sós com o marido.

O pai de Valérie pegou Andrew em seus braços e apertou-o com força.

— É melhor você fazê-la muito feliz, meu camarada — cochichou na sua orelha —, senão você vai se ver comigo — acrescentou, em tom de brincadeira.

Era quase meia-noite quando o táxi deixou os recém-casados na porta do apartamento de Valérie. Ela conteve Andrew na escada e foi esperá-lo no corredor.

— O que foi? — perguntou Andrew, procurando as chaves nos bolsos do paletó.

— Você vai me pegar no colo e vai me passar por esta porta sem bater a minha cabeça — respondeu, com um sorriso malicioso.

— Viu só como você até que leva a sério algumas tradições? — disse ele, pegando-a no colo.

Ela tinha retirado suas roupas no meio da sala, aberto o sutiã e deslizado a calcinha pelas pernas. Se aproximou de Andrew, nua, tirou sua gravata, abriu os botões de sua camisa e pousou as mãos sobre seu tórax.

Com seu corpo colado no dele, deslizou seus dedos até o cós de sua calça, desprendeu a fivela e abriu o zíper.

Andrew pegou suas mãos, acariciou sua bochecha com um gesto doce e conduziu-a para o sofá. Depois, se ajoelhou diante dela,

deixou cair a cabeça sobre suas coxas e começou a chorar.

— O que aconteceu? — perguntou Valérie. — Você parecia tão ausente hoje.

— Me desculpe — disse Andrew, levantando os olhos.

— Se tem alguma coisa errada, se está com problemas de dinheiro, ou de trabalho, você precisa conversar comigo, você pode me falar qualquer coisa.

Andrew inspirou profundamente.

— Você me fez jurar nunca mentir para você, nunca te trair, lembra? Me fez prometer que eu te contaria imediatamente caso qualquer coisa mudasse.

Os olhos de Valérie se encheram de lágrimas, ela olhou para Andrew, em silêncio.

— Você é minha melhor amiga, minha cúmplice, a mulher de quem me sinto mais próximo...

— Nós nos casamos hoje, Andrew — ofegou Valérie.

— Eu peço perdão do fundo do meu coração, perdão por ter feito a pior das coisas que um homem pode fazer a uma mulher.

— Você tem outra pessoa?

— Sim, não, só uma fantasia... mas eu nunca senti isso antes.

— Você esperou que nós nos casássemos para se dar conta de que amava outra pessoa?

— Eu te amo, eu sei que te amo, mas não esse tipo de amor. Eu tive a covardia de não assumir isso para mim mesmo, de não contar para você. Não tive coragem de anular o casamento. Seus pais tinham vindo da Flórida, sua melhor amiga, de Nova Orleans. Aquela investigação me tomou tanto tempo nesses últimos meses, que acabou se tornando uma obsessão. Eu foquei nisso e acabei ficando perdido. Eu tentei esconder minhas dúvidas, quis fazer a coisa certa.

— Cala a boca — murmurou Valérie.

Ela abaixou a cabeça e o olhar de Andrew foi atraído para suas mãos, que ela comprimia com tanta força a ponto de os dedos estarem embranquecidos.

— Eu imploro, não fala mais nada. Vai embora. Volta pra casa, para onde quiser, mas vai. Sai desse apartamento.

Andrew quis dar um passo em direção a ela, mas Valérie recuou. Afastou-se até o quarto e fechou a porta devagar.

*

Uma garoa precipitava sobre a triste tarde. A gola do paletó do recém-casado estava levantada, escondendo sua nuca, e Andrew Stilman atravessou a ilha de Manhattan de leste a oeste, voltando para seu apartamento.

Diversas vezes teve o impulso de telefonar para Simon, de confessar para ele que, apesar dos seus conselhos, tinha cometido o irreparável. Mas aquele que pensava não ter medo de nada temia o julgamento do seu melhor amigo e decidiu não ligar.

Diversas vezes teve vontade de se abrir com seu pai, de ir para a casa dos pais e contar tudo para eles. De ouvir sua mãe dizer que, no fim, tudo acaba por se arranjar, que era melhor reconhecer o erro do casamento do que ingressar em uma vida de mentiras, por mais cruel que isso fosse. Valérie o odiaria por alguns anos talvez, mas acabaria esquecendo. Uma mulher como ela não ficaria sozinha por muito tempo. Se ela não era a mulher da vida dele, isso era porque provavelmente ele também não era o homem da vida dela. Ele ainda era novo e, apesar de os problemas que enfrentava parecerem insuperáveis, no futuro, seriam nada mais do que lembranças tristes. Andrew queria sentir a mão de sua mãe em seu rosto, o braço de seu pai em seu ombro, queria ouvir suas vozes. Mas os pais de Andrew não estavam mais nesse mundo e, na noite do seu casamento, sentiu-se mais solitário do que nunca.

*

“When the shit hits the fan, it spreads all over”^{*} era o ditado preferido de Freddy Olson, seu colega de escritório. Andrew passou o domingo repetindo para si mesmo a frase e corrigindo sua matéria. Tinha recebido, nas primeiras horas do dia, um e-mail da sua redatora-chefe, que não poupou elogios ao se referir à qualidade da enquete. Olivia Stern o assegurava de que se tratava de uma das melhores matérias que já lera em muito tempo e que

ficava contente de ter dado a ele essa responsabilidade. Entretanto, devolvia o texto cheio de anotações, de partes sublinhadas, questionando sobre a autenticidade das suas fontes de informação, sobre a veracidade dos fatos revelados. As acusações que fazia eram graves e o departamento jurídico ia certamente querer se assegurar de que todas eram bem-fundamentadas.

Teria ele assumido tantos riscos para fantasiar uma história? Teria gastado metade de seu salário para encontrar, graças à garçoneira do seu hotel decadente, fontes tão confiáveis quanto lacônicas, escapado de ter sido espancado no subúrbio de Buenos Aires por ter conseguido despistar, por sorte, uns tipos suspeitos que o seguiam há dois dias, corrido o risco de ser preso, sacrificado sua vida pessoal por aquela investigação se fosse um amador?! Reclamou o dia inteiro, enquanto organizava as anotações.

Olivia reiterava seus cumprimentos no final do e-mail e informava a Andrew o desejo de almoçar com ele no dia seguinte. Era a primeira vez. Normalmente, um convite desse tipo teria convencido Andrew de que estava prestes a receber uma nova promoção, por que não um prêmio?, mas em seu humor mais que ranzinza, ele não imaginava nada de bom.

Quando chegou a noite, alguém bateu violentamente em sua porta. Andrew cogitou que devia ser o pai de Valérie vindo quebrar sua cara e abriu para ele, quase aliviado; uma boa punição talvez abrandasse seu sentimento de culpa.

Simon o empurrou sem nenhuma delicadeza antes de entrar no apartamento.

— Diz para mim que você não fez isso — gritou ele, andando em direção à janela.

— Ela te ligou?

— Não, eu que liguei. Queria passar para entregar seu presente de casamento e fiquei com medo de atrapalhar, de chegar no meio de alguma brincadeira amorosa. Mas eu não podia estar mais errado.

— O que ela disse?

— O que você acha? Está com o coração destroçado, não consegue entender o que aconteceu, a não ser que você tenha sacaneado ela e que não a ame. Por que teve que casar, não podia ter desistido antes? Você se comportou como um babaca.

— Foi porque vocês me convenceram de que eu não devia falar nada, fazer nada, que devia fingir que nada estava acontecendo! Porque vocês me explicaram que o que eu sentia era só fruto da minha imaginação!

— Quem são “vocês”? Você falou sobre isso com alguma outra pessoa? Você se apaixonou por algum outro melhor amigo também? Vai me abandonar também?

— Você é muito idiota, Simon. Eu conversei com o meu alfaiate.

— Só melhora... Você não podia se segurar um pouco, experimentar por alguns meses, dar uma chance para vocês? O que aconteceu ontem de tão grave para que você jogasse tudo pro alto?

— Eu não consegui fazer amor e Valérie é esperta demais para acreditar que aquilo aconteceu por acaso, já que você faz questão de saber de tudo.

— Não, eu preferia que você não tivesse me contado isso — disse Simon, deixando-se cair no sofá. — E a gente agora nessa situação!

— A gente?

— É, enfim, eu estive próximo o suficiente de você nos momentos difíceis, fiquei preocupado e, no final das contas, agora eu sou o padrinho do casamento mais curto que já existiu.

— Você quer um certificado do *Guinness*?

— A ideia de ir pedir desculpas, de dizer que você se enganou e que tudo foi só uma loucura passageira soa impossível para você?

— Eu não sei mais o que eu estou sentindo, fora que nunca estive tão triste.

Simon se levantou e foi para a cozinha. Voltou com duas cervejas e deu uma para Andrew.

— Sinto muito por você, cara, sinto muito por ela e fico ainda mais triste por vocês dois. Se quiser, pode ficar lá em casa esta semana.

— Para quê?

— Para não ficar sozinho, remoendo sua tristeza.

Andrew agradeceu Simon, mas, pensando bem, ele provavelmente precisava ficar sozinho, remoendo a tristeza. Não era uma punição muito grande, considerando o sofrimento que tinha causado a Valérie.

Simon pôs a mão no ombro do amigo.

— Você conhece a história do homem que estava sendo julgado por ter assassinado os pais e que pediu clemência do juiz, lembrando que ele estava prestes a condenar um órfão...

Andrew olhou para Simon e os dois amigos irromperam em uma gargalhada que só a amizade pode criar nos piores momentos.

*

Na segunda-feira, Andrew almoçou sozinho com sua redatora-chefe. Ela tinha escolhido um restaurante afastado do jornal. Olivia Stern nunca tinha manifestado tanto interesse por uma de suas matérias. Nunca havia perguntado tanto sobre suas fontes, sobre as pessoas que tinha encontrado, sobre a forma como ele havia feito a investigação. E, durante toda a refeição, sem tocar no prato que tinha pedido, ouviu-o contar de suas viagens à Argentina, como uma criança ouve um adulto contar uma história emocionante. E, por duas vezes, durante sua narrativa, Andrew pensou ver Olivia Stern contendo as lágrimas.

No final do almoço, ela pegou a mão de Andrew, agradeceu pelo trabalho excepcional que ele tinha realizado e sugeriu que um dia ele escrevesse um livro sobre o assunto. Apenas ao se levantar foi que falou sobre sua intenção de adiar por uma semana a publicação, com o único objetivo de conseguir uma manchete na capa e duas páginas inteiras. Não era um Pulitzer, mas era, bem ou mal, um reconhecimento que dava um certo renome para ele, no meio. E quando Olivia perguntou, sem que a pergunta desse margem a qualquer outra resposta exceto “sim”, se ele teria conteúdo para desenvolver a matéria para esse propósito, Andrew assegurou que voltaria ao trabalho.

Foi o que prometeu para si mesmo que faria durante toda a semana. Chegava cedo no escritório, almoçava um sanduíche, correndo, e trabalhava até tarde da noite quase sempre, menos quando ia jantar com Simon.

Andrew respeitou à risca sua programação, ou quase isso. Na quarta-feira, saindo do jornal, ele sentiu uma sensação avassaladora de déjà-vu. Na esquina da 40th Street, teve a impressão de ver, pela segunda vez, pela janela do banco traseiro de um 4 x 4 estacionado na frente do prédio, o rosto da desconhecida do Novecento. Começou a correr na direção dela. Na pressa, deixou cair a pasta, e as folhas da sua matéria se espalharam sobre a calçada. Quando finalmente conseguiu recolher e guardar todas as páginas, o carro havia sumido.

A partir desse dia, Andrew foi terminar suas noites no Novecento, na esperança de reencontrar a mulher que o assombrava.

A cada noite, esperava em vão e voltava para casa aborrecido e exausto.

No sábado, encontrou na caixa de correio uma carta. Reconheceu a caligrafia do envelope. Deixou-a sobre a mesa de trabalho e prometeu para si mesmo que não abriria até que tivesse posto um ponto final na matéria que Olivia Stern esperava desde a noite anterior.

Após enviar o texto a sua redatora-chefe, ligou para Simon e, como pretexto para cancelar o encontro que tinha marcado com ele naquela noite, disse que precisava trabalhar.

Depois, sentou-se no peitoril da janela da sala, respirou profundamente o ar da noite e, enfim, leu a carta de Valérie.

Andrew,

Este domingo sem você foi o primeiro, desde a adolescência, em que eu convivi com a dor da ausência. Eu fugi, com 17 anos, você, com quase 40. Como reaprender a não saber mais como você está? Como renascer do fundo do seu silêncio?

Tenho medo de que as minhas lembranças me levem de volta aos seus olhares de adolescente, ao som da sua voz masculina que

alegrava os meus dias, às batidas do seu coração que eu sentia quando botava a mão no seu peito, que eu escutava quando eu dormia e que tranquilizava minhas noites.

Ao te perder, perdi um amante, um amor, um amigo e um irmão. É um luto grande.

Que você seja feliz, ainda que eu tenha querido que você morresse por ter me feito sofrer tanto.

Eu sei que, em alguma parte dessa cidade pela qual ando só, você respira, e isso já basta.

Assino esta breve carta escrevendo pela primeira e última vez “Sua mulher”, ou melhor, “Aquela que foi sua mulher”, no intervalo de um dia triste.

** Quando a merda bate no ventilador, se espalha por todo canto. (N. da T.)*

7.

Dormiu durante quase o domingo inteiro. Havia saído na véspera decidido a dedicar sua noite à mais escandalosa das bebedeiras. Ele tinha por muitos anos demonstrado certo talento para esse tipo de exercício. Permanecer enclausurado em casa teria acrescentado àquela confusão uma falta de coragem insuportável.

Tinha atravessado a porta do Novecento mais tarde do que de hábito, bebido mais Fernet-Coca do que de costume. A confusão continuava, já que havia passado a noite só no balcão e não tinha conversado com ninguém além do barman. Flanando pela noite deserta, encharcado de álcool, Andrew Stilman foi tomado por uma crise de risos. Crise de risos que rapidamente se converteu em uma tristeza profunda. Depois, soluçou durante uma hora, sentado no meio-fio.

Ele era, sem sombra de dúvida, o maior idiota do mundo e concluía isso com propriedade, já que tinha conhecido algumas figuras bem idiotas ao longo da vida.

Quando acordou, com uma ressaca enorme que o fez lembrar que não tinha mais 20 anos, Andrew pôde perceber claramente que sentia saudade de Valérie. Sentia tanta saudade que doía, da mesma forma que havia doído a saudade daquela criatura que, por motivos obscuros, o tinha enfeitiçado certa noite. Mas uma era sua mulher, e a outra, uma ilusão. E Andrew não parava de pensar na carta que Valérie havia escrito para ele.

Pensava no que fazer para que ela o perdoasse, nas melhores palavras. Era o que ele sabia fazer de melhor, no final das contas.

Se ele fosse receber algum prestígio por sua matéria, que seria publicada no dia seguinte, era com Valérie que ele gostaria de compartilhá-lo.

Nesta segunda-feira, saindo de casa, desceu a Charles Street, como em todas as manhãs, e caminhou a passos curtos em direção ao rio, para correr.

Esperou que o sinal ficasse vermelho e atravessou a West Highway. Quando chegou ao canteiro central, o sinal de pedestre começou a piscar e, como em todas as manhãs, Andrew ainda assim seguiu para atravessar mais uma pista. Respondeu às buzinas levantando o punho, com o dedo médio erguido em direção ao céu. Depois, seguiu até a pista, no River Park, e acelerou o passo.

Nesta tarde, iria até a casa de Valérie para pedir desculpas e dizer o quanto se arrependia do que havia feito. Ele não tinha mais a menor dúvida dos seus sentimentos por ela e tinha vontade de dar com a cabeça na parede quando se perguntava que tipo de loucura o havia arrematado para que se comportasse daquela maneira.

Havia se passado uma semana desde quando se separaram, sete dias de pesadelo infringidos à mulher da sua vida, sete dias de um egoísmo infame, mas isso não aconteceria nunca mais, prometeria para ela. Seu único objetivo agora seria fazê-la feliz. Imploraria para que ela se esquecesse tudo e, mesmo se ela o fizesse carregar a maior de todas as cruzes antes de conceder o perdão, ele a carregaria de joelhos, se fosse necessário.

Andrew Stilman chegou à altura do Píer nº 4, com uma única ideia na cabeça, reconquistar o coração de sua mulher.

De repente, sentiu uma mordida flamejante na parte baixa das costas. Um rasgo terrível que ia até o abdômen. Se tivesse sentido a dor em uma parte do corpo mais alta, como no peito, pensaria estar enfartando. Teve a impressão de que sua respiração estava obstruída. Não era uma impressão, seus joelhos colapsaram e ele mal teve força para erguer os braços e proteger o rosto da queda.

No chão, com o rosto no asfalto, gostaria de ter conseguido olhar para trás, pedir ajuda. Andrew Stilman não entendia por que nenhum som saía de sua garganta, até que uma tosse o fez cuspir um líquido espesso.

Notando a poça avermelhada que se formava a sua frente, Andrew compreendeu que era seu sangue que se espalhava sobre a pista do River Park. Por um motivo que ignorava, ele estava sendo drenado, como um animal no abatedouro. Um véu negro começou a obscurecer sua visão.

Supôs que tinham atirado nele, apesar de não lembrar de ter ouvido um disparo; talvez tivesse sido apunhalado. Em seus últimos instantes de lucidez, Andrew se perguntou quem poderia tê-lo assassinado.

Era quase impossível para ele respirar. Suas forças se esvaíam e ele percebeu que o fim estava chegando.

Esperava ver a vida passar diante de seus olhos, ver uma luz sublime no fim de um túnel, ouvir uma voz divina que o guiaria para um outro mundo. Nada disso aconteceu. Os últimos instantes conscientes de Andrew Stilman foram nada mais que um lento e doloroso mergulho no vazio.

Às 7h15, em uma manhã de uma segunda-feira de julho, a luz se apagou, e Andrew Stilman percebeu que estava morrendo.

8.

Um ar glacial entrou em seus pulmões, um fluido igualmente frio corria por suas veias. Uma luz ofuscante — e o medo — o impedia de abrir os olhos. Andrew Stilman se perguntava se estava acordando no purgatório ou no inferno. Levando em conta seus atos recentes, o paraíso soava acima das suas possibilidades.

Não sentia mais o batimento de seu coração, sentia frio, um frio terrível.

Já que a morte, dizem, dura para todo o sempre, ele não iria passar todo esse tempo no escuro. Reuniu toda sua coragem e conseguiu abrir os olhos.

Estava apoiado no sinal vermelho do cruzamento da Charles Street com a West End Highway, o que lhe pareceu no mínimo estranho.

O inferno não parecia nada com o que tinham ensinado para ele nas aulas de catecismo da escola católica de Poughkeepsie, a menos que este cruzamento fosse apenas a entrada. Mas considerando o número de vezes que Andrew tinha passado por lá, indo correr, já teria certamente percebido.

Tremendo como uma folha ao vento, com sangue escorrendo pelas costas, olhou maquinalmente o relógio. Marcava sete horas em ponto, uns 15 minutos antes de o assassinarem.

A frase que acabara de formular mentalmente soou para ele desprovida de qualquer sentido. Andrew não acreditava em reencarnação e ainda menos em uma ressurreição que o permitiria voltar à terra 15 minutos antes de sua morte. Olhou em torno de si, a paisagem não parecia nada diferente do que costumava ver todas as manhãs. Um fluxo de automóveis subia em direção ao norte; do outro lado do bulevar, os carros, para-choque contra para-choque,

tentavam alcançar o Financial District; ao longo do rio, os corredores percorriam em ritmo acelerado o caminho do River Park.

Andrew fez o melhor que pôde para manter o sangue-frio. O único interesse que tinha na morte era o fato de ela libertar de todo o sofrimento físico. Se ele sentia tamanha dor na região lombar, se uma miríade de pequenas estrelas passeavam no seu campo de visão, isso era prova irrefutável de que o corpo e a alma permaneciam unidos.

Ele estava sem fôlego, mas era evidente que respirava, já que também tossia. Foi tomado por uma náusea e se inclinou para a frente para vomitar seu café da manhã na sarjeta.

Correr nesta manhã estava fora de questão, assim como ingerir mais uma gota de álcool sequer, mesmo um Fernet-Coca. A conta que a vida acabara de lhe apresentar era salgada demais para que ele quisesse mais.

Depois de recuperar um pouco a cor do rosto, Andrew deu meia-volta. Quando chegasse em casa, tomaria um bom banho, descansaria um pouco e tudo voltaria ao normal.

E enquanto caminhava, Andrew concluiu que ele deveria ter perdido a consciência por alguns segundos. Alguns segundos que o tinham deixado completamente desorientado.

Ele podia jurar que estava na altura do Píer nº 4 e não na esquina da Charles Street quando sentiu esse mal-estar. Quando ele fosse consultar um médico, e já sabia que teria que consultar um, não deixaria de mencionar essa confusão mental. O incidente tinha sido perturbador o suficiente para que se preocupasse.

Seus sentimentos por Valérie não tinham mudado até aquele momento. Pelo contrário, o medo de morrer o fortalecera.

Quanto tudo tivesse voltado ao normal, ligaria para o jornal a fim de avisar que se atrasaria e pegaria um táxi em direção aos estábulos da polícia montada de Nova York, onde trabalhava sua mulher. Ele não esperaria mais muito tempo para exprimir seu arrependimento e pedir-lhe perdão.

Andrew empurrou a porta do seu prédio, subiu até o terceiro andar, inseriu a chave no buraco da fechadura e entrou. As chaves escaparam da sua mão quando descobriu Valérie em sua sala. Ela

perguntou se tinha visto a blusa que ela trouxera da tinturaria na véspera. Desde que tinha ido correr, ela a procurava por todos os lados, sem sucesso.

Parando por um instante sua busca, olhou para ele e perguntou por que ele a estava fitando tão atordoado.

Andrew não soube o que responder.

— Me ajuda em vez de ficar parado aí, vou acabar me atrasando e hoje seria um péssimo dia para isso, temos uma inspeção sanitária esta manhã.

Andrew permaneceu imóvel, estava com a boca seca, tinha e impressão de que seus lábios estavam colados.

— Preparei café para você, está na cozinha, você bem que deveria comer alguma coisa, está branco como um fantasma. Você corre muito e rápido demais — disse Valérie, continuando a procurar. — Mas, antes, pelo amor de Deus, me ajuda a achar essa blusa. Você bem que podia abrir um pouco de espaço para mim no seu armário, não aguento mais carregar minhas coisas de um apartamento para o outro, viu só no que dá?

Andrew deu um passo em direção a Valérie e agarrou seus braços para chamar sua atenção.

— Eu não sei o que você está fazendo, mas te encontrar aqui é a melhor surpresa de toda a minha vida. Você certamente não acreditaria em mim, mas eu estava decidido a ir encontrar com você no seu trabalho. Eu preciso muito falar com você.

— Já que você tocou no assunto, eu também preciso falar com você, nós ainda não decidimos nada sobre aquele plano de irmos passar as férias em Connecticut. Quando você vai de novo para a Argentina mesmo? Você me disse ontem, mas como eu não gosto nada dessa ideia, já esqueci.

— Por que eu iria de novo para a Argentina?

Valérie se virou e olhou para Andrew com atenção.

— Por que eu iria de novo para a Argentina? — insistiu Andrew.

— Porque o seu jornal te encarregou de “uma investigação extremamente importante que vai impulsionar sua carreira até o céu”? Eu só estou repetindo o que você me explicou esse fim de semana em um estado de superexcitação que beirava o ridículo.

Porque a sua redatora-chefe te ligou sexta passada e sugeriu que você viajasse de novo, mesmo tendo acabado de voltar. Mas ela é tão insistente e considera essa investigação tão importante...

Andrew se lembrava muito bem dessa conversa com Olivia Stern, entretanto, ela tinha acontecido na volta da sua primeira viagem a Buenos Aires, no início de maio, e agora já estávamos no início de julho.

— Ela me ligou sexta passada? — perguntou Andrew, gaguejando.

— Vai comer alguma coisa, você está caducando.

Andrew não respondeu. Foi para o quarto, pegou o controle remoto sobre a mesa de cabeceira e ligou a televisão. O canal New York 1 transmitia o jornal matinal.

Boquiaberto, Andrew percebeu que ele já sabia de cada uma das notícias que o apresentador anunciava. O incêndio dramático que tinha destruído um armazém no Queens e custado a vida de 22 pessoas... o aumento no preço dos pedágios na estrada da cidade, que entrava em vigor naquele dia. Mas o dia em questão tinha sido dois meses antes.

Andrew olhou para a faixa de informações escritas que corria na parte de baixo da tela. Sete de maio foi a data informada; e Andrew teve que se sentar sobre a cama para tentar entender o que estava acontecendo com ele.

O apresentador que informava a previsão do tempo anunciou a chegada da primeira tempestade tropical da temporada. Ela ficaria menos intensa antes de atingir a costa da Flórida. Andrew Stilman sabia que os meteorologistas estavam enganados e que a tempestade ficaria duas vezes mais forte no final do dia, da mesma forma que ele se lembrava do número de vítimas que ela tinha causado.

Seu alfaiate tinha dito, um dia, que a vida não era como um desses aparelhos em que bastava apertar um botão para que a parte que escolhêssemos passasse novamente, que não era possível voltar atrás. Aparentemente, o sr. Zanetti estava errado. Alguém, em algum lugar, devia ter apertado algum tipo de botão,

porque a vida de Andrew Stilman tinha acabado de ser rebobinada para 62 dias antes.

Andrew foi para a cozinha, prendeu a respiração ao abrir a porta da geladeira e não conseguiu acreditar no que estava vendo: um saco plástico com a blusa que sua mulher — que ainda não era sua mulher — tinha acidentalmente guardado na véspera, junto dos iogurtes comprados na mercearia da esquina.

Levou a blusa para ela e Valérie perguntou por que a peça estava gelada. Andrew explicou o motivo, e Valérie prometeu que nunca mais o criticaria por ser distraído. Era a segunda vez que ele ouvia essa promessa; a primeira foi em circunstâncias exatamente iguais, dois meses antes.

— Aliás, por que você queria ir me ver no trabalho esta manhã?
— disse ela, pegando a bolsa.

— Por nada, porque eu estava com saudades.

Ela deu um beijo na testa dele e saiu com pressa. Disse para ele desejar-lhe boa sorte e avisou que provavelmente voltaria tarde.

Andrew sabia que a visita da vigilância sanitária não aconteceria, já que naquele exato momento o inspetor estava sofrendo um acidente de carro na Queensborough Bridge.

Valérie ligou para ele no escritório por volta das seis e meia da noite para sugerir que fossem ao cinema. Andrew ia sair tarde do jornal, e por sua culpa, perderiam a sessão. Para se desculpar, ele a levaria para jantar.

Andrew tinha uma memória excelente. Sempre tinha sido muito grato por isso, mas nunca poderia imaginar que essa habilidade, um dia, o poria em tal estado de pânico.

Só, no apartamento, ponderando o inconcebível, Andrew compreendeu que tinha 62 dias a sua frente para descobrir quem o tinha assassinado e por quais motivos.

E isso antes que seu assassino atingisse seu objetivo...

9.

Ao chegar ao jornal, Andrew decidiu não mudar nada em sua rotina. Ele precisava conseguir ter uma visão imparcial da sua situação e refletir antes de decidir qualquer coisa. Além disso, tinha lido na adolescência alguns livros de ficção científica que falavam de viagens para o passado e se lembrava que modificar o curso dos acontecimentos podia ter consequências nefastas.

Passou o dia preparando a segunda viagem para a Argentina, que ele já tinha organizado na vida anterior. Decidiu ainda assim se permitir o luxo de mudar de hotel em Buenos Aires, aquele onde tinha ficado deixara uma péssima impressão.

Trocou algumas palavras rápidas com Freddy Olson, vizinho de baia que, por inveja, não perdia a oportunidade de esnobá-lo nas reuniões de pauta, isso quando não tentava roubar as ideias dele.

Andrew se lembrava perfeitamente do motivo da briga que tinham tido, visto que ela já ocorrera. Quem liga para a ordem do mundo? Tomou a iniciativa de acabar com aquilo. Mandou Olson ir pastar, evitando que sua redatora-chefe saísse de sua gaiola de vidro para obrigá-lo a pedir desculpas àquele cretino, na frente de todos.

Afinal de contas, não iria ficar calculando cada movimento, Andrew disse para si mesmo, voltando para sua mesa. Provavelmente, ele esmagaria alguns insetos que tinham sobrevivido às suas corridas matinais nos gramados do River Park durante esses dois últimos meses... próximos meses, corrigiu mentalmente.

A ideia de desafiar a ordem das coisas não o desagradava. Ele ainda não tinha pedido a mão de Valérie — isso se daria apenas dali a três dias, quando ela falasse novamente com ele sobre sua viagem para Buenos Aires —, ele ainda não tinha partido o coração

dela, e portanto não tinha mais do que ser perdoado. Se não fosse a possibilidade de ele terminar banhando-se no seu próprio sangue, essa volta ao passado não seria nada inconveniente.

Quando Valérie o telefonou, às seis e meia da noite, ele cometeu o deslize de convidá-la, antes que ela o propusesse, para se encontrarem no cinema naquela mesma hora.

— Como você sabia que eu ia te convidar para ir ao cinema? — perguntou ela, surpresa.

— Eu não sabia — gaguejou, pressionando com força o lápis sobre o papel. — Mas é uma boa ideia, não é? A menos que você prefira jantar em algum restaurante.

Valérie pensou um pouco e decidiu que preferia jantar.

— Vou reservar uma mesa no Omen.

— Você está afiado hoje. Eu estava pensando justamente em ir lá.

O lápis rachou na palma de sua mão.

— Tem dias assim — disse. — Nos vemos em uma horinha. — Depois, perguntou como tinha sido a inspeção da vigilância sanitária, ainda que soubesse a resposta.

— Não teve inspeção — respondeu Valérie. — O inspetor sofreu um acidente de carro enquanto estava vindo para cá. Eu te conto no restaurante.

Andrew desligou.

— Você vai precisar ser mais discreto durante os próximos meses se não quiser levantar suspeitas — disse ele, em voz alta.

— Que tipo de suspeitas? — perguntou Freddy Olson, passando o rosto por cima da divisória que separava sua baia da de Andrew.

— Me diz uma coisa, Olson: sua mãe nunca te ensinou que é falta de educação ouvir conversas por detrás das portas?

— Eu não estou vendo nenhuma porta, Stilman. Você, que é tão observador, nunca reparou que a gente trabalha em um ambiente aberto? Se isso te incomoda, deveria falar mais baixo. Ou você acha que eu gosto de ouvir suas conversas?

— Eu tenho certeza de que gosta.

— E, então, do que se tratava, senhor jornalista que vai ser promovido?

— E o que significa exatamente esse comentário?

— Ah, por favor, Stilman, aqui todo mundo sabe perfeitamente que você se tornou o protegido da Stern. Fazer o quê, não se pode combater esse tipo de corporativismo.

— Eu sei que os seus talentos jornalísticos te fazem questionar se pertence à nossa profissão e eu não te julgo por isso; se eu fosse tão incompetente quanto você, eu também me perguntaria isso.

— Engraçadíssimo! Mas eu não estava falando disso, Stilman, não finja que você é mais bobo do que já sabemos que é.

— E de que você estava falando, Olson?

— Stilman, Stern, a origem é mais ou menos a mesma, não?

Andrew examinou atentamente Freddy. Ele se deu conta de que na sua vida anterior — e esse tipo de pensamento parecia tão absurdo que ele ainda tinha dificuldade de concatenar — esse desentendimento com Olson havia acontecido muito mais cedo, no mesmo dia, uma hora na qual Olivia Stern ainda estava em sua sala. Agora ela já tinha ido embora há uma boa meia hora, como a maior parte dos seus colegas, que haviam batido em retirada por volta de seis da tarde. O curso dos acontecimentos, sob influência de seus atos, estava se modificando, e seria um desperdício se não tirasse proveito disso. Disparou um tapa magistral em Freddy Olson, que deu um passo para trás e ficou imóvel, de boca aberta.

— Que merda, Stilman, eu podia dar queixa contra você — ameaçou ele, esfregando a bochecha. — Tem câmeras de segurança por todos os lados neste andar.

— Vai, eu não vou tentar te impedir, vou explicar por que você levou um tapa. Eu tenho certeza de que esse vídeo pode fazer um grande sucesso na internet.

— Você não vai se safar assim!

— Você tem toda a razão! Bom, tenho um encontro e você já me fez perder tempo demais.

Andrew pegou o casaco e partiu em direção aos elevadores, fazendo um gesto obsceno para Freddy, que continuava a esfregar a bochecha. Na saída do elevador para o hall de entrada, Andrew ainda estava com raiva, mas disse para si mesmo que era melhor se

acalmar antes de encontrar Valérie; não seria nada fácil explicar para ela o que acabara de acontecer.

*

Instalado no balcão do restaurante japonês, no SoHo, Andrew estava com uma enorme dificuldade em prestar atenção no que Valérie dizia. Apesar disso, tinha como desculpa o fato de se lembrar de toda a conversa. E, enquanto ela contava seu dia para ele, ele pensava em como poderia se aproveitar daquela situação no mínimo desconcertante na qual se encontrava.

Lamentou amargamente sempre ter feito pouco caso das notícias financeiras. Um pequeno interesse que fosse teria sido suficiente para ganhar uma pequena fortuna. Se tivesse memorizado as variações da bolsa nas semanas seguintes, que para ele eram as semanas passadas, poderia, juntando suas economias, ganhar uma bela bolada. Mas nada o aborrecia mais que Wall Street e os seus abusos.

— Você não está ouvindo nem uma palavra do que estou falando! Posso saber no que está pensando?

— Você acabou de me dizer que Licorice, uma das suas éguas preferidas, está sofrendo de uma tendinite terrível e que você se pergunta se ela deveria passar seus últimos dias a serviço da polícia montada; também me contou que o oficial... poxa, esqueci o nome dele... enfim, o que montava nela, não voltaria se o bicho fosse reformado.

Valérie olhou para Andrew e ficou sem palavras.

— Que foi? — perguntou Andrew. — Não foi o que você acabou de me dizer?

— Não, não foi o que eu acabei de dizer, mas era exatamente o que eu ia te contar agora. O que está acontecendo com você hoje? Engoliu uma bola de cristal no café da manhã?

Andrew forçou uma risada.

— Você deve ser mais distraída do que pensa, eu só repeti as suas palavras. Como é que eu ia saber de tudo?

— É exatamente isso o que eu estou te perguntando!

— Talvez você tenha pensado tão alto que eu ouvi antes mesmo que você falasse, o que prova o quanto nós somos conectados — disse ele, sorrindo sedutoramente.

— Você ligou para o meu trabalho, falou com Sam e o enrolou até que ele te contasse?

— Eu não conheço esse Sam e eu juro que não liguei para o seu trabalho.

— É o meu assistente.

— Viu, eu não tenho nenhuma bola de cristal. Eu poderia jurar que ele se chamava John, ou qualquer coisa assim. Já podemos mudar de assunto — sugeriu Andrew.

— E você, seu dia?

Essa pergunta pôs Andrew em um profundo estado de reflexão.

Ele tinha morrido durante sua corrida matinal, tinha acordado há mais ou menos um quilômetro e meio do lugar onde havia sido assassinado e, o que era ainda mais surpreendente, dois meses antes da agressão. Desde então, revivia um dia quase idêntico ao que tinha vivido no passado.

— Longo — respondeu Andrew laconicamente —, o meu dia foi muito longo, tenho até a impressão de tê-lo vivido duas vezes.

*

Na manhã seguinte, Andrew se viu no elevador com sua redatora-chefe. Ela estava atrás dele, mas podia ver pelo reflexo na porta do elevador que ela o olhava com uma expressão estranha, da forma que nos olham quando estão prestes a comunicar uma notícia ruim. Ele esperou um pouco e sorriu.

— A propósito — disse ele, como que retomando uma conversa —, antes que aquele babaca do Olson vá fofocar com você, eu dei um tapa na cara dele ontem à noite, antes de ir embora.

— Você fez o quê? — exclamou Olivia.

— Foi isso mesmo que você ouviu. Para falar a verdade, eu achei que você já soubesse.

— E por que você fez isso?

— Nada relacionado ao jornal, isso eu posso assegurar, e caso aquele canalha dê queixa, eu assumo toda a responsabilidade.

Olivia apertou o botão de parada de emergência e depois apertou o do térreo. O elevador parou e voltou a descer.

— Aonde vamos? — perguntou Andrew.

— Tomar um café.

— O café, eu te convido, mas não vou dizer mais nada — comunicou Andrew quando as portas do elevador se abriram.

Eles se instalaram em uma mesa da lanchonete. Andrew foi buscar dois cappuccinos e aproveitou para comprar um croissant de presunto.

— Esse tipo de comportamento não combina nada com você.

— Foi só um tapa, nada de mais, e ele fez por merecer.

Olivia olhou para ele e sorriu.

— Eu falei algo engraçado? — perguntou Andrew.

— Eu devia te passar um sermão, dizer que essa atitude é inaceitável e que você estava correndo o risco de levar uma suspensão, mas eu sou incapaz de fazer isso.

— O que te impede?

— Eu também teria adorado dar um tapa na cara do Olson.

Andrew se absteve de fazer qualquer comentário, e Olivia continuou.

— Li suas anotações, estão boas, mas não são o suficiente. Para que eu possa publicar sua história, preciso de coisas mais concretas, testemunhos irrefutáveis, provas... suspeito que esteja deixando algumas coisas fora do seu texto deliberadamente.

— Por que eu faria isso?

— Porque você sabe de algo muito importante e não quer revelar tudo por enquanto.

— Você tem umas ideias engraçadas sobre mim.

— Eu aprendi a te conhecer. Resolvi ceder ao seu pedido e autorizar sua viagem à Argentina, mas para que eu possa justificar as suas despesas você vai precisar matar a minha curiosidade, uma mão lava a outra. Você conseguiu descobrir por onde anda aquele homem, sim ou não?

Andrew analisou sua chefe por um instante. Desde que começou a trabalhar como jornalista, aprendeu a não confiar mais em ninguém. Mas ele sabia que, se não desse nenhuma pista, Olivia não o deixaria voltar a Buenos Aires, e como ela tinha adivinhado, ainda que já estivessem no início do mês de maio, ele estava longe de terminar a investigação.

— Acho que estou no caminho certo — reconheceu, pousando a xícara sobre a mesa.

— E, como as suas anotações sugerem, você suspeita de que ele tenha participado desse tráfico?

— Difícil afirmar qualquer coisa. Muita gente esteve envolvida nessas transações, não é tão fácil assim fazer as pessoas falarem. Ainda é um tema delicado para a maioria dos argentinos. Já que estamos fazendo confidências, por que você se importa tanto com essa investigação?

Olivia Stern analisou seu jornalista.

— Você já o localizou, não foi? Você encontrou com Ortiz?

— É possível... mas eu concordo com você, ainda não tenho nada concreto o suficiente para que essa matéria seja publicada, por isso eu preciso voltar para lá. Você concorda comigo que não respondeu a minha pergunta...

Olivia se levantou e fez sinal para que ele terminasse sozinho seu croissant.

— É sua prioridade absoluta, Andrew, quero que se dedique exclusivamente a isso. Você tem um mês, nada mais.

Andrew acompanhou com o olhar sua redatora-chefe saindo da lanchonete. Dois pensamentos vieram a sua cabeça. Ele não ligava a mínima para as ameaças, sabendo perfeitamente que viajaria para Buenos Aires no final do mês e que concluiria sua investigação. Durante a conversa, Olivia tinha pego Andrew de surpresa, e ele teve de pensar duas vezes antes de falar, perguntando-se repetidamente o que ela sabia e o que ainda ignorava.

Com razão, afinal ele não se lembrava de tê-la enviado suas anotações, nem nesta vida e tampouco naquela que tinha terminado

na pista do River Park. Além disso, ele estava certo de que essa conversa nunca tinha ocorrido antes.

Voltando para o escritório, Andrew pensou que talvez não devesse ter dado um tapa em Freddy Olson na noite anterior. Ele agora precisaria tomar mais cuidado para não alterar o curso dos acontecimentos.

*

Andrew aproveitou uma pausa para passear pela Madison Avenue e parou diante da vitrine de uma joalheria. Ele não estava em uma situação financeira muito boa, mas seu pedido de casamento seria ainda mais convicto do que da primeira vez. Ele se sentiu um pouco ridículo no restaurante do Maurizio por não ter podido exibir a caixinha tradicional na hora em que se ajoelhou.

Entrou na loja e olhou as vitrines com atenção. Ele teve que dar o braço a torcer, não se brinca tão facilmente assim com o curso dos acontecimentos. A vida tinha uma ordem que não era fácil de alterar. Ele reconheceu, entre outros dez, o anel que Valérie tinha escolhido quando eles tinham ido comprá-lo juntos. Entretanto, Andrew não tinha nenhuma dúvida em relação ao fato de que aquilo não havia se dado naquela joalheria.

Mas ele se lembrava muito bem do preço daquele anel. Assim, quando o joalheiro tentou convencê-lo de que valia o dobro, Andrew respondeu com segurança:

— Este diamante pesa um pouco menos de 0,95 quilates e, ainda que tenha uma luminosidade boa à primeira vista, trata-se de um corte antigo, com lapidações demais para que valha mais do que a metade do que me pede por ele.

Andrew estava apenas repetindo o que o joalheiro anterior explicara para ele, quando comprou aquele anel com Valérie. Ele se lembrava claramente também como a reação de sua noiva o havia tocado. Ele esperava que ela escolhesse uma pedra da melhor qualidade, mas quando pôs o anel no dedo, Valérie disse para o vendedor que era bom o suficiente para ela.

— Eu portanto vejo aqui duas possibilidades — retomou Andrew.
— Ou você se enganou quando viu a referência na etiqueta, e não te culpo por isso, com esses números minúsculos, ou você está tentando me enrolar. Seria uma pena, por que me dá vontade de escrever uma pequena matéria sobre os golpes nas joalherias. Já disse que sou jornalista do *New York Times*?

O joalheiro examinou novamente a etiqueta, enrugou as sobrancelhas e disse, confuso, que tinha mesmo se enganando, aquele anel realmente valia o que Andrew dissera.

O negócio foi fechado na maior civilidade possível e Andrew saiu para a Madison Avenue com uma encantadora caixinha no fundo do bolso do paletó.

Sua segunda compra do dia foi um cadeado com senha para trancar sua gaveta no escritório.

A terceira, um caderno moleskine com elástico. Ele não seria utilizado para fazer anotações sobre sua matéria, mas para uma outra investigação que havia se tornado prioridade para ele: descobrir, em menos de 59 dias, a identidade daquele que o havia assassinado e impedi-lo de atingir seu objetivo.

Andrew entrou no Starbucks Coffee. Comprou algo para comer e se instalou em uma poltrona, começando a refletir sobre todos aqueles que poderiam querer vê-lo morto. Esses pensamentos deixavam Andrew muito desconfortável. O que ele tinha feito de tão errado na sua existência para chegar ao ponto de fazer esse tipo de inventário?

Escreveu o nome de Freddy Olson. Não podemos nunca saber do que um colega de trabalho é realmente capaz, nem quais são os limites da inveja. Andrew queria averiguar isso assim que possível. Olson era um covarde e, além do mais, eles nunca tinham chegado à agressão física na vida anterior.

Houve aquelas cartas de ameaça recebidas um pouco depois da publicação de sua matéria sobre o tráfico de crianças na China. Ela tinha certamente abalado a vida de muitas famílias americanas afetadas pela tragédia.

As crianças são sagradas; todos os pais do mundo dirão isso, eles estariam dispostos a tudo para proteger sua prole, inclusive matar.

Andrew se perguntou o que ele próprio faria se tivesse adotado uma criança e um jornalista revelasse que por isso tinha se tornado cúmplice involuntário de tal coisa, afirmando que seu filho adotivo talvez tivesse sido roubado dos pais verdadeiros.

— Eu provavelmente teria raiva do sujeito que abriu essa caixa de Pandora até o fim dos meus dias — resmungou Andrew.

O que fazer sabendo que seu filho acabará mais cedo ou mais tarde descobrindo a verdade agora que ela tinha se tornado pública? Partir o coração da criança, e o seu próprio, levando-a de volta para a família legítima? Viver na mentira e esperar que, quando adulta, a criança o recrimine por ter fechado os olhos para o pior de todos os tipos de tráfico?

Quando escrevia a reportagem, Andrew tinha pensado apenas superficialmente nas consequências dessas revelações. Quantos pais e mães americanos ele tinha envolvido nessa situação avassaladora? Mas apenas os fatos contavam. Seu trabalho era revelar a verdade, e cada um só pode ver o mundo com seus próprios olhos e opiniões, como sempre dizia seu pai.

Ele riscou o nome de Olson no caderno e escreveu uma nota para lembrar-se de reler as três cartas anônimas com ameaças de morte.

Depois, sonhou com sua investigação na Argentina. A ditadura que reinou entre 1976 e 1983 não havia hesitado em enviar assassinos para outros países, a fim de calar os opositores do regime ou aqueles que arriscassem denunciar as atividades criminosas. Os tempos eram outros, mas alguns métodos permanecem arraigados para sempre nas mentes mais perversas.

Essa investigação também deve ter incomodado algumas pessoas. Talvez, entre elas, um antigo membro das Forças Armadas, alguém responsável pela ESMA,** ou por algum outro desses campos secretos para onde as vítimas eram conduzidas

para serem torturadas e assassinadas. Isso era bem possível, senão provável.

Em seu outro caderno, Andrew começou a copiar o nome daqueles que tinha entrevistado durante sua primeira estada. Por motivos evidentes, as notas tomadas durante a segunda viagem não estavam escritas. Quando voltasse a Buenos Aires, ele certamente seria ainda mais cuidadoso.

— Como sempre, você só pensa no trabalho — disse para si mesmo, em voz baixa, virando as páginas do caderno.

E o ex-namorado de Valérie? Ela nunca falava dele, dois anos morando juntos, não é pouca coisa. Um sujeito que é trocado por outro pode ficar violento.

Pensar em todas essas pessoas que poderiam querer acabar com ele tinha tirado seu apetite. Andrew empurrou o prato e se levantou.

Enquanto caminhava em direção ao trabalho, Andrew brincava com a caixinha em seu bolso, recusando-se a pensar sobre a hipótese que surgiu em sua mente.

Valérie nunca seria capaz de cometer tal ato.

— Você tem mesmo certeza disso? — cochichou sua consciência, como um vento maligno que fez gelar seu sangue.

*

Na quinta-feira da primeira semana da sua ressurreição — essa expressão o terrorizava a cada vez que a formulava —, Andrew, mais apressado do que nunca para retornar a Buenos Aires, se empenhava em redefinir os últimos detalhes da viagem. Ele desistiu enfim da ideia de mudar de hotel, onde tinham acontecido encontros decisivos para as suas pesquisas.

A moça que trabalhava no bar, uma tal de Marisa, tinha passado para ele o endereço de um café onde se reuniam os antigos membros da ERP, o Exército Revolucionário do Povo, e os Montoneros que tinham sobrevivido à prisão. Eram poucos. Ela também tinha posto Andrew em contato com uma das mães da praça de Maio, uma dessas mulheres cujos filhos haviam sido

levados pelas Forças Armadas e nunca mais tinham aparecido; mulheres que, enfrentando a ditadura, tinham marchado pelas calçadas da praça de Maio por anos, com cartazes exibindo fotos dos filhos.

Marisa era curiosamente sexy, e Andrew não tinha ficado insensível a seu charme. A beleza das argentinas não era uma lenda.

*

Simon ligou por volta das 11 horas para almoçar com ele. Andrew não lembrava desse encontro. Talvez a conversa deles refrescasse sua memória durante a refeição.

*

Quando Simon contou da mulher que havia ligado para ele na véspera — e que tinha conhecido em uma viagem para prática de esportes de inverno —, Andrew lembrou que esse almoço não seria nada interessante. Pela enésima vez, Simon estava apaixonado por uma criatura cujo corpo compensava a falta de senso de humor. Andrew, que queria voltar o mais rápido possível para sua matéria, interrompeu a fala do amigo, dizendo sem meias palavras que ele ia ficar chupando o dedo.

— Você me disse que essa moça mora em Seattle e que vem passar quatro dias em Nova York, não é?

— Sim, e ela decidiu ligar para mim, para que eu mostre a cidade a ela — emendou imediatamente Simon, radiante.

— Semana que vem, estaremos sentados nesta mesma mesa, e você, com um péssimo humor, me dirá que foi enrolado. Essa moça procura um otário que nem você, que vai levá-la para sair por três dias, pagar as contas e oferecer uma cama para ela dormir. De noite, quando voltarem para sua casa, ela vai dar a desculpa de que está exausta e dormir imediatamente, virada de costas para você. Como agradecimento, você terá direito a um beijo na bochecha no dia em que ela for embora.

— Como assim dormir de costas para mim?

- Quer que eu desenhe?
- E como você sabe de tudo isso?
- Eu sei, ora.
- Você está com inveja, que ridículo.
- Suas férias de fim de ano foram há cinco meses, você teve alguma notícia desde então?
- Não, mas enfim... Seattle-Nova York, com a distância...
- Acredita em mim. Ela deu uma olhada no caderno de endereço e parou na letra C, de capacho, caro Simon.

Andrew pagou a conta. A conversa o fez pensar nas suas férias de fim de ano e em um incidente que aconteceu no primeiro dia do ano, quando foi atropelado por um carro que saía da delegacia de Charles Street. Realizar investigações jornalísticas era sua área de competência, mas uma investigação criminal exigia habilidades específicas. Os serviços de um policial, mesmo que aposentado, poderiam ser muito úteis. Procurou no seu caderno o número de telefone que um certo inspetor Pilguez tinha dado para ele.

** Escola Superior de Mecânica da Armada, que abrigou durante a última ditadura um dos maiores centros clandestinos de detenção.

10.

Após o encontro com Simon, Andrew ligou para o inspetor Pilguez. Ouviu a mensagem da caixa postal, hesitou em deixar um recado e desligou.

Chegando ao jornal, começou a tremer e sentiu uma dor intensa nos rins, tão forte que foi obrigado a se apoiar no corrimão da escada. Andrew nunca tinha tido dor nas costas, e essa anomalia não deixou de lhe lembrar o acontecimento sinistro que se aproximava. Se a iminência da morte continuasse a se manifestar dessa forma, pensou, logo ia precisar conseguir receitas médicas para fazer um estoque de analgésicos.

Sua redatora-chefe, que voltava do almoço, encontrou-o no sopé das escadas, entrevado pela dor, tentando recuperar o fôlego.

— Você está bem, Andrew?

— Já me senti melhor, para falar a verdade.

— Você está assustadoramente pálido, quer que eu chame uma ambulância?

— Não, é só uma lombalgia horrível. Já vai passar.

— Você devia tirar a tarde livre e descansar.

Andrew agradeceu a Olivia. Ele iria jogar uma água no rosto e logo se sentiria bem.

Enquanto se olhava no espelho do banheiro, Andrew teve a impressão de sentir a morte perambular em suas costas e murmurou para si mesmo:

— Você foi agraciado com uma partida de graça, meu caro, é melhor que consiga pensar em todas as possibilidades caso queira que ela dure. Duvido que todos sejam beneficiados com esse tipo de coisa! Você escreveu necrologias o suficiente para ter alguma ideia do que acontece quando o cronômetro para. Você não pode

deixar escapar mais nada, o tempo está passando, e passará cada vez mais rápido!

— Falando sozinho de novo, Stilman? — perguntou Olson, saindo de uma cabine.

Fechou o zíper da calça e aproximou-se de Andrew, que estava perto da pia.

— Não estou para piadas hoje — respondeu, jogando água no rosto.

— Estou vendo. Eu tenho achado você muito esquisito nesses últimos tempos, não sei o que anda tramando, mas seja o que for, duvido que seja lá muito católico.

— Olson, que tal cuidar da sua vida e me deixar em paz?

— Eu não te entreguei — anunciou Olson orgulhoso, como que se gabando de um ato heroico.

— Que bom, Freddy, você está virando um homem.

Olson se dirigiu ao secador de mãos e puxou com toda a força o rolo de tecido.

— Essas coisas não funcionam nunca — disse, batendo na tampa do aparelho.

— Você devia escrever uma matéria sobre isso. Tenho certeza de que ia agradar muita gente, seu melhor texto da temporada, “A maldição das toalhas” por Freddy Olson.

Olson lançou um olhar frio para Andrew.

— Nossa, eu estava brincando, não precisa levar tudo a sério.

— Eu não gosto de você, Stilman, e não sou o único neste jornal que não suporta a sua arrogância, mas, pelo menos, não finjo. Não é pouca gente que preferiria te ver pelas costas. Você vai acabar caindo do pedestal.

Agora, era Andrew que mirava o colega.

— E quem mais faz parte do feliz clube dos anti-Stilman?

— É mais fácil você procurar os que gostam de você. Vai ver que a lista não é longa.

Olson olhou Andrew com desdém e saiu do banheiro.

Lutando contra a dor, Andrew seguiu-o e alcançou-o em frente aos elevadores.

— Olson! Eu não devia ter batido em você. Ando um pouco tenso, peço desculpas.

— Sêrio?

— Somos colegas de trabalho, devíamos tentar manter a paz por aqui.

Freddy olhou para Andrew.

— Ok, Stilman, aceito suas desculpas.

Olson estendeu a mão, e Andrew fez um esforço sobre-humano para apertá-la. Olson estava com as mãos espantosamente úmidas.

Durante toda a tarde, Andrew teve uma fadiga que o impediu de escrever. Aproveitou para reler as primeiras linhas da sua matéria sobre os acontecimentos que tinham ocorrido na Argentina durante a ditadura.

Andrew Stilman, New York Times

Buenos Aires, 24 de março de 1976

Mais um golpe de Estado executado por um tirano no poder. Após proibir partidos políticos e sindicatos e instituir a censura à imprensa em todo o país, o general Jorge Rafael Videla e os membros da junta militar organizaram uma campanha de repressão de dimensão jamais vista na Argentina.

O objetivo declarado é impedir qualquer forma de insurreição, banir todas as pessoas suspeitas de serem dissidentes. Ocorre portanto uma verdadeira caça às bruxas no país. Os que se opõem ao regime, seus amigos, ou pessoas que simplesmente exprimem pensamentos contrários aos valores conservadores da civilização cristã serão considerados terroristas, independentemente de idade ou gênero.

A junta no poder abre centros de detenção clandestinos, cria seções especiais compostas de unidades de polícia e de membros pertencentes aos três corpos do Exército. Os esquadrões da morte avançam.

Comandados por responsáveis regionais, têm como missão sequestrar, torturar e assassinar todos os suspeitos de simpatizar com a oposição. Por dez anos, a junta no poder escravizará e

desaparecerá com mais de 30 mil pessoas, homens e mulheres de todas as idades, sobretudo jovens. Várias centenas de crianças serão roubadas de suas mães desde o nascimento para serem dadas a simpatizantes do regime. A identidade dessas crianças será metodicamente apagada e uma nova identidade será minuciosamente fabricada. A doutrina do poder vigente reivindica uma moral cristã inabalável: separar almas inocentes de seus pais com ideais pervertidos para salvá-las, fazendo-as serem criadas por famílias dignas para tal.

Os “desaparecidos”, como são chamados, são enterrados em fossas comuns e, em muitos casos, anestesiados nos centros de detenção antes de serem transportados a bordo de aviões clandestinos, de onde serão lançados vivos no Rio Grande e no mar.

Não restará nenhuma prova desse massacre que possa incriminar os dirigentes no poder...

Andrew percorreu pela milésima vez a lista que reunia os nomes dos patrocinadores desses atos bárbaros. Região por região, zona urbana por zona urbana, centro de detenção por centro de detenção. As horas do dia foram dedicadas à leitura dos nomes dos carrascos, já que insistia em examinar a transcrição dos testemunhos, confissões preservadas nas minutas de processos que resultariam inócuos. Quando a democracia foi restabelecida, os algozes desfrutaram de uma impunidade quase que absoluta após a votação de uma lei de anistia.

Enquanto realizava esse trabalho de formiga, Andrew continuava incansavelmente a procurar pistas sobre um certo Ortiz, cujo percurso era, segundo informações repassadas por sua redatora-chefe, emblemático. Um desses simples soldados que se tornam cúmplices tácitos das piores atrocidades.

Por que ele em particular? Seu destino era mais misterioso, dissera Olivia Stern. Fosse na Argentina ou em qualquer outro lugar, a questão era a mesma: que fervor havia inspirado o poder dominante para transformar homens normais em torturadores, como um pai de família podia voltar para casa, beijar a mulher e os filhos,

após ter, ao longo do dia, torturado e assassinado outras mulheres, outras crianças?

Andrew sabia que faltara pouco para que conseguisse encurralar Ortiz. Teria sido um dos seus antigos cúmplices, um dos seus companheiros do Exército que o havia seguido até uma das pistas do River Park?

Alguma coisa fazia sentido nessa teoria. Andrew havia sido assassinado dois dias antes da publicação da sua matéria, não poderia portanto tratar-se de uma vingança. Contudo, precisava ser muito mais cauteloso do que tinha sido na vida anterior.

Quanto mais sonhava, mais ficava evidente para Andrew que precisaria de ajuda. Lembrou-se do inspetor Pilguez.

O policial aposentado presumiu que aquela ligação não era um bom sinal e que Andrew acabara por decidir processá-lo pelo acidente que tinha sofrido.

— Ando com umas dores nas costas, mas isso não tem nada a ver com você — assegurou Andrew. — Minha ligação não tem nenhuma relação com a sua forma enérgica de sair do estacionamento.

— Ah — sussurrou Pilguez —, então a que devo o prazer?

— Preciso encontrar com você. É urgente.

— Eu te convidaria com prazer para tomar um café, mas eu moro em São Francisco, é um pouco longe de onde você mora.

— Compreendo — suspirou Andrew.

— De que tipo de urgência você está falando? — retomou Pilguez, após um curto instante de hesitação.

— Vida ou morte.

— Caso se trate de algo criminal, estou aposentado. Mas eu posso indicar um dos meus colegas nova-iorquinos. O inspetor Lucas, da 6ª DP, é completamente confiável.

— Eu sei que está aposentado, mas é com você que quero conversar, questão de instinto.

— Entendo...

— Duvido muito. A situação em que me encontro é no mínimo absurda.

— Estou ouvindo. Tenho alguma experiência com situações absurdas, acredite em mim — insistiu o inspetor.

— Seria complicado demais por telefone. Você não acreditaria... Desculpe a ligação inoportuna. Boa noite para você.

— Em São Francisco, ainda estamos no meio da tarde.

— Então boa tarde, inspetor.

Andrew desligou. Descansou o rosto entre as mãos e tentou acalmar o ânimo.

Tinha um encontro em uma hora com Valérie e era melhor que melhorasse o humor se não quisesse estragar esta noite tão importante. Ele tinha gastado toda sua cota de egoísmo na vida anterior.

*

Pediu-a em casamento como se fosse a primeira vez. Ela admirou o anel que Andrew pôs em seu dedo e assegurou-o, comovida, de que não teria escolhido outro.

Quando o jantar terminou, Andrew telefonou para Simon e passou imediatamente o aparelho para Valérie para que ela contasse a novidade: depois era a vez de ligar para Colette.

Chegando embaixo do pequeno prédio no East Village, Andrew sentiu seu telefone vibrar no bolso. Atendeu, intrigado.

— Pensei sobre nossa conversa. Minha mulher ficaria muito contente se eu a deixasse em paz por alguns dias. Parece que eu tenho andado meio sem saber o que fazer desde que me aposentei... e que um pouco de distração não me faria mal. Tudo isso para dizer que eu vou pegar o avião amanhã de manhã. Vou aproveitar estes dias de liberdade para visitar velhos amigos novaiorquinos. Vamos nos encontrar para jantar por volta das nove, no mesmo lugar da última vez. Seja pontual, você despertou minha curiosidade, senhor Stilman.

— Até amanhã, inspetor, às nove horas, no Frankie's — respondeu Andrew, aliviado.

— Quem era? — perguntou Valérie.

— Ninguém.

— E amanhã à noite, você vai jantar com ninguém?

*

A sala estava banhada por uma luz suave. O inspetor Pilguez esperava sentado a uma mesa no fundo do restaurante. Andrew olhou para o relógio, ao sentar-se.

— Eu que cheguei cedo — disse o inspetor, apertando-lhe a mão.

O garçom entregou os cardápios e o inspetor franziu as sobrancelhas.

— Essa mania de pouca luz nos restaurantes é irritante. Não consigo ler uma só linha neste cardápio — disse, retirando os óculos do bolso.

Andrew consultou rapidamente o cardápio e pousou-o na mesa.

— Será que ainda servem uma boa carne aqui? — comentou Pilguez, desistindo de ler o cardápio.

— Peça carne — disse Andrew. — Foi boa a viagem?

— Que pergunta! Como quer que minha viagem tenha sido boa nos aviões de hoje em dia? Mas vamos ao que nos trouxe aqui. O que posso fazer por você?

— Me ajudar a prender a pessoa que me....

Andrew hesitou por um instante antes de continuar.

— ... que tentou me matar — respondeu, sem saber por onde mais começar.

Pilguez apoiou sua garrafa de cerveja.

— Você deu queixa na delegacia?

— Não.

— Se alguém realmente tentou matar você, a primeira coisa que deveria fazer era isso, não?

— É um pouco mais complicado do que isso... podemos dizer que isso ainda não aconteceu.

— Não estou entendendo. Tentaram assassinar você ou vão tentar assassinar?

— Se eu responder essa pergunta, sinceramente, tenho medo de que pense que sou louco.

— Tente, ainda assim.

— As duas coisas, inspetor.

— Entendo, você sofreu uma tentativa de assassinato e teme que o autor do crime faça outra tentativa em breve, é isso?

— De certa forma.

Pilguez fez sinal para o garçom vir anotar os pedidos. Quando este partiu, fitou com atenção seu interlocutor.

— Acabo de passar seis horas espremido em uma lata de sardinhas a 30 mil pés de altitude porque você pediu minha ajuda. Você me trata com civilidade, e eu me sinto em dívida com você por causa do atropelamento.

— Você só me deu um encontrão, e eu não sofri nem um arranhão.

— Justamente, nesta cidade de desvairados, onde te processam por nada, era bem possível que você tentasse conseguir uma boa indenização da minha empresa de seguros. Você não fez isso, deduzo que é um homem honesto. Senti que estava inquieto, inquieto de verdade. Em quarenta anos de carreira, minha intuição me enganou pouquíssimas vezes; e, acredite, testemunhei acontecimentos que você nunca poderia imaginar. Se eu contasse alguns, acharia que eu sou muito mais lunático que você. Então, ou você me explica exatamente do que se trata, ou eu termino esse bife e vou dormir. Entendeu bem?

— Não poderia ter sido mais claro — respondeu Andrew, abaixando os olhos.

— Estou ouvindo. Detesto comer comida fria — continuou o inspetor, atacando a refeição.

— Fui assassinado no dia 9 de julho.

O inspetor começou a contar nos dedos.

— Há dez meses. Depois você me explica quais foram as circunstâncias, mas, antes de qualquer coisa, o que faz você pensar que vão tentar te matar de novo?

— Você não me entendeu. Mataram-me neste verão.

— Estamos ainda no dia 11 de maio e você me parece bem vivo...

— Eu avisei.

— Você tem sérios problemas de comunicação para um jornalista. Se eu entendo bem o que quer dizer, você está convencido de que vão tentar te matar no dia 9 de julho. Por que essa data?

— É ainda mais complexo do que isso...

E Andrew contou detalhadamente o que ocorrera com ele na pista do River Park na manhã do dia 9 de julho e a experiência inverossímil que vivia desde então.

Quando terminou de falar, o inspetor bebeu de uma só vez sua cerveja e pediu outra.

— Eu devo ter um ímã para atrair casos bizarros ou algum tipo de maldição.

— Por que diz isso?

— Você não entenderia...

— Na situação em que estou hoje, duvido.

— Eu conto em outra oportunidade. Bem, resumindo, você alega que foi assassinado e que, depois de morto, fez um salto de dois meses para o passado. Você fez um escâner para verificar se tudo estava funcionando bem com as suas meninges? — perguntou o inspetor em um tom de brincadeira.

— Não.

— Devíamos talvez começar por aí. Talvez você tenha um pequeno coágulo no cérebro que faz você achar que focinho de porco é tomada. Eu tenho uma grande amiga que é cirurgiã, em São Francisco, uma mulher incrível que também passou por coisas nada comuns. Posso ligar para ela e, com certeza, ela vai ter algum colega nova-iorquino para te indicar.

— E se eu dissesse que posso prever o que vai acontecer de hoje até julho?

— Além disso, você seria vidente!

— Não, eu tenho apenas uma memória excelente, lembro do que vivi nos meus últimos dois meses de vida.

— Excelente, isso exclui um Alzheimer precoce. Sério, Stilman, você acredita mesmo no que está falando?

Andrew ficou em silêncio. Pilguez bateu amigavelmente em sua mão.

— Claro que você acredita! E tinha que acabar sobrando para mim. O que eu fiz para merecer isso, meu Deus?

— Não tem problema — retomou Andrew —, eu sabia que era pouco provável que eu te convencesse. Eu mesmo, no seu lugar...

— Você gosta de esportes? — perguntou Pilguez, lançando um olhar em direção à televisão presa sobre o balcão do bar.

— Sim, como todo mundo.

— Não se vire, os Yankees estão jogando contra os Mariners de Seattle; o jogo está quase terminando, você saberia me dizer o placar final?

— Não me lembro exatamente, o que posso dizer é que, contra todas as expectativas, os Mariners começaram uma temporada excepcional, os Yankees devem estar comendo grama.

— Ah — suspirou Pilguez —, qualquer torcedor dos Mariners diria a mesma coisa.

— Torcedor do Mariners nova-iorquino... Você só pode estar brincando! Os Yankees vão virar nos últimos minutos de jogo e vão ganhar por pouco.

— Isso não está parecendo muito provável — suspirou Pilguez.

— Amanhã de manhã, compra o *New York Times*. Na primeira página, você vai ler que a Marinha americana atirou em um barco da Marinha iraniana, e o estreito de Ormuz vai ficar bloqueado.

— Ora, Stilman, você é jornalista do *New York Times*, não vai tentar me fazer acreditar que adivinhou a primeira página do jornal onde trabalha, ou vai?

— O incidente vai ser comunicado pelo Pentágono por volta das 11 e meia da noite; o fechamento do jornal só é feito à meia-noite, e ainda falta muito para isso. Já que você não está acreditando em mim: amanhã, no final da manhã, um tornado vai atingir o vilarejo de Gardner, na costa da Flórida. O centro da cidade vai ser, pode-se dizer, apagado do mapa.

— E você se lembra disso porque é viciado em meteorologia?

— Eu me lembro porque os meus futuros sogros moram na Arcadia, uma cidadezinha a uns 50 quilômetros de lá. Lembro perfeitamente que minha futura mulher estava morta de preocupação e, como isso aconteceu dois dias depois do meu

pedido de casamento, a data ficou de fato marcada na minha memória.

— Meus parabéns a vocês dois. Alguma outra coisa, mãe Diná?

— Um dos seus colegas da polícia montada vai ser atropelado por uma ambulância hoje à tarde. Vai quebrar a clavícula. Infelizmente, o cavalo vai ter que ser sacrificado. Minha mulher é veterinária. Ela cuida dos cavalos da polícia montada de Nova York. Entre o tornado e a perda do cavalo, Valérie voltou para casa tão estressada que fiquei preocupado. Eu já fiz você perder tempo demais esta noite e não estou com vontade de continuar com esse joguinho que não me diverte nem um pouco. Você é meu convidado, diz também quanto eu te devo pela passagem de avião.

— Eu deixo o jantar por sua conta. Quanto aos custos da minha viagem, já sou grandinho. Obrigado, de qualquer forma.

Andrew pagou a conta e se levantou.

— Uma coisa que passou pela minha cabeça, Stilman, no caso de você realmente ser capaz de prever o que vai acontecer durante os próximos dois meses, por que não tentar impedir o que pode vir a acontecer?

— Porque eu não posso mudar o curso dos acontecimentos. Nas poucas vezes que tentei fazer isso, nos últimos dias, só consegui atrasar em algumas horas esses eventos.

— Então, nesse caso, por que você pensa que pode impedir seu assassinato?

— A esperança, ou a desesperança, dependendo do meu estado de espírito no momento.

Andrew se despediu do inspetor e saiu do restaurante.

Pilguez ficou sentado sozinho, pensativo. Assistiu ao final do jogo e, nos últimos minutos, os Yankees bateram um *home run* e venceram a partida.

11.

Andrew não esperou até chegar ao escritório para ler a edição do *New York Times*. Comprou o jornal em uma banca na esquina da sua rua e viu, na primeira página, a matéria redigida por Freddy Olson, em caráter de urgência, após o anúncio feito pelo Pentágono meia hora antes do fechamento. Um cruzador da Marinha americana tinha dado um tiro de advertência na direção de uma fragata iraniana que estava próxima demais da sexta frota, na foz do estreito de Ormuz. O tiro não causara nenhum dano ao navio, que acabou recuando, mas a tensão entre os dois países crescia a cada dia.

Andrew esperou até que o inspetor lesse a matéria. No início da tarde, após ter assistido à faixa de informações que corria nas telas da televisão da sala de redação, telefonou para Valérie para informá-la, antes que descobrisse de outro modo, que um tornado classe F5 havia destruído uma pequena cidade não muito longe de onde viviam os pais dela. Ela não tinha nenhum motivo para se preocupar com eles por causa disso. Andrew mentira por uma boa causa. Em seguida, foi imediatamente buscar mais informações sobre a situação em Arcadia, onde nada ocorrera.

E, prevendo aquilo que ainda não podia comunicá-la, ligou para um florista, encomendou um buquê de peônias e escreveu algumas palavras de amor em um pequeno cartão, que deslizaria entre as flores. Esta noite, iria para a casa dela.

Dedicou a tarde às pesquisas. Aquela pequena observação que o inspetor havia feito na noite anterior deixara-o pensativo. Por que não tentar modificar o curso dos acontecimentos?

Quando tentou evitar o desentendimento com Olson, havia apenas conseguido adiar em algumas horas a disputa, que acabara sendo mais impetuosa do que a original.

Quando foi comprar uma aliança, antes de fazer o pedido de casamento, ainda que tenha ido a outra joalheria, havia estranhamente escolhido o mesmo anel.

Deveria ele portanto se abster de aproveitar a experiência adquirida? Conseguiria talvez, em sua próxima viagem a Buenos Aires, surpreender aquele homem que não tinha conseguido entrevistar? Se conseguisse fazer o comandante Ortiz falar, sua redatora-chefe ofereceria a primeira página, desde a primeira leitura da matéria, e ele poderia viajar com Valérie no dia seguinte ao casamento.

E se fosse refeito? Andrew rabiscou na folha de rosto do caderno... Quem nunca sonhou com essa possibilidade? Corrigir os erros, ser bem-sucedido nas coisas em que havíamos fracassado. A vida estava oferecendo-lhe uma segunda chance.

Então você não vai mais ao Novecento?, sussurrou uma voz dentro de sua cabeça.

Andrew rechaçou esse pensamento de sua mente. Preparou-se para sair, com a intenção de voltar para casa antes de Valérie. Seu telefone tocou. A secretária transferiu a ligação; um inspetor da polícia queria falar com ele.

— Você tem talento — disse Pilguez, sem cumprimentá-lo antes.
— Acertou quase tudo.

— Quase?

— Meu colega não quebrou a clavícula, mas o fêmur, o que é ainda pior. Não vou mentir. Quando li o jornal esta manhã, suspeitei que fosse um baita trapaceiro. Depois que o tornado passou, as imagens na televisão foram assustadoras, mas eu ainda hesitei em mudar meu julgamento. Eu falei há menos de uma hora com aquele amigo que trabalha na 6ª DP. Ele pesquisou e confirmou que o acidente aconteceu ao meio-dia, com uma ambulância e um dos nossos colegas da polícia montada. Você não poderia ter adivinhado isso tudo.

— De fato, não.

— Precisamos nos encontrar novamente, senhor Stilman.

— Amanhã?

— Você deve levar menos tempo que isso para descer dois andares de elevador, estou no hall do prédio do seu jornal, esperando você.

*

Andrew levou Pilguez ao bar do Marriott. O inspetor pediu um uísque, Andrew, sem refletir, pediu um Fernet-Coca.

— Quem pode desejar sua morte? — perguntou Pilguez. — E o que tem de engraçado nessa pergunta para te fazer sorrir?

— Eu comecei a fazer uma lista, mas não imaginava que seria tão longa.

— Podemos ir por ordem alfabética, se isso ajudar — respondeu Pilguez, pegando um pequeno bloco.

— Primeiro, pensei em Freddy Olson, um colega de trabalho. A gente se odeia. Ainda que eu tenha feito as pazes com ele ontem por precaução.

— O rancor é persistente. Você sabe por que ele não gosta de você?

— Inveja profissional. Eu passei a perna nele algumas vezes nesses últimos meses.

— Se fôssemos apagar nossos colegas cada vez que eles nos passam para trás, aconteceria uma hecatombe em Wall Street. Mas enfim, nada é impossível. E além disso?

— Recebi três cartas com ameaças de morte.

— Você é um sujeito engraçado, Stilman, você me conta isso como se se tratassem de folhetos publicitários.

— É que isso acontece às vezes.

Andrew fez um resumo das conclusões das investigações que realizara na China.

— Você guardou essas cartas?

— Encaminhei todas para o setor de segurança.

— Pegue-as de volta, quero ler amanhã.

— Elas são anônimas.

— Nada é totalmente anônimo hoje em dia. Podemos encontrar impressões digitais.

— As minhas, certamente. E as dos agentes de segurança.

— A polícia científica sabe separar o joio do trigo. Você guardou os envelopes?

— Acho que sim, por quê?

— O carimbo dos correios pode nos ajudar. As pessoas costumam escrever esse tipo de carta sob o efeito da raiva e isso as deixa imprudentes. O autor pode ter se contentado em postar as ameaças de um lugar não muito longe de onde mora. Vai levar um tempo, mas vamos precisar pesquisar os pais que adotaram crianças desse orfanato e checar seus endereços.

— Eu não tinha pensado nisso.

— Você não é policial, até onde eu sei. Um colega de trabalho, três cartas com ameaças, você disse que a lista era longa, mais o quê?

— Atualmente, estou fazendo uma investigação bastante delicada sobre as ações de alguns militares durante a ditadura argentina.

— Você está investigando alguém em particular?

— A matéria gira em torno de um antigo comandante da Aeronáutica, suspeito de ter participado dos voos de morte. Os tribunais o inocentaram. Estou usando a trajetória dele como fio condutor da minha matéria.

— Você chegou a encontrar esse camarada?

— Sim, mas não consegui conversar com ele, espero fazê-lo confessar os crimes na minha próxima viagem para lá.

— Se eu confiar nas suas afirmações absurdas, você já fez essa viagem no passado, é isso mesmo?

— Sim, é isso.

— Eu pensei que você não pudesse mudar o curso dos acontecimentos.

— Eu achava isso ontem à noite, mas o fato de você estar aqui e de termos essa discussão, que nunca aconteceu antes, parece que prova o contrário.

Pilguez girou os gelos no seu copo.

— Sejam claros, Stilman. Você se provou capaz de conseguir prever os acontecimentos de certo modo, mas daí a acreditar

totalmente na sua história, é demais. Vamos adotar uma versão que nos causará menos problemas.

— Qual?

— Você afirma que vai ser assassinado e, como claramente tem um instinto respeitável para prever o futuro, aceito te ajudar. Um tipo de ajuda a alguém sob ameaça.

— Como for mais conveniente para você... Voltando ao assunto, eu não acho que esse argentino antigo comandante da Aeronáutica poderia ter me seguido até aqui.

— Ele poderia ter colocado uns capangas atrás de você. Por que o escolheu como fio condutor da sua matéria?

— Ele é o cerne de um dossiê que minha redatora-chefe me passou. “A história dos povos não toca os leitores se não fizer referência a pessoas de carne e osso com as quais eles possam se identificar. Sem isso, as narrativas são apenas sequências de acontecimentos e datas”, ela disse. Ela tinha motivos para acreditar que o percurso desse homem seria uma boa forma de mostrar como pessoas comuns podem, sob a influência dos governantes e do fervor populista, tornar-se verdadeiros canalhas. Parece um sujeito bem interessante, não acha?

— Sua redatora-chefe está acima de qualquer suspeita?

— Olivia? Totalmente. Ela não tem nenhum motivo para querer se livrar de mim, nos damos muito bem.

— Muito bem quanto?

— O que você está insinuando?

— Você vai se casar em breve, não? A inveja não se restringe a colegas de trabalho masculinos até onde eu sei.

— Você está procurando cabelo em ovo. Não há a menor ambiguidade entre nós.

— Mas será que ela não poderia estar vendo as coisas de outro modo?

Andrew refletiu sobre a pergunta do inspetor.

— Não, sinceramente, eu acho que não.

— Já que você diz, então deixemos de lado essa Olivia...

— Stern, Olivia Stern.

— Com ou sem “e” no final?

— Sem.

— Obrigado — respondeu o inspetor, anotando o nome em seu bloco. — E sua futura mulher?

— O que que tem minha futura mulher?

— Senhor jornalista, ao fim de uma longa carreira eu posso assegurar que uma vez descartados os atos cometidos por desequilibrados, restam apenas dois tipos de assassinato, os inescrupulosos e os passionais. Eu tenho três perguntas: você tem dívidas ou testemunhou algum crime?

— Não, qual a sua terceira pergunta?

— Você traiu sua mulher?

*

O inspetor pediu um segundo uísque, e Andrew contou a ele um acontecimento que poderia de algum modo estar relacionado ao seu assassinato...

Preso no trabalho, Andrew não tinha há muitos meses uma oportunidade para dirigir seu velho Datsun. Ela deveria estar a ponto de se acabar sob uma crosta de poeira no terceiro nível subterrâneo do estacionamento onde estava, a dois passos do Marriott. A bateria provavelmente estaria arriada e Andrew duvidava de que os pneus estivessem em estado aceitável.

Ele havia marcado com um reboque na hora do almoço para levar o carro até a oficina de Simon.

Como sempre acontecia a cada vez que levava o carro para lá, Andrew sabia que Simon não deixaria de passar um sermão por tê-lo negligenciado tanto. Lembraria a ele do tempo e da energia gastos por seus mecânicos para restaurar aquele carro, que ele havia tido tanta dificuldade para encontrar só para agradá-lo, concluindo que esse tipo de objeto de coleção não deveria pertencer a um desleixado. Ficaria com o carro pelo dobro de tempo necessário para deixá-lo em ordem, como um professor de escola confisca um brinquedo para punir o aluno, mas devolveria sua Datsun tão reluzente quanto no primeiro dia.

Andrew saiu do jornal e atravessou a avenida. Na entrada do estacionamento, cumprimentou o segurança que, imerso na leitura de um jornal, não deu a mínima. Enquanto descia a rampa, Andrew notou um barulho atrás dele que parecia cadenciado pelo ritmo dos seus passos, provavelmente um eco.

Uma única lâmpada neon iluminava ligeiramente o último subsolo. Andrew avançou na via central, em direção à vaga 37, a menor de todas, espremida entre duas pilastras. Abrir a porta e se esgueirar para dentro do carro exigia habilidades dignas de um ginasta, mas ele tinha conseguido por um excelente preço essa vaga, onde poucos motoristas seriam capazes de estacionar.

Passou a mão sobre o capô e constatou que sua Datsun estava ainda mais suja do que imaginava. Pressionou com o pé o pneu dianteiro e certificou-se de que o carro poderia ser rebocado sem perigo. O reboque deveria chegar em breve. Andrew procurou as chaves no bolso. Contornou a pilastra e, quando se inclinou para destrancar a porta, sentiu uma presença atrás de si. Ele não teve tempo de se virar, foi atingido no quadril por um taco de baseball, e seu corpo dobrou ao meio devido a dor. Teve o reflexo de virar-se para ficar de frente para o agressor. Um segundo golpe, na altura do estômago, deixou-o sem ar e fez com que caísse.

Encolhido no chão, Andrew tinha dificuldade de distinguir a silhueta daquele que agora o obrigava a deitar-se com as costas no chão, pressionando o taco de baseball sobre seu tórax.

Se fosse o carro que queria, que levasse. Andrew não ligaria. Sacudiu as chaves e recebeu um chute na mão que lançou o chaveiro longe.

— Pega o meu dinheiro e me deixa em paz — implorou Andrew, tirando a carteira do bolso do paletó.

Em um golpe assustadoramente preciso, o taco lançou a carteira para perto da pilastra do outro lado.

— Desgraçado — gritou o agressor.

Andrew concluiu que o homem que o atacava era um desequilibrado, ou que errava o alvo e pensava que ele era outra pessoa. Nesse caso, melhor seria esclarecer o erro o mais rápido possível.

Conseguiu escorar-se sobre a porta do carro.

O taco de baseball pulverizou o vidro, um outro golpe passou raspando pela cabeça de Andrew e arrancou o retrovisor.

— Para — gritou Andrew —, o que você está fazendo, caramba?!

— Você pergunta isso agora? E o que eu fiz contra você?

Então trata-se mesmo de um louco, concluiu Andrew petrificado.

— Chegou a hora de você receber o troco — disse o homem, levantando o taco.

— Pelo amor de Deus — gemeu Andrew —, não estou entendendo nada do que você está falando, não sei quem você é, você está prestes a cometer um grande erro.

— Eu sei perfeitamente com quem tenho que acertar minhas contas. Um merdinha que só pensa nele mesmo, um desgraçado que não tem nenhuma consideração pelo próximo, um safado — gritou o homem em um tom ainda mais assustador.

Andrew deslizou discretamente a mão pelo bolso do paletó e encontrou seu telefone celular. Com a ponta dos dedos, tentou encontrar as teclas que precisaria pressionar para ligar para a polícia, mas depois percebeu que, no terceiro andar subterrâneo, não havia a menor chance de conseguir sinal.

— Vou quebrar seus pulsos e seus ombros, vou impedir que continue destruindo a vida das pessoas.

Andrew sentiu seu coração disparar, aquele louco ia acabar matando ele. Precisava tentar alguma coisa, mas a adrenalina que se espalhava pelo seu corpo fazia com que seu coração batesse em um ritmo infernal. Seu corpo inteiro tremia e certamente não conseguiria se manter de pé, caso tentasse.

— Cadê aquela coragem toda agora, hein?

— Ponha-se no meu lugar — respondeu Andrew.

— É engraçado que ouse dizer isso! Justamente, eu queria muito que você tivesse se colocado no meu lugar. Se tivesse feito isso, não estaríamos aqui — suspirou o homem, apoiando o taco de baseball na testa de Andrew.

Andrew viu o taco se levantar acima de sua cabeça e bater no teto do Datsun, que amassou com a força do impacto.

— Ganhou quanto com isso? Dois mil, 5 mil, 10 mil dólares?

— Do que você está falando?

— Se faz de desentendido! Vai me dizer que não foi por causa do dinheiro, que você trabalha pela glória? Afinal, você faz o trabalho mais nobre do mundo, não é? — completou o homem, com um tom de nojo.

Surgiu o som de um motor, a embreagem, e dois feixes de luz apareceram na escuridão.

O agressor hesitou por um instante e, em um impulso de desespero, Andrew achou forças para agarrar seu pescoço. O homem se soltou sem dificuldade, deu-lhe um gancho no maxilar e fugiu correndo em direção à rampa, desviando do guincho que iluminava Andrew com os faróis.

O motorista desceu do carro e se aproximou.

— O que está acontecendo?

— Acabei de ser espancado — respondeu Andrew, esfregando a mão no rosto.

— Cheguei na hora certa, caramba!

— Dez minutos antes teria sido ainda melhor, mas agradeço, acho que acaba de evitar uma tragédia.

— Queria poder dizer a mesma coisa sobre seu carro, ele fez um estrago bonito aqui. Enfim, antes dele do que você.

— Sim, ainda que eu conheça uma pessoa que não vai pensar assim — suspirou Andrew analisando sua Datsun.

— Isso é verdade, eu não vim aqui à toa. Você tem as chaves? — perguntou o mecânico.

— Estão em algum lugar no chão — respondeu Andrew, começando a tatear o solo.

— Tem certeza de que não quer que eu leve você para o hospital? — perguntou o mecânico.

— Eu agradeço, nenhum ferimento grave, só ao meu amor-próprio.

Graças às luzes do farol do reboque, Andrew recuperou seu molho de chaves, perto de uma pilastra, e sua carteira, não muito longe de um Cadillac Coupé de Ville. Deu as chaves para o mecânico e disse que não o acompanharia até a garagem. Rabiscou

o endereço da garagem de Simon no recibo de entrega do veículo e entregou a ele.

— O que digo quando entregar o carro?

— Que estou bem e que telefonarei esta noite.

— Entra, eu levo você para fora do estacionamento. Sabe lá, esse louco pode estar te esperando aqui por perto, você devia ir dar parte na polícia.

— Eu seria incapaz de descrever o agressor. A única coisa que eu poderia dizer é que ele tinha uns 20 centímetros a menos do que eu, e não estou com nenhuma vontade de me gabar.

Andrew saltou na 40th Street e voltou para o escritório. A dor no quadril diminuía aos poucos, mas ele tinha a impressão de que uma placa de cimento comprimia seu maxilar. Não tinha a menor ideia de quem era o agressor, mas duvidava que tivesse sido uma vítima fortuita do mesmo, e esse pensamento o preocupou bastante.

*

— Quando aconteceu essa agressão? — perguntou Pilguez.

— Durante as festas de fim de ano, entre o Natal e o ano-novo, eu estava sozinho em Nova York.

— Ele parecia ter bastante habilidade com o taco, né? Um pai de família sempre joga aos domingos com seus filhos. Eu não me surpreenderia se o autor de uma das cartas anônimas que recebeu não tenha se restringido a palavras para demonstrar o descontentamento. E você é incapaz de me dar qualquer descrição?

— Estava muito escuro no estacionamento — disse Andrew, abaixando os olhos.

Pilguez pôs a mão no ombro dele.

— Já disse quantos anos passei na polícia antes de me aposentar? Trinta e cinco e uns quebrados, uma experiência e tanto, não é mesmo?

— Imagino que sim.

— Quantos suspeitos acha que já interroguei em 35 anos de carreira?

— É importante que eu saiba?

— Para falar a verdade, eu mesmo seria incapaz de quantificar, mas o que eu posso te dizer, porém, é que, mesmo aposentado, eu ainda sei quando escondem alguma coisa de mim. Sempre dão alguma bandeira quando tentam me enganar.

— Que tipo de bandeira?

— A linguagem corporal não mente. As sobrancelhas ficam franzidas, as bochechas mudam de cor, como as suas estão agora, veja só, ou os lábios se contorcem, o olhar fica fugidio. Os seus sapatos estão bem encerados?

Andrew levantou a cabeça.

— Não foi a minha carteira que eu peguei no estacionamento, foi a do agressor. Ele deve ter deixado cair enquanto fugia.

— E por que você me escondeu isso?

— Tenho vergonha de ter apanhado de um sujeito 20 centímetros mais baixo do que eu. E depois, vendo os documentos, descobri que era um professor.

— E isso muda o quê?

— Não é o perfil de um valentão. Aquele homem não me agrediu por acaso, ele deve ter se sentido atingido por uma das minhas matérias.

— Você guardou os documentos de identidade?

— Estão na gaveta do meu escritório.

— Bem, então dá um pulo lá, é só atravessar a rua.

12.

Pilguez foi buscar Andrew às seis e meia. Se quisessem confrontar o tal Frank Capetta, professor de teologia na New York University, melhor seria esperá-lo embaixo do prédio onde ele morava, antes que partisse para o trabalho.

O táxi os havia deixado no cruzamento da 101st Street com a Amsterdam Avenue. Os prédios residenciais de lá, com os valores de aluguéis controlados, pertenciam ao município. Do alto dos seus vinte andares, o número 826 dominava uma quadra de basquete e um pequeno parque rodeado por uma cerca, onde brincavam algumas crianças.

Pilguez e Andrew sentaram-se em um banco, voltado para o hall de entrada do edifício.

Ele vestia um terno de gabardina, comprimia sua pasta sob o braço e caminhava com as costas curvadas, como se o peso do mundo pesasse sobre seus ombros. Andrew reconheceu Capetta imediatamente, uma vez que havia repetidas vezes olhado a foto em sua carteira de motorista, perguntando-se o que poderia ter feito a esse homem para levá-lo a perder o juízo.

Pilguez olhou para Andrew, que confirmou, fazendo que sim com a cabeça, que se tratava do homem que procuravam.

Eles se levantaram, aceleraram o passo e o alcançaram antes que ele chegasse ao ponto de ônibus. O professor empalideceu quando Andrew se postou em sua frente.

— Você tem alguma coisa contra acompanhar-nos em um cafezinho, antes de ir trabalhar? — perguntou Pilguez, em um tom que não deixava espaço para respostas negativas.

— Eu vou me atrasar para a minha aula — respondeu secamente Capetta — e não tenho nenhuma vontade de tomar um café com

este indivíduo — acrescentou. — Me deixa passar senão eu grito por socorro, a delegacia fica a menos de 100 metros daqui.

— E você vai dizer o quê para os policiais? — arriscou Pilguez. — Que há alguns meses você agrediu este senhor com um taco de baseball e destruiu o carro de coleção dele para se distrair durante as férias de Natal?

— E ainda por cima covarde — bufou Capetta, olhando para Andrew com desprezo. — Você veio com o seu capanga para se vingar?

— Obrigado pelo elogio — replicou Pilguez. — Pelo menos você não nega o que aconteceu. Eu não sou o guarda-costas dele, só um amigo. Levando em conta a forma como você se comportou no último encontro que tiveram, você não deveria levar a mal o fato de ele querer estar acompanhado.

— Eu não estou aqui para te dar o troco, senhor Capetta — interrompeu Andrew.

— Como você me encontrou?

Andrew entregou a carteira para o professor.

— Por que esperou tanto tempo para me procurar? — perguntou, pegando seus documentos.

— Bom, vamos tomar aquele cafezinho — insistiu Pilguez, batendo nervosamente com o pé na calçada

Eles entraram no café Roma e ocuparam uma mesa no fundo do salão.

— O que você quer? — perguntou Capetta.

— Um café longo — respondeu Pilguez.

— Entender por que você me agrediu — completou Andrew.

Pilguez pegou sua caneta e seu bloco de notas no bolso e deslizou-os sobre a mesa, para a frente de Capetta.

— Enquanto eu me sirvo, ficaria grato se pudesse escrever o seguinte texto: “vitela assada, 2 quilos de batata, orégano, duas cebolas roxas, uma lata de creme de leite, um saquinho de mostarda em pó, dois pacotes de queijo gruyère ralado, aspargos frescos e... ah sim, um cheesecake.”

— Por que eu escreveria isso? — perguntou Capetta.

— Porque eu estou te pedindo educadamente — respondeu Pilguez se levantando.

— E se eu não quiser escrever?

— Eu também não estou com muita vontade de ir contar para o diretor de recursos humanos da New York University o que um dos seus professores faz durante as férias de fim de ano, se é que você me entende! Vai, pode começar! Já volto. Querem alguma coisa? Um chá?

Andrew e Capetta entreolharam-se alarmados. Capetta começou a tarefa e, enquanto copiava as palavras ditadas por Pilguez, Andrew fez a pergunta que estava entalada em sua garganta.

— Que mal eu te causei, afinal?

— Está se fingindo de ignorante ou é burro mesmo?

— Um pouco dos dois talvez.

— O seu cão de guarda disse pote de mostarda? Não me lembro direito.

— Acho que ele disse saquinho.

— Você destruiu toda a minha vida — suspirou Capetta, recomeçando sua transcrição —, isso basta ou quer detalhes?

Capetta levantou a cabeça e olhou para Andrew.

— Você quer detalhes, claro! Eu tinha dois filhos, senhor Stilman, um moleque de 7 anos e uma menina de 4 e meio. Sam e Léa. O nascimento de Sam causou complicações médicas para a minha mulher. Os médicos nos avisaram que não poderíamos ter outro filho. Sempre quisemos que Sam tivesse um irmão, ou uma irmã. Paolina, minha mulher, é uruguaia. A vida dela são as crianças. Ela também é professora, de história, e os alunos dela são muito mais novos dos que os meus. Quando aceitamos que não adiantava mais insistir em tentar, decidimos recorrer à adoção. Você deve saber muito bem que esse tipo de coisa é algo demorado e exaustivo. Algumas famílias esperam anos antes de conseguir realizar esse sonho. Ficamos sabendo que a China não sabia mais o que fazer com suas milhares de crianças abandonadas. As leis de controle de natalidade autorizam apenas um filho por família. As autoridades são muito rigorosas. Muitos pais não têm recursos financeiros para recorrer a métodos contraceptivos. Quando têm um segundo filho,

incapazes de pagar a multa a que seriam obrigados, eles às vezes têm que abandonar a criança.

“Para várias dessas crianças, a vida se resume aos muros do orfanato, a uma educação de péssima qualidade, a uma existência sem grandes esperanças. Eu sou muito religioso e quis acreditar que nosso drama havia sido infligido pelo Senhor, para que abrísssemos os olhos para a miséria dos outros, para que nos tornássemos pais de uma criança abandonada. Entrando para a fila de espera chinesa, da forma mais legal do mundo, claro, tínhamos chance de realizar nosso sonho sem precisar esperar tanto tempo. Resolvemos fazer isso. Passamos por entrevistas do governo dos Estados Unidos e recebemos nossa permissão de adoção. Pagamos 5 mil dólares pelos trâmites, o que, confesso, foi um valor insignificante para nós. O nascimento de Sam tinha sido a maior alegria das nossas vidas. Fomos buscar Léa na China no dia 2 de maio de 2010. Ela tinha só 2 anos, segundo os documentos que nos enviaram. Você precisava ver a felicidade de Sam quando voltamos para casa com a sua irmãzinha. Ele ficou louco. Por um ano, fomos a família mais feliz do mundo. Claro, no começo, a adaptação de Léa foi difícil. Ela chorava muito, tinha medo de tudo, mas tratamos ela com tanto amor, com tanto carinho e doçura, que em poucos meses ela nos deu o maravilhoso presente de começar a nos chamar de papai e mamãe. Pode se sentar — disse Capetta a Pilguez —, não é nada agradável sentir sua presença atrás de mim.”

— Não queria interromper.

— Interrompeu, de qualquer forma.

— Continue, senhor Capetta — insistiu Andrew.

— No final do outono passado, peguei o ônibus para voltar para casa, como todas as noites. Sentei no último banco e, como sempre faço, comecei a ler o jornal que tinha comprado de manhã. Naquela noite, não preciso lembrar que dia foi, não é, senhor Stilman, uma matéria sobre um orfanato chinês na província de Hunan chamou minha atenção. Suas linhas eram cruéis, senhor Stilman, quando você descreveu as mães que perderam a vontade de viver após serem privadas daquilo que um ser pode ter de mais precioso no mundo, seu filho. *“Elas esperam a morte como se espera um*

amigo.” Foram suas palavras. Eu não choro fácil, senhor Stilman, mas eu chorei lendo suas linhas. Chorei quando fechei o jornal e continuei a chorar quando fui dormir à noite, depois de dar um beijo na minha filha.

“Supus imediatamente que ela era uma dessas crianças sequestradas. Tudo batia, as datas, o lugar, o valor repassado para o orfanato. Alguma coisa dentro de mim sabia, mas, durante algumas semanas, eu preferi fingir que não estava vendo. A fé, quando ela é sincera, nos obriga a respeitar nossa própria humanidade. Somos responsáveis perante Deus por essa parcela de humanidade que ele nos conferiu quando nos presenteou com a vida. Basta um segundo de abandono, de covardia, de crueldade, para perdermos para sempre nossa dignidade. Alguns fiéis temem as trevas do inferno. Eu, que dou aula de teologia, acho isso engraçado. O inferno está bem próximo de nós, ele abre as portas para nós, aqui mesmo, na terra, quando perdemos o motivo de sermos humanos. Esses pensamentos me assombraram dia após dia. Como ser cúmplice, ainda que passivo, dessa coisa abominável? Como continuar a ouvir Léa nos chamar de papai e mamãe, quando eu sabia que, em algum lugar, em uma outra casa, os pais verdadeiros dela gritavam seu nome, desesperados com sua ausência. Nós queríamos dar todo nosso amor a uma garotinha desprezada pelos pais e não criar uma criança roubada.

“A culpa estava me corroendo, e acabei contando tudo para a minha mulher. Paolina não quis saber de nada. Léa era filha dela, com a mesma intensidade que era a minha filha. Léa era nossa família. Aqui, ela teria uma vida melhor, uma educação, um futuro. Lá, os pais dela não teriam como dar para ela tudo que ela precisa, cuidar da saúde dela. Eu me lembro de uma briga terrível entre mim e Paolina. Eu recriminava a lógica dela. Por ela, seria certo retirar todas as crianças dos pobres. Eu disse que aquele raciocínio não era digno, que ela não tinha o direito de pensar assim. Eu a magoei profundamente e a discussão a respeito de Léa foi encerrada para sempre.

“Enquanto Paolina se esforçava para levar uma vida normal, cada dia eu avançava mais nas minhas pesquisas. Alguns colegas

chineses que eu tenho na faculdade admiraram minha iniciativa e me deram uma mãozinha. De carta em carta, de contato em contato, eu ia conseguindo mais informações. Logo, fui obrigado a reconhecer. Léa tinha sido roubada dos pais quando tinha 15 meses. Você sabe tão bem quanto eu o que aconteceu. Em agosto de 2009, um grupo de policiais corruptos sequestrou crianças bem novas em várias cidades pequenas. Léa estava brincando na frente de casa quando eles chegaram. Os policiais pegaram Léa com a mãe ali do lado, vendo tudo. E espancaram ela enquanto ela lutava para proteger a filha.

Eu devo muito a um colega querido que dirige o Departamento de Letras Orientais da universidade, William Huang. Ele tem relações preciosas no país dele, aonde vai com alguma frequência. Enviei uma foto da Léa para ele. Bastou que fizesse uma só viagem para me trazer a terrível notícia. A Polícia Federal, enviada por Pequim para prender os canalhas responsáveis por esse tráfico, localizou os pais verdadeiros de Léa. Eles moram em uma pequena aldeia, a 50 quilômetros do orfanato.

“No início de dezembro do ano passado, Sam viajou com Paolina para o Uruguai por uma semana, para visitar os avós. Foi combinado que eu ficaria sozinho cuidando de Léa. Eu havia tomado minha decisão desde a volta do meu colega de trabalho, visto que eu não tinha mais a menor dúvida do que realmente havia acontecido. Eu já tinha começado a organizar a coisa mais terrível que já fiz na vida.

“No dia seguinte à viagem da minha mulher com nosso filho, Léa e eu pegamos o avião. Por causa da origem da minha filha, e das minhas intenções, eu consegui o visto com muita facilidade. Um guia oficial nos recebeu no aeroporto de Pequim. Ele pegou o avião conosco para Changsha e depois nos levou até a aldeia.

“Você não imagina, senhor Stilman, o que eu vivi durante as 24 horas que duraram essa viagem. Eu quis desistir umas cem vezes. Quando Léa sorria para mim, maravilhada, vendo os desenhos animados passarem na tela, atrás do sofá que ficava na frente dela, quando ela me chamava de papai e perguntava aonde estávamos indo. Quando o avião estava pousando, contei a verdade para ela.

Ou quase a verdade. Eu disse que nós estávamos indo visitar o país onde ela nasceu, e eu vi, no seu olhar de criança, uma mistura de surpresa e felicidade.

“E finalmente chegamos à aldeia. Estávamos bem longe de Nova York. O chão era de terra batida, as casas eram feitas de pedra, e quase nenhuma tinha luz elétrica. Léa se encantava com tudo, apertava a minha mão e chegava a gritar de tanta felicidade. Quando se tem 4 anos, cada coisa que descobrimos no mundo é maravilhosa, não é mesmo?

“Batemos na porta de uma pequena fazenda. Foi um homem quem abriu. Quando ele viu a Léa, ficou sem palavras. Nossos olhares se cruzaram, e ele entendeu por que estávamos lá. Seus olhos se encheram de lágrimas, os meus também. Léa olhava para ele se perguntando quem era esse homem que chorava por ver uma menininha. Ele se virou e gritou o nome da mulher. Quando eu a vi se aproximar, a esperança que eu ainda tinha acabou imediatamente. A semelhança era evidente. Léa era a cara da mãe verdadeira. Você já contemplou o renascimento da natureza, durante a primavera, senhor Stilman? A gente chega a duvidar de que o inverno algum dia já existiu. O rosto daquela mulher foi a coisa mais comovente que eu já vi na vida. Ela se ajoelhou na frente da Léa, tremendo dos pés a cabeça, pegou a mão dela, e as forças mais indestrutíveis da vida retornaram para o seu devido lugar. Léa, sem nenhum medo, nenhuma hesitação, deu um passo em direção a ela. Pôs a mão sobre o rosto da mãe, acariciou sua bochecha como se procurasse reconhecer os traços daquela que a tinha posto no mundo e depois passou o braço por volta do seu pescoço.

“Aquela mulher, tão frágil, levantou minha filhinha do chão e abraçou-a com toda a força. Ela chorava e cobria a menina de beijos. O seu marido se aproximou e, por sua vez, abraçou as duas.

“Passei sete dias com eles. Sete dias durante os quais Léa teve dois pais ao lado dela. Durante aquela breve semana, eu expliquei pouco a pouco a Léa que ela tinha voltado para a sua casa verdadeira, que a sua vida era ali. Eu prometi que nós iríamos visitá-la, que um dia ela atravessaria o oceano para nos visitar. Era

mentira, eu estava tentando preservá-la. Mas eu não tinha forças para fazer de outro jeito, eu não tinha mais força para nada.

“O guia que nos servia de intérprete compreendeu o que eu estava passando, nós conversamos muito. Na sexta noite, enquanto eu chorava no escuro, o pai de Léa se aproximou da minha cama e disse para eu segui-lo. Nós saímos, estava frio, ele pôs uma coberta nos meus ombros, depois nós nos sentamos na escada e ele me ofereceu um cigarro. Eu não fumo, mas, naquela noite, eu aceitei. Eu esperava que a chama do cigarro me fizesse esquecer a dor que recaía sobre mim. No dia seguinte, combinamos com o guia de ir embora no início da tarde, quando Léa costumava cochilar. Seria impossível me despedir dela.

“Depois do almoço, eu pus a menina para dormir, pela última vez, disse palavras carinhosas, disse que eu iria viajar, que ela seria muito feliz e que, um dia, nos reencontraríamos. Ela dormiu nos meus braços, eu dei um beijo na testa dela, senti pela última vez o seu cheiro, para que eu me lembrasse até o último dia da minha vida. E depois, parti.”

John Capetta tirou um lenço do bolso e secou os olhos, dobrou-o de volta e inspirou profundamente antes de continuar a história.

— Quando fui viajar, deixei uma longa carta para Paolina, em que eu explicava o que havia feito, que tive de fazer sozinho, já que não tínhamos encontrado forças para fazer juntos. Eu escrevi que só com o tempo nós superaríamos essa provação terrível. Eu pedia perdão, implorava para ela pensar no futuro que nos esperava se eu não tivesse agido dessa maneira. Nós conseguiríamos ver nossa filha crescer, nos perguntando quando ela ficaria sabendo da verdade? Uma criança adotada acaba sempre sentindo necessidade de conhecer sua origem. Os que não conseguem, sofrem durante toda a vida. Não se pode fazer nada, é a natureza humana. Mas o que podíamos dizer para ela então? Que nós sempre soubemos onde estavam os pais dela? Que nos tornamos cúmplices involuntários do sequestro? Que a nossa única desculpa é que a amamos? Ela nos renegaria, e nós mereceríamos isso. Além disso, seria tarde para que ela restabelecesse um vínculo com a família verdadeira.

“Eu escrevi para a minha mulher dizendo que nós não adotamos uma criança para que, adulta, ela se tornasse órfã.

“Minha mulher ama nossa filha como se fosse sua própria filha. O amor não nasce de uma combinação de genes. Elas nunca tinham se separado, até que Paolina foi com Sam para o Uruguai.

“Você deve pensar que eu sou um monstro por tê-las separado assim. Mas, veja só, senhor Stilman, quando Léa chegou à nossa casa, ela não parava de repetir uma palavra que pensávamos ser só um desses murmúrios que as crianças fazem. *Niang*. Ela gritava o dia inteiro. *Niang, niang, niang*, olhando para a porta. Quando, mais tarde, eu perguntei para o meu colega se isso significava alguma coisa, ele me respondeu, pesaroso, que *niang* significa mamãe, em chinês. Léa chamou pela mãe por várias semanas, sem que entendêssemos.

“Vivemos dois anos com ela, quando ela tiver 7 ou 8 anos, talvez menos, terá esquecido de nós. Eu, ainda que viva cem anos, ainda vou me lembrar do rosto dela. Até meu último dia de vida, ouvirei os risos, os gritos de criança, sentirei o perfume das bochechas redondas. Não esquecemos nunca dos nossos filhos, ainda que eles não sejam exatamente nossos.

“Quando voltei para casa, encontrei o apartamento vazio. Paolina deixou apenas nossa cama, a mesa da cozinha e uma cadeira. Não restou nem um só brinquedo no quarto de Sam. E, na mesa da cozinha, no mesmo lugar onde eu tinha deixado aquela carta implorando que ela me perdoasse um dia, ela havia simplesmente escrito uma palavra com caneta vermelha: “Nunca.”

“Eu não sei onde eles estão, se ela saiu dos Estados Unidos, se levou nosso filho para o Uruguai, ou se simplesmente mudou de vida.”

Os três homens permaneceram em silêncio por um instante.

— Você não procurou a polícia? — perguntou Pilguez.

— E dizer o quê? Que eu sequestrei nossa filha e que minha mulher deu o troco fugindo com nosso filho? Para que localizem ela? Para que prendam ela? Para que os assistentes sociais encaminhem Sam para uma família adotiva temporária enquanto um

juiz analisa nossa história e decide o destino dele? Não, eu não procurei a polícia, já sofremos o suficiente. Entendeu, senhor Stilman, a desesperança se transforma às vezes em raiva. Eu destruí o seu carro, você destruiu minha família e a minha vida.

— Lamento profundamente, senhor Capetta.

— Lamenta agora, porque está vendo meu sofrimento, mas amanhã de manhã você vai dizer para si mesmo que não tem culpa, que estava fazendo seu trabalho e que se orgulha disso. Você revelou a verdade, concordo, mas eu gostaria de fazer-lhe uma pergunta, senhor Stilman.

— Quantas quiser.

— Na sua matéria, você escreveu que quinhentas famílias americanas, talvez até mil, foram involuntariamente envolvidas nesse tráfico de crianças. Você pensou uma só vez na tragédia que seria para essas famílias a publicação da sua matéria?

Andrew abaixou os olhos.

— Foi o que pensei — suspirou Capetta.

Depois, entregou para Pilguez as palavras que ele tinha pedido que escrevesse.

Pilguez pegou a folha de papel, tirou do bolso as cópias das três cartas que Andrew tinha recuperado no departamento de segurança no jornal e pousou-as sobre a mesa.

— Não bate — disse —, não é a mesma letra.

— Do que estão falando? — perguntou Capetta.

— O senhor Stilman recebeu cartas com ameaças de morte, eu queria checar se você não era o autor de uma delas.

— Foi por isso que vieram aqui?

— Entre outras coisas, sim.

— Naquele estacionamento, eu queria me vingar, mas não consegui.

Capetta pegou as cartas e passou o olho pela primeira.

— Eu seria incapaz de matar uma pessoa — disse, repousando a folha de papel.

Ele empalideceu ao pegar a segunda.

— Vocês guardaram o envelope desta carta? — perguntou, com a voz trêmula.

— Sim, por quê? — perguntou Andrew.

— Posso ver?

— Primeiro responde a pergunta dele — interveio Pilguez.

— Eu reconheço claramente esta caligrafia — murmurou Capetta. É da minha mulher. Vocês se lembram se ela foi postada de outro país? Lembrariam caso o selo fosse do Uruguai, imagino.

— Eu vejo isso amanhã — respondeu Andrew.

— Agradeço, senhor Stilman, é importante para mim.

Pilguez e Andrew se levantaram e se despediram do professor de teologia. Enquanto os três caminhavam em direção à saída, Capetta chamou Andrew.

— Senhor Stilman, há pouco eu disse que seria incapaz de matar alguém.

— Você mudou de ideia? — perguntou Pilguez.

— Não, mas depois de tudo que aconteceu, eu não diria a mesma coisa de Paolina. Se eu fosse você, levaria essas ameaças mais a sério.

*

Pilguez e Andrew entraram no metrô. Naquela hora do dia, era o meio mais rápido de chegar até o jornal.

— Preciso reconhecer que tem talento para conquistar a simpatia das pessoas, meu caro.

— Por que você não disse para ele que era policial?

— Com um policial, ele teria invocado o direito ao silêncio e exigido a presença de um advogado. Acredite, é melhor que pense que sou seu guarda-costas, ainda que isso não seja muito lisonjeiro.

— Mas você está aposentado, não?

— Sim, é verdade. Mas eu não consigo me acostumar com a ideia.

— Aquele ditado para comparar a caligrafia, nunca teria pensado nisso.

— Você pensava o quê, Stilman? Que o trabalho do policial é improvisado, feito nas coxas?

— Por outro lado, o texto foi completamente tosco.

— Eu prometi para os amigos que estão me recebendo que eu cozinharía para eles esta noite. O texto tosco, como você diz, é a lista das coisas que eu preciso comprar. Eu estava com medo de esquecer alguma coisa. Não tão tosco assim, né, senhor jornalista? Esse tal Capetta é realmente intrigante. Você pensa sobre as consequências na vida das pessoas das coisas que publica?

— Você nunca cometeu um erro durante sua longa carreira, inspetor? Você nunca prejudicou a vida de inocentes para ir atrás das suas convicções, para resolver uma investigação, a todo o custo?

— Pode ter certeza que sim. Abrir ou fechar os olhos, na minha profissão, era um dilema cotidiano. Mandar para trás das grades um delinquente pequeno, com tudo que isso acarreta, ou fazer vista grossa. Abrir uma ocorrência ou não, dependendo das circunstâncias. Cada caso é um caso. Cada criminoso tem uma história. Dá vontade de dar um tiro na cabeça de alguns e de oferecer uma segunda chance para outros. Mas eu era só um policial, não era juiz.

— E você fez vista grossa muitas vezes?

— Chegou, senhor Stilman, vai perder a sua estação.

O metrô desacelerou e parou. Andrew apertou a mão do inspetor e desceu na plataforma.

13.

Com 24 anos, Isabel era mãe de uma menina de 2 anos. Seu marido, Rafael Santos, um pouco mais velho do que ela, era jornalista. O casal morava em um apartamento modesto, no bairro de Barracos. Isabel e Rafael tinham se conhecido na faculdade. Assim como ele, estudava jornalismo; ele dizia sempre que a escrita dela era mais precisa e que ela tinha um talento em particular para traçar o perfil de qualquer pessoa. Entretanto, quando a filha deles nasceu, Isabel escolheu deixar a carreira de lado até que María Luz entrasse para a escola. O jornalismo era uma paixão compartilhada pelo casal, e Rafael nunca publicava uma matéria sem que sua mulher lesse antes. Quando sua filha ia dormir, Isabel se instalava na mesa da cozinha, com lápis na mão, para comentar os textos. Rafael, Isabel e María Luz viviam uma vida feliz e o futuro era promissor.

O golpe de Estado sofrido pelo país, sob a ação de uma ditadura militar, arruinou seus planos.

Rafael perdeu o emprego. Trabalhava no periódico centrista La Opinion e, ainda que este houvesse adotado uma linha editorial “prudente” em relação ao novo poder em vigor, tinha sido fechado. Esse acontecimento acarretou enormes dificuldades financeiras ao casal, mas foi quase que um alívio para Isabel. Os jornalistas que ainda publicavam tinham se aliado ao governo do general Videla. Isabel e Rafael, peronistas de esquerda, nunca teriam aceitado escrever sequer uma linha em revistas como o Cabildo ou mesmo em outros periódicos que ainda perduravam.

Hábil manualmente, Rafael passou a trabalhar com um carpinteiro do bairro, Isabel e sua melhor amiga alternavam o dia em que cuidariam das crianças com um emprego de inspetora em um colégio técnico.

O fim dos meses não eram fáceis, mas os salários dos dois, juntos, permitiam que sobrevivessem e atendessem às necessidades da filha do casal.

Quando Rafael voltava da carpintaria, após o jantar, sentavam-se os dois à mesa da cozinha. Isabel costurava, o que permitia que ela ganhasse um pouco mais de dinheiro, enquanto ele escrevia o testemunho das injustiças, da repressão feita pelo regime, da corrupção no poder, da cumplicidade da Igreja e para denunciar a tristeza na qual havia mergulhado o povo argentino.

Todas as manhãs, às 11 horas, Rafael saía da carpintaria, com o pretexto de ir fumar. Um ciclista parava perto dele e pedia-lhe um cigarro. E, quando Rafael oferecia o isqueiro, entregava-o discretamente o bilhete escrito na véspera. O mensageiro levava o texto secreto ao armazém abandonado que abrigava uma gráfica clandestina. Rafael contribuía assim com a edição diária de um jornal de resistência política cuja difusão ocorria da forma mais sorrateira possível.

Rafael e Isabel sonhavam em deixar a Argentina um dia e ir viver em um país onde, enfim, seriam livres.

Nas noites de desânimo de Isabel, Rafael tirava da gaveta um pequeno caderno de capa vermelha. Ele calculava quanto tinham conseguido economizar, e em quantos dias poderiam partir. Quando deitavam-se, ele recitava para ela, em voz baixa, o nome das cidades, como se contasse um sonho. E, assim, adormeciam. Rafael primeiro, normalmente.

No início do verão, após o jantar, a pequena María Luz já estava dormindo, Rafael decidira não escrever suas notas noturnas e Isabel adiara seus trabalhos de costura para deitarem-se mais cedo do que costumavam. Isabel deslizara sob os lençóis. Ela tinha a pele fina e pálida. Desde que havia se tornado carpinteiro, Rafael se perguntava se o toque de suas mãos calejadas não era desagradável quando a acariciava e portanto fazia-o com toda a doçura possível.

— Eu amo as suas mãos de trabalhador — murmurou Isabel, ao pé do seu ouvido —, fale para elas me apertarem ainda mais forte.

Rafael fazia amor com sua mulher quando alguém bateu à porta do seu pequeno apartamento.

— Não se mexa — ordenou o aprendiz de carpinteiro, pegando sua camisa na beira da cama.

As batidas se intensificaram, e Rafael temeu que o tumulto acordasse sua filha.

Quando abriu a porta, quatro homens encapuzados jogaram-no no chão, chutando-o para obrigá-lo a ficar de bruços.

Enquanto um dos homens o pressionava contra o chão, forçando um joelho contra suas costas, um segundo pegou Isabel pelos cabelos quando ela saiu do quarto, aterrorizada. Empurrou-a contra a parede e passou um pano retorcido ao redor do seu pescoço para que parasse de gritar. Com os gritos de Isabel sufocados, o pano foi afrouxado, apenas o suficiente para que ela pudesse respirar. O terceiro homem fez uma busca rápida nos cômodos e voltou para a sala um pouco depois, com María Luz nos braços, e uma faca contra sua garganta.

Sem dizer uma palavra, os homens fizeram sinal para que Rafael e Isabel se vestissem e os seguissem.

Eles foram arrastados para fora e obrigados a subir na parte de trás de uma caminhonete. María Luz foi na frente.

O veículo atravessou a cidade em alta velocidade. Ainda que uma divisória os separasse da cabine e que o barulho do motor tomasse todo o espaço, Rafael e Isabel ouviram sua filha chamá-los ininterruptamente. Cada vez que a pequena María gritava “Mamãe”, o choro de Isabel se tornava incontrolável. Rafael segurava sua mão e tentava acalmá-la, mas como tranquilizar uma mãe que escuta a filha gritar? A caminhonete parou depois de trinta minutos. As portas foram bruscamente abertas em frente a um pátio quadrado. Eles foram obrigados a descer rapidamente. Rafael foi de novo atingido na cabeça quando quis se virar na direção do veículo onde estava a filha, e, quando Isabel tentou voltar, um dos homens a agarrou pelos cabelos e obrigou-a a seguir em frente. O caminho levava para a porta de uma construção que cercava aquele pátio pavimentado.

Isabel gritou o nome da filha antes de receber um soco no queixo que fez com que ela rolasse escada abaixo. Rafael foi atrás,

impulsionado por um chute na altura dos rins.

Aterrissaram no último degrau, sobre uma terra batida que cheirava a urina. Depois, trancaram Isabel em uma cela e Rafael em outra.

— O que está fazendo? — perguntou Andrew, entrando na sala.

Valérie pôs na mesa de centro as folhas que estava lendo.

— Você está tão obcecado por essa investigação porque eles eram jornalistas?

— Caramba, Valérie, isso é confidencial! Eu também não vou trancar minhas anotações na minha própria casa! Tenta entender, é o meu trabalho, eu só peço para respeitar isso — concluiu Andrew em um tom calmo, juntando as folhas.

— Isabel podia ler o que o marido dela escrevia... e ainda fazia sugestões.

— Desculpe, eu não quero, detesto que as pessoas leiam minhas anotações.

— “As pessoas” são sua futura mulher. “As pessoas” aceitam ficar sozinhas quando você viaja semanas inteiras a trabalho, e quando você está aqui, “as pessoas” entendem que você esteja alheio, tomado pelo trabalho, “as pessoas” respeitam isso tudo, por amor. Mas não me peça para viver com você, se eu não puder compartilhar um pouco dessa paixão.

— Você gostou do que leu? — perguntou Andrew.

— Eu fico horrorizada em pensar o que pode ter acontecido com essa família, com María Luz, e, ao mesmo tempo, invejo a cumplicidade de Rafael e Isabel, que trabalhavam juntos, à mesa da cozinha.

— Isso é só um rascunho — resmungou Andrew.

— É mais que isso.

— Eu nunca poderei publicar a história deles se eu não voltar para a Argentina. Não é ficção, entende? Essas pessoas existiram de verdade, eu não posso me dar por satisfeito com um ou dois testemunhos.

— Sei que você precisa voltar para lá. Essa paixão que te anima é um dos motivos pelos quais eu te amo. Eu só peço para não me

deixar à parte de tudo isso.

Andrew se sentou ao lado de Valérie, pegou sua mão e deu-lhe um beijo.

— Você está certa, eu sou um bobo, que fica paranoico com tudo que tem a ver com trabalho. Eu sou obcecado pela confidencialidade, tenho medo de alterar a verdade, de ser parcial, influenciado, manipulado. É por isso que eu gostaria que você entendesse por que eu me preocupo tanto com a publicação dessa matéria. Mas eu estava errado — disse, balançando a cabeça —, de agora em diante, vou mostrar para você o que escrevo, à medida que for escrevendo.

— Além disso... — continuou Valérie.

— Além disso o quê?

— Vai se interessar um pouco mais pelo meu trabalho?

— Mas eu meu interesse por tudo que tem a ver com você. Quer que eu leia o relatório das suas operações?

— Não — respondeu Valérie, rindo —, eu queria que você visitasse o meu trabalho, só uma vez, para que eu mostre como é minha rotina.

— Você quer que eu conheça os estábulos da polícia montada?

— E também meu escritório, a sala de operações, o laboratório...

— Acho que eu ia preferir se você trabalhasse em canis... O único motivo por que eu nunca fui visitar você é porque morro de medo de cavalos.

Valérie olhou para Andrew e sorriu.

— Você não precisa ter medo nenhum deles. O que eu acabei de ler é muito mais assustador do que o nosso cavalo mais arisco.

— Quão arisco? — perguntou Andrew.

Ele se levantou.

— Aonde você vai? — perguntou Valérie.

— Vamos tomar um pouco de ar, estou com vontade de ir passear com você no Village e de te mostrar um lugar onde vamos jantar, apaixonados.

Quando Andrew punha um casaco sobre os ombros de Valérie, ela se virou e perguntou:

— O que aconteceu com Rafael, com Isabel e com María Luz?

— Depois — respondeu Andrew fechando a porta do apartamento —, depois eu te conto tudo.

*

Andrew chegou ao jornal por volta de oito e meia. Passou no departamento de segurança e parou na lanchonete para tomar um café antes de subir para o escritório.

Sentado à sua mesa de trabalho, ligou o computador, inseriu a senha e realizou uma série de pesquisas. Um pouco mais tarde, pegou um bloco de papel e uma caneta.

*Senhor Capetta,
Sua mulher postou a carta de Chicago, o selo foi carimbado no
correio em frente ao Warren Park.
Lamento profundamente todo o ocorrido.
Sinceramente,
Andrew Stilman*

*Obs.: Aparentemente, nas imagens desse parque, que consultei
na internet, parece haver uma área com brinquedos para crianças,
talvez deva conferir.*

Andrew pôs o bilhete em um envelope, copiou o endereço do destinatário e colocou-o na cesta das correspondências a serem enviadas.

Voltando para sua mesa de trabalho, lembrou-se das últimas palavras de Capetta sobre sua mulher.

“Se eu fosse você, levaria essas ameaças mais a sério.”

E Chicago ficava apenas a duas horas de avião de Nova York.

Seu telefone tocou, a recepcionista informou que um visitante o esperava na recepção, no térreo.

Andrew dirigiu-se ao elevador. Descendo, sentiu um enorme calafrio e uma dor pungente na lombar.

*

— Você não está com uma cara muito boa — constatou o inspetor Pilguez.

— É o cansaço, certamente; não sei o que eu tenho, estou gelado.

— É esquisito, você está suando.

Andrew passou a mão na testa.

— Não quer sentar um pouco? — sugeriu Pilguez.

— Vamos sair, preciso de ar fresco — disse Andrew.

Mas, de repente, a dor ficou tão forte que não conseguiu dar nem mais um passo. Pilguez conteve a queda, quando as pernas de Andrew se dobraram.

Quando Andrew acordou, estava deitado em um banco no hall. Pilguez estava ao seu lado.

— Já está um pouco mais corado. Você me assustou, desmaiou de repente. Isso acontece sempre?

— Não, isso nunca aconteceu.

— É o estresse, meu caro — suspirou Pilguez. — Eu sei do que estou falando. A gente fica completamente desorientado quando entra em pânico. O coração acelera, vemos tudo borrado, vem um zumbido no ouvido, os sons se afastam e paf, a gente dá com a cara no chão. Você teve uma pequena crise de pânico.

— Pode ter sido.

— Você contou sua história para mais alguém ou só para mim?

— A quem eu poderia ter contado? Quem iria acreditar em mim?

— Você não tem nenhum amigo?

— Claro que tenho!

— Vários amigos com quem pode contar em qualquer circunstância? — perguntou Pilguez, em tom de deboche.

Andrew suspirou.

— Tudo bem, eu não sou muito sociável, mas Simon é como um irmão, mais valem amizades sinceras do que amigos superficiais.

— Uma coisa não impede a outra. Você devia falar com esse Simon e compartilhar sua história com ele. Você ainda tem oito semanas para encontrar seu assassino.

— Obrigado por me lembrar, eu penso sobre isso todos os dias e todas as noites. E mesmo se eu conseguisse esquecer por um

minuto, essa dor me lembraria do que está por vir.

— Quanto mais tempo passar, mais você vai precisar contar para alguém.

— É o seu jeito de me dizer que está desistindo?

— Não faz essa cara, Stilman, é só um conselho. Eu não tenho nenhuma intenção de te abandonar, mas vou precisar voltar para casa. Eu tenho uma vida, uma mulher me esperando, e eu sou só um policial aposentado. Vou continuar com a minha investigação em Nova York só até quando você for para a Argentina. Depois disso, nos falamos por telefone. E comecei a usar a internet recentemente. Com todos esses anos batendo os relatórios nas máquinas de escrever, eu até que digito rápido. Mas antes de qualquer coisa, quero que vá falar com seu amigo, é uma ordem.

— Por que você veio me ver hoje de manhã, tem alguma novidade?

— A lista das pessoas que podem querer ver você morto aumentou ontem à noite, e isso não nos ajuda. Eu vou investigar a ex-senhora Capetta. E você tem que prestar mais atenção no humor do seu colega Freddy Olson. Eu gostaria de saber um pouco mais sobre a sua chefe também.

— Eu já disse, você está errado em relação a Olivia.

— Se a minha vida estivesse em risco, eu posso jurar que não deixaria ninguém de lado. Além disso, lamento falar sobre isso, mas tem mais uma pessoa na minha lista.

— Quem?

— A sua mulher, que você abandonou no dia seguinte do seu casamento.

— Valérie não faria mal nem a uma mosca.

— Claro, ela é veterinária. Mas ela pode ter tentado fazer mal a um homem que a fez sofrer. Você não imaginaria o que resulta da combinação de humilhação e criatividade, quando se trata de vingança. Além disso, ela vive rodeada de policiais.

— E daí?

— Se a minha mulher quisesse se vingar de mim, ela seria mais criativa do que um roteirista de filmes policiais.

— Você está fazendo isso por esporte, inspetor, ou você acredita mesmo em mim agora?

— Não vamos discutir palavras, Stilman, você vai ser sempre melhor do que eu nessa área. Me segue.

— Aonde nós vamos?

— Na cena do crime que ainda não aconteceu.

14.

— Você alugou? — perguntou Andrew, quando Pilguez fez sinal para que entrasse em um Ford 4 x 4 preto, estacionado na frente do jornal.

— É emprestado.

— Com um rádio de polícia! — exclamou Andrew. — De onde você desenterrou esse carro?

— Bota o cinto e fecha o porta-luvas. Mas que coisa, você se acha no direito de mexer em tudo. Se eu fosse médico, teria pego emprestado uma ambulância. Satisfeito ou quer saber mais?

— Eu nunca tinha entrado em uma viatura de polícia.

Pilguez olhou para Andrew e sorriu.

— Tudo bem, entendi — disse, se inclinando em direção ao porta-luvas.

Pegou o giroscópio, colocou-o sobre o painel e ligou a sirene.

— Tá bom assim para você?

— Muito melhor — respondeu Andrew, segurando-se na cadeira enquanto Pilguez acelerava.

Dez minutos depois, o inspetor estacionou o Ford no cruzamento da Charles Street com a West End Highway.

Andrew andou com ele pelo caminho onde costumava fazer sua corrida matinal. Eles pararam na altura do Píer nº 4.

— Foi aqui. Só de estar neste lugar minha dor volta.

— É psicossomática! Respira fundo, isso vai te fazer bem. Quando você se lembra do seu sonho premonitório, consegue identificar a arma do crime? — perguntou Pilguez, percorrendo o horizonte com o olhar.

— Não foi um sonho premonitório!

— Tudo bem, aquilo aconteceu e vai acontecer de novo se nós perdermos nosso tempo discutindo.

— Me atingiram nas costas. Quando eu entendi o que tinha acontecido, estava banhado de sangue.

— Vinha de onde esse sangue?

— Eu cuspia sangue pela boca e saía do nariz também.

— Tenta se lembrar, nada perto da barriga?

— Não, por quê?

— Porque um tiro nas costas faria um estrago maior no ponto de saída do que no ponto de impacto. Se tivesse levado um tiro, os seus intestinos teriam sido projetados para o asfalto, você teria percebido.

— E se tivessem atirado de muito mais longe, com um fuzil com mira telescópica, por exemplo?

— Era justamente isso que eu estava procurando. Mas nenhum telhado do outro lado da Highway tem um ponto de vista bom o suficiente para que se possa atingir uma pessoa correndo entre várias outras, de tão longe. E, além disso, você tinha me dito que morreu dia 10 de julho, não foi?

— Dia 9, por quê?

— Olha só. Daqui a pouco a copa das árvores vai cobrir completamente este caminho. O que te atingiu foi disparado horizontalmente por alguém que te seguia.

— Eu não senti nenhuma dor na barriga.

— Então você foi morto com uma arma branca, resta saber de que tipo. Respira, está muito pálido de novo.

— Essa conversa não é muito agradável.

— Onde a gente pode encontrar esse tal de Simon?

— A essa hora, no trabalho dele. Ele tem uma concessionária de carros antigos, na Perry Street.

— Ótimo, é aqui do lado, e eu adoro carros velhos!

*

Pilguez ficou boquiaberto ao entrar na garagem da concessionária. Um Chrysler Newport, um De Soto, um Plymouth conversível bege, um Thunderbird de 1956, um Ford Crestline de 1954 e vários outros modelos estavam dispostos em um

alinhamento perfeito, em um piso imaculado. O inspetor se aproximou de um Packard Mayfair.

— Incrível — murmurou —, meu pai tinha um igual, eu não via há anos.

— É porque muito poucos foram fabricados — explicou Simon, aproximando-se. — Além disso, eu não vou ficar com ele por muito tempo, é um modelo tão raro que no máximo até sexta-feira vou encontrar um novo dono.

— Para com essa lenga-lenga, não viemos aqui comprar um carro — disse Andrew, aproximando-se. — Esse senhor está comigo.

— Você por aqui! Podia ter me avisado.

— Por quê, preciso mandar uma carta antes de vir? Eu posso ir embora, se quiser.

— Não, é só que...

— Ele odeia que eu o veja fazendo papel de vendedor de tapetes — disse Andrew a Pilguez. Precisa reconhecer que ele interpreta perfeitamente o personagem, não? Um carro tão raro, no máximo até sexta-feira vou encontrar o novo dono... A gente precisa ouvir cada coisa! Está aqui há dois anos, viajamos com ele no verão passado, e, além disso, ele quebrou na estrada, olha só!

— Bom, tudo bem, acho que o senhor aqui já entendeu. Você quer alguma coisa? Porque eu preciso trabalhar.

— Simpático esse seu amigo — ironizou Pilguez.

— Podemos ir para a sua sala? — perguntou Andrew.

— Você está com uma cara estranha, está tudo bem?

Andrew ficou em silêncio.

— É melhor irmos conversar na sua sala — disse Pilguez.

Simon fez um gesto para que Andrew subisse pela escada que levava ao mezanino.

— Sem querer ser indiscreto — perguntou a Pilguez, olhando para trás —, quem é você?

— Um amigo do Andrew, mas não precisa ficar com ciúme, não terá nenhuma rivalidade entre nós.

Simon convidou seus visitantes para se sentarem em frente a ele, em duas poltronas, e Andrew contou sua história.

Simon escutou sem interromper, e quando, uma hora mais tarde, Andrew concluiu a narrativa, Simon olhou demoradamente para o amigo e tirou seu telefone do gancho.

— Vou ligar para um médico amigo meu com quem fui esquiar no inverno passado, ele é um ótimo clínico geral. Você deve estar com diabetes. Eu ouvi falar que se a taxa de açúcar estiver baixa demais a pessoa pode ter umas ideias esquisitas. Não se preocupa, seja o que for, vamos encontrar...

— Não perca seu tempo — disse Pilguez, pondo a mão sobre o telefone —, também propus os serviços de um neurologista amigo meu, mas seu amigo sabe bem do que está falando.

— E você comprou essa história dele? — perguntou Simon, virando-se na direção de Pilguez. — Ótima influência, parabéns.

— Senhor mecânico, eu não sei se o seu amigo está mal das ideias ou não, mas eu sei reconhecer quando alguém está sendo sincero. Em 35 anos na polícia, já tive de lidar com casos que fugiam totalmente da normalidade. Eu não me esquivei de nenhuma dessas coisas.

— Você é policial?

— Era.

— E eu, eu não sou mecânico, e sim um marchand de arte. Sigamos. Que tipo de coisas?

— Em uma das minhas últimas investigações, um camarada que tinha sequestrado uma mulher em coma do leito do hospital.

— Isso não é qualquer coisa — chiou Simon.

— Eu suspeitava de um arquiteto, um senhor respeitável. Eu rapidamente tive certeza de que ele era o culpado, mas alguma coisa não batia, eu não entendia o motivo. Acusar um criminoso sem saber qual o motivo do crime é fazer o trabalho pela metade. Esse homem, o mais normal do mundo, não tinha nenhum motivo para fazer aquilo.

— O que você fez?

— Eu o segui e encontrei a moça em poucos dias. Ele a tinha escondido em uma velha casa abandonada do lado de Carmel.

— Você o prendeu? — perguntou Simon.

— Não, ele tinha sequestrado a mulher para salvá-la do médico e da família dela. Todas essas pessoas tinham decidido desligar os aparelhos que a mantinham viva. Ele alegava que ela conversava com ele e que tinha aparecido na casa dele e pedido socorro. História absurda, não é? Mas ele estava sendo sincero e, depois, no final das contas, fez a coisa certa. A moça saiu do coma pouco tempo depois que ele a levou do hospital. Portanto, perdi o dossiê da investigação, se é que você me entende, afinal, de certo modo, aquele homem tinha dado assistência a uma pessoa em perigo.

— Um pouco como você está fazendo comigo — interveio Andrew.

— Eu já tinha contado isso tudo para você no nosso jantar depois do acidente de carro, não foi? Por isso que você pediu meus serviços? Você acha que um cara louco o bastante para acreditar numa história dessas ia levar você a sério.

— E eu estava errado? — perguntou Andrew sorrindo. — Não foi o que aconteceu?

— Só um checkup rápido para ficarmos tranquilos — pediu Simon. — Não é pedir demais, ao contrário do que você está fazendo.

— Eu ainda não pedi nada, até onde eu sei.

— Você pediu para eu acreditar que vão te assassinar daqui a algumas semanas, e que você tem certeza disso, porque já está morto... fora isso, não, você não me pediu nada. Bom, vamos fazer esses exames, porque depois de ouvir vocês, acho que é uma emergência.

— Preciso confessar que reagi mais ou menos da mesma forma — admitiu Pilguez —, mas preciso também confessar que o seu amigo tem um dom peculiar.

— Qual? — perguntou Simon.

— O de prever algumas notícias antes de elas acontecerem.

— Só me faltava isso. Talvez seja você que precise de um checkup porque, aparentemente, eu sou o único aqui a achar essa história inverossímil...

— Para, Simon, eu não deveria ter incomodado você com tudo isso, foi o inspetor que insistiu. Vamos — disse, levantando-se.

— A gente vai aonde? — perguntou Simon, impedindo sua passagem.

— Você fica aqui, já que está atolado de trabalho, nós vamos continuar a minha investigação e encontrar a pessoa que quer me matar, antes que seja tarde demais.

— Um segundo! Eu não gosto nada disso, mas nada mesmo — murmurou Simon, andando pelo escritório. — E por que eu ficaria aqui sozinho enquanto você dois vão...?

— Caramba, Simon! Não é brincadeira, é a minha vida que está em jogo.

— Ai — suspirou Simon, pegando seu casaco sobre o encosto da cadeira. — E posso saber aonde vamos?

— Preciso fazer uma viagem para a região de Chicago — disse Pilguez, saindo do cômodo. — Volto o mais rápido possível. Não se preocupe, eu acho a saída.

Simon se aproximou da janela que dava para a concessionária e olhou o inspetor sair da sua garagem.

— Você pode mesmo prever o que vai acontecer ao longo das próximas semanas?

— Só as coisas de que eu me lembro — respondeu Andrew.

— Eu vou vender algum carro?

— O Pontiac, no início de julho.

— Como você pode se lembrar desse tipo de coisa?

— Você me convidou para jantar e comemorar a venda e para me animar um pouco.

Andrew hesitou e suspirou, olhando o amigo.

— Só o Pontiac? Tempos difíceis. Quando eu penso que no ano passado eu vendia dois por mês. Você tem outras boas notícias para me contar?

— Você vai viver mais do que eu, já é alguma coisa, né?

— Andrew, se você está tentando me enganar, diz logo, e eu te dou o Oscar de melhor ator, eu estou quase acreditando em você.

Andrew não respondeu.

— E depois, que diferença faz? O importante é que seja verdade para você. Nunca te vi tão desorientado. Começamos por onde?

— Você acredita que Valérie seria capaz de me matar?

— Se você realmente a abandonou na noite do casamento, posso entender que ela guarde algumas mágoas de você. Ou talvez tenha sido o pai dela que quis vingar a filha.

— Esse ainda não estava na minha lista. Mais um!

— Sabe, talvez eu tenha uma ideia simples para evitar o pior. Na próxima vez que você se casar, tenta ficar na sua por alguns meses, isso vai eliminar dois suspeitos de uma só vez.

— É tudo culpa sua.

— Como assim culpa minha?

— Se você não tivesse me levado ao Novecento, eu nunca teria...

— Nossa, você é muito cara de pau, pela história que você me contou agora mesmo, você que insistia para voltar lá.

— Eu não acredito que ela seja capaz de matar, mesmo tomada pela raiva.

— Você disse que usaram uma arma branca, ela poderia ter te apunhalado com um objeto cirúrgico, que tem de sobra no trabalho dela. Além disso, o golpe foi preciso, não? Precisa de uma certa habilidade para isso.

— Para, Simon!

— Paro nada, você que veio aqui! E você pode dizer ao seu inspetor aposentado que a partir deste minuto somos rivais, eu que vou encontrar seu assassino! Além disso, esse inspetor vai fazer o que em Chicago?

— Eu explico no caminho.

Simon abriu a gaveta e pegou suas chaves. Foi com Andrew até a concessionária e apontou para o Packard.

— Preciso mostrá-lo para um cliente, marquei na casa dele, ao lado da 66th, deixo você no caminho? Apesar de me perguntar por que eu vou a esse encontro, já que me disse que eu não vou vender nada até julho...

— Porque você ainda não acredita completamente.

Andrew aproveitou o caminho para responder às perguntas com as quais Simon o bombardeava, uma após a outra. Separaram-se na frente do prédio do *New York Times*.

*

Quando chegou a sua mesa de trabalho, Andrew viu uma mensagem no seu computador. Olivia Stern pedia que fosse falar com ela o mais rápido possível. Do outro lado da divisória, Freddy Olson cochichava ao telefone. Quando Freddy falava em voz baixa, era porque ele estava tentando manter em segredo algum furo de reportagem. Andrew recuou sua cadeira e colou a orelha na divisória.

— Quando essa morte aconteceu? — perguntou Olson a seu interlocutor. — É a terceira agressão desse tipo? Entendo, entendo — continuou. — Ainda assim, uma facada não é tão original em Nova York. Mas daí a concluir que tem um assassino em série, você talvez esteja se precipitando. Eu vou ver isso melhor. Obrigado, ligo de novo depois. Obrigado mesmo.

Olson desligou e se levantou, provavelmente para ir ao banheiro. Há muito tempo Andrew suspeitava de que ele não ia apenas para aliviar a bexiga, a menos que ela estivesse gravemente comprometida. Levando em conta o estado de agitação de seu colega, Andrew suspeitava que cheirasse cocaína.

Assim que Freddy desapareceu, Andrew foi se instalar na mesa de Olson, para revirar suas notas.

Um homem havia sido apunhalado na véspera, no Central Park, perto do Turtle Pond. O agressor tinha apunhalado três vezes a vítima antes de fugir, deixando-a para morrer. Entretanto, a vítima havia sobrevivido e estava na emergência do Hospital Lenox. As informações estavam anotadas em uma matéria do *New York Post*, um tabloide chegado a esse tipo de tema. No fim da página, Olson tinha grifado duas datas e dois endereços, 13 de janeiro, 141st Street e 15 de março, 111st Street.

— Posso saber o que está fazendo aqui?

A voz fez Andrew dar um pulo.

— Estou trabalhando, como você pode ver, diferente de algumas pessoas, aparentemente.

— E você trabalha na minha mesa?

— Bem que eu estava me perguntando por que não achava minhas coisas — exclamou Andrew. — Eu me enganei de baia — acrescentou, levantando-se.

— Você acha que eu sou idiota?

— Acho, às vezes. Desculpa, a chefe pediu para que eu fosse falar com ela. Limpa esse nariz, tem um pouco de pó branco em cima do seu lábio. Você comeu um waffle?

Freddy esfregou o nariz.

— O que você está insinuando?

— Não estou insinuando nada... Você está cobrindo os atropelamentos de cachorro agora?

— Quê?

— O seu bloco de notas, essas datas, os endereços, foram os vira-latas atropelados pelos ônibus? Você sabe que minha companheira é veterinária, se você precisar de uma ajuda para as investigações...

— Um leitor traçou um paralelo entre dois assassinatos com armas brancas em Nova York. Ele está convencido de que é um assassino em série.

— E você concorda com ele?

— Três facadas em cinco meses em uma cidade de 2 milhões de habitantes, é pouco provável, mas Olivia disse para eu investigar.

— Só assim para ficarmos tranquilos. Bom, não é que eu não goste da sua companhia, mas o dever me chama.

Andrew deu meia-volta e foi em direção à sala de Olivia Stern. Ela fez sinal para que ele entrasse.

— Em que pé está sua pesquisa? — perguntou, sem parar de teclar em seu computador.

— Meus contatos no local me passaram informações novas — mentiu Andrew. — Tenho muitos encontros para fazer e uma pista interessante que poderia me obrigar a me afastar um pouco de Buenos Aires.

— Qual pista?

Andrew pôs a memória para funcionar. Desde o início de seu salto ao passado, ele tinha dedicado pouco tempo à investigação, preocupado que estava com seu próprio destino. Para satisfazer a

curiosidade de sua redatora-chefe, ele resgatou suas lembranças, lembranças de uma viagem que não deveria ter ocorrido ainda.

— Ortiz estará em uma pequena cidade no sopé das montanhas, perto de Córdoba.

— Estará?

— Eu vou poder tirar tudo a limpo quando estiver lá. Viajo em duas semanas.

— Eu já disse, preciso de provas concretas, documentos, uma foto recente. Eu não posso me contentar com algumas declarações ou, pelo menos, elas precisam ser de fontes confiáveis.

— Quando você me diz essas coisas, tenho a impressão de que acha que eu sou um amador, é quase constrangedor.

— Você é sensível demais, Andrew, e paranoico...

— Acredite em mim, tenho meus motivos — respondeu, levantando-se.

— Investi uma quantia significativa na sua matéria, não menospreze isso. Não temos direito de errar. Nem eu, nem você.

— Estranho como tenho ouvido essa advertência, recentemente. Aliás, você pediu para o Olson investigar um caso de assassinato em série?

— Não, por quê?

— Por nada — respondeu Andrew, saindo da sala de Olivia Stern.

Andrew foi se sentar novamente diante do computador. Abriu o mapa de Manhattan na tela e localizou os endereços indicados nas anotações de Olson. Os dois primeiros assassinatos tinham acontecido na beira de um parque, no dia 13 de janeiro, na 141st Street, e depois no dia 15 de março, na 111st Street. O último, na altura da 79th. Caso se tratasse do mesmo assassino, ele parecia agir do norte para o sul da ilha. Andrew logo lembrou que o ataque que sofrera havia ocorrido na trilha dessa descida ao inferno. Pesquisou um pouco sobre o homem que havia sido recentemente apunhalado, pegou seu casaco e saiu apressado.

Entrando no corredor, olhou em direção à rua através da janela de vidro, quando um detalhe chamou sua atenção. Pegou o telefone e discou um número.

— Posso saber o que está fazendo escondido atrás de uma planta verde na saída do meu trabalho?

— Como você sabe? — perguntou Simon.

— Porque eu estou te vendo, idiota.

— Você me reconheceu?

— E o que é esse sobretudo e esse chapéu?

— Meu disfarce.

— Muito eficiente! Você está brincando de quê?

— Não estou brincando, estou monitorando as idas e vindas do seu amigo Olson. Quando ele sair, vou segui-lo.

— Você ficou louco!

— E o que mais você quer que eu faça? Agora que eu sei que não vou vender nenhum carro nos próximos dois meses, eu não vou perder meu tempo na oficina enquanto alguém quer te assassinar! E fala mais baixo, as pessoas vão me ver.

— Você não precisa de mim para isso. Me espera aí, e sai de trás dessa planta verde.

Andrew encontrou com Simon na calçada e puxou-o pelo braço para longe da entrada no *New York Times*.

— Está parecendo o Philip Marlowe, está ridículo.

— Esse sobretudo me custou os olhos da cara, é um Burberry legítimo.

— Está fazendo um sol de rachar, Simon.

— Você se diz um Jesus reencarnado e vai me passar um sermão porque estou brincando de detetive particular?

Andrew chamou um táxi, pediu que Simon entrasse e disse para o taxista levá-los para a entrada de emergência do hospital Lenox.

Simon entrou primeiro e foi para a recepção.

— Bom dia — disse à enfermeira —, viemos por causa do meu amigo...

Andrew pegou-o pelo braço mais uma vez e afastou-o bruscamente.

— O que eu fiz dessa vez? Você não veio consultar um psiquiatra?

— Simon, ou você se comporta normalmente, ou você vai embora agora mesmo, entendeu?

— Achei que você tinha feito a coisa certa finalmente. Se não veio se consultar, o que estamos fazendo neste hospital?

— Um sujeito levou uma facada nas costas. Eu vim fazer umas perguntas para ele. Você vai me ajudar a entrar no quarto dele da forma mais discreta possível.

O rosto de Simon entregava a alegria que sentia por participar daquilo.

— O que eu faço?

— Vai falar de novo com aquela enfermeira na recepção e finge que veio visitar seu irmão, Jerry McKenzie.

— Considere feito!

— E tira esse sobretudo!

— Só quando você assumir que está tentando me enganar — respondeu Simon, se afastando.

Cinco minutos depois, Simon se aproximou de Andrew, que o aguardava em um sofá na sala de espera.

— E aí?

— Quarto 720, mas as visitas só começam à uma da tarde e não podemos entrar, tem um policial na porta.

— Então já era — exclamou Andrew.

— Só podemos entrar com uma permissão — completou Simon, colando um adesivo em seu sobretudo — como essa daqui!

— Como conseguiu isso?

— Eu mostrei meus documentos para ela, disse que aquele coitado do Jerry era meu irmão, mas que não tínhamos o mesmo pai, e sim a mesma mãe, daí os sobrenomes diferentes; que eu tinha acabado de chegar de Seattle, e que eu era o único parente que ele tinha.

— E ela acreditou?

— Parece que eu inspiro confiança, e além disso, com esse sobretudo, Seattle é totalmente plausível, chove muito lá, 365 dias por ano. Eu também pedi o número de telefone dela para convidá-la para jantar, já que estou sozinho na cidade.

— E ela deu?

— Não, mas ficou lisonjeada e, em vez do telefone, me ofereceu um outro adesivo, para o meu motorista — acrescentou Simon,

colando a etiqueta no casaco de Andrew. — Aonde vamos, James?

Quando o elevador parou no sétimo andar, Simon pôs a mão no ombro de Andrew.

— Vai, pode dizer, não vai doer nada, você vai ver.

— Dizer o quê?

— Obrigado, Simon.

*

Andrew e Simon passaram por uma revista completa antes que o policial de plantão os deixasse entrar.

Andrew se aproximou do homem, que cochilava. Ele abriu os olhos.

— Vocês não são médicos, não é? Estão fazendo o que aqui?

— Eu sou jornalista, não precisa ter medo de mim.

— Vai dizer isso a um policial — resmungou o homem, ajeitando-se no leito. — Não vou contar nada para vocês.

— Não estou aqui a trabalho — disse Andrew, aproximando-se do leito.

— Me deixa em paz ou eu grito!

— Eu também fui esfaqueado, como você, e mais duas outras pessoas, em circunstâncias parecidas. Me pergunto se o agressor não é o mesmo. Só quero saber se se lembra de alguma coisa. Do rosto? Da arma que te atingiu?

— Me golpearam pelas costas, você é burro ou o quê?

— E você não viu ninguém se aproximando?

— Ouvi passos atrás de mim. Tinha muita gente saindo do parque, senti só alguém se aproximando. Tive sorte, um centímetro mais para cima e aquele canalha teria atingido uma artéria. Eu teria perdido todo o meu sangue antes de chegar aqui. Além disso, os médicos me disseram que se o hospital não fosse tão próximo, eu não teria sobrevivido.

— Eu não tive essa sorte — suspirou Andrew.

— Você me parece bem.

Andrew enrubesceu e olhou para Simon, que elevou o olhar para o teto.

— Você perdeu a consciência imediatamente?

— Quase, respondeu McKenzie, eu acho que vi meu assassino passar por mim e fugir correndo, mas minha vista estava turva, eu seria incapaz de dizer como ele era. Eu ia visitar uma cliente. Me atacaram por causa de 10 mil dólares em mercadorias. É a terceira agressão que sofro em cinco anos; dessa vez, vou pedir porte de armas, e não só um limitado a um raio de 20 metros quadrados da minha joalheria. E de você, um jornalista, roubaram o quê?

Enquanto Andrew e Simon estavam no hospital Lenox, Freddy Olson revirava as gavetas de seu colega, à procura da senha que o permitiria acessar seu computador.

*

— O que vamos fazer agora? — perguntou Simon, ao sair do hospital.

— Eu vou me encontrar com a Valérie.

— Posso ir com você?

Andrew ficou em silêncio.

— Entendo. Ligo mais tarde.

— Simon, promete para mim que não vai voltar para o jornal?

— Eu faço o que eu quiser.

Simon atravessou a rua correndo e entrou em um táxi.

*

Andrew apresentou a identidade na recepção. Depois de fazer uma ligação, o sargento de guarda indicou o caminho que deveria seguir.

O lugar onde Valérie trabalhava não era nada como Andrew achou que seria.

Ele entrou em um pátio quadrado e cercado. No fundo, se estendia uma construção longilínea, surpreendentemente moderna. O primeiro andar era tomado por estábulos. Uma porta, no centro, se abria sobre um longo corredor, que levava para os consultórios veterinários.

Valérie estava na sala de operações. Um dos seus ajudantes pediu que Andrew esperasse por ela na sala de espera. Quando Andrew entrou, um policial levantou com um pulo.

— Novidades? A operação foi bem-sucedida?

Andrew não parava de se surpreender. Aquele homem, com um porte intimidador e diante de quem ele teria confessado qualquer coisa para mantê-lo calmo, parecia completamente desamparado.

— Não, nenhuma — disse Andrew ao se sentar. — Mas não se preocupe, Valérie é a melhor veterinária de Nova York. O seu cão não poderia estar em mãos melhores.

— É muito mais do que um cachorro, sabe — suspirou o homem —, é meu companheiro de trabalho e meu melhor amigo.

— Qual é a raça? — perguntou Andrew.

— Um retriever.

— Então meu melhor amigo deve parecer um pouco com ele.

— Você também tem um retriever?

— Não, o meu é mais para um vira-lata, mas muito inteligente.

Valérie entrou na sala e surpreendeu-se ao ver Andrew. Dirigiu-se ao policial para anunciar que podia ir ver o cão na sala de recuperação, tudo correria bem na operação. Dali a algumas semanas, e com um pouco de fisioterapia, ele estaria pronto para voltar ao trabalho. O policial foi vê-lo imediatamente.

— Que surpresa agradável!

— O que aconteceu com ele? — perguntou Andrew.

— Foi baleado no abdômen.

— Vai receber uma condecoração?

— Não fala bobagem, aquele cachorro entrou entre o agressor e a vítima, não conheço muitos homens que fariam a mesma coisa.

— Eu estava falando sério — disse Andrew, pensativo. — Que tal dar uma volta comigo e me mostrar o lugar?

O prédio era sóbrio e bem-iluminado. Muros pintados com cal, duas grandes janelas que se abriam sobre o pátio, uma mesa de vidro apoiada em dois cavaletes antigos serviam de escritório para Valérie, uma tela de computador, dois porta-lápis, uma cadeira Windsor que ela devia ter garimpado em algum mercado de

antiquidades. Pastas empilhadas sobre um aparador, atrás dela. Andrew olhou as fotos postas sobre um pequeno móvel de metal.

— Aqui sou eu e Colette, durante a faculdade.

— Ela também é veterinária?

— Não, anestesista.

— Olha, seus pais — disse Andrew, se aproximando de outro porta-retratos. — Seu pai não mudou nada, quer dizer, quase nada.

— Nem física, nem moralmente, infelizmente. Ainda o mesmo cabeça-dura que se acha mais esperto do que todo mundo.

— Ele não gostava muito de mim, quando éramos adolescentes.

— Ele detestava todos os meus namorados.

— Tinha tantos assim?

— Alguns...

Valérie apontou o dedo para um outro porta-retratos.

— Olha este aqui — disse Valérie sorridente.

— Nossa, sou eu?

— Na época em que te chamavam de Ben.

— Onde achou essa foto?

— Sempre tive. Estava entre as coisas que eu levei quando saí de Poughkeepsie.

— Você guardou uma foto minha?

— Você era parte da minha vida de adolescente, Ben Stilman.

— Estou comovido, nunca imaginaria que você ia querer me levar com você, mesmo que em foto.

— Se eu tivesse te convidado para ir comigo, você não teria ido, não é?

— Não sei.

— Seu sonho era ser jornalista. Você criou sozinho o jornal da escola e copiava metodicamente tudo o que acontecia em um bloquinho. Lembro que você quis entrevistar o meu pai sobre o trabalho dele, e que ele falou para você deixá-lo em paz.

— Tinha esquecido disso.

— Vou confessar uma coisa — disse Valérie, aproximando-se. — Quando ainda se chamava Ben, você era muito mais apaixonado por mim do que eu era por você. Mas, quando eu te vejo dormir à noite, tenho a impressão de que é o contrário. Às vezes, eu penso

que isso não vai dar certo, que eu não sou a mulher que você acha que eu sou, que esse casamento não vai acontecer e que você vai acabar me abandonando. E você não imagina como eu fico triste pensando nisso.

Andrew deu um passo em direção a Valérie e pegou-a pelos braços.

— Você está enganada, nunca deixei de sonhar com você, muito mais do que com a ideia de me tornar jornalista. Se você acha que eu esperei esse tempo todo para depois te abandonar...

— Você guardou alguma foto minha, Andrew?

— Não, eu fiquei com raiva demais quando você fugiu de Poughkeepsie sem deixar o endereço. Mas seu rosto estava gravado aqui — completou Andrew, apontando para a cabeça —, nunca saiu daqui. Você não imagina o quanto eu te amo.

Valérie levou-o para a sala de operações. Andrew olhou com nojo para as compressas ensanguentadas sobre o piso de linóleo. Aproximou-se de um carrinho e observou os instrumentos cirúrgicos. Havia instrumentos de todos os tamanhos.

— Essas coisas aqui são muito afiadas, não?

— Como um bisturi.

— Andrew se inclinou em direção ao maior deles e pegou-o com a ponta dos dedos. Calculou quanto deveria pesar, pegando-o pelo cabo.

— Cuidado para não se machucar — disse Valérie, tirando cuidadosamente o instrumento das mãos de Andrew.

Ele observou a destreza com que ela manuseava o objeto. Ela girou-o entre os dedos indicador e médio e colocou-o novamente no carrinho.

— Vem comigo, esses instrumentos ainda não estão esterilizados.

— Valérie levou Andrew em direção à pia presa em uma parede de azulejos. Ela abriu a torneira com o cotovelo, pressionou o botão do sabonete e lavou as mãos de Andrew.

— Muito sensual a cirurgia — sussurrou Andrew.

— Depende de quem é o seu assistente — respondeu Valérie.

Ela envolveu Andrew com seus braços e beijou-o.

*

Sentado a uma mesa da lanchonete entre todos aqueles policiais, Andrew pensou no inspetor Pilguez, de quem esperava notícias.

— Está preocupado? — perguntou Valérie.

— Não, é este lugar, não estou acostumado a comer rodeado por tantos uniformes.

— A gente se acostuma. E, além do mais, se você tem a consciência tranquila, está mais seguro aqui do que em qualquer lugar de Nova York.

— Contanto que não vamos ver seus cavalos...

— Estava pensando em te mostrar os estábulos quando acabasse de tomar seu café.

— Não vai dar, tenho que voltar para o trabalho.

— Que covarde!

— Fica para a próxima, pode ser?

Valérie observou Andrew.

— Por que você veio aqui, Andrew?

— Para tomar um café com você, visitar o lugar onde você trabalha. Você tinha me pedido, e eu estava com vontade.

— Você atravessou a cidade só porque eu pedi?

— E também para que você me beijasse em cima de um carrinho cheio de instrumentos cirúrgicos... é o meu lado romântico.

Valérie acompanhou Andrew até a rua, para que ele pegasse um táxi. Antes de fechar a porta, virou-se em direção a ela.

— O seu pai trabalhava com o que mesmo?

— Ele era desenhista industrial de uma fábrica.

— Fábrica de quê?

— Materiais de costura, carretilhas, tesouras para tecido, todo tipo de agulha, até para crochê e tricô. Você dizia que ele tinha um trabalho de mulher e tirava sarro dele. Por que está me perguntando isso?

— Por nada.

Deu um beijo em Valérie, prometeu não voltar tarde e fechou a porta do táxi.

15.

... Dois homens haviam tirado Rafael da cela onde ele estava. Enquanto um arrastava-o pelos cabelos, o outro alvejava sua batata da perna com um chicote de couro para impedi-lo de ficar de pé. A dor em seu crânio era tanta que pensou que o couro cabeludo acabaria sendo arrancado; a cada metro percorrido, Rafael tentava se levantar, mas seus joelhos dobravam sob a força dos golpes. A brincadeira dos torturadores foi momentaneamente interrompida, em frente a uma porta de ferro.

Ela dava para um pequeno quarto quadrado, sem janela.

Os muros estavam manchados por longos riscos avermelhados, o solo de terra batida fedia a sangue seco e a excrementos, um odor insuportavelmente azedo. Duas lâmpadas pendiam do teto.

A luz era ofuscante, pelo menos em relação à escuridão da cela na qual havia passado dois dias sem que ninguém o trouxesse o que beber ou comer.

Obrigaram-no a tirar a camisa, a calça e a cueca; e a sentar-se em uma cadeira de ferro, cimentada no solo. Havia duas alças presas aos apoios para os braços, dois outros na altura dos pés. O couro cortou a pele de Rafael, e ele sangrou.

Um capitão entrou na sala. Vestia um uniforme impecavelmente passado. O militar se sentou na cabeceira de uma mesa, passou a mão sobre a madeira para remover a poeira e apoiou sua boina. Depois levantou-se, silencioso, aproximou-se de Rafael e golpeou seu maxilar com a mão fechada. Rafael sentiu o sangue escorrer pela boca. Não se queixou, sua língua estava colada no céu da boca, devido à secura.

— Antonio... (um soco quebrou seu nariz), Alfonso... (um outro, o queixo), Roberto... (um terceiro rasgou o supercílio)... Sánchez. Você vai lembrar o meu nome ou quer que eu repita?

Rafael perdera a consciência. Um balde de água fétida foi derramado em seu rosto.

— Repita meu nome, seu verme — ordenou o capitão.

— Antonio, Alfonso, Roberto, filho da puta — murmurou Rafael.

O capitão levantou o braço, mas se conteve; sorriu, ao sinalizar aos seus dois comparsas para levar aquele opositor mal-educado para o gerador elétrico.

Placas de cobre foram presas no troco e nas coxas, para que a corrente pudesse circular adequadamente, fios elétricos desencapados foram presos em seus tornozelos, nos punhos e nos testículos.

A primeira descarga elétrica lançou seu corpo para a frente, e Rafael entendeu por que a cadeira era presa no chão. Sentiu milhares de picadas circulando em suas veias, sob a pele.

— Antonio Alfonso Roberto Sánchez — repetiu o capitão, com uma voz impassível.

A cada vez que Rafael perdia a consciência, um novo balde de água fétida o trazia de volta à tortura que o infligiam.

— Ant... Alfonso... Rob... áchez — murmurou, após a sexta descarga elétrica.

— Se considera um intelectual e não sabe nem pronunciar um nome — zombou o capitão.

Levantou o queixo de Rafael com a ponta do cassetete e rasgou sua bochecha com um golpe seco.

Rafael pensava apenas em Isabel, em María Luz, e em não desonrar os seus, suplicando misericórdia.

— Onde fica a sua gráfica imunda? — perguntou o capitão.

Com a evocação desse lugar, Rafael, com o rosto inchado, com o corpo ferido, deslocou seu pensamento para aquele quarto decrepito com muros azuis. Sentiu o cheiro do papel, da tinta e do metanol que seus amigos usavam para pôr em funcionamento o mimeógrafo. Essa lembrança olfativa fez com que recuperasse um pouco da lucidez.

Uma nova descarga o sacudiu, ele entrou em convulsão e liberou os esfíncteres. Sua urina ensanguentada escorreu por suas pernas.

Seus olhos, sua língua, seus órgãos genitais eram, agora, nada mais que cinzas. Perdeu a consciência.

O médico que assistia o capitão veio auscultar seu coração, examinou suas pupilas e anunciou que bastava pelo dia, caso quisessem mantê-lo vivo. E o capitão Antonio Alfonso Roberto Sánchez tinha interesse em manter seu prisioneiro bem vivo. Se quisesse matá-lo, poderia ter apenas dado um tiro em sua testa, mas mais do que com a morte, queria deleitar-se com seu sofrimento, para fazê-lo pagar sua traição.

Quando os homens o arrastaram para a cela, Rafael recuperou a consciência e sofreu a pior das torturas enquanto esperava, do fundo do corredor. O capitão Sánchez gritou: “Tragam a mulher dele.”

Isabel e Rafael passaram dois meses na sede da Escola de Mecânica da Armada. Suas pálpebras haviam sido presas para que não conseguissem dormir e, quando ficavam inconscientes, eram acordados com chutes e golpes de cassetete.

Nesses dois meses, Isabel e Rafael, que nunca se cruzavam nos corredores que levavam para a sala de tortura, afastaram-se pouco a pouco de um mundo onde haviam conhecido humanidade. Durante esses dias e noites que se sucediam, sem que pudessem distingui-los, caíram num abismo de trevas que o mais fervoroso dos religiosos seria incapaz de imaginar.

Entretanto, quando o capitão Sánchez ordenava que os levassem para a sala de tortura, ele invocava traições à pátria e a Deus. E ao invocar Deus, Sánchez batia sempre mais forte.

O capitão havia arrancado os olhos de Isabel, mas uma luz se recusava a apagar-se dentro dela, o olhar de María Luz. Certas vezes, quis que os traços do rosto de sua filha se apagassem, para que pudesse se entregar à morte.

Apenas a morte seria capaz de libertá-la, apenas a morte resgataria sua humanidade.

Em uma noite de tédio, o capitão Sánchez ordenou que os órgãos genitais de Rafael fossem retirados. Um dos seus homens cortou-os, com uma tesoura. O médico encarregou-se das suturas, não era o caso de deixá-lo perder todo o sangue.

No início do segundo mês de cativo, retiraram os esparadrapos, para arrancar-lhes as pálpebras. A cada vez que o capitão se lembrava de suas vítimas, elas perdiam um pouco mais o aspecto humano. Isabel estava irreconhecível. Seu rosto e seus seios estavam queimados em diversos pontos, por guimbas de cigarro que o capitão apagava em sua pele. (E ele fumava dois maços por dia.) Seus intestinos, também queimados pela máquina de choque, tinham dificuldade em processar o mingau que era enfiado pelas suas bocas. Suas narinas há muito não discerniam o odor de seus próprios excrementos, nos quais se banhava. Reduzida a um estado animalesco, Isabel levava para as trevas o rosto de María Luz, cujo nome murmurava incessantemente.

Certa manhã, o capitão perdeu o interesse pela tarefa. Nem Rafael, nem Isabel o informaram o endereço da gráfica. Não se importava, desde o início, não se importava nem um pouco. Um capitão do seu nível tinha preocupações maiores do que uma máquina de copiar ordinária. Observando suas vítimas com olhar de desprezo, animou-se em pôr um fim em tudo aquilo. Havia cumprido seu dever, punido dois seres imorais que haviam renegado a pátria, recusando a se submeterem à única ordem capaz de proporcionar à Argentina a grandeza que ela merecia. O capitão Sánchez era um patriota dedicado. Deus honraria os seus.

No final do dia, o médico entrou na cela de Isabel. Ironicamente, para ministrar-lhe uma injeção de tiopental, desinfetou a pele de seu braço com um algodão embebido em álcool. A droga adormeceu-a profundamente, mas não a matou. Era a intenção. Depois foi a vez de Rafael ser submetido ao mesmo tratamento na cela onde estava, na outra extremidade do corredor.

Com a chegada da noite, levaram os dois em uma caminhonete para um pequeno aeroporto clandestino localizado no enorme subúrbio de Buenos Aires. Um bimotor da Aeronáutica esperava em um galpão. Isabel e Rafael foram postos deitados em uma cabine com outros vinte prisioneiros, sob a guarda de quatro soldados que escoltavam essas almas inanimadas. O aparelho, agora com sua carga, decolou com todos os faróis apagados. Seu comandante havia sido instruído a acompanhar o rio e virar para o sudoeste, em

uma altitude muito baixa. A linha de voo não deveria nunca se aproximar das fronteiras uruguaias. Na foz, daria meia-volta e retornaria ao ponto de partida. Uma missão de rotina.

E o comandante Ortiz seguiu as instruções ao pé da letra. O aparelho subiu no céu da Argentina, sobrevoou o rio La Plata e cumpriu a missão uma hora depois.

Os soldados abriram a porta traseira e foram necessários apenas dez minutos para que jogassem dez homens e dez mulheres inanimados, embora vivos, ao mar. O ruído dos motores não permitia que ouvissem o som abafado dos corpos, quando atingiam as ondas, antes de afundar. Cardumes de tubarões haviam se acostumado a rondar aquelas águas revoltas, esperando a comida que caía diariamente do céu, naquela mesma hora.

Isabel e Rafael passaram os últimos instantes de suas vidas lado a lado sem se verem. Quando o avião voltou ao aeroporto, haviam entrado para sempre para a lista dos 30 mil desaparecidos contabilizados pela ditadura argentina...

Valérie deixou as folhas e foi para a janela, ela precisava de ar fresco imediatamente. Estava sem palavras.

Andrew pressionou-se contra suas costas e abraçou-a.

— Você que insistiu, disse para não ler.

— E María Luz? — perguntou Valérie.

— Eles não matavam as crianças; davam elas para famílias próximas do poder, ou a amigos próximos do poder. O regime forjava uma nova identidade para elas, com o sobrenome dos pais adotivos. María Luz tinha 2 anos quando Rafael e Isabel foram sequestrados, mas centenas de mulheres estavam grávidas quando foram presas.

— Aqueles canalhas também torturavam mulheres grávidas?

— Sim, mantendo-as vivas até o parto, e depois sequestravam os recém-nascidos. O Exército se orgulhava de salvar as almas inocentes da perversão, enviando para pais aptos a dar a elas uma educação digna, com os valores da ditadura. Eles alegavam que estavam fazendo um ato de caridade cristã, e as autoridades da Igreja, que sabiam o que estava acontecendo, perdoavam tudo. Nos

últimos meses de gravidez, as futuras mães eram mantidas em maternidades improvisadas dentro das prisões. Assim que os bebês nasciam, eram confiscados... e você já sabe o destino reservado para essas mulheres. A maior parte dessas crianças, hoje adultas, ignora que seus pais verdadeiros foram torturados, antes de serem jogados vivos no oceano. Foi provavelmente o que aconteceu com María Luz.

Valérie se virou em direção a Andrew. Ele nunca a tinha visto tão perturbada e enraivecida, e o que viu em seus olhos quase o deixou com medo.

— Diz para mim que hoje essas pessoas estão ou mortas ou presas e que ficarão presas até morrerem.

— Adoraria poder te dizer isso. Os responsáveis por essas atrocidades foram beneficiados por uma lei de anistia, votada em nome da reconciliação nacional, e quando ela foi revogada, a maior parte dos criminosos tinham conseguido ser esquecidos ou mudar de identidade. Não faltava a eles nem experiência no assunto nem apoio político para facilitar a tarefa.

— Você vai voltar para lá e terminar sua investigação. Você vai encontrar esse tal de Ortiz e todos aqueles canalhas. Jura para mim.

— É a minha intenção desde que comecei essa investigação. Você entende por que eu trabalho com tanta dedicação? Me perdoa agora por te deixar às vezes um pouco de lado? — perguntou Andrew.

— Eu queria arrancar as tripas deles.

— Entendo, eu também, mas se acalma agora.

— Diante de todo esse lixo, você não imagina do que eu seria capaz. Eu teria menos remorso de eliminar esses monstros que torturaram mulheres grávidas do que de abater uma matilha de cachorros com raiva.

— Para passar o resto da vida presa... inteligente.

— Pode acreditar que eu saberia como dar um jeito para não ser descoberta — continuou Valérie, sem se acalmar.

Andrew olhou para ela e abraçou-a ainda com mais força.

— Não imaginava que essas páginas deixariam você assim. Talvez eu não devesse ter deixado você lê-las.

— Eu nunca li nada tão revoltante, adoraria ir com você atrás desses monstros.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Por quê? — irritou-se Valérie.

— Porque esses monstros, como você diz, continuam quase todos vivos, e esses anos que passaram não necessariamente os deixaram inofensivos.

— E você tem medo de cavalo...

*

No dia seguinte de manhã, saindo de casa, Andrew foi surpreendido por Simon, embaixo de seu prédio.

— Você tem tempo de tomar um café? — perguntou.

— Não diz nem bom-dia?

— Me segue — disse seu amigo, mais preocupado do que nunca.

Subiram para a Charles Street, sem que Simon dissesse uma palavra.

— O que aconteceu? — preocupou-se Andrew, entrando no Starbucks.

— Vai pegar dois cafés para nós, vou guardar esta mesa — respondeu Simon, sentando em um sofá perto da vitrine.

— Às suas ordens!

Andrew esperou sua vez na fila, sem desviar o olhar de Simon, cuja atitude o intrigava.

— Um mocaccino para mim e um cappuccino para Vossa Alteza — disse, voltando para a mesa, algum tempo depois.

— Tenho más notícias — anunciou Simon.

— Sou todo ouvidos.

— Em relação a esse tal de Freddy Olson.

— Você o seguiu e percebeu que ele não ia a lugar nenhum... eu já sabia há muito tempo.

— Engraçadinho. Eu passei a noite de ontem na frente do computador, consultando o site do seu jornal para pesquisar suas matérias.

— Deveria ter me ligado se estava tão entediado, Simon.

— Você vai parar de fazer piada com isso em dois minutos. Não eram seus textos que me interessavam, mas os comentários dos leitores. Eu queria verificar se algum maluco escrevia bobagens sobre você.

— Imagino que deva ter alguns...

— Não estou falando dos que acham que você é ruim como jornalista.

— Tem leitores que postam essas coisas no site do jornal?

— Alguns, sim, mas...

— Novidade para mim — interrompeu Andrew.

— Deixa eu acabar?

— Não eram essas as más notícias?

— Eu notei uma série de mensagens hostis, que não tinham nada a ver com a opinião sobre suas qualidades profissionais. Palavras de uma violência desconcertante.

— Como o quê?

— Como coisas que ninguém gostaria de ler sobre si mesmo. Entre os comentários mais agressivos, tinha alguns de um tal de Spookie-Kid que chamaram minha atenção, por serem vários. Eu não sei o que você fez a esse cara, mas ele não gosta muito de você. Eu ampliei o escopo das minhas investigações para descobrir se a pessoa que se esconde atrás desse pseudônimo participava também dos fóruns, ou se tinha um blog.

— E?

— Ele está mesmo atrás de você. A cada vez que publica uma matéria, ele te assassina, e mesmo quando você não publica. Se você tivesse lido tudo o que eu encontrei na internet assinado com esse nome, seria o primeiro a se preocupar. Enfim, o segundo, depois de mim.

— Se eu entendi direito, um escritor frustrado que provavelmente desmaia vendo pôsteres do Marilyn Manson detesta meu trabalho, sua notícia ruim era essa?

— Por que Marilyn Manson?

— Não sei, foi a primeira coisa que eu pensei, continua!

— Sério que foi a primeira coisa que você pensou?

— Spookie Kids era o nome da primeira banda do Manson.

— Como você sabe disso?

— Porque eu sou um jornalista ruim, continua!

— Um conhecido meu é um prodígio da informática, se é que você me entende...

— Nem um pouco.

— Um desses piratas de internet, que, para se divertir no domingo, tentam se infiltrar nos servidores do Pentágono ou da CIA. Quando eu tinha 20 anos, me ocupava com as garotas, mas fazer o quê, os tempos mudam...

— Que beleza! Como é que você conhece um hacker?

— Há alguns anos, quando abri a concessionária, eu alugava meus carros nos finais de semana para garotos ricos, para fechar as contas do mês. Um deles, quando me devolveu um Corvette, esqueceu uma coisinha entre os bancos da frente.

— Um revólver?

— Maconha, mas em quantidade suficiente para dar de comer a um rebanho de vacas. Nunca gostei de fumo. Se eu tivesse dado queixa na polícia, ele teria tido tempo de se livrar da acne antes de poder sentar de novo na frente do computador dele. Mas como eu não sou nenhum juiz, devolvi o que pertencia a ele. Ele me achou “super-honesto” e prometeu que, se um dia eu precisasse de qualquer coisa, podia contar com ele. Então ontem à noite, às 11 horas, vi que precisava exatamente de um serviço do ramo dele. Não me pergunte como ele conseguiu, eu não conheço ninguém de informática, mas ele me ligou hoje de manhã, depois de ter localizado o endereço IP do Spookie. Um tipo de registro do computador que aparece quando ele se conecta.

— E o seu hacker descobriu quem é esse Spookie que destila o veneno em mim?

— A identidade dele não, mas o endereço de onde publica. E você vai ficar surpreso de saber que o Spookie posta as mensagens da rede do *New York Times*.

Andrew olhou para Simon, chocado.

— Pode repetir?

—Você ouviu direito. Eu imprimi alguns exemplos, não chegam a ser ameaças de morte propriamente ditas, mas são de uma raiva que não fica muito longe. Quem, no seu jornal, poderia escrever essas coisas horríveis sobre você? Olha só essa aqui, a mais recente — continuou Simon, estendendo uma folha para Andrew: “Se um ônibus esmagasse esse traste do Andrew Stilman, seus pneus ficariam manchados de merda e a imprensa nacional seria poupada de um desastre.”

— Eu tenho um palpite — respondeu Andrew atordoado pelo que acabara de ler. — Vou cuidar do Olson; se quiser vem comigo.

— Você não vai fazer nada, meu caro. Primeiro, não tenho nenhuma prova formal contra ele. Ele não é o único que trabalha no *New York Times*. Depois, se você se meter, ele vai suspeitar. Deixa comigo e não mexe um dedo antes que eu dê sinal verde. Combinado?

— Combinado — concordou Andrew.

— Continua se comportando no jornal como se nada tivesse mudado. Sabe lá do que é capaz um sujeito que te odeia tanto, e o importante é identificar direito quem é. Na minha opinião, Freddy Olson ou não, esse Spookie-Kid tomou a frente da lista dos que querem te ver morto, e ele não faz a menor questão de ser discreto.

Andrew cumprimentou o amigo e se levantou. Enquanto se afastava da mesa, Simon sorriu e perguntou:

— Continuo a minha busca ou você ainda acha isso ridículo?

*

Andrew dedicou o resto do dia a seu dossiê argentino, fazendo várias ligações para organizar a viagem. E, enquanto o sol se punha, ele ainda trabalhava por lá e, em sua mente, surgiu a silhueta de uma menina. Ela estava imóvel, sozinha no final de um longo caminho de ciprestes, que ia colina acima. Andrew apoiou os pés sobre sua mesa e recostou-se na cadeira inclinada.

A menina levou-o até um vilarejo encravado na montanha. A cada vez que ele pensava alcançá-la, ela acelerava o passo e afastava-se. Suas gargalhadas o guiavam nessa estranha corrida. A brisa noturna surgiu, junto da noite. Andrew sentiu um calafrio, estava com frio, com tanto frio que começou a tremer. Deteve-se em frente a uma granja abandonada e entrou. A menina esperava-o sentada no caixilho de uma janela sob o telhado, suas pernas balançavam no vazio. Andrew se aproximou da parede, sem conseguir discernir os traços da criança. Via apenas seu sorriso, um sorriso estranho, quase adulto. A criança soprava para ele palavras que o vento levava até seu ouvido.

— Me procura, me acha, Andrew, não me abandone, estou contando com você, não temos direito de errar, preciso de você.

Ela se deixou cair no vazio. Andrew avançou para tentar impedir sua queda, mas ela desapareceu antes de tocar no chão.

Sozinho na granja, Andrew se ajoelhou, tremendo. Suas costas doíam, uma pontada violenta fez com que desmaiasse. Quando recobrou a consciência, viu-se preso a uma cadeira metálica. Não conseguia respirar, seus pulmões ardiam, estava sufocando. Uma descarga elétrica percorreu seu corpo, todos os seus músculos se contraíram e se sentiu projetado para a frente por uma força enorme. Ouviu uma voz gritar ao longe “de novo”, uma onda de choque de potência insuportável impulsionou-o, suas artérias tremiam e seu coração estava em chamas. Um cheiro de carne queimada entrava em suas narinas, os nós que prendiam seus membros o machucavam, sua cabeça tombou para o lado e ele implorou para que parassem com aquela tortura. O ritmo de seu coração se acalmou. Conseguiu finalmente inspirar, como se tivesse saído de uma longa apneia.

Uma mão em seu ombro sacudiu-o energeticamente.

— Stilman! Stilman!

Andrew abriu os olhos, deparando-se com o rosto de Olson quase colado ao seu.

— Pode dormir no trabalho, se quiser, mas pelo menos sonha em silêncio, tem gente querendo trabalhar aqui!

Andrew se ajeitou, pulando na cadeira.

— Caramba, está fazendo o que aqui, Freddy?

— Faz uns dez minutos que estou ouvindo você gemer, está atrapalhando minha concentração. Achei que estivesse passando mal e vim ver, mas se fosse para levar patada, eu deveria ter ficado na minha.

O suor escorria pela testa e, ainda assim, Andrew sentia-se gelado.

— Você devia voltar para casa e descansar, deve estar ficando doente. Me dá dó ver você neste estado — suspirou Freddy. — Vou embora daqui a pouco. Quer que eu chame um táxi para você?

Andrew tinha tido alguns pesadelos em sua vida, mas nenhum havia parecido tão real. Observou Freddy e ajeitou-se na cadeira.

— Obrigado, vou ficar bem. Devo ter comido alguma coisa no almoço que não caiu bem.

— São oito da noite...

Andrew se perguntou por que havia perdido o contato com a realidade. Tentou recordar que horas eram quando olhou o relógio na tela do computador, questionou-se o quanto de realidade sua existência ainda continha.

Voltou para seu apartamento, exausto, ligou para Valérie no caminho para avisá-la que dormiria sem esperar por ela, mas Sam informou-o que ela acabara de entrar na sala de cirurgia e que deveria sair de lá bem tarde.

16.

Sua noite resumiu-se a uma longa sequência de pesadelos com a menina de rosto embaçado. A cada vez que despertava, ao mesmo tempo com calafrios e com o suor escorrendo, procurava-a.

Em certo pesadelo, mais assustador do que os outros, ela parou na frente dele e, com um gesto, mandou que se calasse.

Um carro preto parou entre os dois, quatro homens desceram sem prestar atenção neles. Entraram apressados em um pequeno prédio. Da rua deserta onde Andrew estava, ouviram berros, gritos de mulher, o choro de uma criança.

A criança estava parada na calçada oposta, com os braços balançando, cantando uma canção infantil com ar despreocupado. Andrew quis protegê-la, mas quando aproximou-se dela, encontrou seu olhar, um olhar sorridente e ameaçador ao mesmo tempo.

— María Luz? — perguntou, cochichando.

— Não — respondeu ela, com uma voz adulta. — María Luz não existe mais.

E logo depois, vinda do mesmo corpo, uma voz de criança sussurrou:

— Me encontra, sem você eu ficarei perdida para sempre. Você está seguindo uma pista falsa, e eles estão enganando todos vocês, vai te custar caro se você se perder. Vem me ajudar, preciso de você da mesma forma que você precisa de mim. Estamos ligados, de agora em diante. Rápido, Andrew, rápido, você não tem o direito de errar.

Pela terceira vez, Andrew acordou gritando. Valérie ainda não tinha voltado. Acendeu o abajur da mesa de cabeceira e tentou se acalmar, mas não conseguia controlar o choro.

Nesse último pesadelo, o olhar de María Luz havia sido revelado para ele, fugaz. Estava convencido de já ter visto aqueles olhos

negros olharem para ele, em algum passado que não o pertencia.

Andrew levantou e foi para a sala. Sentou na frente do computador, mas seus pensamentos impediam que se concentrasse, e não conseguiu escrever nem uma linha. Olhou o relógio, hesitou, andou até o telefone e ligou para Simon.

— Te acordei?

— Claro que não, estava relendo *Enquanto agonizo* e esperando que me acordasse às duas da manhã.

— É exatamente o que está acontecendo aqui.

— Entendi, vou me vestir, chego aí em 15 minutos.

Simon chegou mais rápido do que o previsto, havia vestido seu sobretudo impermeável Burberry por cima do pijama e calçado tênis.

— Eu sei — disse, entrando no apartamento de Andrew —, você vai fazer um comentário desagradável sobre a minha roupa, mas eu acabo de cruzar com dois vizinhos que passeavam com o cachorro vestindo robe... os vizinhos estavam de robe, e não o cachorro, claro...

— Me sinto mal por ter te acordado de madrugada.

— Não sente nada, senão não teria ligado. Vamos jogar pingue-pongue ou vai me dizer por que estou aqui?

— Estou com medo, Simon, nunca tive tanto medo na vida. Minhas noites são aterrorizantes, acordo todas as manhãs com o estômago embrulhado, constatando que me resta um dia a menos de vida.

— Sem querer dramatizar demais sua condição, somos 8 bilhões de seres humanos na mesma situação.

— Só que para mim só restam 53 dias!

— Andrew, essa história ridícula está virando uma obsessão. Sou seu amigo e não quero correr nenhum risco, mas você tem tanta chance de ser assassinado no dia 9 de julho quanto eu tenho de ser atropelado por um ônibus quando sair daqui. Ainda que, com esse pijama vermelho quadriculado, dificilmente o motorista não me veria. Comprei em Londres, é veludo, quente demais para a estação, mas é o que veste melhor em mim. Você não tem pijama?

— Tenho, mas não uso nunca, acho coisa de velho.

— Eu pareço velho? — perguntou Simon, abrindo os braços. — Veste um roupão e vamos dar uma volta. Você me acordou para que eu faça você pensar em outra coisa, não?

Quando passaram na frente da delegacia de polícia da Charles Street, Simon cumprimentou o policial e perguntou se não tinha visto um basset de pelo curto. O policial lamentava, mas não tinha visto nenhum cachorro. E Simon, após agradecer, continuou sua caminhada gritando “Freddy” aos quatro ventos.

— Eu preferiria evitar caminhar na beira do rio — disse Andrew, ao chegar ao cruzamento da West End Highway.

— Tem notícias do seu inspetor?

— Nenhuma, por enquanto.

— Se for o seu colega que quer matar você, vamos impedi-lo de agir, se não for ele, e não tivermos nada de concreto até o início de julho, levo você para viajar para algum lugar longe de Nova York, antes do dia 9.

— Adoraria que fosse simples assim. Mesmo se a gente for viajar, não posso parar de trabalhar, nem passar a vida me escondendo.

— Você vai quando para a Argentina?

— Daqui a alguns dias, e confesso que a ideia de sair um pouco daqui não me desagrada.

— Valérie adoraria ouvir isso. Vai ter que tomar cuidado lá, de qualquer forma. Chegamos. Você acha que consegue voltar sozinho para casa com essa roupa?

— Não estou sozinho, estou levando Freddy para passear — respondeu Andrew, despedindo-se de Simon.

E ele vai andando como se segurasse um cachorro pela coleira.

*

Andrew foi acordado de uma curta noite de sono pela campainha do telefone. Atendeu, abatido, e reconheceu a voz do inspetor que o esperava no café na esquina da sua rua.

Quando Andrew entrou no Starbucks, Pilguez estava sentado no lugar ocupado por Simon, na véspera.

— Tem más notícias para mim? — perguntou, sentando à mesa.

— Encontrei a sra. Capetta — respondeu o inspetor.

— Como conseguiu?

— Acho que isso não é relevante, e eu só tenho uma hora para conversar com você, senão perco meu voo.

— Vai viajar de novo?

— Não posso ficar para sempre em Nova York. E, além disso, você vai viajar daqui a pouco também. São Francisco é menos exótico do que Buenos Aires, mas é onde eu moro. Minha mulher está me esperando, está com saudade das minhas manias.

— O que você descobriu em Chicago?

— É uma mulher muito bonita, a sra. Capetta, com olhos de ébano, um olhar apaixonante. O sr. Capetta não deve ter se esforçado muito para encontrar a mulher. Ela nem mudou de identidade. Mora lá, sozinha, com o filho; a duas ruas de distância de onde aquela carta encantadora foi postada para você.

— Você falou com ela?

— Não. Quer dizer, sim. Mas não sobre nosso caso.

— Não entendi.

— Fingi que eu era um vovô simpático, descansando no banco, e contei que meu netinho tinha a mesma idade que o filho dela.

— Você é avô?

— Não, eu e Natalia nos conhecemos tarde demais para ter filhos. Mas temos um neto de consideração. O filho daquela amiga neurocirurgiã, de quem eu falei, com o marido dela, um arquiteto. Nos tornamos muito próximos. Ele tem 5 anos. Eu e minha mulher somos loucos por ele. Agora, vamos parar de falar sobre mim, ou eu vou acabar perdendo mesmo meu voo.

— Por que essa encenação se você não a interrogou?

— Porque existem várias formas de interrogar alguém. Queria que eu dissesse o quê? Querida senhora, enquanto seu filho brinca na areia, você faria o favor de me dizer se tem a intenção de apunhalar um jornalista do *New York Times* mês que vem? Preferi conquistar a confiança dela, passando duas tardes naquele parque, jogando conversa fora. Será que ela é capaz de assassinar alguém? Para falar a verdade, eu não faço ideia. É, sem dúvida, uma mulher

com personalidade forte. Tem alguma coisa no olhar dela que faz gelar o sangue, e ela é incrivelmente inteligente. Mas eu duvido que ela assumisse o risco de ser separada do filho. Mesmo se acharmos que vamos cometer um crime perfeito, nunca podemos descartar a possibilidade de sermos pegos. O que mais me surpreendeu foi a naturalidade com que ela mentiu para mim quando perguntei se era casada. Respondeu sem nenhuma hesitação que o marido e a filha tinham morrido em uma viagem para o exterior. Se eu não tivesse conhecido o sr. Capetta, teria acreditado imediatamente. Quando eu voltar para São Francisco, vou lançar mão dos meus contatos nova-iorquinos para continuar as investigações sobre as pessoas da minha lista. Incluindo sua mulher e a sua redatora-chefe, ainda que isso te incomode. Vou ligar para você assim que souber mais e, se necessário, dou um pulo aqui quando voltar de Buenos Aires, mas, dessa vez, você vai pagar a passagem.

Pilguez deu um pedaço de papel para Andrew e levantou-se.

— Aqui está o endereço da sra. Capetta, a decisão de dar ou não para o marido dela é sua. E cuidado, Stilman, a sua história é uma das mais doidas que eu já ouvi em toda minha carreira, sinto que algo ruim se aproxima, estou preocupado.

*

Chegando ao jornal, Andrew sentou-se diante do computador. Uma luz vermelha no seu telefone indicava que havia uma mensagem na caixa postal. Marisa, a garçonete do bar do seu hotel em Buenos Aires, tinha informações para passar para ele e pediu que ligasse assim que possível. Andrew achou que se lembrava dessa conversa, as datas e os acontecimentos começavam a ficar confusos. Difícil ter cabeça para os assuntos do dia a dia quando se vivem as mesmas coisas duas vezes. À procura de suas anotações, inclinou-se em direção à gaveta. Quando tinha fechado o cadeado, divertiu-se com o fato de os três números exibidos corresponderem ao início da data do seu aniversário. Alguém havia tentado mexer nas suas coisas. Andrew passou o rosto por cima da divisória. A mesa de Olson estava vazia. Folheou seu caderno até a página

onde havia transcrito sua conversa com Marisa e suspirou, constatando que não havia nada anotado. Discou imediatamente o número que ela havia informado.

Um amigo da tia dela tinha certeza de ter reconhecido um antigo piloto da Aeronáutica, que correspondia à descrição do homem chamado Ortiz durante a ditadura. Ele havia se tornado proprietário de um curtume, um pequeno negócio bem-ajeitado que fornecia couro para diversos fabricantes de bolsas, sapatos, selas e cintos em todo o país.

Em uma entrega para um cliente, no subúrbio de Buenos Aires, a amiga da tia de Marisa reconheceu-o. Essa mulher também era uma das Mães da praça de Maio, e havia posto em sua sala um cartaz com as fotos de todos os militares julgados por crimes cometidos durante a ditadura e depois anistiados. Ela convivia com essas fotos de manhã até de noite, desde que seu filho e seu sobrinho haviam desaparecido, em junho de 1977. Ambos tinham 17 anos. Essa mãe, que jamais havia aceitado assinar um documento endossando a morte do filho, que se recusava a fazê-lo até que visse seu corpo, ainda que soubesse que isso jamais aconteceria, nem para ela, nem para os pais dos 30 mil “desaparecidos”. E por anos, ela havia pesquisado a praça de Maio em companhia de outras mulheres que, como ela, desafiavam o poder dominante com um cartaz com a foto dos filhos. Quando ela cruzou com aquele homem, enquanto ele entrava na selaria, na rua 12 de Outubro, seu sangue gelou. Ela apertou sua sacola de compras com todas as forças, para não transparecer a emoção que a tomava, depois, sentou-se em uma mureta, esperando que ele saísse. Seguiu-o na rua 12 de Outubro. Quem se preocuparia com uma senhora agarrada em sua sacola de compras? Quando ele entrou no carro, ela memorizou o modelo e o número da placa. De telefonema em telefonema, a rede das Mães da praça de Maio tinha acabado por conseguir o endereço daquele que, estava convencida, havia sido Ortiz, e que era atualmente conhecido como Ortega. Morava não muito longe de seu curtume, em Dumesnil, um vilarejo no subúrbio de Córdoba. O carro visto em Buenos Aires, na rua 12 de Outubro, era um veículo alugado que havia devolvido no aeroporto, antes de pegar o voo.

Andrew propôs a Marisa enviar dinheiro para que ela fosse para Córdoba de avião, comprasse uma máquina fotográfica digital e seguisse o homem denominado Ortega. Andrew tinha que ter certeza absoluta de que Ortega e Ortiz eram a mesma pessoa.

Tal missão forçaria Marisa a ausentar-se por pelo menos três dias, e seu chefe não permitiria isso. Andrew implorou para que encontrasse alguém de confiança que pudesse ir no lugar dela. Ela seria recompensada, ainda que ele pagasse do seu próprio bolso. Marisa prometeu apenas uma coisa: ligar para ele caso encontrasse uma solução.

*

Olson chegou ao jornal por volta de meio-dia, passou na frente de Andrew sem cumprimentá-lo e sentou em sua baia.

O telefone de Andrew tocou. Simon pediu que o encontrasse, com a maior discrição possível, na esquina da Eighth Avenue com a 40th Street.

— O que há de tão urgente? — perguntou Andrew, ao encontrar Simon.

— Não vamos ficar aqui, nunca se sabe — respondeu Simon entrando em uma barbearia.

— Você me fez sair do trabalho para ir ao cabeleireiro?

— Eu preciso cortar o cabelo e conversar com você em um lugar tranquilo.

Entraram na loja e sentaram-se lado a lado em dois sofás de moleskine vermelho, diante de um grande espelho.

Os dois barbeiros russos, que deviam ser irmãos pelo tanto que se assemelhavam, atenderam-lhes imediatamente.

E Simon, enquanto lhe lavavam os cabelos, contou que seguiu Olson, quando ele saiu de casa.

— Como sabe onde ele mora? Nem eu sei!

— Meu gênio maligno da informática! Eu tenho o número da previdência social do seu amigo, o do celular, do cartão do clube de ginástica, dos cartões de crédito e de todos os programas de fidelidade em que ele se inscreveu.

— Você está ciente de que acessar esse tipo de informação é uma violação dos direitos mais elementares e que é um delito penal?

— Quer que a gente vá se entregar ou que eu conte o que descobri esta manhã?

O barbeiro lambuzou o rosto de Andrew com espuma, impedindo que respondesse à pergunta.

— Primeiro, fique sabendo que o seu colega é completamente viciado. Ele trocou um punhado de dólares por um saquinho plástico em Chinatown, esta manhã, antes mesmo de tomar café. Tirei duas ou três fotos da transação, sabe-se lá.

— Você é doente, Simon!

— Ouve o que vou falar, talvez mude de ideia. Ele foi para a delegacia central por volta das dez horas. O que foi bem corajoso da parte dele, considerando o que tinha no bolso; o sangue-frio dele merece respeito, ou então é completamente inconsequente. Eu não sei o que foi fazer lá, mas ficou por uma boa meia hora. Depois, entrou em uma loja de armas. Vi Olson conversar com o vendedor, que estava mostrando umas facas de caça. Não eram bem facas, na verdade. Eu mantive distância, mas acho que vi umas ferramentas bem esquisitas. Eu não gesticularia tanto se fosse você, ele vai acabar abrindo sua garganta com a navalha.

O barbeiro confirmou que o comentário de Simon era pertinente.

— Não sei dizer se ele comprou alguma coisa, preferi ir embora antes que me visse. Ele saiu um pouco depois, mais feliz do que nunca. Talvez ele tenha passado no banheiro para retocar o pó do nariz. Depois seu colega comprou um croissant e, enquanto comia, subiu a Eighth Avenue a pé. Depois, entrou em uma relojoaria e conversou com o dono por um bom tempo, antes de continuar a caminhada. Quando chegou ao jornal, eu te liguei. E é isso. Eu não quero ser otimista demais, mas o cerco está se fechando para Olson.

O barbeiro perguntou para Andrew se queria que aparasse as costeletas.

Simon respondeu por ele e pediu que tirasse um generoso centímetro de cada lado.

— Talvez eu devesse convidar você para ir comigo para Buenos Aires — disse Andrew sorrindo.

— Nem brinca, tenho um fraco pelas argentinas e eu poderia fazer minha mala em dois tempos.

— Temos tempo até lá — ponderou Andrew. — Enquanto isso, talvez seja uma boa eu ir sondando o Olson.

— Me dá mais alguns dias. Nesse ritmo, no fim de semana eu vou saber mais sobre ele do que a própria mãe.

— Eu não tenho muito tempo, Simon.

— Como quiser, sou apenas seu humilde servo. E pensa sobre Buenos Aires, pode ser divertido nós dois lá.

— E a sua oficina?

— Minha concessionária! Pensei que não venderia nada até o início de julho.

— Não vai vender nada em julho também se estiver sempre ausente do trabalho.

— Quando eu falei da mãe do Olson, não quis dizer que estava sentindo falta da minha! Vou deixar você pagar — acrescentou Simon, olhando-se no espelho. — Fico bem de cabelo curto, não acha?

— Vamos almoçar? — perguntou Andrew.

— Vamos passar antes naquela loja de armas. Você não queria sondar alguém? Vai poder tirar onda com sua carteira de imprensa para descobrir o que Olson foi fazer lá.

— Às vezes me pergunto quantos anos você tem...

— Quer apostar que o vendedor vai cair nessa?

— Apostar o quê?

— O almoço.

Andrew entrou primeiro na loja de armas, Simon seguiu-o e parou alguns metros atrás dele. Enquanto Andrew falava, o vendedor observava-o de canto de olho, sem conseguir disfarçar certa preocupação.

— No final da manhã — disse Andrew —, um jornalista do *New York Times* veio aqui. Você poderia me dizer o que ele comprou?

— E por que isso te interessa? — perguntou o comerciante.

Enquanto Andrew revirava os bolsos, à procura de sua carteira profissional, Simon se aproximou do balcão com um ar ameaçador.

— Isso nos interessa porque aquele sujeito é um malandro que usa uma carteira de imprensa falsa, estamos atrás dele. Entende que é necessário impedir que ele faça alguma bobagem, ainda mais com alguma arma comprada aqui, não entende?

O vendedor avaliou Simon, hesitou por um momento e suspirou.

— Ele estava interessado em instrumentos bem específicos, que só caçadores de verdade procuram. E, em Nova York, não tem muitos.

— Que tipo de instrumento? — perguntou Andrew.

— Facas de esfolar, de remate, ganchos, descoladores.

— Descoladores? — perguntou Andrew.

— Vou mostrar para vocês — respondeu o vendedor, indo para o interior da loja.

Voltou segurando um longo cabo de madeira, com uma longa agulha achatada.

— Originalmente, era um instrumento cirúrgico, mas os caçadores mudaram o uso. Usam para descolar a pele, tirando o mínimo de carne possível. Aquele sujeito queria saber se as pessoas que compram esse tipo de produto ficam registradas, como as que compram armas de fogo ou uma faca de combate. Eu disse a verdade para ele, não precisa de permissão para ter um descolador. Existem coisas muito mais perigosas em qualquer loja de ferragens. Ele perguntou se vendi algum recentemente, o que não aconteceu, mas eu prometi que perguntaria ao meu funcionário. É dia de folga dele hoje.

— E ele comprou um?

— Um de cada tamanho, seis no total. Agora, se me permitem, vou voltar ao trabalho, preciso fazer algumas contas.

Andrew agradeceu ao vendedor, Simon despediu-se apenas com um pequeno movimento com a cabeça.

— Quem perdeu a aposta? — perguntou Simon, descendo a rua.

— Aquele vendedor achou que você fosse um doido e não posso culpá-lo. Respondeu as nossas perguntas para se livrar de nós o mais rápido possível.

- Você está agindo de má-fé!
- Está bem, eu te convido.

17.

No dia seguinte, Andrew recebeu mais uma mensagem de Marisa quando chegou ao escritório. Ligou para ela sem ter escutado.

— Talvez eu tenha uma solução — anunciou ela. — Meu namorado concordou em investigar Ortega. Ele está desempregado e ganhar um pouco de dinheiro não faria mal nenhum.

— Quanto? — perguntou Andrew.

— Quinhentos dólares por semana, mais os gastos, claro.

— É bastante dinheiro — suspirou Andrew —, não sei se a direção do jornal vai aceitar.

— Cinco jornadas de dez horas por dia, não são nem 10 dólares por hora, é só o que vocês pagam para uma faxineira limpar o chão de vocês em Nova York. Não é porque não somos americanos que vocês precisam nos tratar com menos consideração.

— A questão não é essa, Marisa. A imprensa não vai bem, os orçamentos estão apertados e essa investigação já custou caro demais na opinião dos meus empregadores.

— O Antonio poderia ir amanhã, se fosse para Córdoba de carro, economizaria o preço da passagem de avião. Quanto à estada, ele se vira, tem família perto do lago San Roque, que é na região. Você só precisaria pagar o salário dele, além da gasolina e da comida. Você decide. Mas se ele encontrar um trabalho, não vai poder mais ir.

Andrew pensou sobre a pequena chantagem que Marisa estava fazendo, sorriu e decidiu dar sinal verde. Anotou em uma folha os dados que ela passou e prometeu fazer uma transferência naquele mesmo dia.

— Assim que eu receber o dinheiro, o Antonio pega a estrada. Ligaremos para você todas as noites para dar notícias.

— Você vai com ele?

— De carro, vai custar a mesma coisa — respondeu Marisa —, e vamos chamar menos atenção juntos, vamos parecer um casal de férias, o lago San Roque é muito bonito.

— Achei que o seu chefe tinha se recusado a dar uns dias de folga.

— Você não sabe do que o meu sorriso é capaz, senhor Stilman.

— Não tenho a intenção de bancar uma semana de férias para a princesinha.

— Quem ousaria falar em férias quando se trata de localizar um antigo criminoso de guerra?

— Da próxima vez que eu pedir um aumento, talvez eu ligue para você, Marisa. Aguardo notícias suas, ansiosamente.

— Até breve, senhor Stilman — respondeu antes de desligar.

Andrew arregaçou as mangas, se preparando para confrontar Olivia Stern sobre as despesas suplementares. Mudou de ideia no caminho. Aquela combinação com Marisa não tinha acontecido em sua vida anterior, os resultados ainda eram incertos. Decidiu arcar com os custos da expedição. Se obtivesse informações interessantes, seria mais fácil pedir dinheiro, caso contrário, evitaria passar por um empregado gastador.

Saiu do seu escritório para ir a um caixa da Western Union, de onde faria a transferência de 700 dólares. Quinhentos para o salário de Antonio e 200 adiantados para as despesas. Depois, ligou para Valérie para dizer que voltaria cedo.

No meio da tarde, foi novamente tomado por um mal-estar. Andrew suava, tremia, sentia seus membros formigarem e uma dor aguda ressurgia em sua lombar, ainda mais forte que a anterior. Um apito estridente feria seus tímpanos.

Andrew foi para o banheiro, passar água no rosto. Encontrou Olson curvado sobre a pia, com o nariz colado em uma carreira de pó.

Olson levou um susto.

— Eu tinha certeza de que tinha passado a tranca.

— Pelo visto esqueceu, meu rapaz, mas se ajudar, eu não estou nada surpreso com isso.

— Caramba, Stilman, se contar isso para alguém, eu estou ferrado. Não posso perder meu emprego, pelo amor de Deus, não apronta nada.

Aprontar era a última coisa que Andrew queria naquele momento, sentindo suas pernas vacilarem.

— Não estou me sentindo muito bem — gemeu, apoiando-se sobre a pia.

Freddy Olson ajudou-o a sentar-se no chão.

— Tudo bem?

— Como pode ver, estou em plena forma. Fecha aquele trinco, não pegaria nada bem se alguém entrasse agora.

Freddy andou até a porta e trancou-a.

— O que está acontecendo com você, Stilman? Não é a primeira vez que passa mal desse jeito, talvez devesse ir ao médico.

— Você está com mais farinha no nariz do que um padeiro, você que devia procurar ajuda. Você está viciado, Freddy. Vai acabar queimando seus neurônios com essa porcaria. Há quanto tempo anda fazendo isso?

— E desde quando você se interessa pela minha saúde? Diz a verdade, Stilman, você vai me dedurar? Por favor, não faz isso. É verdade, a gente já teve lá nossos desentendimentos, mas você sabe melhor do que ninguém que eu não sou nenhuma ameaça para sua carreira. O que você ganharia me dedurando?

Andrew teve a impressão de que seu mal-estar estava passando; ele voltava a sentir seus membros, a vista clareava e sentiu o corpo ser tomado por um suave calor.

Lembrou-se de repente de uma frase de Pilguez: “Acusar um criminoso sem saber qual o motivo do crime é fazer o trabalho pela metade.” Tentou se concentrar o máximo possível. Já tinha antes, no passado, surpreendido Olson com o nariz na cocaína? Olson tinha se sentido ameaçado por ele? Será que alguma outra pessoa o tinha entregado, e Olson, convencido de que tinha sido Andrew, decidiu se vingar? Andrew pensava em como desmascarar Freddy,

descobrir o que o havia feito comprar uma coleção de descoladores com um vendedor de armas, e qual era o motivo.

— Me ajuda a levantar? — perguntou a Olson.

Olson olhou-o de forma ameaçadora. Deslizou a mão para o bolso. Andrew pensou ter visto a ponta de uma chave de fenda ou de uma faca.

— Jura primeiro que você não vai falar nada.

— Não se faz de bobo, Olson. Você mesmo disse, o que eu ganharia além de uma consciência pesada? O que você faz da vida não interessa a ninguém além de você.

Olson estendeu a mão para Andrew.

— Eu te julguei mal, Stilman, talvez você seja um cara legal.

— Tudo bem, Freddy, deixa de ser puxa-saco, eu não vou dizer nada, juro.

Andrew jogou uma água no rosto. O secador de mãos ainda estava quebrado. Saiu do banheiro, Olson foi atrás. Deram de cara com a redatora-chefe, que os esperava no corredor.

— Vocês estão tramando algo? Ou eu perdi alguma coisa? — questionou Olivia Stern, encarando-os de volta.

— Do que você está falando? — replicou Andrew.

— Vocês estão trancados há 15 minutos em um banheiro de 9 metros quadrados, o que querem que eu pense?

— Andrew passou mal. Fui ver se estava tudo certo e deitei ele no chão. Fiquei com ele até ele melhorar. Mas está tudo bem agora, não é, Stilman?

— Você passou mal de novo? — preocupou-se Olivia.

— Nada de mais, não se preocupa, essas malditas dores nas costas às vezes são tão fortes que é como se eu levasse uma facada.

— Vai ao médico, Andrew, é a segunda vez que acontece isso aqui no jornal e eu imagino que não sejam as únicas. É uma ordem, eu não quero ter que trazer você de volta da Argentina por causa de uma história estúpida de lombalgia negligenciada, entendeu bem?

— Sim, senhora — respondeu Andrew, com um tom deliberadamente impertinente.

Ao chegar a sua mesa de trabalho, Andrew virou em direção a Olson.

— Você não pensa duas vezes antes de pôr a culpa em mim.

— O que você queria que eu dissesse para ela, que a gente estava se beijando no banheiro? — respondeu Freddy.

— Vem comigo antes que eu estapeie você, precisamos conversar, mas não aqui.

Andrew foi com Freddy até a lanchonete.

— O que você foi fazer em uma loja de armas?

— Fui comprar filé-mignon... o que te importa, está me investigando agora?

Andrew pensou em como responder ao seu colega sem que ele ficasse com a pulga atrás da orelha.

— Você cheira o dia todo e vai a uma loja de armas... Se está com dívidas, prefiro saber, antes que os traficantes venham fazer uma carnificina no jornal.

— Fica tranquilo, Stilman, minha ida à loja de armas não tem nada a ver com isso. Fui por motivos profissionais.

— Você vai precisar me falar um pouco mais sobre isso.

Olson hesitou por um momento e cedeu às perguntas de Andrew.

— Tudo bem, eu disse para você que estava investigando os três assassinatos cometidos com arma branca. Eu também tenho meus contatos. Fui encontrar um amigo policial que passou os relatórios para o médico-legista. As três vítimas não foram atingidas pela lâmina de uma faca, e sim por um objeto pontiagudo, como uma agulha, que deixa como rastro um furo irregular.

— Um furador de gelo?

— Não, essa é a questão, quando sai, a arma faz um estrago grande demais para algo com a forma de uma simples agulha, por mais longa que fosse. O legista estava pensando em algo como um anzol. A questão é que, com um anzol, os ferimentos internos chegariam até o estômago, os golpes precisariam ter sido dados pelo lado. Quando era garoto, eu ia caçar com o meu pai. Ele trabalhava à moda antiga. Bem, não vou contar para você a minha infância, mas lembrei de uma coisa que meu pai usava para cortar os veados. Eu me perguntei se aquele tipo de ferramenta ainda era

vendida e fui ver isso em uma loja de armas. Satisfez sua curiosidade, Stilman?

— Você acredita realmente que tem um assassino em série nas ruas de Manhattan?

— Não tenho a menor dúvida.

— E o jornal encarregou você desse trabalho chinfrim?

— A Olivia quer que sejamos os primeiros a publicar esse furo.

— Se fôssemos os segundos não seria de fato um furo, não é? Por que essa história toda, Olson? A Olivia não passou para você nenhuma investigação de assassino em série.

Freddy olhou para Andrew com frieza e derrubou violentamente sua xícara de café.

— Você enche meu caso, Andrew, com a sua arrogância. Você é policial ou jornalista? Eu sei que quer me ver pelas costas, mas eu posso jurar que não vai conseguir, eu vou me defender, de todas as formas que eu puder.

— Você precisa se acalmar, Olson. Para alguém que não quer chamar atenção, não é uma boa ideia jogar uma xícara no chão no meio da lanchonete, está todo mundo olhando para você.

— O problema é deles, estou me protegendo, só isso.

— Do que está falando?

— Em que mundo você vive, Stilman? Não vê o que vai acontecer por aqui? Eles vão despedir metade dos funcionários, você é o único que não ouviu falar sobre isso ou o quê? Claro, você não se sente ameaçado. Quando se é o queridinho da redatora-chefe, não há por que temer pelo emprego, mas eu, eu não tenho esse privilégio, então me viro como posso.

— Agora não estou entendendo mais nada, Freddy.

— Se faz de mais burro do que é. Sua matéria sobre o orfanato chinês foi um sucesso, passaram para você imediatamente uma investigação sobre a Argentina. Você está com moral. Mas eu, eu não publico nada de extraordinário há meses. Sou obrigado a passar os plantões noturnos implorando aos céus para que aconteça algo diferente. Acha que gosto de dormir no escritório, de passar os finais de semanas aqui para tentar salvar meu emprego? Se eu for despedido, perco tudo, esse trabalho é minha vida. Você

às vezes tem pesadelos à noite? Claro que não, por que teria? Eu acordo suando, em uma cadeira de trabalho puída, em uma cidade no fim do mundo. Descubro que estou trabalhando em um jornal de quinta categoria e, no meu escritório imundo, sonho com os meus anos dourados, olhando uma edição amarelada do *New York Times*. Depois, toca o telefone, me dizem que preciso ir para a mercearia, porque um cachorro foi atropelado. Eu tenho esse maldito pesadelo todas as noites. Então, sim, Stilman, a Olivia não me encarregou de nenhuma investigação, ela não me encarregou de nada desde que você virou o queridinho dela. Trabalho por conta própria. Se eu tiver a sorte de ser o único a descobrir um assassino em série, uma chance ínfima de conseguir um furo, vou visitar todas as lojas de armas de Nova York, de Nova Jersey e de Connecticut para não deixar a chance passar, goste você ou não.

Andrew observou o colega, as mãos dele tremiam, sua respiração estava descompassada.

— Lamento. Se eu puder ajudar com a sua investigação, pode contar comigo.

— Claro, do alto do seu pedestal, o sr. Stilman se solidariza. Vai se ferrar!

Olson se levantou e saiu da lanchonete sem olhar para trás.

*

Andrew não conseguiu parar de pensar em sua conversa com Olson durante o que restava do dia. Ficar a par da situação do colega fazia-o se sentir menos só. À noite, jantando com Valérie, compartilhou com ela o desespero de Freddy.

— Você devia ajudá-lo — disse Valérie —, ficar ao lado dele, ao invés de dar as costas.

— A geografia do escritório nos obriga a ficar assim.

— Não se faz de bobo, você me entendeu muito bem.

— Minha vida já é enrolada demais por causa da minha investigação, se eu me meter a seguir um assassino imaginário, não vou dar conta.

— Eu não estava falando disso, e sim do inferno em que ele vive por causa da cocaína.

— Aquele maluco foi comprar descoladores para brincar de médico-legista. Ele pensa que essa é a arma que o tal assassino em série usa.

— Isso seria bem esquisito na minha opinião.

— E desde quando você entende disso?

— É um instrumento cirúrgico, posso trazer um da sala de cirurgia para você amanhã se quiser — respondeu Valérie, com um sorriso no canto da boca.

Esse breve comentário deixou Andrew pensativo. Pensava ainda sobre isso quando foi se deitar.

*

Andrew acordou com o nascer do dia. Sentia falta de correr ao longo do rio Hudson. Tinha bons motivos para não ir lá desde a sua reencarnação, mas, pensando bem, disse para si mesmo que ainda faltava muito para o dia 9 de julho. Valérie estava dormindo profundamente. Saiu da cama sem emitir nenhum som, vestiu a roupa de corrida e deixou o apartamento. O West Village estava completamente calmo. Andrew desceu a Charles Street em passadas curtas. Acelerou o passo no início da rua e conseguiu, pela primeira vez na vida, atravessar as cinco pistas da West End Highway antes que o segundo sinal de trânsito ficasse verde.

Contente com o feito, engajou-se no trajeto do River Park feliz da vida de retomar o treino matinal.

Parou sua corrida um momento para ver as luzes de Hoboken se apagarem. Adorava esse espetáculo, que o lembrava da infância. Quando morava em Poughkeepsie, seu pai ia buscá-lo cedo em seu quarto nos sábados de manhã. Tomavam café da manhã na cozinha e depois seu pai o colocava em frente ao volante, antes de empurrar a Datsun para fora da garagem, para não acordar sua mãe. Deus, como sentia falta dos seus pais, pensou. Quando o carro estava na rua, Andrew, que havia aprendido a manobra, engatava a segunda, soltava o pedal da embreagem sentindo as tosses do motor e

pressionava levemente o acelerador. Seu pai, para ensiná-lo a conduzir, fazia-o atravessar a Hudson Bridge, depois dobravam na Oaks Road e estacionavam ao lado do rio. Do local de onde observavam, viam quando as luzes de Poughkeepsie se apagavam. E a cada vez, o pai de Andrew aplaudia o momento como se comemora o fim do estouro de fogos de artifício.

E enquanto as luzes de Jersey City também se apagavam, Andrew abandonou suas lembranças para retomar sua corrida.

De repente, ele se virou e reconheceu de longe uma silhueta familiar. Ele piscou os olhos, Freddy Olson, com as mãos escondidas no bolso central do casaco de moletom se aproximava dele. Andrew sentiu imediatamente o perigo que o espreitava. Ele poderia ter cogitado confrontar Freddy, mas sabia que ele conseguiria atingi-lo de forma certa e mortal antes que fosse capaz de tentar qualquer manobra. Andrew começou a correr o mais rápido que pôde. Tomado pelo pânico, virou-se de novo para avaliar a distância que o separava de Olson, que se aproximava cada vez mais, obrigando Andrew a lançar mão de todas as suas forças, sem conseguir de fato fazê-lo. Olson devia ter cheirado uma boa quantidade de pó; como competir com alguém que se droga de manhã até a noite? Andrew viu diante de si um pequeno grupo de corredores. Se fosse capaz de alcançá-los, estaria salvo. Freddy desistiria do ataque. Uns 50 metros separavam os dois, alcançá-lo ainda parecia possível, por mais cansado que estivesse. Implorou ao bom Deus para dar-lhe as forças necessárias. Não era dia 9 de julho, ele tinha uma missão a cumprir na Argentina, tantas coisas para dizer a Valérie, não queria morrer naquele dia, ainda não, de novo não. Os corredores estavam a menos de 20 metros, mas ele sentiu Freddy se aproximar.

“Um pouco mais de força, eu imploro”, disse a si mesmo, “vou chegar, vou chegar, caramba.”

Quis pedir ajuda, mas não tinha fôlego para gritar por socorro.

E, de repente, sentiu um ferimento rasgar a parte baixa das suas costas. Andrew gritou de dor. Entre os corredores diante dele, uma mulher ouviu seu grito. Ela se virou e olhou-o. O coração de Andrew quase parou de bater quando discerniu o rosto de Valérie, que

sorria, tranquila, vendo-o morrer. Caiu sobre o asfalto e viu a luz se apagar.

*

Quando reabriu os olhos, estava deitado sobre um carrinho, tremendo, e o frescor do plástico sobre o qual estava deitado não melhorava seu conforto. Uma voz dirigiu-se a ele no alto-falante: vamos escanear o seu corpo, vai ser rápido. Tente não se mexer.

Como ele poderia se mexer quando seus punhos e tornozelos estavam presos por correias? Andrew tentou controlar os batimentos do coração, que ressoavam naquela sala branca. Não pôde ter o prazer de olhá-la com calma, o carrinho começou a avançar para dentro de um grande cilindro, ele tinha a impressão de estar sendo trancado vivo num tipo de sarcófago moderno. Um som abafado ressoou, seguido por uma série de batidas assustadoras. A voz no alto-falante tentou acalmá-lo: tudo estava bem, não precisava ter medo, o exame era indolor e logo acabaria.

Os barulhos cessaram, o carrinho voltou a se movimentar e Andrew pôde progressivamente voltar a ver a luz. Um maqueiro veio buscá-lo imediatamente e transferiu-o para uma cama hospitalar. Conhecia aquele rosto, já o tinha visto em algum lugar. Andrew se concentrou e teve quase certeza de reconhecer Sam, assistente de Valérie no consultório veterinário. Ele devia estar delirando devido ao efeito dos medicamentos.

Ainda assim, teve vontade de perguntá-lo, mas o homem sorriu para ele e abandonou-o no quarto para onde o tinha levado.

“Em que hospital estou?”, perguntou a si mesmo. No final das contas, não importava, havia sobrevivido à agressão e identificado o agressor. Uma vez recuperado dos ferimentos, poderia retomar sua vida normal. Aquele canalha do Freddy Olson passaria os dez próximos anos atrás das grades, essa deveria ser a pena mínima para tentativa de homicídio.

Andrew não se conformava em ter sido enganado tão facilmente por sua história. Olson deve ter presumido que ele desconfiava de algo e decidiu adiantar a data do crime. Andrew imaginou que

poderia postergar a viagem à Argentina, mas tinha agora a confirmação de que o curso dos acontecimentos podia ser modificado, uma vez que conseguira salvar sua pele.

Bateram na porta, o inspetor Pilguez entrou, acompanhado de uma mulher estonteante, vestida com uma camisa branca.

— Lamento, Stilman, eu fracassei, aquele sujeito conseguiu o que queria. Eu segui uma pista falsa. Estou velho, meu instinto não é mais o mesmo.

Andrew quis tranquilizar o inspetor, mas ele não estava recuperado o suficiente para conseguir falar.

— Quando fiquei sabendo o que aconteceu com você, peguei o primeiro avião e trouxe comigo minha amiga neurocirurgiã, sobre quem tinha falado para você. Apresento a doutora Kline.

— Lauren — disse a doutora, estendendo a mão.

Andrew lembrava seu nome, Pilguez havia mencionado em algum jantar. Achou graça porque todas as vezes que considerou a possibilidade de ser examinado por ela foi incapaz de lembrar seu nome.

A doutora mediu sua frequência cardíaca, examinou suas pupilas e tirou do bolso uma caneta. Uma caneta esquisita, cuja ponta havia sido substituída por uma minúscula ampola.

— Siga essa luz com os olhos, senhor Stilman — disse a médica, mexendo a caneta da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

Guardou-a no bolso da blusa e andou alguns passos para trás.

— Olson — disse Andrew com dificuldade.

— Eu sei — suspirou Pilguez —, fomos falar com ele no jornal. Ele tentou negar tudo, mas quando testemunhou sobre a loja de armas, entrou em contradição. Acabou confessando. Bem, eu estava certo em relação a uma coisa: sua mulher era cúmplice. Lamento por isso, preferia estar errado.

— Valérie, mas por quê? — balbuciou Andrew.

— Eu já disse, há dois tipos principais de crimes... Em noventa por cento dos casos, o assassino é alguém próximo. O seu colega contou para ela que você estava apaixonado por outra e que iria cancelar o casamento. Ela não suportou a humilhação. Prendemos

ela no trabalho. Com a quantidade de policiais que tinha lá, ela nem tentou resistir.

Andrew se sentiu sufocado pela tristeza, uma dor que acabou de repente com toda sua vontade de viver.

A médica se aproximou dele.

— Os resultados dos seus exames estão normais, o seu cérebro não sofreu nenhuma lesão, nem tem nenhum tumor. É uma boa notícia.

— Mas estou com tanto frio e com tanta dor nas costas — gaguejou Andrew.

— Eu sei, a sua temperatura corporal está tão baixa que tanto eu quanto meus colegas chegamos à mesma conclusão. Você está morto, senhor Stilman, está morto, sem sombra de dúvida. Essa sensação de frio não deve durar muito, apenas o tempo que a sua consciência demorar para se apagar.

— Lamento, senhor Stilman, lamento muito ter fracassado — repetiu o inspetor Pilguez. Vou levar minha amiga para almoçar e voltaremos para ir com você até o necrotério. Não vamos deixar você sozinho nesse momento. Em todo o caso, foi um grande prazer conhecer você, ainda que não por muito tempo.

A médica se despediu com delicadeza, Pilguez bateu amigavelmente em seu ombro. Apagaram a luz e saíram do quarto.

Sozinho, no escuro, Andrew começou a gritar, até morrer.

*

Sentiu seu corpo tremer em todas as partes, como um mar em ressaca. Um raio de luz brilhante atingiu suas pálpebras, ele arregalou os olhos e discerniu o rosto de Valérie, debruçada sobre ele.

— Andrew, acorda, meu amor, você está tendo um pesadelo. Acorda, Andrew!

Inspirou com força um grande volume de ar e se levantou bruscamente, suando, sobre sua própria cama, no quarto do apartamento de West Village. Valérie estava quase tão apavorada

quanto Andrew. Passou os braços em torno dele e aproximou seus corpos.

— Você está tendo pesadelos todas as noites, precisa ir consultar alguém, não pode ficar assim.

Andrew voltou a si. Valérie trouxe um copo d'água para ele.

— Toma, bebe, vai te fazer bem, você está encharcado.

Ele olhou para o despertador na mesa de cabeceira. O ponteiro marcava seis horas da manhã, do sábado, dia 26 de maio.

Ainda tinha seis semanas para identificar seu assassino, a menos que seus pesadelos acabassem com ele antes disso.

18.

Valérie fazia tudo ao seu alcance para acalmar Andrew, o estado de espírito dele a preocupava. Ao meio-dia, foram ao Brooklyn. Visitaram os antiquários do bairro de Williamsburg. Andrew ficou boquiaberto diante de uma pequena locomotiva a vapor, uma miniatura feita nos anos 50, cujo preço ultrapassava muito o valor que Andrew podia gastar. Valérie disse para ele ir explorar o fundo da loja e, assim que ele deu as costas, ela comprou o objeto cobiçado e escondeu-o na bolsa.

Simon dedicou seu dia de sábado à perseguição de Olson. Esperou embaixo do prédio dele assim que o dia nasceu. Ao volante de um Oldsmobile 88, que atraía os olhares dos pedestres cada vez que parava em um sinal vermelho, Simon acabou se perguntando se não seria melhor ter escolhido um outro carro, ainda que aquele fosse o mais discreto de sua coleção.

Olson passou a hora do almoço em uma casa de massagem suspeita em Chinatown. Saiu de lá por volta das duas da tarde, com os cabelos engomados. Na próxima parada, Simon estacionou diante de um restaurante mexicano onde Freddy devorava tacos e lambia os dedos para não desperdiçar nada do molho que pingava por todos os lados.

Simon tinha comprado uma câmera fotográfica e uma teleobjetiva digna de um paparazzo, acessórios que julgava indispensáveis para o sucesso da missão na qual se engajara.

No meio da tarde, Olson foi passear no Central Park e Simon viu-o tentando iniciar uma conversa com uma mulher que estava lendo, sentada em um banco.

— Com a blusa respingada de Tabasco, se você for bem-sucedido, camarada, eu viro padre.

Simon suspirou, vendo a mulher fechar seu livro e se distanciar de Olson.

Enquanto Simon espiava Freddy, o hacker recrutado transferia o conteúdo de seu computador, que tinha conseguido invadir em menos de quatro minutos. Decodificando as pastas copiadas, ele seria capaz de saber se Olson se escondia por trás do pseudônimo Spookie-Kid.

O informante de Simon não era o único a teclar naquele momento. Do outro lado do país, um inspetor de polícia aposentado trocava e-mails com um antigo colega da 6ª DP, a quem tinha ensinado o ofício e que hoje era diretor da divisão de investigações criminais da polícia de Chicago.

Pilguez tinha pedido a ele um pequeno favor, cujo aspecto legal poderia se revelar litigioso sem a ordem de um juiz, mas, entre colegas, e por uma boa causa, a burocracia podia ir se danar.

As novidades que acabara de receber o incomodavam enormemente, e ele hesitou bastante antes de ligar para Andrew.

— Você está com uma voz péssima — disse.

— Dormi mal — respondeu Andrew.

— Eu também tenho insônia, e isso não melhora com a idade. Mas eu não liguei para conversar sobre problemas de saúde. Eu queria contar que a sra. Capetta comprou hoje de manhã uma passagem para vir para Nova York. E o que mais me preocupa é que a reserva da ida está marcada para o dia 14 de junho, enquanto a data da volta está indeterminada. Você vai me dizer que quanto maior a antecedência, menor o preço, mas, mesmo assim, a coincidência de datas é muito preocupante.

— Como você ficou sabendo disso?

— Se um policial pedisse que revelasse suas fontes, você revelaria?

— De jeito nenhum — respondeu Andrew.

— Então fique satisfeito com o que eu acabei de contar, o resto só interessa a mim. Tomei algumas providências em relação à sra. Capetta. Vão começar a segui-la assim que ela chegar a Nova York. Principalmente de manhã, por motivos que nós dois conhecemos bem.

— Talvez ela queira rever o marido.

— Essa seria a melhor notícia em semanas, mas eu tenho um defeito horrível, eu nunca acredito em boas notícias. E você, algum progresso?

— Eu não estou conseguindo mais pensar com clareza. Estou preocupado com Olson, mas não só com ele, me vejo desconfiando de todo mundo.

— Você precisa respirar novos ares, sair de Nova York e ir recarregar as energias. Você é a pessoa mais importante dessa investigação, precisa estar com a cabeça no lugar, ou o tempo não vai jogar a nosso favor. Sei muito bem que você não vai seguir meu conselho e lamento por isso.

Pilguez se despediu de Andrew e prometeu ligar de volta assim que tivesse novidades.

— Quem era? — perguntou Valérie, terminando seu sorvete, no terraço da cafeteria onde estavam.

— Ninguém importante, era trabalho.

— É a primeira vez que eu ouço você dizer que seu trabalho não é importante, você deve estar ainda mais cansado do que eu imaginei.

— O que você acha de a gente ir passar a noite na beira do mar?

— Acho ótimo.

— Então vamos para a Grand Central Station, eu conheço um pequeno hotel muito charmoso com vista para o mar em Westport. A maresia vai nos fazer bem.

— Vamos precisar passar em casa para pegar algumas coisas.

— Não precisa, compramos escovas de dente lá. Para uma noite não precisamos de mais nada.

— O que está acontecendo? Parece que está fugindo de alguma coisa ou de alguém.

— Só estou com vontade de sair da cidade, uma escapada romântica com você, longe de tudo.

— E posso saber como você conheceu esse pequeno hotel charmoso com vista para o mar?

— Eu escrevi a necrologia do proprietário.

— Aprecio a gentileza — respondeu Valérie com uma voz suave.

— Mas você não teria ciúmes do meu passado, de qualquer forma. Ou teria?

— Do seu passado e do seu futuro. Quando estávamos no colégio, eu tinha muito mais ciúme das meninas que ficavam rondando você do que pode imaginar — respondeu Valérie.

— Que meninas?

Valérie sorriu, sem responder, e chamou um táxi.

Eles chegaram a Westport no início da noite. Através das janelas do quarto, via-se o cabo no qual as correntes lutavam incessantemente.

Depois do jantar, foram passear na lagoa, onde nenhum traço de civilização podia ser encontrado. Valérie estendeu na areia uma toalha trazida do hotel, Andrew repousou a cabeça sobre seus joelhos e, juntos, observaram o oceano em revolta.

— Quero envelhecer do seu lado, Andrew, para ter tempo de conhecer você.

— Você me conhece melhor do que qualquer outra pessoa.

— Desde que saí de Poughkeepsie, não conheci outra coisa que não fosse solidão, desde que estou com você, cada vez mais, não sei o que é esse sentimento, e isso me deixa feliz.

Aninhados sob o frescor da noite, ouviam a ressaca, sem nada dizerem.

Andrew pensou sobre a adolescência deles. As lembranças são às vezes como fotografias apagadas pelo tempo, cujos detalhes reaparecem quando expostas a uma luz especial. Ele sentiu que a cumplicidade que os unia era mais forte do que tudo.

Em três dias, ele estaria em Buenos Aires, a milhares de quilômetros dela, desses momentos serenos que esperava reviver quando o calor do verão já estivesse menos chamejante.

*

Um sono sereno e um café da manhã sob o sol permitiram que Andrew recuperasse suas forças. As costas não doíam mais.

Chegando a Nova York, domingo à noite, ligou para Simon e pediu que o encontrasse no Starbucks, na manhã do dia seguinte,

por volta das nove horas.

*

Simon chegou atrasado, e Andrew esperou por ele lendo o jornal.

— Não quero ouvir um pio, foi o pior sábado da minha vida.

— Eu não falei nada.

— Porque eu acabei de proibir.

— O que fez o seu sábado ser tão ruim?

— Eu passei o dia na pele do Freddy Olson, um disfarce muito mais sórdido do que você imagina.

— Tanto assim?

— Pior. Prostitutas, tacos e cocaína, e isso ocupou só metade do dia. Depois do almoço, ele resolveu ir visitar o necrotério, não me pergunte o que foi fazer lá; se eu tivesse entrado com ele, teria sido notado. Além disso, o conteúdo desse tipo de frigorífico não me agrada nem um pouco. Depois, ele comprou flores e foi para o hospital Lenox.

— E depois do hospital?

— Foi passear pelo Central Park, depois no seu bairro, e ficou andando na frente da sua casa. Depois de ter passado umas três ou quatro vezes na frente da porta do seu prédio, ele entrou, mexeu na sua caixa de correio e, de repente, foi embora.

— Olson foi ao meu prédio?

— Quando você repete as palavras que eu acabei de dizer, tenho a impressão de estar tendo uma conversa muito interessante...

— Aquele cara é completamente maluco!

— Além de tudo, está no fundo do poço. Eu o segui até que voltasse para casa. A solidão daquele homem é um abismo com uma profundidade vertiginosa, ele é um perdido.

— Ele não é o único a se sentir desorientado. Já estamos quase em junho. Mas eu não devia reclamar; quem como eu pode ter o benefício de viver duas vezes o mesmo mês de maio?

— Eu certamente não — respondeu Simon —, e considerando a quantidade de casos mirabolantes no mês, não tem nada de mais, que venha junho... e esperemos por julho.

— Maio foi o mês em que minha vida mudou — suspirou Andrew —, eu estava feliz e ainda não tinha jogado para o alto a melhor coisa que já aconteceu na minha vida.

— Você precisa se perdoar, Andrew, ninguém pode fazer isso por você. Tanta gente sonharia em poder começar tudo de novo, em voltar para exatamente antes do momento em que erraram. Você diz que é isso que está acontecendo com você, então aproveita, ao invés de lamentar o seu destino.

— Quando se sabe que a morte está se aproximando, o sonho vira logo um pesadelo. Você toma conta de Valérie quando eu não estiver mais aqui?

— Você mesmo vai tomar conta dela! Vamos todos morrer, a vida é uma doença mortal em cem por cento dos casos. Eu não sei quando vai ser a minha data fatídica e não tenho o privilégio de retardar esse acontecimento. Não é tão tranquilizante quanto você pensa. Quer que eu vá com você para o aeroporto amanhã?

— Não, seria inútil.

— Vou sentir sua falta, sabia?

— Eu também.

— Vamos, vai ficar com a Valérie, eu tenho um encontro.

— Com quem?

— Você vai se atrasar, Andrew.

— Responde primeiro.

— Com a recepcionista do hospital Lenox. Eu passei lá de novo no domingo para ver se ela estava bem, depois da visita do Freddy; é o meu lado perfeccionista, não posso fazer nada.

Andrew se levantou, despediu-se de Simon e olhou para trás um pouco antes de sair do café.

— Preciso pedir que faça uma coisa para mim, Simon.

— Achei que já tivesse feito isso, mas sou todo ouvidos.

— Preciso que vá a Chicago. Aqui está o endereço de uma mulher. Adoraria que você a seguisse por uns dias.

— Bem que desconfiei que não ia encontrar com você em Buenos Aires.

— Você queria mesmo ir?

— Minha mala estava pronta, pelo sim, pelo não.

— Eu vou ligar para você e prometo que assim que possível digo para voltar.

— Não se preocupa, vou para Chicago logo que puder; e você, toma cuidado lá. Essa sra. Capetta é bonita?

Andrew deu um abraço no amigo.

— Bem, é bonita demais, mas eu acho que tenho uma dívida com ela, então se puder evitar arrastar suas asinhas para ela, eu ficaria enormemente grato.

— Arrastar as minhas asinhas?

— É uma expressão antiga, nunca ouviu?

— E de que época você é?

— Você consegue me irritar com uma facilidade às vezes, como pode?!

*

Andrew aproveitou seu último dia em Nova York para organizar um pouco a vida. Passou a manhã no trabalho. Freddy não estava lá. Ligou para a recepcionista e pediu que ela lhe avisasse caso Olson entrasse no prédio. Fingiu ter marcado um encontro com ele na recepção.

Assim que desligou, Andrew foi inspecionar a mesa do colega. Mexeu em suas gavetas e não encontrou nada além de cadernos transbordando de anotações, de ideias, de matérias desinteressantes, de temas que o jornal nunca publicaria. Como Olson podia divagar tanto? Andrew estava quase desistindo, quando um Post-it que ficara colado sem querer no cesto de lixo chamou a atenção dele. Nele estava escrita a senha do seu próprio computador. Como Olson havia conseguido aquilo e o que tinha feito em seu computador?

“A mesma coisa que você”, respondeu sua consciência. “Fuçado.”

— É diferente — murmurou Andrew —, Olson representa uma ameaça em potencial para mim.

Uma ideia louca passou por sua cabeça e usou sua própria senha para tentar acessar os dados contidos no computador de

Olson. A manobra foi bem-sucedida. Andrew concluiu que Freddy tinha tanta personalidade quanto um peixinho dourado. Ou então seu maquiavelismo era digno de respeito. Quem pensaria em usar a mesma senha que a do indivíduo que está espionando?

O disco rígido comportava várias pastas, entre elas uma chamada “SK”. Ao abri-la, Andrew se deparou com a prosa abundante de Spookie-Kid. Olson era um verdadeiro doente mental, disse para si mesmo ao descobrir a montanha de insultos proferidos contra ele. Por mais desagradável que fosse para ele ler esse tipo de ladainha, ficou aliviado por ter sido redigida por um colega de trabalho invejoso, e não por um leitor. Andrew inseriu um pen drive no computador e copiou as pastas para poder estudá-las com calma. Ele descia as linhas pela tela quando ouviu seu telefone tocar do outro lado da divisória. As portas do elevador se abriram no andar. Andrew só teve tempo de transferir a pasta chamada “Punição” e de se levantar rapidamente no momento em que Freddy entrou no corredor.

Ao olhar sua mesa de trabalho, Andrew percebeu que havia deixado o pen drive conectado ao computador de Olson e rezou para que ele não percebesse.

— Onde você estava? — perguntou para Olson quando passou ao seu lado.

— Por quê? Devo satisfação a você?

— Só por curiosidade — respondeu Andrew, com a intenção de desviar a atenção do colega.

— Quando você viaja para Buenos Aires, Stilman?

— Amanhã.

— Se você pudesse ficar por lá, não seria nada mal.

Olson recebeu uma ligação e se afastou da sua mesa.

Andrew aproveitou para recuperar seu dispositivo.

Depois, pegou seu bloco de notas, deu uma última olhada em suas coisas e decidiu ir para casa. Valérie esperava por ele, seria a última noite que teriam juntos antes que fosse para Buenos Aires, e ele preferia não se atrasar.

Levou-a para jantar no Shanghai Café, no bairro de Little Italy. A sala do restaurante tinha um ambiente bem mais intimista do que no Joe's. Valérie estava triste e não tentava disfarçar. Andrew, mais que satisfeito por continuar sua investigação, se sentia culpado. Eles deviam aproveitar o máximo que podiam a noite, mas a iminência da separação tornava isso impossível.

Valérie decidiu ir dormir em casa. Preferia não estar com ele quando Andrew fechasse, de manhãzinha, a mala que havia preparado.

Acompanhou-a até seu apartamento no East Village, e permaneceram abraçados por um longo momento na porta do prédio.

— Eu detesto você por me deixar aqui sozinha, mas se tivesse desistido de viajar, eu detestaria ainda mais.

— O que eu poderia ter feito para que você gostasse um pouco de mim?

— Na véspera da sua partida, não muita coisa. Volta logo, é tudo o que eu peço, já estou com saudades.

— São só dez dias.

— E 12 noites. Toma cuidado e encontra aquele sujeito. Estou orgulhosa de virar sua mulher, Andrew Stilman. Agora some antes que eu desista de deixar você ir.

19.

O avião de Andrew pousou no início da noite no aeroporto internacional Ezeiza. Para sua surpresa, Marisa foi buscá-lo. Ele tinha enviado vários e-mails, mas ela não dera nenhum sinal de vida desde a última conversa que tiveram por telefone. Na viagem anterior, eles haviam se encontrado no hotel, no dia seguinte ao de sua chegada.

Andrew percebeu que, quanto mais o tempo passava, mais ele tinha a impressão de que as coisas aconteciam fora da ordem original.

Reconheceu o velho Coccinelle, cujo para-lama traseiro estava tão enferrujado que se perguntava, a cada sobressalto, se sua poltrona não acabaria atravessando o painel do piso.

— Achei que vocês tivessem tirado umas belas férias com o dinheiro que mandei; tinham prometido dar notícias.

— As coisas ficaram mais complicadas do que o previsto, Antonio está no hospital.

— O que aconteceu? — perguntou Andrew.

— Tivemos um acidente de carro no caminho de volta.

— Grave?

— O suficiente para que meu namorado esteja com o braço engessado, com seis costelas quebradas e com traumatismo craniano. Por pouco eu não estou lá também.

— Ele causou o acidente?

— Se considerarmos que ele não freou no cruzamento, com o sinal vermelho, sim, mas como os freios não funcionaram, suponho que ele não possa ser responsabilizado...

— E o carro dele estava tão bem-cuidado quanto o seu? — perguntou Andrew, sem conseguir puxar o cinto de segurança, que estava engatado na bobina.

— O Antonio é maníaco com o carro dele, às vezes me pergunto se ele não gosta mais do carro do que de mim. Ele nunca teria pegado a estrada sem verificar tudo antes. Fomos deliberadamente sabotados.

— Suspeitam de alguém?

— Nós localizamos Ortiz, espionamos e tiramos algumas fotos. Fizemos perguntas, talvez coisas demais, os amigos dele não são coroinhas inocentes.

— Isso não é nada bom para a investigação, ele deve estar tomando mais cuidado agora.

— O Antonio está todo quebrado e você só pensa na sua investigação. Sua solidariedade é muito emocionante, senhor Stilman.

— Eu não tenho muito tato, mas lamento por seu noivo, ele vai ficar bem, pode ter certeza. Sim, eu me preocupo com minha matéria, também não vim aqui para ir à missa. Quando o acidente aconteceu?

— Há três dias.

— Por que você não me disse nada?

— Porque Antonio só acordou ontem à noite e você era a última coisa que passava pela minha cabeça.

— Guardou as fotos?

— A câmera ficou muito danificada, o carro capotou várias vezes. Estávamos usando um aparelho velho para não chamar muita atenção. O filme provavelmente queimou, não sei o que vai poder ser aproveitado. Deixei para revelar com um fotógrafo amigo meu. Vamos juntos amanhã pegar as fotos com ele.

— Você vai sozinha amanhã, eu vou pegar a estrada para Córdoba.

— Você certamente não faria uma coisa tão estúpida, senhor Stilman. Com todo o respeito que eu lhe devo, se eu e o Antonio, que somos daqui, acabamos sendo percebidos, eu não dou um dia antes que os homens de Ortiz peguem você. E além do mais, você não precisa viajar tantos quilômetros. Ele vem todas as semanas para Buenos Aires visitar o maior cliente que tem.

— E qual a próxima vez que vem?

— Na próxima terça, se ele for fiel à rotina. Foi o que descobrimos lá, fazendo perguntas aos vizinhos. Foi provavelmente esse o motivo do acidente.

— Lamento, Marisa, eu não achei que estaria pondo vocês em risco, se eu soubesse... — disse, com toda a sinceridade.

Andrew não se lembrava desse acidente, mas nada estava acontecendo como antes, de qualquer forma. Durante sua última viagem, tinha sido ele que fotografara Ortega, e seu aparelho havia sido roubado em uma rua pequena, no subúrbio de Buenos Aires, quando fora assaltado por três homens.

— Você realmente acredita que um homem, que investiu tanta energia para mudar de identidade e evitar ser preso, vai deixar que o desmascarem sem reagir? Em que mundo você vive? — continuou Marisa.

— Você ficaria surpresa se eu contasse para você — respondeu Andrew.

Marisa estacionou na frente do hotel Quintana, na Recoleta, um bairro portenho de classe alta.

— Vamos visitar o seu namorado. Eu deixo minhas coisas aqui mais tarde.

— O Antonio precisa descansar, e o horário de visita já terminou. Agradeço a atenção, vamos amanhã. Ele está na UTI do hospital General de Agudos, é bem perto daqui. Eu venho buscar você por volta das nove horas.

— Você não trabalha no bar esta noite?

— Não, esta noite não.

Andrew se despediu de Marisa, pegou sua mala no banco de trás e caminhou em direção à entrada do hotel.

Um furgão branco estacionou no meio-fio. Sentado na frente, um homem focalizava Andrew na mira da sua objetiva e fotografava-o várias vezes seguidas. As portas de trás se abriram e saiu um segundo comparsa, que foi se instalar tranquilamente no hall. A caminhonete continuou atrás de Marisa, a quem seguia desde que ela e Antonio haviam saído de Córdoba.

Andrew sorriu quando a recepcionista deu para ele as chaves do quarto 712. É o que tinha ocupado em sua vida passada.

— Você pode pedir para trocarem as pilhas do controle remoto da televisão? — perguntou.

— Eles são verificados todos os dias pelo serviço de manutenção — respondeu a funcionária.

— Bem, pode confiar em mim, essa tarefa foi negligenciada.

— Como você pode saber, se ainda não foi para o seu quarto?

— Eu sou vidente — disse Andrew, arregalando os olhos.

O quarto 712 era exatamente como recordava. A janela estava travada, as dobradiças das portas dos armários rangiam, um filete de água escorria do chuveiro e o frigobar ronronava como um gato tuberculoso.

— Serviço de manutenção invejável — reclamou Andrew, jogando sua mala sobre a cama.

Ele não tinha comido nada desde Nova York. A comida do avião tinha uma aparência suja demais para que se arriscasse, e estava morrendo de fome. Lembrava de ter jantado, em sua última estada, em uma *parrilla* situada bem em frente ao cemitério da Recoleta. Riu ao fechar a porta do seu quarto com a ideia de degustar as mesmas carnes pela segunda vez.

Quando Andrew saiu do hotel, o homem que havia se instalado no hall levantou do sofá em que estava e seguiu seus passos. Foi se sentar em um banquinho, bem em frente ao restaurante.

Enquanto Andrew se deliciava, um funcionário do serviço de manutenção do hotel Quintana aceitava uma generosa gorjeta para ir inspecionar os pertences do cliente do quarto 712. Ele executou sua missão minuciosamente. Abriu o pequeno cofre do quarto com a senha de serviço, fotografou todas as páginas do caderno de endereço de Andrew, assim como as do seu passaporte e de sua agenda.

Quando tudo estava de volta em seu devido lugar, ele verificou o funcionamento do controle remoto da televisão, trocou as pilhas e saiu. Reencontrou seu generoso patrocinador em frente à entrada de serviço do hotel e entregou-o a máquina fotográfica digital que este o havia confiado.

*

Saciado, Andrew dormiu como um bebê, sem que nenhum pesadelo atrapalhasse seu sono, e acordou animado nas primeiras horas da manhã.

*

Após engolir um café da manhã no restaurante do hotel, foi esperar Marisa sob o arco da porta de entrada.

— Nós não vamos visitar o Antonio — disse ela assim que Andrew entrou em seu Coccinelle.

— Ele piorou durante a noite?

— Não, ele está melhor hoje, mas a minha tia recebeu uma ligação nada agradável de madrugada.

— Como assim?

— Um homem que não se identificou disse que ela devia vigiar as companhias da sobrinha dela, se não quisesse ter aborrecimentos sérios.

— Os amigos de Ortiz não perdem tempo, caramba.

— O que me preocupa de verdade é que eles já sabem que você está na cidade e que você nos conhece.

— E essa má companhia só pode ser eu?

— Você não está falando sério, eu espero.

— Você é muito bonita, não devem ser poucos caras que correm atrás de você.

— Me poupe desse tipo de retórica, eu sou louca pelo meu noivo.

— Não tem nenhuma indireta nesse elogio — garantiu Andrew.

— Você sabe em que rua fica a entrada de serviço do hospital?

— Não vai adiantar nada ficar disputando quem é mais malandro, os homens de Ortiz podem ter posto um comparsa dentro do prédio. Não quero que Antonio corra nenhum risco. Ele já se arriscou demais.

— Então o que vamos fazer agora?

— Vou levar você para a casa da minha tia, ela é mais esperta do que eu e do que a maioria das pessoas desta cidade. É uma das

primeiras Mães da praça de Maio. E, que fique claro, você não me pagou para que eu fosse sua guia turística!

— Eu não chamaria isso exatamente de turismo, mas vou registrar sua reclamação... e seu excelente humor.

*

Louisa morava em uma pequena casa no bairro de Monte Chingolo. Para chegar a sua casa, era necessário atravessar um pátio, sombreado pela copa florida de um grande jacarandá-roxo, e cujos muros estavam cobertos de passifloras.

Louisa teria sido uma linda avó, mas a ditadura a havia privado de um dia ter netos.

Marisa acompanhou Andrew até a sala.

— Então é você o jornalista americano que investiga o nosso passado — disse Louisa, levantando-se do sofá onde completava palavras cruzadas. — Imaginava você mais bonito.

Marisa sorriu enquanto sua tia fez sinal para que Andrew se sentasse à mesa. Ela entrou na cozinha e voltou com um prato de biscoitos.

— Por que você está interessado em Ortiz? — perguntou, servindo-lhe um copo de limonada.

— A minha redatora-chefe acha a trajetória dele interessante.

— A sua chefe tem interesses inusitados.

— Como entender o que leva um homem comum a se tornar um torturador? — respondeu Andrew.

— Ela deveria ter vindo no seu lugar. Eu teria listado centenas de militares que se transformaram em monstros. Ortiz não era um homem comum, mas também não era o pior entre eles. Era um piloto da guarda-costeira, um oficial de segunda. Nunca tivemos provas formais de que ele tenha participado da tortura. Mas não ache que eu tenho a intenção de tirar a culpa dele, ele cometeu atos terríveis e deveria, como muitos outros, apodrecer na cadeia por seus crimes. Mas como muitos outros também, ele se livrou, pelo menos até hoje. Se você nos ajudar a provar que Ortiz se tornou

esse comerciante que responde pelo nome de Ortega, podemos fazer justiça. Pelo menos tentaremos.

— O que você sabe dele?

— De Ortega, até agora, não muito. Quanto a Ortiz, basta consultar os arquivos da ESMA para ficar sabendo sua estirpe.

— Como ele conseguiu escapar da justiça?

— De que justiça você está falando, senhor jornalista? Dessa que anistiou esses animais? Dessa que deu tempo para que eles fizessem novos documentos de identidade? Depois da volta à democracia, em 1983, nós, as famílias das vítimas, pensamos que esses criminosos seriam condenados. Não contávamos com a covardia do presidente Alfonsín e com o poder do Exército. O regime militar teve tempo de apagar os traços, de limpar os uniformes manchados de sangue, de esconder o material de tortura à espera de tempos melhores, nada garante que aquelas coisas não voltarão a acontecer um dia. A democracia é frágil. Se você se crê protegido do pior porque é americano, está tão enganado quanto nós estávamos. Em 1987, o Barreiro e o Rico, dois oficiais de alta patente, promoveram uma rebelião militar e conseguiram burlar nosso aparelho judiciário. Leis vergonhosas foram votadas, como a do dever à obediência, que estabelecia uma hierarquia de responsabilidades em função da hierarquia militar, e outra ainda mais vergonhosa, a do “Ponto final”, que tornava prescritos todos os crimes ainda não julgados. O seu Ortiz, como centenas dos comparsas dele, receberam um salvo-conduto que os protegia de qualquer ação judiciária. A mesma coisa aconteceu com vários torturadores, e aqueles que estavam na cadeia foram liberados. A lei só foi revogada depois de 15 anos. Mas, em 15 anos, você pode imaginar que aqueles vermes tiveram tempo suficiente para se esconder.

— Como o povo argentino pôde deixar que isso acontecesse?

— É engraçado que você pergunte isso com tanta arrogância. E vocês, americanos, vocês levaram para a justiça o presidente Bush, o vice-presidente Dick Cheney ou o secretário da Defesa por terem autorizado a tortura nas prisões iranianas durante os interrogatórios, por terem dito que fizeram isso em nome da segurança nacional, ou

por terem criado a prisão de Guantánamo? Vocês fecharam esse lugar que desobedece os acordos da Convenção de Genebra por mais de uma década? Vê como a democracia é frágil? Então não nos julgue. Fizemos o que pudemos, frente a um Exército poderoso que manipulava como queria os mecanismos do aparelho de Estado. A maioria de nós fica feliz de poder pôr os filhos na escola, de ter comida para servir a eles, e um teto sobre a cabeça; isso já exige esforço e sacrifícios demais para as classes menos favorecidas da sociedade argentina.

— Eu não julgo vocês — garantiu Andrew.

— Você não é um justiceiro, senhor repórter, mas você pode contribuir para que a justiça seja feita. Se você desmascarar esse homem que se esconde por trás da identidade de Ortega, se ele for mesmo Ortiz, vai ter o destino que merece. Portanto, estou disposta a contribuir.

Louisa se levantou de sua cadeira para ir até uma cômoda em torno da qual se organizava a decoração da sala. Ela tirou da gaveta uma pasta, que pousou sobre a mesa. Percorreu as páginas, umedecendo a cada vez o dedo, e parou para se virar e mostrar a Andrew o que estava fazendo.

— Vejo só o seu Ortiz — disse ela —, em 1977. Ele tinha uns 40 anos, já estava velho demais para pilotar outros aviões que não esse da guarda-costeira. Um oficial com uma carreira pouco significativa. De acordo com o relato das investigações que eu busquei nos arquivos da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, ele teria pilotado vários dos voos da morte. Do avião que pilotava, vários jovens homens e mulheres, às vezes simples rapazes que tinham acabado de sair da adolescência, foram lançados vivos nas águas do rio de La Plata.

Andrew não conseguiu conter uma expressão de desgosto ao olhar a foto do oficial que posava cheio de pompa.

— Ele não saía do lado do Massera, o chefe da ESMA. Foi provavelmente quem o ajudou a escapar durante os anos em que corria o risco de ser preso. Ortiz recebia ordens de Héctor Febres, o chefe da guarda-costeira. Mas Febres também era chefe do serviço de informações da ESMA, responsável pelo setor 4, que continha

várias salas de tortura e a maternidade. Maternidade é um modo bem generoso de chamar aquele cubículo de poucos metros quadrados onde as prisioneiras pariam como animais. Pior do que animais: suas cabeças eram cobertas com um saco de juta. Febres forçava essas mulheres, que tinham acabado de dar à luz, a redigirem uma carta em que pediam a suas famílias para tomarem conta de seus filhos enquanto estivessem presas. Você sabe o que acontecia depois. Agora, senhor Stilman, escute bem, porque, se realmente quer minha ajuda, devemos fazer um pacto, eu e você.

Andrew encheu o copo de Louisa de limonada. Ela bebeu em um gole só e o pôs de volta sobre a mesa.

— É bem provável que, por causa dos serviços prestados, Ortiz tenha se beneficiado dos favores de Febres. Ou seja, que tenha recebido um desses bebês.

— É bem provável ou você sabe que isso aconteceu?

— Não importa, porque nosso pacto é exatamente sobre isso. Revelar a verdade a uma dessas crianças roubadas exige cuidados infinitos que nós, as Mães da praça de Maio, levamos muito a sério. Descobrir, já adulto, que os seus pais não são seus pais, e além do mais descobrir que colaboraram, diretamente ou não, com o desaparecimento dos seus pais verdadeiros, não é algo que seja feito sem maiores consequências. É um processo difícil e traumatizante. Nós lutamos para revelar a verdade, para revelar a verdade às vítimas da ditadura, mas não para destruir a vida de pessoas inocentes. Eu direi para você tudo o que eu sei e tudo o que eu venha a saber sobre o Ortiz, e você, tudo que ficar sabendo sobre os filhos dele contará para mim, e só para mim. Você deve jurar pela sua honra que não vai publicar nada sobre isso sem minha autorização.

— Não estou entendendo Louisa, não existe meia verdade.

— Concordo, mas há verdades que precisam ser reveladas na hora certa. Imagina se você fosse o filho “adotado” desse Ortiz, você gostaria de saber imediatamente que os seus pais verdadeiros foram assassinados, que a sua vida é uma mentira, que a sua identidade foi inventada, inclusive seu nome? Gostaria de descobrir

isso tudo lendo o jornal? Já imaginou as consequências que uma matéria pode ter na vida das pessoas?

Andrew teve a desagradável sensação de ver a sombra de Capetta rondar o cômodo.

— É inútil nos preocuparmos por enquanto, porque nada prova que Ortiz tenha adotado um desses bebês roubados. Mas, só para prevenir, eu preferi avisar você para que estejamos de acordo.

— Prometo não publicar nada antes de consultar você, ainda que eu suspeite que está me escondendo algo...

— Tudo em sua devida hora. Enquanto isso, toma cuidado. Febres era um dos mais cruéis. Ele escolheu “Jungle” como nome de guerra porque ele se gabava de ser o mais feroz de todos os predadores. Os testemunhos dos poucos sobreviventes que passaram pelas mãos dele são assustadores.

— O Febres ainda está vivo?

— Não, infelizmente.

— Por que infelizmente?

— Depois de ter se beneficiado com a lei da anistia, ele passou a maior parte da vida em liberdade. Só em 2007 que foi julgado e, mesmo assim, apenas por quatro dos quatrocentos crimes que cometeu. Íamos a todos os julgamentos dele. Um homem que prendeu uma criança de 15 meses no peito de um pai antes de eletrocutá-lo para conseguir que o torturado falasse. Alguns dias antes do seu processo foi encontrado morto em sua cela. Além disso, ele era beneficiado por um regime de cárcere especial, em que vivia em condições maravilhosas. Foi envenenado com cianeto. Os militares tinham medo demais de que ele falasse algo, e a justiça nunca foi feita. Para as famílias das vítimas, foi como se a tortura nunca tivesse terminado.

Louisa cuspiu no chão depois de ter dito isso.

— No final das contas, Febres levou consigo a memória de quinhentos bebês e crianças confiscados. A morte dele não deixou o trabalho mais fácil para nós, mas continuamos nossa investigação, sem descanso e com fé. Tudo isso para dizer para que tenha cuidado. A maior parte dos homens de Febres ainda estão vivos e

livres, e eles estão prontos a desencorajar, por todos os meios possíveis, os que se interessarem por eles. Ortiz é um deles.

— Como fazer para provar que Ortiz se esconde sob a identidade de Ortega?

— As fotos podem ser úteis, vamos ver direito o que sobrou do filme de Marisa; mais de trinta anos separam o comandante pretencioso que aparece no meu álbum do comerciante de 74 anos de hoje. E além do mais uma simples semelhança não vai ser suficiente para a justiça. A melhor forma de chegar a nossos fins, ainda que isso me pareça impossível, seria confundi-lo e conseguir uma confissão. De que forma? Não tenho a menor ideia.

— Se investigássemos sobre o passado de Ortega, poderíamos ver bem até onde vai a história dele.

— Você é de uma inocência desconcertante! Fique sabendo que se Ortiz mudou de identidade, ele não fez isso sozinho. A sua existência sob o nome de Ortega vai estar bem-organizada, desde a escola primária que frequentou, passando por seus diplomas, seus empregos, incluindo uma falsa atribuição no Exército. Marisa, vem me ajudar na cozinha, por favor — ordenou Louisa ao se levantar.

Sozinho na sala, Andrew folheou as páginas do álbum. Cada uma estampava a foto de um militar, sua patente, a unidade à qual pertencia, a lista de crimes que tinha cometido e, em vários casos, a identidade verdadeira da criança ou das crianças que tinha recebido. No final do álbum, um caderno listava quinhentos bebês cujos pais tinham desaparecido para sempre. Só cinquenta deles continham a menção “identificado”.

Louisa e Marisa reapareceram um pouco depois. Marisa fez Andrew entender que sua tia estava cansada e que seria bom se ele se retirasse.

Andrew agradeceu Louisa por sua recepção e prometeu comunicar a ela o que descobrisse.

De volta ao carro, Marisa permaneceu em silêncio, e sua direção entregava seu nervosismo. Num cruzamento em que um caminhão não respeitou sua prioridade, ela buzinou e berrou vários palavrões

cujo significado Andrew, ainda que falasse espanhol fluentemente, não pôde entender por completo.

— Eu disse alguma coisa que incomodou você?

— Não precisa tentar ser tão educado, senhor Stilman, eu trabalho em um bar e prefiro que você seja direto comigo.

— O que sua tia queria dizer para você e que eu não podia ouvir?

— Não sei do que está falando — respondeu Marisa.

— Ela não pediu que você fosse com ela na cozinha para ajudá-la a lavar os copos de limonada. Vocês deixaram tudo na mesa e voltaram de mãos vazias.

— Ela disse para eu tomar cuidado com você, que você sabia mais do que dizia que sabia e que, já que estava escondendo o jogo, não podíamos confiar completamente em você. Você não me conheceu por acaso no bar do hotel, não é? Aconselho que você não minta para mim, a não ser que prefira voltar para casa de táxi e acabar definitivamente com a nossa parceria.

— Você tem razão, eu sabia que sua tia era uma Mãe da praça de Maio e que graças a você eu poderia encontrá-la.

— Então eu servi de isca. Que agradável. Como você me encontrou?

— O seu nome estava no dossiê que me deram, assim como o lugar onde trabalha.

— Por que o meu nome estava nesse dossiê?

— Eu não sei nada a mais do que você sobre isso. Há alguns meses, minha redatora-chefe recebeu um envelope com informações sobre Ortiz e sobre um casal de desaparecidos. Uma carta acusava Ortiz de ter participado do assassinato deles. O seu nome estava lá também, além do seu parentesco com Louisa, e tinha uma nota assegurando que era uma pessoa de confiança. Olivia Stern, minha redatora-chefe, ficou muito envolvida com essa investigação, ela pediu que eu seguisse as pistas de Ortiz e que, por meio da história dele, contasse os anos sombrios da ditadura argentina. No ano que vem, infelizmente, seu quadragésimo aniversário vai ser comemorado, todos os jornais vão abordar o

tema. Olivia gosta de estar um passo à frente da concorrência. Suponho que o motivo seja esse.

— E quem enviou esse envelope para a sua redatora-chefe?

— Ela disse que o remetente ficou anônimo, mas que continha informações fundamentadas o suficiente para que a gente levasse aquilo a sério. E, até agora, tudo parece se confirmar. Olivia tem defeitos e uma personalidade difícil de entender, mas é uma excelente profissional.

— Você dois parecem bem próximos.

— Nem tanto assim.

— Eu não chamaria meu chefe pelo nome.

— Eu chamo, por causa da idade.

— Ela é mais nova do que você?

— Alguns anos.

— Uma mulher mais nova do que você e que é sua chefe; deve ser difícil para o seu ego lidar com isso — disse Marisa, rindo.

— Que tal você me levar para os arquivos que sua tia mencionou?

— Se for para eu ficar de motorista de grã-fino durante a sua estada, você vai precisar começar a pensar em me remunerar por isso, senhor Stilman.

— E você falava do meu ego?

Marisa precisou parar em um posto de gasolina. O cano de descarga do Coccinelle estava arrastando no chão, soltando uma torrente de faíscas. O motor tossia e o barulho estava se tornando ensurdecedor.

Enquanto um mecânico se esforçava para fazer um reparo improvisado — Marisa não tinha dinheiro para comprar um cano de descarga novo —, Andrew se afastou e ligou para o escritório.

Olivia estava em reunião, mas seu assistente insistiu para que ele esperasse um pouco.

— Quais são as novidades? — perguntou ela, esbaforida.

— Piores do que da última vez.

— O que isso quer dizer?

— Nada — respondeu Andrew, furioso com a gafe que acabara de dar.

— Saí da sala de conferências para falar com você...
— Eu preciso de mais dinheiro.
— Estou ouvindo — disse Olivia, pegando uma caneta em sua mesa.
— Dois mil dólares.
— Está brincando?
— Precisamos engraxar as dobradiças se quisermos que as portas se abram.
— Eu libero a metade e nem mais um dólar até você voltar.
— Me contento com isso — respondeu Andrew, que não esperava tanto.
— Não tem nada a mais para contar?
— Amanhã eu vou a Córdoba, tenho bons motivos para acreditar que nosso homem se esconde lá.
— Tem provas de que seja realmente ele?
— Tenho grandes esperanças de estar com pistas confiáveis.
— Me liga assim que tiver novidades, ainda que para minha casa. Você tem o número?
— Em algum lugar do meu caderno, sim.
Olivia desligou.

Andrew teve mais do que nunca vontade de escutar a voz de Valérie, mas se recusou a atrapalhá-la no trabalho. Ligaria para ela à noite.

O carro estava pronto para partir, assegurou o mecânico. O reparo que tinha feito permitiria que o carro percorresse mais alguns mil quilômetros. Ele tinha selado os buracos e prendido o silenciador com parafusos novos. Enquanto Marisa revirava os bolsos para pagá-lo, Andrew estendeu uma nota de 50 dólares. O mecânico agradeceu não uma, mas duas vezes, e ainda abriu a porta do carro para ele.

— Você não precisava fazer isso — disse Marisa, sentando-se ao volante.
— Digamos que é minha contribuição para a viagem.
— A metade desse valor teria sido suficiente para pagá-lo, você foi passado para trás.

— Vê o quanto eu preciso dos seus serviços? — disse Andrew com um sorriso nos lábios.

— De que viagem está falando?

— Córdoba.

— Você é ainda mais cabeça-dura do que eu. Antes de se aventurar nessa maluquice, eu tenho um endereço para você. Bem mais próximo do que Córdoba.

— Aonde vamos?

— Eu vou para casa, trocar de roupa. Trabalho hoje à noite. Você vai pegar um táxi — respondeu Marisa, entregando um papel a Andrew. — É um bar frequentado pelos antigos Montoneros. Chegando lá, aja com humildade.

— O que você quer dizer com isso?

— No fundo do salão, você vai ver três homens sentados, jogando cartas. O quarto jogador nunca voltou da sua estada na ESMA. E a cada noite, eles jogam novamente a mesma partida, como um ritual. Pergunte educadamente a eles se você pode se sentar na cadeira vazia, pergunte se pode oferecer algo para eles beberem, jogue uma rodada, e se vira para perder um pouco, por cortesia. Se você tiver sorte demais, eles não vão gostar, e se jogar mal, muito menos.

— O que eles jogam?

— Pôquer, com algumas variações que eles vão explicar para você. Quando tiver conquistado a simpatia deles, converse com o calvo, com barba. Ele se chama Alberto, é um dos poucos que escapou dos centros de detenção. Ele passou pelas mãos de Febres e, assim como vários outros sobreviventes, se corrói de culpa. Falar sobre o que aconteceu é muito difícil para ele.

— Culpa de quê?

— De estar vivo enquanto a maioria dos amigos dele morreu.

— Como você o conhece?

— É meu tio.

— O marido da Louisa?

— Ex-marido, eles não se falam há muito tempo.

— Por quê?

— Isso não é da sua conta.

— Quanto mais eu souber, menor risco eu tenho de cometer uma gafe — argumentou Andrew.

— Ela consagrou a vida a rastrear os antigos criminosos, ele escolheu esquecer. Respeito a escolha de cada um.

— Então por que ele falaria comigo?

— Porque o mesmo sangue corre nas nossas veias, e somos os dois contraditórios.

— Onde estão os seus pais, Marisa?

— Essa não é a pergunta certa, senhor Stilman. A pergunta que eu me faço todos os dias é quem são os meus pais verdadeiros, os que me criaram ou os que eu nunca conheci?

Marisa estacionou na beira da calçada. Inclinou-se para abrir a porta para Andrew.

— Você vai encontrar um táxi naquele ponto logo ali na frente. Se não voltar tarde demais, vem falar comigo no bar. Saio do trabalho por volta de uma hora da manhã.

*

O bar era como Marisa havia descrito. Tinha atravessado décadas sem que a decoração fosse alterada. As sucessivas camadas de pintura tinham acabado decorando o muro em uma composição das mais barrocas. A mobília se resumia a algumas cadeiras e mesas de madeira. Uma foto de Rodolfo Walsh, jornalista e líder legendário dos Montoneros, assassinado pela junta, estava exposta no fundo da sala. Alberto estava sentado logo abaixo dela. Com o crânio calvo e com o rosto tomado por uma espessa barba branca. Quando Andrew se aproximou da mesa na qual jogavam em companhia dos amigos, Alberto levantou a cabeça e observou-o por um instante antes de retomar sua partida, sem dizer uma palavra.

Andrew seguiu ao pé da letra as instruções de Marisa. E, algum tempo depois, o jogador à direita de Alberto autorizou que se juntasse a eles. Jorge, que estava à esquerda, distribuiu as cartas e apostou dois pesos, o equivalente a 50 centavos de dólar.

Andrew apostou o mesmo e consultou seu jogo. Jorge havia dado a ele um trio, Andrew deveria aumentar a aposta, mas,

lembrando dos conselhos de Marisa, jogou suas cartas na mesa viradas para baixo. Alberto sorriu.

As cartas foram distribuídas novamente. Dessa vez, Andrew tinha nas mãos um *royal straight flush*. Ele passou de novo e deixou Alberto embolsar a aposta, que chegara a 4 pesos. As três rodadas seguintes se desenrolaram da mesma forma e, de repente, Alberto jogou suas cartas na mesa antes do final da rodada, olhando Andrew diretamente nos olhos.

— Basta — disse. — Eu sei quem você é, por que está aqui e o que quer de mim. Pode parar de perder seu dinheiro se fazendo passar por um imbecil.

Os dois outros comparsas riram amigavelmente e Alberto devolveu seus pesos a Andrew.

— Você não reparou que a gente estava enganando você? Achou que tinha essa sorte toda?

— Estava começando a achar estranho — respondeu Andrew.

— Estava começando — exclamou Alberto, olhando seus dois amigos. — Você nos ofereceu uma rodada, isso teria sido suficiente para que conversássemos, ainda que a gente não se conheça ainda. Então acha que localizou o comandante Ortiz?

— Espero que sim — respondeu Andrew, repousando seu copo de Fernet-Coca.

— Eu não gosto da ideia de você envolver minha sobrinha nessa história. Essas investigações que está fazendo são perigosas. Mas ela é mais cabeça-dura que uma mula e eu não vou conseguir fazer com que mude de ideia.

— Não vou deixar que ela corra nenhum risco, eu prometo.

— Não faça nenhuma promessa que não possa cumprir, não tem ideia do que esses homens são capazes. Se ele estivesse aqui, poderia contar para você — disse Alberto, apontando para o retrato preso em cima dele. — Era jornalista, como você, mas naquelas circunstâncias, arriscava a vida por ter essa profissão. Mas ele resistiu antes de ser morto a tiros.

Andrew observou a fotografia. Walsh parecia ter sido um homem carismático, com o olhar mirando o horizonte por trás dos óculos. Andrew achou que parecia um pouco com seu próprio pai.

— Você conheceu ele? — perguntou Andrew.

— Deixe os mortos descansarem em paz e me diz o que quer escrever na sua matéria.

— Eu ainda não escrevi e não queria fazer promessas que não vou poder cumprir. Ortiz é o fio condutor da história, é um personagem cujo destino intriga minha redatora-chefe.

Alberto levantou os ombros.

— É estranho como os jornais sempre se interessam mais pelos algozes do que pelos heróis. O cheiro de merda deve vender mais do que o de rosas. Discreto como você foi, ele está atento. Não vai encontrá-lo na toca dele, e é provável que ande sempre acompanhado.

— Isso não é muito animador.

— Podemos nos preparar para responder à altura.

— Nos preparar como?

— Ainda tenho alguns amigos corajosos que ficariam felizes de enfrentar Ortiz e os seus comparsas.

— Desculpa, mas eu não vim aqui organizar um acerto de contas. Só quero interrogar esse homem.

— Como quiser. Tenho certeza de que ele vai receber você na sala dele, e oferecer chá, enquanto conta o passado. E ainda diz que não quer que a minha sobrinha corra nenhum risco — riu Alberto, olhando para seus companheiros de jogo.

Alberto se inclinou sobre a mesa, aproximando o rosto do de Andrew.

— Escuta bem, rapaz, se você não quiser que a sua visita seja uma perda de tempo para todos nós. Para que Ortiz faça qualquer confissão, você vai precisar ser muito convincente. Não estou dizendo para que faça uso excessivo da força, isso não será necessário. Todas as pessoas que agiram como ele são uns frouxos, no fundo. Quando não estão mortos, têm testículos menores do que avelãs. Ameace ele só o necessário e ele vai contar toda a história chorando. Mostre que está com medo, e ele matará você sem o menor remorso e dará os seus restos mortais de lanche para os cachorros abandonados.

— Vou me lembrar disso — disse Andrew, preparando-se para levantar.

— Senta, eu não terminei.

Andrew se divertiu com o tom autoritário do tio de Marisa, mas ele preferiu não criar inimizades e obedeceu.

— Você está com sorte — continuou Alberto.

— Não se o jogo de cartas tiver sido manipulado.

— Eu não estava falando da nossa partida. Na próxima terça, vai ter uma greve geral e os aviões não vão decolar. Ortiz não vai ter outra solução para vir visitar seu cliente a não ser pegar a estrada.

Ao ouvi-lo, Andrew deduziu que Marisa o informara sobre todos os menores fatos e gestos deles.

— Mesmo se ele estiver acompanhado, é nessa estrada que você vai ter a maior chance de pôr ele contra o muro... com a condição de que você aceite que a gente dê uma mãozinha.

— Não é por falta de vontade, mas não garanto que vou participar de alguma ação violenta.

— Quem foi que falou em violência? Você é um jornalista engraçado, pelo visto só pensa nos seus punhos, enquanto eu prefiro usar a cabeça.

Desconfiado, Andrew observou Alberto.

— Conheço bem a estrada nº 8, passei por ela tantas vezes que, se você me levar até Córdoba, eu poderia descrever o entorno com os olhos fechados. Ela passa por paisagens sem alma, por vários quilômetros, e a manutenção dela é péssima também... costuma ter um bom número de acidentes. Marisa já correu um risco enorme, e eu não gostaria que isso acontecesse de novo. Me entenda bem, senhor jornalista, os amigos desse homem atacaram minha sobrinha e os dias de impunidade deles estão contados. A alguns quilômetros de Gahan, a estrada se divide para contornar um calvário. À direita tem alguns silos, e vocês podem se esconder atrás deles, enquanto esperam. Os meus camaradas podem dar um jeito de os pneus do carro de Ortiz estourem nesse exato lugar. Com tanta porcaria que cai dos caminhões, eles não tomarão cuidado.

— Que seja, e depois?

— Os carros nunca têm mais do que um estepe e como estarão no meio da noite, em um lugar onde os celulares não terão sinal, o que vão poder fazer, a não ser andar até a cidade mais próxima para ir buscar ajuda? Ortiz vai mandar seus homens e vai ficar no carro.

— Como você pode ter certeza disso?

— Um ex-militar do tipo dele não se despe jamais da sua arrogância, nem da enorme autoestima; andar no barro, lado a lado com seus capangas, ele estaria se colocando no nível deles. Eu posso estar errado, mas conheço bem as pessoas como ele.

— Tudo bem, Ortiz está sozinho no carro, e quanto tempo teremos antes que os homens voltem?

— Calcule uns 15 minutos de ida, uns 15 de volta e o tempo de acordar um mecânico no meio da noite. Você vai ter tempo de sobra para se divertir.

— Tem certeza de que ele vai viajar de noite?

— Dumesnil fica a sete horas de carro de Buenos Aires, mais três se o trânsito estiver ruim. Acredite em mim, ele sairá depois do jantar, uma pessoa vai dirigir o carro e outra vai cuidar da segurança. Aquele que você supõe que seja Ortiz vai estar dormindo tranquilamente no banco de trás. Ele vai querer atravessar o subúrbio antes que a capital acorde e pegar a estrada de volta assim que o encontro acabar.

— É um plano bem-amarrado, exceto por um detalhe: se os pneus do carro estourarem todos ao mesmo tempo, tem uma grande probabilidade de eles baterem de frente no muro, com ele junto.

— Só que não há muros nesse lugar! Apenas campos e os silos que eu mencionei, mas eles ficam longe demais da estrada.

Com o rosto entre as mãos, Andrew pensava sobre a proposta de Alberto; levantou a testa e observou a fotografia de Walsh, como se procurasse descobrir os pensamentos do colega falecido, congelado no passado, por trás do seu par de óculos.

— Caramba, senhor Stilman, se você quer a verdade, precisa ter a coragem de ir atrás dela — protestou Alberto.

— Tudo bem, eu vou, mas para interrogar Ortiz só vamos estar Marisa e eu. Eu quero a sua palavra de que nenhum dos seus homens vai aproveitar para acertar as contas com ele.

— Nós sobrevivemos a essas barbáries sem nunca descermos ao nível deles, nunca insulte alguém que se dispõe a ajudá-lo.

Andrew se levantou e estendeu a mão a Alberto. Ele hesitou um instante e estendeu a sua.

— E Marisa, o que acha dela? — perguntou Alberto, pegando novamente suas cartas.

— Eu não tenho certeza se entendi sua pergunta.

— Eu acho que você entendeu exatamente o que eu quis dizer.

— Ela se parece com você, Alberto, e o senhor não é nem um pouco o meu tipo de mulher.

*

De volta ao hotel, Andrew parou no bar. O salão estava lotado. Marisa corria de um lado para o outro do balcão, fazendo malabarismo com os coquetéis. Os primeiros botões abertos de sua camisa branca deixavam entrever a curva dos seus seios quando ela se inclinava, e os clientes sentados nas banquetas não perdiam nada do espetáculo. Andrew observou-a por algum tempo. Olhou o relógio, era uma hora da manhã. Suspirou e foi para o quarto.

*

No cômodo, pairava um odor de tabaco frio e de desodorante barato. Andrew se deitou sobre a colcha. Estava um pouco tarde para ligar para Valérie, mas estava com saudade dela.

— Acordei você?

— Não precisa cochichar, sabe? Eu estava dormindo, mas estou feliz que tenha me ligado. Estava começando a ficar preocupada.

— Foi um dia longo — respondeu Andrew.

— As coisas aconteceram como você queria?

— O que eu queria era estar deitado do seu lado.

— Mas se você estivesse aqui, estaria sonhando em estar na Argentina.

— Não diz isso.
— Estou com saudades de você.
— Eu também.
— Está conseguindo trabalhar direito?
— Não sei, talvez amanhã...
— Talvez amanhã o quê?
— Você viria encontrar comigo aqui no final de semana?
— Eu bem que gostaria, mas não acho que o metrô daqui passe por Buenos Aires e, além do mais, estou de plantão esse final de semana.
— Você não gostaria de fazer plantão no meu quarto?
— As argentinas são assim tão bonitas?
— Não sei, não olhei direito para elas.
— Mentiroso.
— Estou com saudade desse seu sorriso também.
— Quem disse que eu estava sorrindo?... Eu estava. Volta logo.
— Vou deixar você dormir, desculpa ter acordado você, precisava ouvir a sua voz.
— Está tudo bem, Andrew?
— Acho que sim.
— Você pode me ligar a qualquer hora se não conseguir dormir, você sabe, não é?
— Eu sei. Te amo.
— Eu também, eu te amo.

Valérie desligou. Andrew foi para a janela do quarto. Viu Marisa saindo do hotel. Por um motivo que ignorava, esperou que ela se virasse, mas Marisa entrou em seu Coccinelle e partiu.

*

Andrew foi acordado pela campainha do telefone. Ele não tinha ideia de onde estava nem de que horas eram.

— Não vai me dizer que você ainda estava dormindo às 11 horas da manhã? — perguntou Simon.
— Não — mentiu Andrew, esfregando os olhos.

— Você saiu para beber ontem à noite? Se disser que sim, pego o primeiro avião.

— Tive um pesadelo horrível e engatei em uma insônia até de manhãzinha.

— Hum, vou tentar acreditar nisso. Enquanto você descansa, estou em Chicago.

— Caramba, tinha esquecido.

— Eu não. Está interessado no que eu tenho para dizer?

Andrew foi tomado por um violento ataque de tosse que impediu que respirasse. Olhando a palma de sua mão, preocupou-se quando viu manchas de sangue. Pediu desculpas a Simon, prometeu que ligaria de volta e correu para o banheiro.

O espelho exibia uma imagem aterrorizante. Sua pele estava de uma palidez cadavérica. Ele tinha feições esquálidas, os olhos afundados nas órbitas faziam saltar as maçãs do rosto. Parecia ter envelhecido trinta anos ao longo da noite. Um novo ataque de tosse projetou respingos de sangue no espelho. Andrew sentiu a cabeça rodar, suas pernas ficaram moles. Ele se agarrou na borda da pia e se ajoelhou, antes de cair no chão.

O contato dos azulejos frios com suas bochechas o reavivaram um pouco. Conseguiu girar sobre seu corpo e olhou para a luz do teto, que piscava.

Ouvindo ruídos de passos no corredor e pensando que a camareira estava chegando. Incapaz de gritar por socorro, tentou agarrar o fio elétrico do secador de cabelo, pendurado a alguns centímetros. Juntou toda sua força para esticar o braço e conseguiu alcançá-lo, mas o fio escorregou de seus dedos e balançou suavemente, sob seu olhar.

Alguém inseriu a chave na fechadura do seu quarto. Andrew temeu que, vendo que o quarto estava ocupado, a camareira desistisse de entrar. Tentou se agarrar na borda do chuveiro, mas imobilizou-se ao ouvir a voz de dois homens que cochichavam do outro lado da porta do banheiro.

Estavam revirando o seu quarto. Ele reconheceu o ranger do armário que acabara de ser aberto. Estendeu novamente a mão

para pegar aquele maldito secador como se fosse uma arma.

Puxou o fio, o aparelho caiu sobre o piso. As duas vozes se calaram bruscamente. Andrew conseguiu se sentar e se encostar na porta, empurrando os pés com toda sua força para impedir que a abrissem.

Foi lançado para a frente. Um violento chute jogou longe partes da fechadura e impulsionou a porta do banheiro para dentro.

Um homem segurou-o pelos ombros e tentou pressioná-lo contra o chão, Andrew resistiu, o medo havia dissipado sua vertigem. Conseguiu lançar o punho no rosto de seu agressor. O homem, que não esperava por isso, caiu dentro do box do chuveiro. Andrew se levantou para defender-se do segundo agressor, que se jogava sobre ele. Pegou o frasco de sabonete líquido ao alcance de suas mãos e lançou-o. O homem desviou do projétil, e o frasco explodiu no azulejo. Dois ganchos no rosto jogaram Andrew contra o espelho, abrindo seu supercílio. O sangue começou a jorrar e sua visão escureceu. A luta era desigual, Andrew não tinha nenhuma chance. O mais forte dos agressores imobilizou-o no chão, o outro pegou uma faca do bolso e enfiou-a em cima do quadril de Andrew, que gritou de dor. Em um último esforço, pegou um caco do frasco e rasgou o braço do homem que tentava estrangulá-lo.

O homem, por sua vez, soltou um grito de dor. Recuando, escorregou no sabonete, espalhado pelo chão, e seu cotovelo atingiu o botão do alarme de incêndio.

Uma sirene ensurdecadora começou a soar; os dois homens fugiram. Andrew deixou seu corpo deslizar para baixo, apoiado na parede. Sentado no chão, passou a mão nas costas, sua palma estava ensanguentada. A luz do teto ainda piscava no momento em que desmaiou.

20.

— Se você queria tanto assim encontrar o Antonio, bastava ter me pedido — disse Marisa entrando no quarto do hospital.

Andrew olhou para ela sem responder.

— Verdade, não é hora de fazer piada, lamento — emendou. — Eles atacaram você de uma forma terrível, mas a médica de plantão disse que teve muita sorte.

— Bem, isso é a opinião dela! A lâmina de uma faca passou a 10 centímetros do meu rim. Os médicos têm uma concepção estranha da sorte.

— A polícia disse que entrou quando os ladrões estavam lá; isso tem acontecido cada vez mais, segundo o policial que conversei comigo. Eles procuram laptops, passaportes, objetos de valor que os turistas deixam no hotel.

— Você acredita nessa história?

— Não.

— Então somos dois.

— Você tinha um computador no quarto?

— Trabalho à moda antiga, com papel e caneta.

— Eles saíram de mãos vazias. Eu busquei as suas coisas, estão na minha casa.

— Está com meu bloco de notas?

— Sim.

Andrew suspirou aliviado.

— Você vai precisar descansar se quiser interrogar o Ortiz terça-feira que vem. Você ainda é a favor de uma abordagem civilizada?

— Eu não estou aqui para descansar — disse Andrew, tentando se ajeitar no leito.

A dor fez com que contorcesse o rosto, e foi tomado por uma vertigem. Marisa avançou em sua direção para segurá-lo. Ela ajeitou

os travesseiros e ajudou-o a se acomodar confortavelmente. Depois, deu-lhe um copo de água.

— Eu já estava com um no hospital... Eu deveria ter sido enfermeira em vez de garçoneiro.

— Como vai o seu namorado?

— Devem operá-lo de novo semana que vem.

— E sobre mim, os médicos disseram o quê?

— Que você precisa ficar de repouso por alguns dias, senhor Stilman — anunciou o doutor Herrera, entrando. — Você escapou por pouco.

O médico se aproximou de Andrew e examinou seu rosto.

— Você poderia ter perdido o olho. Por sorte, o cristalino e a córnea não foram danificados, você escapou só com um hematoma, que vai se curar sozinho. Talvez você fique com a pálpebra fechada por alguns dias. Nós suturamos um corte grave na altura dos rins, mas a médica de plantão já resolveu esse problema. Entretanto, seu estado geral não é dos melhores. Vou deixá-lo em observação por uns dias para que passe por exames complementares.

— Que tipo de exames?

— Todos os que eu julgar necessários. Temo que tenha uma pequena hemorragia em algum lugar. Como estava se sentindo antes desse incidente?

— Não muito bem — confessou Andrew.

— Você teve problemas de saúde recentes?

Andrew pensou sobre a pergunta. “Recentes” não era um termo apropriado, mas como contar ao doutor Herrera que ele estava com sequelas de uma agressão mortal que aconteceria daqui a algumas semanas?

— Senhor Stilman?

— Eu sinto um desconforto nas costas, que às vezes se transforma em uma dor violenta. E sinto frio o tempo todo.

— Poderia ser um simples pinçamento vertebral, ainda que nunca seja fácil tratar um pinçamento vertebral. Mas estou convicto de que está perdendo sangue em algum lugar e não vou deixar que saia sem que eu esteja com a consciência tranquila.

— Eu preciso sair daqui no máximo até segunda-feira.

— Faremos o possível. Você quase não escapou dessa. Fique satisfeito de estar vivo e de estar em um dos melhores hospitais de Buenos Aires. Esta tarde você vai fazer uma ultrassonografia do abdômen; se não acusar nada, vou considerar um escâner. Descansa agora, voltarei aqui no final do expediente.

O doutor Herrera saiu do quarto, deixando Andrew com Marisa.

— Você está com o meu celular? — perguntou Andrew.

Ela pegou o aparelho no bolso e deu para ele.

— Você deveria avisar o jornal — aconselhou.

— Nenhuma chance, eles fariam com que eu voltasse para lá; prefiro que ninguém saiba o que aconteceu.

— Estão investigando. A polícia vai querer interrogar você assim que estiver melhor.

— As investigações não levarão a lugar nenhum. Para que perder tempo com isso?

— Porque é a lei.

— Marisa, não vou perder pela segunda vez meu encontro com Ortiz.

— Por que “pela segunda vez”?

— Esquece.

— Faz o que o médico disse e descansa. Talvez você esteja recuperado no domingo. Vou dizer para meu tio esperar alguns dias.

*

Na quinta-feira, foram feitos exames de sangue, ultrassonografia, raios X, Doppler, em uma longa sequência entrecortada por demoradas esperas em salas adjuntas aos quartos de exame, onde Andrew devia aguardar na companhia de outros doentes.

Acompanharam Andrew até o quarto no início da noite, e ainda que ele tivesse que manter a perfusão, que provocava uma dor enlouquecedora, foi autorizado a voltar a se alimentar normalmente. Os funcionários do hospital eram gentis, os maqueiros eram atenciosos e a comida, aceitável. Se aquilo não fosse uma perda de tempo, não teria do que reclamar.

Sem informações sobre os resultados, Andrew ligou para Valérie. Ele não contou a ela nada do que ocorrera, recusando-se a gerar preocupações e desconfiando que ela talvez exigisse que ele voltasse para casa.

Marisa veio visitá-lo antes de ir trabalhar no bar. Vendo-a partir, Andrew quis ir atrás. A morte, que há muito o rondava, dava uma vontade repentina de viver a cem por hora, de entregar-se à bebedeira sem nunca mais ter que se preocupar com o dia seguinte.

*

No sábado, o doutor Herrera se apresentou no final da manhã, acompanhado de uma procissão de alunos. Andrew não gostou nem um pouco de ser uma cobaia, mas ele se sujeitou ao ritual.

Seu supercílio estava com lindos pontos. Andrew só enxergava com um olho. O doutor assegurou que a inflamação cederia em dois dias. A ultrassonografia renal tinha revelado um leve sangramento, os outros resultados estavam normais. Herrera ficou satisfeito por ter acertado. Ele suspeitava de uma febre hemorrágica com síndrome renal, provavelmente de origem viral. Os sintomas iniciais eram semelhantes aos de uma gripe, seguidos por dor de cabeça, dores musculares, lombalgias e sangramentos. Não havia tratamento para essa doença, mas ela seria curada em algum tempo, sem deixar sequelas. O doutor Herrera perguntou se Andrew tinha acampado em alguma floresta recentemente, a doença era transmitida ao ser humano pela inalação de partículas provenientes de fezes de roedores selvagens.

Andrew, que valorizava o conforto acima de tudo, assegurou que essa ideia nunca teria passado por sua cabeça.

— Você se machucou com alguma ferramenta utilizada em madeira, em material de algum lenhador ou caçador?

Andrew pensou imediatamente em Olson e cerrou com força os punhos, tamanha a vontade de socar o queixo dele, naquele momento.

— É possível — disse Andrew, contendo a raiva.

— Tome mais cuidado da próxima vez — disse o médico rindo, satisfeito da perspicácia que demonstrara na frente dos alunos. — Já que está tudo bem, deixarei você sair segunda-feira à tarde. Era o que você queria, não?

Andrew aquiesceu com um movimento de cabeça.

— Você precisa descansar. Seu ferimento na lombar não é tão grave assim, mas vai precisar de tempo para que cicatrize e de cuidado para que não infeccione. Quando você deve voltar para os Estados Unidos?

— No final da semana que vem, a princípio — respondeu Andrew.

— Peça que passe aqui de novo para uma revisão antes de pegar o avião. Aproveitaremos para tirar os pontos. Até segunda, e bom fim de semana, senhor Stilman — disse o médico, saindo junto de seus alunos.

*

Um pouco mais tarde, Andrew recebeu a visita de um policial, que tomou seu depoimento. Quando este explicou que não havia nenhuma chance de eles prenderem os culpados, já que o hotel não possuía câmeras de segurança, Andrew desistiu de prestar queixa. Aliviado por evitar uma burocracia inútil, o policial deixou Andrew retomar seu repouso. No final do dia, Marisa, que tinha passado a tarde com o noivo, veio visitá-lo e ficou uma hora ao lado de seu leito.

No domingo, Louisa, que fora informada dos acontecimentos pela sobrinha, visitou Andrew no hospital e levou uma refeição que ela mesma havia preparado. Passou uma boa parte da tarde com ele. Ele contou alguns episódios de sua vida de jornalista, e ela falou sobre as circunstâncias que fizeram com que ela se tornasse uma das Mães da praça de Maio... Depois perguntou se ele tinha encontrado Alberto.

Andrew contou a ela sobre seu jogo de cartas, e Louisa censurou-os dizendo que há trinta anos eles não faziam nada além de jogar pôquer e engordar. Aquele homem tão inteligente tinha

abandonado a vida, da mesma forma que abandonara a mulher, e ela não se conformava com isso.

— Se você soubesse como ele era bonito quando jovem — suspirou. — Todas as moças do bairro queriam ele, mas ele me escolheu. Eu soube me fazer desejada, eu fingia para ele que não ligava a mínima. Mas, a cada vez que ele vinha falar comigo, ou sorria para mim quando passava, eu me derretia como um sorvete ao sol. Mas eu era orgulhosa demais para demonstrar qualquer coisa.

— E o que fez você mudar de atitude? — perguntou Andrew, entretido.

— Uma noite — respondeu Louisa, tirando uma garrafa térmica de sua sacola. — O médico deixou você beber café?

— Ele não disse nada, mas desde que eu cheguei aqui só me servem um chá de ervas nojento — confessou Andrew.

— Quem cala, consente — exclamou Louisa, servindo-lhe uma xícara retirada da sua bolsa de suprimentos. — Então, uma noite, Alberto passou na casa dos meus pais. Ele tocou a campainha e pediu a autorização do meu pai para me levar para passear. Foi em dezembro. A umidade só piorava o calor sufocante que estava fazendo na nossa casa. Eu estava no primeiro andar e espiava a conversa.

— O que o seu pai disse?

— Ele disse que não e dispensou o Alberto, assegurando que a filha dele não queria vê-lo. Como eu tinha um prazer obscuro em contrariar meu pai em tudo, descí as escadas correndo, joguei um xale nos ombros, para não chocar meu pai, e depois segui Alberto. Fomos passear. Tenho certeza de que eles planejaram isso juntos. Meu pai nunca confessou, Alberto também não, mas pela forma que eles caçoaram de mim por anos, a cada vez que um deles mencionava meu primeiro encontro com o Alberto, eu tenho certeza. O passeio foi muito mais divertido do que eu esperava. Alberto não me cortejava como todos aqueles outros rapazes que só querem que você se deite com eles o mais rápido possível. Ele falava de política, de um mundo novo, em que cada um seria livre para se expressar, em que a pobreza não seria aceita como uma fatalidade.

Alberto é um humanista, tão utópico quanto ingênuo, mas profundamente generoso. Ele tinha uma voz grave que me tranquilizava, um olhar que me fazia perder a cabeça. Nos divertimos tanto que não vimos o tempo passar. Quando pegamos o caminho de volta, a hora em que meu pai tinha dito para voltarmos já tinha passado fazia tempo, ainda que ela tivesse ficado bem marcada na nossa mente depois de ele gritar várias vezes nas nossas costas, enquanto descíamos a rua. Eu sabia que meu pai estaria nos esperando na frente da porta, talvez até com o seu fuzil cheio de sal grosso para dar uma lição em Alberto. Disse que seria melhor se eu voltasse sozinha para evitar problemas, mas Alberto insistiu em me acompanhar.

— Na esquina da minha rua, pedi a ele seu lenço e enrolei-o em volta do meu tornozelo. Depois me apoiei em seu ombro e fingi que estava mancando até chegarmos em casa. Ao me ver, meu pai se acalmou imediatamente e correu para perto da gente. Eu disse a ele que tinha torcido o tornozelo e que tínhamos levado duas horas para voltar porque eu tinha que parar a cada 2 metros para recuperar o fôlego. Eu não sei se papai acreditou em mim, mas agradeceu o Alberto por ter trazido sua filha de volta sã e salva. A honra também estava salva, era o mais importante. Quanto a mim, ao ir me deitar, eu só conseguia pensar na emoção que tinha sentido quando Alberto me envolveu em seus braços e quando minha mão tocou seu queixo. Seis meses depois, nos casamos. Não éramos muito ricos, os fins dos meses eram difíceis, mas Alberto sempre dava um jeito para termos o suficiente. Fomos felizes, muito felizes. Vivi os melhores anos da minha vida ao lado dele. Ríamos muito juntos. E depois, veio uma nova ditadura, pior que todas as anteriores. Nosso filho tinha 20 anos quando foi sequestrado. Alberto e eu só tivemos um filho. Ele nunca se recuperou do desaparecimento, e nossa união também não. Sobrevivemos, cada um como pôde: ele, no esquecimento; eu, na luta. Os papéis se inverteram. Se você encontrar de novo com Alberto, está proibido de dizer a ele o que eu acabei de contar. Promete?

Andrew prometeu.

— Desde que você veio me visitar, não consigo dormir direito. Ortiz não estava em primeiro lugar no meu álbum, era um oficial de segunda, como eu disse, não tinha uma carreira muito significativa. Mas, agora, não consigo parar de pensar que talvez ele tenha pilotado o avião que jogou meu filho do rio de La Plata. Queria que encontrasse ele e que fizesse com que ele confessasse. Não tem horror pior para uma mulher do que perder o filho. É o maior drama que um ser humano pode viver, pior do que a própria morte. Mas se você imaginar a dor de não poder enterrá-lo, de nunca poder ter visto o corpo. Saber que aquele que um dia te chamou de mamãe, que corria para se jogar nos seus braços e te abraçava com toda força...

Louisa parou por um instante.

— ... Quando a criança que era a sua luz desaparece sem deixar rastro, quando você sabe que nunca mais vai ouvir a voz dela, a sua existência passa a ser nada mais que sofrimento.

Louisa aproximou-se da janela para esconder seu rosto. Ela inspirou e continuou, com o olhar fixado ao longe.

— Alberto se refugiou no esquecimento. Ele temia que a dor o impelisse a uma vingança cega. Não queria se tornar um deles. Eu não tinha medo disso. Uma mulher pode matar sem nenhum remorso a pessoa que sequestrou seu filho. Se eu tivesse tido a oportunidade, teria feito isso.

Andrew lembrou-se da sra. Capetta. Louise se virou em direção a ele, com os olhos vermelhos, mas com um olhar confiante.

— Encontra ele, eu te peço do fundo do meu coração, ou, pelo menos, o que resta dele.

Louisa se levantou e pegou sua sacola. Vendo-a partir, Andrew teve a impressão de que ela havia envelhecido desde o início da conversa deles. E por toda a noite, sonhou com seu encontro com Ortiz, torcendo, pela primeira vez, para que o plano de Alberto funcionasse.

No final da tarde, o telefone de Andrew tocou. O contorcionismo que teve de fazer com seu corpo para alcançar o aparelho despertou suas dores.

— Quando você disse “ligo em cinco minutos”, você...

— Estou no hospital, Simon.

— Está visitando alguém?

— Não, eu estou no hospital...

Andrew contou a Simon a agressão que sofreu, fazendo-o prometer que não contaria nada a Valérie. Ele quis ir para Buenos Aires imediatamente, mas Andrew proibiu-o. Ele já tinha chamado atenção suficiente desde que chegara lá, e a presença de Simon apenas tornaria as coisas mais difíceis.

— Suponho que não seja a melhor hora para passar meu relatório sobre a mulher do Capetta.

— Não, ao contrário, não tenho muito o que fazer no final de semana.

— Ela passa as tardes naquele parquinho, tricotando, enquanto o filho brinca no banco de areia.

— Você falou com ela?

— Quando eu disse que ela tricotava, não era no sentido figurado.

— Mais nada?

— Não, fora que achei ela bonita demais para casar com um cara como aquele Capetta que você me descreveu, mas digo isso provavelmente porque fiquei com inveja.

— Bonita como?

— Cabelos negros, olhos de ébano, olhar intenso, com uma expressão de solidão e de sofrimento profundo.

— Você percebeu isso tudo só olhando para ela?

— Não é porque eu amo as mulheres, todas as mulheres, que eu não presto atenção nelas.

— Simon, é comigo que você está falando...

— Bom, tudo bem... ela estava tomando café no McDonald's, o filho dela vinha com uma bandeja grande demais para ele. Eu dei um jeito para que ele esbarrasse em mim. Sacrifiquei um jeans por você. A mãe dele se levantou e pediu desculpas várias vezes. Com

duas caretas, eu fiz o garoto rir. Ele estava com os olhos cheios de lágrimas. Dei 10 dólares para ele comprar uma Coca e *nuggets* e, com o pretexto de usar os guardanapos de papel que estavam na mesa, eu me sentei com ela até que a criança voltasse.

— Isso já se parece mais com algo que você faria.

— Lamento muito que tenha essa imagem de mim.

— O que ela contou para você?

— Que ela se instalou em Chicago depois da morte do marido para construir uma vida nova com o filho.

— ... que ela mantém longe de um pai que, contudo, está bem vivo. Viúva esquisita!

— A dureza do rosto dela, quando falava do marido, era de gelar o sangue. Além disso, tinha algo de aterrorizante nela.

— O quê?

— Eu não saberia explicar, eu simplesmente me sentia mal do lado dela.

— Ela citou alguma viagem a Nova York?

— Não, quando eu disse que, caso ela quisesse voltar para lá e precisasse de qualquer coisa, podia me ligar, ela assegurou que não ia voltar nunca.

— Ela deve ter pensado que você estava dando em cima dela.

— Se eu tivesse, de fato, ela certamente teria mudado de ideia.

— Evidente.

— Sim, evidente! Mas eu fiquei na minha em prol da minha missão. Eu era só um homem de negócios, de visita a Chicago, pai de três filhos e apaixonado pela mulher.

— E como você se sentiu na pele de um pai de família? Acabou exausto?

— Achei que estivesse com saudades de você, mas aparentemente...

— Acha que ela seria capaz de matar alguém?

— Ela tem força suficiente, mente sobre a vida e sobre as intenções dela e tem alguma coisa realmente perturbadora em relação a ela. Nada como Jack Nicholson em *O iluminado*, mas pode ter certeza de que o olhar dela assusta. Enfim, Andrew, por

que você vai perder seu tempo em Buenos Aires, se realmente acredita que vão tentar assassinar você em algumas semanas?

— Me concederam uma segunda chance, Simon, para proteger Valérie dos meus erros, mas também levar a cabo uma investigação cujo resultado não depende só de mim. Eu vejo as coisas com mais clareza do que antes.

Andrew pediu um último favor ao amigo. Pediu que, assim que desligassem o telefone, Simon fosse comprar um buquê de flores e o enviasse para a casa de Valérie, com um pequeno bilhete que ele ditaria.

Durante todo aquele tempo, no seu quarto de hospital em Buenos Aires, Andrew teve a impressão de ouvir a voz de Louisa murmurar em seu ouvido: “Se a sra. Capetta culpa você pela perda da filha, tome muito cuidado.”

*

Andrew passou por novos exames na segunda-feira de manhã, e o doutor Herrera deixou-o sair do hospital no início da tarde.

Marisa estava esperando no carro. Depois de uma breve parada no hotel, eles foram para o bar, onde Alberto e seus colegas os esperavam.

Andrew sentou-se à mesa no fundo da sala, Alberto estava só. Ele desdobrou uma grande folha de papel e desenhrou o itinerário de Ortiz.

— Na saída de Villa Maria, um caminhão quebrado na beira da estrada o obrigará a sair da rodovia número 9. O motorista desviará para o sul, para pegar a rodovia 8. Enquanto isso, você vai até Gahan. Na altura do calvário, onde você vai identificar com facilidade uma estatueta da Virgem Maria, dentro de uma pirâmide de vidro, você vai ver, à sua direita, três silos de cereais, a uns 50 metros da estrada. Uma pequena rua de terra leva até eles. Você estaciona lá, com todas as luzes apagadas, com Marisa. Aproveitem para dormir um pouco.

— Se Ortiz sair de Dumesnil por volta das nove da noite, ele vai chegar em Gahan por volta das quatro da manhã. Teremos feito o

necessário, o asfalto vai estar coberto com restos de sucata. Se o carro passar pelo calvário, vai ser rolando sobre o capô — concluiu Alberto.

— E se alguém passar por lá antes deles?

— Não vai ter mais ninguém lá a essa hora.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Uns amigos vão monitorar as saídas de Olivia, de Chazon, de Arias, de Santa Émilia, de Colón e de Rojas. Saberemos, com uma margem de erro de 15 minutos, onde ele vai estar e vamos preparar a estrada só quando ele estiver se aproximando do calvário.

— Tem uma cidade que se chama Olivia? — perguntou Andrew.

— Sim, por quê? — respondeu Alberto.

— Por nada.

— Depois que o carro dele parar de funcionar, vocês devem ficar escondidos até os homens irem para Gahan. Você não daria conta do recado sozinho se os três estivessem lá. Fiquei sabendo que eles vieram acertar as contas com você, recentemente, e, pela sua cara, não sei se nos garantimos no caso de um combate.

— E eu não conto?

— Você fica no carro e dirige. Eu proíbo você de deixar o volante, mesmo se o nosso bravo jornalista levar um tiro. Entendeu bem, Marisa? Não estou brincando! Se acontecer alguma coisa com você, sua tia vai me matar aqui, em pleno dia.

— Ela não vai sair do carro — prometeu Andrew, que recebeu imediatamente um chute de Marisa na canela.

— Não se atrase. Gahan fica a duas boas horas daqui, você vai precisar de tempo para estudar o lugar, analisar as marcações e se esconder na paisagem. Ricardo preparou um jantar para vocês levarem, ele está esperando você na cozinha, Marisa. Moça, tenho duas ou três palavrinhas para trocar com este senhor.

Marisa obedeceu ao tio.

— Você se sente capaz de cumprir essa missão até o final?

— Você vai saber amanhã — respondeu Andrew, despreocupadamente.

Alberto pegou-o pelo antebraço.

— Mobilizei muitos amigos para que tudo corra bem nessa operação. Não me preocupo só com a minha credibilidade, mas também com a segurança da minha sobrinha.

— Ela já é adulta, sabe o que faz, mas ainda dá tempo de proibi-la de vir comigo. Com um bom mapa rodoviário, eu devo conseguir achar esse fim do mundo tranquilamente.

— Ela não me obedeceria, eu não tenho mais autoridade sobre ela.

— Vou fazer o meu melhor, Alberto, e você garante que essa missão, como você diz, não vire um drama. Eu tenho a sua palavra de que nenhum dos seus homens vai tentar acertar as contas com Ortiz?

— Eu só tenho uma palavra e já dei ela a você!

— Então, tudo deve ocorrer sem problemas.

— Pega isso — disse Alberto, pondo um revólver sobre os joelhos de Andrew —, nunca se sabe.

Andrew devolveu-o a Alberto.

— Não acho que isso vai reforçar a segurança de Marisa. Eu nunca usei uma arma de fogo. Ao contrário do senso comum, nem todos os americanos são caubóis.

Andrew quis se levantar, mas Alberto fez um sinal indicando que a conversa ainda não tinha terminado.

— A Louisa foi visitar você no hospital?

— Quem disse?

— Eu quis me assegurar de sua recuperação no tempo em que estive lá, se os homens de Ortiz resolvessem terminar o que tinham começado.

— Então você já sabe a resposta da sua pergunta.

— E ela falou sobre mim?

Andrew observou Alberto e se levantou.

— Falamos sobre isso amanhã, quando eu voltar de Gahan. Boa noite, Alberto.

Saindo do restaurante, Andrew procurou o Coccinelle de Marisa. Uma buzina chamou sua atenção. Marisa passou a cabeça pelo vidro de um Break 406 e chamou ele.

— Vamos ou mudou de ideia?

Andrew entrou no carro.

— Meu tio ficou com medo de que meu carro não estivesse em condições boas o suficiente.

— Não sei de onde ele tirou essa ideia — respondeu Andrew.

— O carro é dele, para você ver como ele leva nossa missão a sério.

— Para de usar essa palavra, é grotesca! Não estamos em uma missão, eu não trabalho para o serviço secreto, mas para um jornal respeitado. Vou interrogar um homem que diz que se chama Ortega e fazê-lo confessar que é Ortiz, caso seja, de fato.

— Você devia calar a boca, ao invés de dizer besteira — retorquiu Marisa.

E durante os 124 quilômetros que os separavam de Gahan eles quase não se falaram. Marisa se concentrou na estrada que, como seu tio havia dito, estava em péssimo estado e praticamente destituída de iluminação. Eles chegaram por volta da meia-noite no famoso cruzamento. Ela estacionou na frente do calvário e inspecionou a área com a ajuda de uma lanterna.

— Se os pneus estourarem aqui — disse para Andrew —, o carro vai parar naquele campo, está vendo? Não precisa se preocupar, meu tio não estava mentindo.

Andrew inspecionou o pavimento iluminado pelos faróis e perguntou-se quando os homens de Alberto interviriam.

— Volta para o carro — ordenou Marisa. — O caminho que leva até os silos está logo ali. Vamos começar a nos esconder, as horas vão passar devagar, vamos beliscar alguma coisa agora.

Ela ligou o motor e entrou na estradinha que conduzia aos silos. Estacionou entre os dois reservatórios de grãos e apagou os faróis. Depois que seus olhos se acostumaram com a penumbra, Andrew percebeu que eles desfrutavam de uma visão perfeita do local onde a ação deveria acontecer, enquanto que, da estrada, era impossível vê-los.

— Seu tio não deixou passar nada.

— Alberto era Montonero, ele lutou contra aqueles filhos da mãe em uma época em que eles atiravam sem cerimônia. Digamos que ele tem experiência. Se ele tivesse sua idade, estaria nesse carro, no seu lugar.

— Eu não sou um valentão, Marisa, bota isso na sua cabeça de uma vez por todas.

— Você já falou algumas vezes isso para nós. Entendi bem. Está com fome?

— Não, na verdade.

— Come mesmo assim — disse ela, oferecendo um sanduíche.

— Você vai precisar estar com todas as suas forças.

Ela acendeu a luz de teto e olhou para Andrew, sorrindo.

— Que foi? Está rindo do quê?

— De você.

— E o que eu tenho de tão engraçado?

— Do lado esquerdo não é nada mau e do lado direito está parecendo o Homem Elefante.

— Obrigado pelo elogio.

— É só um meio elogio, depende do lado que se vê.

— Prefere que eu fique sentado no banco do motorista?

— Não, eu gosto do seu lado de cara quebrada, é mais o meu tipo.

— Tenho certeza de que Antonio adoraria ouvir isso.

— O Antonio não é bonito, mas é uma pessoa legal.

— Isso não é da minha conta.

— E sua mulher, ela é bonita?

— Isso também não é da sua conta.

— Vamos passar uma boa parte da noite nesse carro, prefere que a gente fale do clima?

— A Valérie é muito bonita.

— Ficaria surpresa se ela não fosse.

— Por quê?

— Porque eu imagino que você é o tipo de cara que deve ficar orgulhoso de desfilas com uma mulher bonita.

— Você está enganada. Nos conhecemos no colégio, eu não era nem um pouco um cara sedutor, era tímido e não tinha muito talento para conquistar as garotas, isso não mudou nada.

O celular de Marisa vibrou no bolso dela, ela o pegou e leu a mensagem que acabara de receber.

— O caminhão parado na saída da Villa Maria deu certo, o carro de Ortiz desviou para a rodovia 8. Eles estarão aqui no máximo em cinco horas.

— Achei que não tivesse sinal de telefone aqui.

— Não vai ter na hora certa. A única antena da região fica a 20 quilômetros e, quando estiver sem energia, vai ser impossível qualquer comunicação.

Andrew sorriu.

— Talvez você tenha razão, essa noite parece cada vez mais com uma missão.

— Não parece que você desgosta totalmente dessa ideia.

— Me dá esse sanduíche e para de implicar comigo, eu vou acabar ficando interessado em você.

Marisa se inclinou em direção ao banco de trás, exibindo seus quadris de um ângulo que não deixou Andrew indiferente.

— Vai, toma café — ela disse, estendendo uma xícara para Andrew.

Uma hora depois, eles ouviram ao longe o som de um motor. Marisa apagou a luz do teto.

— É cedo demais para que seja Ortiz — murmurou Andrew.

Ela soltou uma gargalhada.

— Isso, melhor cochichar mesmo. Cuidado nunca é demais. Estamos a 50 metros da estrada, alguém pode nos ouvir... Não, não pode ser Ortiz.

— Então por que você apagou a luz?

E antes que Andrew entendesse o que estava acontecendo, Marisa passou por cima da marcha e sentou em cima dele, olhando-o de frente. Ela acariciou os lábios dele com a ponta dos dedos e beijou-o.

— Shhh — murmurou Marisa —, você vai se casar, eu também. Risco nenhum de nos apaixonarmos um pelo outro.

— Para alguém que me manda ficar calado, até que você fala demais.

Marisa beijou-o novamente e eles se arrastaram para o banco de trás, onde se entrelaçaram na noite silenciosa.

*

Marisa abriu os olhos, olhou o relógio e deu uma cotovelada em Andrew.

— Acorda e vai se vestir, são três horas da manhã!

Andrew acordou assustado. Marisa pegou seu telefone no bolso. Seis mensagens não lidas, cada uma anunciando o nome da cidade que o carro de Ortiz tinha atravessado. Ela olhou a tela e passou às pressas para o banco da frente.

— Não está mais pegando, já cortaram o sinal da antena. Ortiz não deve estar muito longe, vai rápido!

Andrew vestiu apressado a calça e o casaco e sentou-se no banco do passageiro. O silêncio era absoluto. Virou a cabeça na direção de Marisa, cujo olhar estava fixado na estrada.

— Olha para a frente, é lá que as coisas vão acontecer.

— E o que aconteceu lá atrás? — arriscou Andrew.

— Não aconteceu nada além de um bom momento entre adultos, em comum acordo.

— Quão bom? — perguntou Andrew, sorrindo.

Marisa deu outra cotovelada nele.

— Você acha que os amigos do seu tio nos viram quando vieram jogar as sucatas na estrada?

— Espero que não, tanto por mim quanto por você. Agora, reza para a gente não ter perdido Ortiz.

— Se o carro dele já tivesse passado, ele estaria no meio da entrada, não? Está vendo algum carro?

Marisa não respondeu. Ouviram o barulho de um motor se aproximando ao longe. Andrew sentiu o ritmo do seu coração acelerar.

— E se não forem eles? — murmurou Andrew.

— Efeito colateral... lamentável, mas inevitável, talvez!

E enquanto Andrew se preocupava, uma berline preta passou na frente do calvário, emitindo um forte som de explosão. Três dos seus pneus estouraram, o motorista tentou manter a trajetória, mas o carro girou e começou a andar em zigue-zague, antes de tombar de lado. Ele continuou deslizando, até que o capô entrou em um buraco no asfalto. A parte de trás do veículo se levantou e a berline capotou várias vezes com um estrondo ensurdecedor. O para-brisas estourou quando o passageiro da frente foi projetado através dele. O carro continuou sua trajetória desorientada com o capô colado no chão, formando na parte de trás uma chuva de faíscas, antes de parar na beira de um campo. Ao caos seguiu-se um silêncio mortal.

— Tranquilamente, tudo deveria acontecer tranquilamente — praguejou Andrew, saindo do Break.

Marisa pegou-o pelo braço e obrigou-o a se sentar de volta. Ela girou a chave e avançou com o carro pela estradinha de terra. Ela parou na beira da estrada e viu, sob a luz do farol, um espetáculo lamentável. Um homem deitado, a 10 metros dos destroços. Andrew se precipitou em direção a ele. Ele estava em péssimo estado, mas ainda respirava. Marisa andou em direção ao carro acidentado. O motorista, inconsciente, estava com a face ensanguentada. Preso no banco de trás, que estava afundado pelo impacto, um homem gemia, voltando a si.

Andrew aproximou-se de Marisa e se esticou para entrar no carro.

— Me ajuda — disse para Marisa —, temos que tirar ele daqui antes que isso exploda.

Marisa se ajoelhou e olhou friamente para o homem ferido.

— Ouviu? Vai pegar fogo daqui a pouco. Temos umas perguntas para te fazer, responde logo se não quiser virar churrasco.

— Quem são vocês? O que querem de mim? — gemeu o homem.

— Nós que fazemos as perguntas, você se contenta em responder.

— Caramba, Marisa, para de brincadeira e me ajuda, ele já está machucado demais — gritou Andrew, tentando tirar o ferido da carcaça.

— Deixa ele aí até que ele fale. Qual é seu nome verdadeiro? — perguntou ela.

— Miguel Ortega.

— E eu sou Evita Perón! Eu vou te dar uma segunda chance — disse Marisa, pondo um cigarro entre os lábios.

Ela tirou uma caixa de fósforos do bolso e, ao acender, aproximou a chama do rosto de Ortega.

— Eu me chamo Miguel Ortega — gritou —, você é louca, me tira daqui!

— Se esforça um pouco mais, aqui está fedendo cada vez mais a gasolina.

Andrew reuniu todas as suas forças para tentar tirar Ortega de lá, mas as pernas do velho homem estavam presas embaixo do banco do motorista e, sem a ajuda de Marisa, ele não conseguiria.

— Vem, vamos sair daqui — disse Marisa, jogando o palito de fósforo dentro do carro.

A chama oscilou e apagou. Marisa acendeu outro e tocou fogo na caixinha, segurando-a com a ponta dos dedos.

Ortega olhou a chama dançar em cima de sua cabeça.

— Ortiz, eu me chamo Felipe Ortiz, apaga isso, eu imploro, eu tenho uma família, não faz isso!

Marisa jogou para longe a caixa de fósforos e cuspiu no rosto do comandante Ortiz.

Andrew estava enlouquecido de raiva. Marisa se esgueirou para dentro do carro e empurrou o banco. Andrew conseguiu mover Ortiz e arrastou-o para a estrada, para longe do carro.

— Precisamos pegar o motorista — ordenou ele.

Quando virou-se em direção à berline, algumas faíscas começaram a crepitar sobre o capô e o carro pegou fogo. Viu o corpo do motorista ser tomado pelas chamas, seu rosto se deformar antes que a fumaça ocultasse essa visão infernal.

Andrew apoiou o rosto nas mãos e ajoelhou-se para vomitar. Quando os espasmos se acalmaram, aproximou-se de Ortiz, deitado

sobre o acostamento. Marisa estava agachada ao lado dele, fumando um cigarro.

— Vamos com ele para o hospital e levamos junto aquele que está deitado ali na frente — ordenou Andrew.

— Não — respondeu Marisa, agitando as chaves do Break —, e se você se aproximar, eu jogo elas no mato.

— Um morto, não basta?

— Um contra 30 mil? Não, não basta. Vamos jogar o segundo tempo e, dessa vez, a vantagem é minha. Se essa escória quiser ficar viva, vai precisar falar. Pega seu bloco e sua caneta, senhor jornalista, seu momento de glória chegou!

— Estou com muita dor — implorou Ortiz —, me levem ao hospital, vou dizer tudo o que quiserem no caminho.

Marisa se levantou e caminhou em direção ao Break. Abriu o porta-luvas e voltou com o revólver de Alberto.

Ela apoiou o cano na têmpora de Ortiz e destravou o gatilho.

— Eu vou tomar as notas, vamos começar a entrevista? Porque com esse sangue todo escorrendo da sua perna, eu não perderia tempo, se fosse você.

— Você vai atirar em mim também, se eu me recusar a participar dessa maluquice? — perguntou Andrew.

— Não, eu gosto demais de você para fazer uma coisa dessas, mas acertar as contas com ele não seria problema nenhum para mim, eu poderia até acabar gostando.

Andrew se ajoelhou do lado de Ortiz.

— Vamos acabar com isso o mais rápido possível, para que eu possa levar você daqui. Lamento, não queria que tivesse acontecido dessa forma.

— Você acha que ele se sentiu mal quando sabotou os freios do carro de Antonio ou quando enviou os capangas dele para o seu quarto de hotel?

— Vocês foram na minha cidade, fizeram perguntas para todo mundo. Queríamos só intimidar vocês, fazer com que mudassem de ideia, e não que acontecesse um acidente.

— Sim, claro — suspirou Marisa. — Vai explicar isso para o Antonio, se encontrar com ele no hospital. Nós também só

queríamos intimidar você. Estamos quites então? Ah não, tem mais, olha o rosto do meu amigo, viu o que os seus homens fizeram com ele?

— Não tenho nada a ver com isso, não sei quem você é.

Andrew foi persuadido pela sinceridade de Ortiz, que parecia ignorar completamente sua identidade.

— Me chamo Andrew Stilman, sou jornalista, repórter do *New York Times*. Estou conduzindo uma investigação sobre a trajetória de um piloto e suas atividades durante a última ditadura. Você é o comandante Ortiz, que serviu entre 1977 e 1983 como piloto da guarda-costeira?

— Até o dia 29 de novembro de 1979. Nunca mais pilotei um avião depois disso.

— Por quê?

— Porque eu não aguentava mais o que me mandavam fazer.

— E em que consistiam suas missões, comandante Ortiz?

Ortiz soltou um suspiro.

— Faz tanto tempo que não me chamam de comandante.

Marisa apoiou o revólver sobre a bochecha dele.

— Não ligamos a mínima para suas reflexões. Limite-se a responder as perguntas.

— Eu fazia voos de vigilância na fronteira uruguaia.

Marisa deslizou a arma até a perna de Ortiz. Acariciou com o cano a parte de osso que saía da ferida aberta. Ortiz berrou de dor, Andrew a empurrou bruscamente.

— Se a senhora fizer isso mais uma vez, te deixo sozinha aqui para voltar a pé para Buenos Aires, entendeu bem?

— Desde quando você me chama de “senhora”? — retorquiu Marisa, olhando sedutoramente para Andrew.

— Me leva para o hospital — implorou Ortiz.

— Andrew pegou novamente o bloco de notas e a caneta.

— Você participou dos voos da morte, comandante Ortiz?

— Sim — murmurou.

— Quantos voos você realizou?

— Trinta e sete.

— Considerando vinte passageiros por viagem, esse desgraçado jogou mais do que setecentas pessoas no rio de La Plata — disse Marisa.

— Da cabine do avião, eu não via nada do que estava acontecendo atrás, mas eu sabia. Quando o avião ficava leve de repente, a ponto de mudar de altitude sem que eu tocasse na marcha, eu sabia o que tinha acabado de acontecer. Eu só obedecia ordens. Se eu tivesse recusado, teriam me fuzilado. O que você teria feito no meu lugar?

— Eu preferiria morrer do que participar dessa abominação.

— Você é só uma menina, não sabe do que eu estou falando, não faz ideia do que seja a autoridade. Eu era militar de carreira, programado para obedecer, para servir meu país sem fazer perguntas. Você não conheceu essa época.

— Eu nasci nessa época, seu verme, e meus pais verdadeiros estão entre essas pessoas que você assassinou, depois de ter torturado.

— Eu nunca torturei ninguém. Aqueles que entravam no meu avião já estavam mortos, ou quase. E se eu tivesse tentado me fazer de herói, teria sido morto também, minha família teria sido presa e teriam posto outro piloto no meu lugar.

— Então por que você parou de voar em 1979? — perguntou Andrew, interrompendo.

— Porque eu não aguentava mais. Eu só era um soldado insignificante, um homem simples, não era mais corajoso do que qualquer outra pessoa. Incapaz de me rebelar abertamente contra a hierarquia. Eu tinha medo demais do que podia acontecer com a minha família. Uma noite de novembro eu tentei afundar meu avião no rio com toda a carga e os três oficiais a bordo, encarregados daquela tarefa imunda. Estávamos voando a uma altitude muito baixa, de noite, com todos os faróis apagados. Bastava eu empurrar bruscamente a alavanca. Mas meu copiloto conseguiu por pouco desviar a manobra. Quando chegamos à base, ele me denunciou. Eu fui preso e julgado pela corte marcial. Foi um médico militar que evitou o fuzilamento. Ele julgou que eu não estava com o pleno domínio das minhas faculdades mentais e que eu não era

responsável por meus atos. O Febres ia com a minha cara. Não era só eu que estava começando a pirar. Ele teve medo de que a minha morte pudesse gerar deserções, enquanto ser benevolente com um oficial que tinha servido à pátria conquistaria a simpatia dos seus homens. Eu fui reformado e voltei para a vida civil.

— Você participou do assassinato de setecentos inocentes e queria que tivéssemos pena de você? — ironizou Marisa.

— Não peço tanto. Esses rostos, que eu nunca cheguei a ver, assombram minha vida há trinta anos.

— Como você conseguiu uma nova identidade? Como conseguiu viver no anonimato por todos esses anos? — interferiu Andrew.

— O Exército protege a si mesmo tanto quanto protege os homens que o serviram. No final da “guerra suja”, o Febres nos ajudou. Nos deram documentos novos, recompuseram nosso passado, um pedaço de terra ou um pequeno negócio para recomeçar a vida.

— Terras e negócios roubados das suas vítimas — gritou Marisa.

— Você é a sobrinha do Alberto, não é? — perguntou Ortiz.

— Talvez você tenha voltado à vida civil, mas seus serviços de informação continuam muito eficientes.

— Você me superestima. Eu não tenho acesso a nenhum serviço de informação. Eu não sou nada mais do que um pequeno comerciante que gerencia um curtume. Eu adivinhei quem é quando eu vi você dirigindo em Dumesnil. Você se parece com ele, fala como ele... há muito tempo que aquele espertinho me segue. Mas ficou velho demais para fazer o serviço por conta própria.

— Por hoje basta — disse Andrew, guardando seu bloco —, vai buscar seu carro, Marisa, vamos colocar ele lá dentro e vamos pegar o outro ferido. Tomara que ainda esteja vivo. Vai logo, antes que eu perca a paciência com você.

Marisa levantou os ombros, guardou a arma e andou em direção ao Break com as mãos nos bolsos.

— Não fui eu que mandei os homens para o seu hotel — recomeçou Ortiz, assim que ficou sozinho com Andrew. — Com certeza foi o Alberto. Aquele sujeito é muito mais perverso do que imagina, ele manipulou você desde o princípio, para que você

fizesse o que ele não podia fazer sozinho. Foi ele que organizou essa emboscada, não foi? Você é só um peão que ele usou para jogar essa partida.

— Cala a boca, Ortiz, você não sabe do que está falando. Não foi Alberto quem me fez vir para a Argentina. Eu estava atrás de você há semanas, desde que me encarregaram dessa investigação.

— Por que eu e não outra pessoa?

— Os acasos da vida. O seu nome estava no dossiê que recebemos no jornal.

— E quem enviou esse dossiê, senhor Stilman? Eu tenho 70 anos, minha saúde não é das melhores. Não ligo a mínima de passar meus últimos anos de vida na prisão. Essa punição seria quase um alívio. Mas eu tenho duas filhas, senhor Stilman, elas não fizeram nada e a mais nova ignora completamente meu passado. Se você revelar minha identidade, não sou eu quem você vai condenar, e sim ela. Conta a terrível história do comandante Ortiz, mas não me cita, eu imploro. Se é uma vingança o que quer, deixa que eu perca todo o meu sangue, na beira dessa estrada. Seria uma libertação. Você não faz ideia do custo de destruir vidas inocentes, mas ainda não é tarde demais para você.

Andrew pegou mais uma vez seu bloco de notas, folheou as páginas, pegou uma fotografia e deu para Ortiz.

— Você reconhece essa garotinha?

Ortiz olhou a foto da criança de 2 anos, na fotografia, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu criei ela.

*

O carro andava pela rodovia número 7. Ortiz tinha perdido a consciência desde que Andrew e Marisa o haviam deitado no banco de trás do Break. Seu guarda-costas não estava em melhores condições.

— A que distância estamos do hospital mais próximo? — perguntou Andrew, olhando para os dois feridos.

— O de San Andrés de Giles fica a 40 quilômetros, vamos chegar lá em meia hora.

— Dá um jeito de chegar mais rápido se quiser que nossos passageiros sobrevivam.

Marisa pisou no acelerador.

— Eu gostaria que nós também sobrevivêssemos — disse Andrew, agarrando-se em sua poltrona.

— Não se preocupe, agora que nós conseguimos que confessasse, não quero que ele morra. Ele vai ser julgado e vai pagar pelos crimes que cometeu.

— Isso me surpreenderia muito.

— E por quê?

— E o que você vai dizer para a justiça? Que você conseguiu que ele confessasse encostando um revólver na cabeça dele? E você vai dizer isso antes ou depois de revelar que deliberadamente provocamos o acidente que causou a morte de um homem? Se o juiz for com a nossa cara, podemos talvez pedir para ficarmos na mesma cela que Ortiz e continuarmos nossa conversa...

— O que é que você está dizendo?

— Que, quando quiseram trapacear, você e seu tio se esqueceram de que, do lado de fora daquele bar decadente, havia regras que não podiam ser revogadas. Nós somos cúmplices de um assassinato, talvez de dois, se não chegarmos ao hospital a tempo. Eu não sei nem se eu vou poder publicar minha matéria!

— Foi um acidente. Não tivemos nada a ver com isso. Passamos lá e prestamos socorro a esses dois homens. Essa é a única versão que você vai contar.

— De fato, é o que a gente vai contar quando chegar à emergência do hospital. A menos que Ortiz acorde e nos denuncie antes que tenhamos tempo de ir embora.

— Você vai desistir?

— Como você quer que eu justifique a forma como consegui as confissões? Contando ao jornal que eu participei de uma matança premeditada? O que você e seu tio fizeram me deixou de mãos atadas e jogou no lixo semanas de trabalho de investigação.

Marisa freou com toda a força, os pneus cantaram e o carro parou atravessado na estrada.

— Você não pode jogar tudo para o alto.

— O que mais você quer que eu faça? Que eu passe dez anos em uma cadeia argentina para que a justiça seja feita, toda a justiça?! Liga o carro antes que eu me irrite de verdade e deixe você no meio da estrada, vai!

Marisa acelerou bruscamente e o carro arrancou. Ortiz gemeu no banco de trás.

— Só me faltava isso — suspirou Andrew. — Me dá seu revólver.

— Você vai se matar?

— Não, mas se puder parar de falar essas besteiras, não seria nada mal.

— No porta-luvas.

Andrew pegou a arma e virou-se em direção a Ortiz, decidido a atirar nele. Seu braço abaixou lentamente.

— Não consigo fazer isso.

— Atira, homem, se ele nos entregar, estamos ferrados.

— Tínhamos que ter pensado melhor antes. De qualquer forma, ele vai nos denunciar assim que estiver em condições boas o suficiente para fazer isso.

— Você vai ter tempo pelo menos de sair do país, pode pegar o primeiro avião para Nova York.

— E você? Ele sabe quem você é.

— Eu me viro.

— Não, fora de questão, entramos nessa juntos, vamos sair dessa juntos.

Andrew guardou o revólver.

— Talvez eu tenha uma ideia... acelera e cala a boca. Preciso pensar.

Quando o Break parou na entrada de emergência do hospital, Ortiz tinha desmaiado mais uma vez. Marisa buzinou e gritou para dois maqueiros que saíam da garagem de emergência para que chamassem outro funcionário. Explicou para o médico de plantão que eles haviam passado por um acidente na altura de Gahan. Ela e

o amigo tinham conseguido tirar dois homens do carro, mas o motorista tinha sido queimado. O médico pediu a uma enfermeira que ligasse para a polícia e, antes de levar os feridos para a sala de operação, mandou Marisa esperar que voltasse.

Marisa disse que ia estacionar e que logo voltaria.

*

— Qual é seu plano agora? — perguntou ela, voltando para a estrada.

— Esperar.

— Genial.

— Não queremos que ele conte nossa história, e ele não quer que contemos a dele. Um amigo policial me disse um dia que prender um criminoso sem entender o motivo do crime era apenas metade do trabalho. Se Ortiz nos denunciar, ele vai precisar explicar por que armamos essa armadilha para ele. Estamos amarrados pelo mesmo segredo. Assim que ele estiver melhor, venho visitá-lo para propor um acordo.

— Então ele vai escapar assim?

— Vamos ver quem vai se dar bem nessa. Seu tio não é o único chegado a parcerias. Eu tinha um enorme talento para me dar mal, mas a gente acaba aprendendo a estar um passo à frente do adversário.

21.

Marisa deixou Andrew no hotel no início da manhã.

— Vou devolver o carro para o Alberto. Até mais tarde.

— Esse carro é dele mesmo?

— Que diferença faz?

— Se tiver uma câmera de vigilância na frente da entrada de emergência do hospital, eu o aconselho a se livrar dele e a fazer um registro de roubo assim que possível.

— Não se preocupe, os hospitais do interior não têm dinheiro suficiente para isso. Mas eu dou o recado a ele.

Andrew saiu do carro e se inclinou para perto da janela.

— Marisa, eu sei que não vai seguir meu conselho, mas, por enquanto, não conte para o seu tio que eu achei uma solução para calar a boca do Ortiz.

— Do que você tem medo?

— Nós que nos expusemos, o Alberto ficou sentado lá no bar. Só dessa vez, confia em mim.

— Porque eu não confiei em você quando fomos para o banco de trás do Break... imbecil?

Marisa saiu com o carro irritada. Andrew olhou o Peugeot se afastar.

*

Andrew foi até a recepção do hotel pegar a chave do quarto. O gerente veio se desculpar, assegurando que aquele tipo de acidente nunca tinha acontecido no estabelecimento. Já estavam sendo tomadas medidas de segurança para que isso nunca mais ocorresse. Como pedido de desculpas, disse a Andrew que seus pertences tinham sido levados para uma suíte júnior no último andar.

A suíte não era um palácio, mas tinha uma pequena sala e uma vista mais agradável para a rua. As torneiras do banheiro não estavam vazando e a cama era muito mais confortável.

Andrew olhou para sua mala a fim de conferir se estava tudo lá. Procurando, percebeu um volume em um dos compartimentos.

Deslizou o zíper e descobriu a pequena locomotiva de metal, a miniatura que ele tanto desejou comprar em um antiquário do Brooklyn. Dentro da chaminé, estava um pequeno papel.

Estou com saudades, te amo. Valérie.

Ele deitou na cama, pôs a locomotiva no travesseiro ao seu lado e adormeceu olhando para ela.

*

Acordou no início da tarde ouvindo alguém bater a sua porta; Alberto esperou Andrew convidá-lo a entrar.

— Achei que você nunca saísse do seu bar.

— Saio só em situações especiais — respondeu Alberto. — Veste sua jaqueta, vou levar você para almoçar.

Chegando à rua, Andrew sorriu ao ver o carro de Alberto, um carro japonês e não mais o Break Peugeot.

— Segui seu conselho; de qualquer forma, ele já tinha rodado mais de 200 mil quilômetros, estava na hora de trocar.

— Você não veio me mostrar o carro novo, eu suponho.

— Ah, esse aqui eu só peguei emprestado... eu vim pedir desculpas.

— Hoje é o dia...

— Lamento sinceramente a forma como as coisas aconteceram. Eu nunca quis que outra pessoa morresse.

— Entretanto, eu tinha dito que isso podia acontecer.

— Eu sei, isso me faz sentir ainda mais culpado. Você precisa sair da Argentina antes que as investigações da polícia cheguem até você. Eu pedi para Marisa tirar umas férias no interior até que as coisas se acalmem.

— Ela aceitou?

— Não, ela não quer perder o emprego. Quando isso for realmente necessário, vou escrever para a tia dela e pedir que ela intervenha. A Marisa vai ouvi-la. Para você, é diferente. Você é estrangeiro e se tiver que sair do país vai ser mais complicado. Por isso, não corra nenhum risco, eu já fiz você se expor demais.

Alberto estacionou na frente de uma livraria.

— Pensei que fôssemos almoçar.

— E vamos. Tem um restaurante lá dentro, é de um amigo meu, vamos poder conversar tranquilos.

A livraria era encantadora; um longo corredor decorado com estantes levava a um pátio onde algumas mesas se alinhavam. Rodeado por centenas de livros, o dono servia comida a alguns fregueses. Alberto, depois de ter cumprimentado o amigo, convidou Andrew a se sentar em sua frente.

— Se eu e Louisa nos separamos é porque eu sou um frouxo, senhor Stilman. A culpa é minha de o nosso filho ter... desaparecido. Eu era um ativista durante a ditadura. Eu não fazia nada muito heroico, participava da feitura de um jornal de oposição, uma publicação clandestina. Tínhamos muito poucos recursos, apenas a boa vontade e um mimeógrafo, sabe, não era grande coisa, mas nos sentíamos combatentes, do nosso jeito. Os militares acabaram pegando alguns de nós. Eles foram presos, torturados e desapareceram. Os que caíram nas mãos deles não falaram nada.

— Entre essas pessoas, você se lembra de um chamado Rafael?

— perguntou Andrew.

Alberto olhou fixamente para longe por um momento antes de responder.

— Talvez, não me lembro mais, foi há quarenta anos e nem todo mundo se conhecia.

— E a mulher dele, Isabel?

— Como eu disse, eu não me lembro mais — insistiu Alberto, aumentando levemente o tom de voz. — Eu fiz de tudo para esquecer. Meu filho, Manuel, foi sequestrado pouco depois de os rifles terem dizimado nosso grupo. Ele não tinha nada a ver com isso tudo. Era só um pacato estudante de mecânica. O Febres queria chegar a mim através dele. De todo modo, é isso que Louisa

pensa. Febres devia achar que eu iria me entregar para que soltassem Manuel. Eu não fiz isso.

— Nem para salvar seu filho?

— Não, para salvar meus outros amigos. Eu sabia que não resistiria um segundo à tortura. Além disso, eles nunca teriam liberado o Manuel. Eles não soltavam ninguém. A Louisa nunca me perdoou.

— Ela sabia do jornal?

— Ela escrevia a maioria das matérias.

Alberto se calou por um instante. Pegou sua carteira, tirou de dentro a fotografia amarelada de um rapaz e mostrou para Andrew.

— Louisa é uma mãe que teve o filho roubado. Para ela, todo mundo é culpado. Olha como Manuel era um rapaz bonito. Ele era corajoso, generoso e muito divertido. Ele amava a mãe mais do que qualquer coisa. Eu sei que ele também não falou nada... para protegê-la. Ele sabia das opiniões dela. Você tinha que ver quando eles estavam juntos... Nós não éramos tão próximos, mas eu o amava mais que tudo, mesmo que eu nunca tenha conseguido demonstrar. Queria poder vê-lo de novo, uma só vez. Eu diria o quanto tenho orgulho dele, o quanto eu era feliz de ser pai dele e o quanto me pesa a ausência dele desde que foi embora. Minha vida parou no dia em que levaram ele. Louisa não chora mais, eu continuo a chorar a cada vez que eu vejo na rua um rapaz da mesma idade. Eu já cheguei a seguir alguns que se pareciam com ele, esperando que se virassem e me chamassem de papai. A dor pode enlouquecer uma pessoa, senhor Stilman, e hoje eu vejo que não deveria ter feito algumas coisas no passado. O Manuel não vai voltar nunca. Na quadra da nossa casa, eu cavei um buraco e enterrei as coisas dele, os cadernos de escola, os lápis, os livros e os lençóis que ele usou na última noite que passou em casa. A cada domingo, eu espero que as luzes se apaguem no quarto de Louisa e vou me sentar ao pé do grande jacarandá. Eu sei que minha mulher se esconde atrás da cortina e me olha, eu sei que ela também reza por ele. Talvez seja melhor que nunca tenhamos visto o corpo.

Andrew pousou a mão sobre a mão de Alberto. Ele levantou a cabeça e sorriu tristemente.

— Eu não sei se chego até lá, mas ano que vem faço 80 anos e ainda espero que a morte me faça reencontrar meu filho. Imagino que ter chegado a essa idade seja a minha penitência.

— Lamento muito, Alberto.

— Eu também. Por minha culpa, Ortiz vai escapar mais uma vez. Quando estiver recuperado, vai voltar para casa como se nada tivesse acontecido. Chegamos tão perto de conseguir o que queríamos.

— Você me empresta seu carro até amanhã à noite?

— É de um amigo meu, mas estou devendo essa a você, aonde quer ir?

— Conversamos sobre isso depois.

— Me deixa no bar e fica com ele depois.

— Onde posso encontrar a Marisa a essa hora?

— Na casa dela, eu acho. Ela trabalha de noite e dorme de dia, que vida!

Andrew entregou seu caderno e sua caneta para Alberto.

— Escreve o endereço dela para mim, mas não avisa que vou passar lá.

Alberto olhou Andrew com olhar de censura.

— Eu confiei em você, agora você confia em mim.

*

Andrew buscou Alberto e seguiu as instruções para chegar à casa de Marisa.

Subiu os três andares de escada do pequeno prédio, na rua Malabia, no bairro de Palermo Velho. Marisa se assustou ao abrir a porta, seminua, com uma toalha enrolada no corpo.

— Merda, o que você está fazendo aqui? Estava esperando uma amiga minha.

— Liga para ela, marca outro dia e se veste. Não necessariamente nessa ordem.

— Não é porque dormimos juntos uma vez que tem o direito de me dar ordens.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Eu cancelo com a minha amiga e a gente fica aqui, se quiser — disse Marisa, soltando a toalha.

Ela era ainda mais sensual do que Andrew recordava. Ele se ajoelhou para pegar a toalha e passou-a ao redor dos quadris de Marisa.

— Talvez não seja tão bom da segunda vez, vai se vestir, temos coisas importantes para fazer.

Ela se virou e bateu a porta do banheiro.

Andrew examinou o conjugado de Marisa. Um ambiente servia de sala de estar e de quarto. A cama não estava arrumada, mas a brancura e o frescor dos lençóis convidavam a aconchegar-se neles. Em uma parede, pilhas de livros se apoiavam umas nas outras. Almofadas de todas as cores rodeavam uma mesinha baixa no centro do cômodo. Do outro lado, entre duas janelas através das quais entrava uma bela luminosidade, prateleiras curvavam-se com o peso de outros livros. Nada além de desordem e charme. O estúdio lembrava a moradora.

Marisa reapareceu. Ela vestia um jeans rasgado no joelho e uma camisa que não escondia grande parte dos seios.

— Posso saber aonde vamos? — perguntou ela, procurando suas chaves.

— Falar com sua tia.

Marisa parou prontamente.

— Não podia ter dito antes? — reclamou ela, dando meia-volta. Tirou de uma pilha de roupas no chão uma calça de veludo cotelê preta e uma camisa regata, deslizou seus jeans pelas pernas, tirou a camiseta e trocou-se na frente de Andrew.

*

Andrew dirigia, Marisa acendeu um cigarro e abriu a janela.

— O que você quer com a Louisa?

— Fazer algumas perguntas para fechar minha investigação e também pedir que ela pare de me tratar como um idiota.

— Por que diz isso?

— Porque ela e seu tio ainda se encontram, ao contrário do que querem que nós acreditemos.

— Isso me surpreenderia muito e, além do mais, o que você tem a ver com isso?

— Você vai entender depois.

*

Louisa não pareceu surpresa ao abrir a porta. Convidou Andrew e sua sobrinha para entrarem na sala.

— O que posso fazer por vocês? — perguntou.

— Me contar tudo o que você sabe sobre Ortiz.

— Eu não sei muita coisa sobre ele, já disse. Até eu conhecer você, ele era apenas uma foto entre tantas outras no meu álbum.

— Posso ver seu álbum de novo? Não aquele com as fotos dos torturadores, e sim aquele das vítimas.

— Claro — respondeu Louisa, levantando-se.

Ela abriu a gaveta da cômoda e pousou o álbum na frente de Andrew, que o folheou até a última página. Ele olhou fixamente para Louisa, fechando-o.

— Isabel e Rafael Cruz, você não tem nenhuma foto deles?

— Lamento, mas esses nomes não me dizem nada. Eu não tenho as fotos de cada um dos 30 mil desaparecidos, só dos quinhentos cujos filhos foram roubados.

— A filha deles se chamava María Luz, ela tinha 2 anos quando a mãe dela foi assassinada, não lembra de nada sobre isso?

— O seu tom não me impressiona, senhor Stilman, não mais que sua insolência. Você não sabe quase nada sobre o trabalho que realizamos. Desde que lutamos para que a verdade seja feita, conseguimos descobrir a identidade real de apenas dez por cento dessas crianças sequestradas. Ainda nos resta um longo caminho a percorrer e, pela minha idade, eu não vou estar mais aqui quando o trabalho for concluído. E além disso, o que você tem a ver com o destino dessa garotinha?

— O comandante Ortiz adotou ela, coincidência engraçada, não acha?

— De que coincidência está falando?

— No dossiê que nos passou informações sobre Ortiz, tinha uma foto de María Luz, sem que nada fosse dito sobre a ligação entre eles.

— Aparentemente, aquele que passou as informações queria guiar você.

— Aquele ou aquela?

— Estou cansada, Marisa, você e seu amigo precisam ir agora, está na hora da minha sesta.

Marisa fez sinal para que Andrew se levantasse. Beijou a tia e cochichou algumas palavras em seu ouvido para dizer que lamentava a situação.

— Não se preocupe, ele é um rapaz bonito, e a vida é curta.

Marisa desceu as escadas, e Andrew pediu que ela o esperasse por um instante no jardim, pois ele tinha esquecido a caneta na mesa da sala.

Louisa franziu a testa vendo-o voltar.

— Esqueceu alguma coisa, senhor Stilman?

— Pode me chamar de Andrew, eu prefiro. Uma última coisa antes que eu deixe você em paz: estou contente de saber que você e Alberto tenham feito as pazes.

— Do que está falando?

— Você agora mesmo estava falando sobre idade, e eu fiquei pensando que a senhora já passou da idade de ver o ex-marido escondida, não acha?

Louisa ficou calada.

— A jaqueta presa no gancho, na entrada da sua casa, é a que Alberto estava usando quando me encontrei com ele no bar. Boa sesta, Louisa... Posso chamar a senhora de Louisa?

*

— Foi fazer o quê lá? — perguntou Marisa, quando Andrew chegou ao jardim.

— Expliquei para você antes de virmos, mas você não presta atenção no que digo. Você trabalha hoje à noite?

— Trabalho.

— Avisa ao seu chefe que não vai poder ir, só precisa dizer que está doente. Uma mentira a mais ou a menos não vai fazer muita diferença.

— E por que eu não iria trabalhar?

— Eu prometi para você ontem que terminaríamos juntos o que começamos e é exatamente isso que vamos fazer. Você saberia me dizer onde posso encontrar um posto de gasolina? Vamos precisar encher o tanque.

— Aonde você vai me levar?

— A San Andrés de Giles.

*

Eles chegaram ao limite da cidade depois de duas horas na estrada. Andrew estacionou do lado da calçada para perguntar a um pedestre onde ficava a delegacia de polícia.

O homem indicou o caminho e saíram de novo com o carro.

— Vamos fazer o quê na delegacia?

— Você, nada, vai ficar no carro e me esperar.

Andrew entrou na delegacia e pediu para falar com o delegado. Ele já tinha voltado para casa, respondeu o policial na recepção. Andrew pegou um bloco de notas sobre o balcão e anotou o número do seu celular e o endereço do hotel.

— Passei por um acidente que custou a vida de uma pessoa ontem à noite, perto de Gahan. Levei dois feridos para o hospital. Não tenho muito o que contar, mas se precisarem de um depoimento formal, podem me encontrar nesse número.

— Fiquei sabendo — disse o policial, saindo de sua cadeira. — O médico que falou conosco disse que você foi embora sem deixar seus dados.

— Esperei muito tempo no estacionamento, tinha uma reunião importante em Buenos Aires, decidi que voltaria assim que possível e, como pode ver, foi o que eu fiz.

O policial se ofereceu para pegar seu depoimento. Ele sentou atrás de uma máquina de escrever e tomou nota do depoimento de

Andrew. Nove linhas e nem uma palavra a mais. Andrew assinou a prestação de contas das suas declarações, aceitou modestamente os cumprimentos do policial por seu senso cívico, que havia salvado duas vidas, e voltou para o carro.

— Posso saber o que você ficou fazendo esse tempo todo nesta delegacia? — perguntou Marisa.

— Derrubei uma peça do tabuleiro de Ortiz. Eu explico quando chegar a hora; agora, vamos para o hospital.

*

— Como vão os ferimentos? — perguntou Andrew. — Viemos saber as novidades antes de voltar para Buenos Aires.

— Olha você de novo — disse o médico de plantão, vendo Andrew no hall. — Procuramos por você ontem à noite, acabei achando que tinham culpa no cartório e haviam fugido.

— Eu não podia esperar, e você não deu nenhuma previsão da hora que sairia da sala de operações.

— E como eu poderia saber?

— Foi o que pensei e eu não iria passar a noite no estacionamento. Acabo de vir da delegacia.

— E falou com quem lá?

— Com um tal sargento Guartez, um sujeito simpático, com uma voz grave e óculos grandes.

O médico balançou a cabeça, a descrição correspondia bem à de um dos três policiais da cidade.

— Eles tiveram sorte, muita sorte por vocês terem passado por lá. O que estava em estado mais grave foi transferido essa manhã para a capital. Este hospital é pequeno demais, não somos equipados para tratar de casos tão graves. O sr. Ortega tinha apenas uma ferida profunda na coxa e uma laceração muscular. Nós operamos ele, e ele está se recuperando na enfermaria. Não tenho quarto livre para ele agora, talvez amanhã. Senão, transferirei ele para um outro estabelecimento. Quer vê-lo?

— Não quero que ele se desgaste desnecessariamente.

— Ele vai ficar satisfeito de agradecer à pessoa que o salvou. Eu preciso subir para realizar minhas visitas, vá até lá, é logo no final do corredor. Mas seja breve, ele precisa mesmo recuperar as forças.

O médico se despediu de Andrew e se retirou, informando à enfermeira de plantão que ele poderia ir visitar seu paciente.

Andrew puxou a cortina que isolava o paciente do leito vizinho, que estava vazio.

Ortiz dormia. Marisa sacudiu seu ombro.

— Vocês de novo — disse, abrindo os olhos.

— Como se sente? — perguntou Andrew.

— Melhor, depois que me deram os calmantes. O que querem dessa vez?

— Oferecer uma segunda chance.

— Do que está falando?

— Você foi internado como Ortega, se não me engano?

— É o que consta nos meus documentos — respondeu o ex-comandante, baixando os olhos.

— Você vai ter alta com o mesmo nome e voltar para casa.

— Até que sua matéria seja publicada?

— Eu tenho uma proposta.

— Estou ouvindo.

— Você responde minhas perguntas honestamente, e eu me contentarei em contar a história do comandante Ortiz sem citar nem uma vez sua nova identidade.

— Como posso saber que vai cumprir sua promessa?

— Vai ter que confiar em mim.

Ortiz observou Andrew por um instante.

— E ela vai conseguir ficar calada?

— Tão bem quanto conseguiu apontar um revólver para sua cabeça ontem à noite. Não acho que ela queira que eu descumpra nosso acordo. O futuro dela depende disso, não é?

Ortiz permaneceu em silêncio, com o rosto tenso. Seu olhar se fixou no saco de perfusão, que fluía para suas veias.

— Vamos — bufou.

— Em que circunstâncias adotou María Luz?

A pergunta tinha sido certa. Ortiz se virou em direção a Andrew e não desviou mais o olhar.

— Quando eu entrei para a reserva, o Febres quis se assegurar de que eu ficaria calado. Ele me levou a um orfanato clandestino. A maior parte das crianças eram bebês de poucas semanas. Ele me mandou escolher um, explicando que seria a melhor forma de eu retomar o senso de realidade. Ele me disse que eu também tinha contribuído para salvar aquela alma inocente pilotando o aparelho do qual seus pais haviam sido jogados no mar.

— Isso aconteceu?

— Eu não podia ter certeza, não mais do que ele, aliás, eu não era o único piloto desse tipo de voo, você não acreditaria. Mas era possível. Na época, eu era recém-casado, María Luz era uma criança de 2 anos, seria menos difícil.

— Mas era uma criança roubada — protestou Marisa —, e sua mulher aceitou participar desse tipo de monstruosidade?

— Minha mulher nunca ficou sabendo. Até o dia em que morreu, ela acreditou no que eu tinha contado para ela, que os pais de María Luz eram soldados assassinados pelos Montoneros e que era nosso dever socorrê-la. Febres nos enviou uma certidão de nascimento com nosso nome. Expliquei à minha mulher que seria mais fácil para María Luz viver a vida plenamente se ela não soubesse o drama do qual era vítima. Nós a amamos como se a tivéssemos posto no mundo. María Luz tinha 12 anos quando minha mulher morreu e ela chorou como se chora a morte de uma mãe. Eu criei ela sozinho, trabalhei como um fanático para pagar a faculdade de letras, línguas estrangeiras. Tudo o que ela quis eu dei para ela.

— Eu não posso ouvir isso — protestou Marisa, levantando-se.

Andrew olhou furioso para ela, que se sentou de novo, espalhafatosamente, virando de costas para Ortiz.

— María Luz ainda mora em Dumesnil? — perguntou Andrew.

— Não, ela foi embora há muito tempo. As Mães da praça de Maio a encontraram quando ela tinha 24 anos. María Luz passava os fins de semana em Buenos Aires, ela era envolvida com política! Nunca perdia uma oportunidade de participar de uma manifestação, ela dizia que trabalhava pelo que chamava de progresso social.

Foram aqueles sindicalistas maconheiros que puseram essas ideias na cabeça dela. Contrárias à educação que ela tinha recebido.

— Mas semelhante às ideias dos pais verdadeiros — interveio Marisa. — Não era o seu sangue que corria nas veias dela, a fruta nunca cai longe do pé.

— Você acredita que o esquerdismo é hereditário? É possível. Tem várias outras deficiências que se transmitem assim — ironizou Ortiz.

— O esquerdismo, como você diz com tanto desprezo, eu não sei, mas o humanismo, é bem possível.

Ortiz se virou em direção a Andrew.

— Se ela se meter mais uma vez, eu não falo mais nada.

Dessa vez, Marisa saiu da enfermaria, mostrando o dedo do meio para o comandante Ortiz.

— As Mães da praça de Maio a espreitaram em várias manifestações das quais María Luz participou. Elas esperaram vários meses antes de abordá-la. Quando ficou sabendo da verdade, minha filha pediu para mudar de nome. Ela saiu de casa no mesmo dia, sem dizer uma palavra, sem nem mesmo olhar na minha cara.

— Você sabe para onde ela foi?

— Não faço ideia.

— Você não tentou encontrá-la?

— Sempre que tinha uma manifestação, eu ia para Buenos Aires. Eu andava pelas passeatas com esperança de encontrá-la. Isso aconteceu uma vez. Eu fui falar com ela, implorei que ela conversasse comigo por um momento. Ela se recusou. Em seu olhar, eu não via nada além de ódio. Eu fiquei com medo de que ela me denunciasse, ela não fez isso. Depois de conseguir o diploma, ela saiu do país, e eu nunca mais ouvi falar dela. Você pode escrever sua matéria, senhor Stilman, eu espero que você respeite a sua palavra. Eu não peço isso por mim, mas pela minha outra filha. Ela só sabe de uma coisa, que sua irmã tinha sido adotada.

Andrew guardou a caneta e o bloco de notas. Levantou e saiu sem se despedir de Ortiz.

Marisa o esperava do outro lado da cortina e, pela cara dela, estava com um forte mau humor.

*

— Não vai me dizer que esse filho da mãe vai se safar assim! — gritou Marisa, entrando no carro.

— Eu tenho palavra.

— Você não vale nada, igual a ele.

Andrew olhou para ela, com um sorriso no canto da boca. Ela deu partida e saiu com o carro.

— Você fica muito sexy quando está com raiva — disse a Marisa, pousando a mão sobre seu joelho.

— Não toca em mim — respondeu ela, empurrando a mão de Andrew.

— Eu me comprometi a não revelar a identidade dele na minha matéria, não prometi nada além disso, que eu saiba.

— Do que você está falando?

— Nada me impede de publicar uma foto como ilustração do texto. Se, depois disso, alguém reconhecer Ortega pelo rosto de Ortiz, a culpa não vai ser minha... Me diz como ir para o lugar onde você deixou as fotos para revelar, e vamos torcer para que elas não tenham queimado. Eu não estou com vontade nenhuma de voltar aqui amanhã.

Marisa olhou para Andrew, pegou a mão dele e colocou-a de volta em sua coxa.

*

O dia estava bonito, algumas nuvens cirros cruzavam o céu de Buenos Aires. Andrew aproveitava suas últimas horas na Argentina para passear pela cidade. Marisa o levou para conhecer o cemitério da Recoleta, e ele ficou surpreso ao ver mausoléus nos quais os túmulos haviam sido postos em prateleiras, em vez de terem sido enterrados.

— Aqui é assim — disse Marisa. — As pessoas gastam uma fortuna pra construir suas últimas moradas. Um teto, quatro muros,

um portão de ferro para deixar passar luz, e toda a família acabar um dia reunida na eternidade. Veja bem — acrescentou Marisa —, prefiro passar a eternidade vendo o sol nascer do que mofar no fundo de um buraco. E além disso eu acho mais alegre que as pessoas possam vir visitar.

— Isso é verdade — disse Andrew, se afundando mais uma vez nos pensamentos sombrios que tinha quase conseguido deixar de lado desde que chegara à Argentina.

— Temos tempo, somos jovens.

— Sim... Você tem tempo — suspirou Andrew. — Podemos ir embora? Me leva para um lugar menos macabro.

— Vou levar você para o meu bairro — disse Marisa —, ele é cheio de vida, de cores, tocam música em todas as esquinas, eu não poderia morar em nenhum outro lugar.

— Então, eu acho que finalmente encontramos um ponto em comum!

Ela o convidou para jantar em um pequeno restaurante em Palermo. O gerente parecia conhecê-la bem e, ainda que vários clientes esperassem por uma mesa, ela foi a primeira a conseguir uma.

A noite continuou em um clube de jazz. Marisa rebojava na pista de dança. Tentou diversas vezes arrastar Andrew para dançar, mas ele preferiu ficar sentado em seu banquinho, com os cotovelos apoiados no balcão, vendo-a dançar.

Por volta de uma hora da manhã, foram passear nas ruas, ainda muito animadas.

— Quando sua matéria vai ser publicada?

— Daqui a algumas semanas.

— Quando isso acontecer, Alberto vai identificar Ortega pela foto de Ortiz. Ele vai denunciá-lo. Está decidido, acho que esperava por isso há muito tempo.

— Vão precisar de outras testemunhas para confirmar isso.

— Não se preocupe. A Louisa e seus contatos vão fazer o possível para o Ortiz pagar pelos crimes que cometeu.

— Sua tia é uma mulher e tanto.

— Sabe, você tinha razão em relação a ela e o Alberto. Uma vez por semana, eles se encontram em um banco da praça de Maio. Eles ficam sentados lado a lado por uma hora, normalmente trocam apenas algumas palavras e depois cada um vai para o seu lado.

— Por que eles fazem isso?

— Porque eles precisam se encontrar, ser ainda os pais de um filho cuja memória querem perpetuar. Eles não têm nenhum túmulo para visitar.

— Você acha que um dia eles vão ficar juntos de novo?

— Não, o que eles viveram foi difícil demais.

Marisa esperou alguns segundos antes de acrescentar:

— A Louisa gosta muito de você, sabia?

— Não percebi.

— Eu percebi. Ela acha você encantador e é uma mulher de muito bom gosto.

— Vou tomar isso como um elogio — disse Andrew, sorrindo.

— Deixei um presentinho nas suas coisas.

— O quê?

— Você vai descobrir quando chegar a Nova York. Não abre antes, promete para mim, é uma surpresa.

— Prometo.

— Moro aqui do lado — disse ela. — Vem, me segue.

Andrew acompanhou Marisa até a porta de seu prédio, parou na frente da porta.

— Não quer subir?

— Não, não quero subir.

— Não me acha mais interessante?

— Acho. Por isso mesmo. Um pouco interessante demais. No carro, foi diferente, não tínhamos planejado nada. Estávamos correndo um grande risco, pensei que a vida é curta e que devíamos viver o momento presente. Não, na verdade, eu não pensei nada disso, fiquei com vontade e...

— E agora você pensa que a vida vai ser longa e se sente culpado de ter traído sua noiva?

— Eu não sei se a vida vai ser longa, Marisa, mas sim, eu me sinto culpado.

— Você é mais legal do que eu pensava, Andrew Stilman. Volta para ela. O que aconteceu no carro não conta. Eu não te amo, você não me ama, foi só sexo. Maravilhoso, mas nada mais do que isso.

Andrew se inclinou em direção a ela e beijou-a no rosto.

— Você parece mais velho fazendo esse tipo de coisa — ela disse. — Vai, some antes que eu te agarre aqui nesta calçada. Posso fazer uma última pergunta? Quando eu peguei seus cadernos no hotel, na capa de um dos dois estava escrito “E se fosse refeito”, o que isso quer dizer?

— É uma longa história... adeus, Marisa.

— Adeus, Andrew Stilman, não acho que nos veremos de novo. Que seja feliz, vou guardar boas lembranças de você.

Andrew se afastou sem olhar para trás. Na esquina, entrou em um táxi.

Marisa subiu correndo as escadas. Quando entrou em seu apartamento, deixou escapar as lágrimas que tinha segurado nos seus últimos instantes com Andrew.

22.

O avião aterrissou no JFK no final da tarde. Andrew caiu no sono logo após a decolagem e acordou no momento em que as rodas tocaram a pista.

Ele passou pela alfândega e ficou surpreso ao ver Valérie esperando-o do outro lado das portas de correr. Ela o abraçou e disse o quanto sentiu saudades.

— Eu quase briguei com o Simon, ele queria vir buscar você.

— Fico feliz que tenha ganhado a disputa — respondeu Andrew, beijando-a.

— Não se pode dizer que você me deu muitas notícias.

— Trabalhei dia e noite, não foi nada fácil.

— Mas conseguiu concluir a investigação?

— Consegui — respondeu Andrew.

— Então valeu a pena minha tediosa espera.

— Você ficou entediada mesmo?

— Na verdade, eu nunca trabalhei tanto quanto nesses dias. Eu chegava em casa de noite e caía na cama, não tinha forças nem para jantar. Mas senti muitas saudades suas.

— Então estava na hora de eu voltar. Eu também senti saudades de você — respondeu Andrew, levando-a para a fila de táxis.

*

Tocaram diversas vezes a campainha. Andrew pulou da cama, vestiu uma blusa e atravessou a sala.

— Então, como foi em Buenos Aires? — perguntou Simon.

— Não fala tão alto, Valérie ainda está dormindo.

— Ela teve todo o final de semana para ela e eu não tive direito nem a um telefonema.

— Não nos víamos há dez dias, será que nos permite...

— Sim, sim, não precisa me dizer, veste uma calça, vou levar você para tomar café da manhã.

— Diz “bom dia”, pelo menos.

Andrew se vestiu rapidamente, escreveu um bilhete para Valérie e colou-o na porta da geladeira. Encontrou Simon na portaria.

— Você poderia ainda assim ter me ligado ontem. E essa viagem, como foi?

— Intensa!

Foram para o café da esquina e sentaram-se à mesa do canto, de que Simon tanto gostava.

— As coisas não aconteceram da forma que você queria por lá?

— Em relação à minha matéria, sim, de resto, podemos descartar a pista argentina.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ortiz não faz ideia da volta que vou dar nele. Explico melhor depois, mas precisamos procurar em outro lugar, Simon.

— Só nos resta a sra. Capetta, o seu colega Olson e...

— Valérie?

— Você que disse. Mas tem mais uma pessoa a acrescentar na lista. Enquanto você se divertia na América do Sul, conversei várias vezes por telefone com o seu amigo inspetor.

— Sobre o quê?

— Seu queixo vai cair, mas por mais louco que possa parecer, talvez Olson esteja certo em relação ao assassino em série.

— Está falando sério?

— Excepcionalmente, sim... a polícia de Nova York está começando a acreditar nisso. Mesmas armas, mesmos métodos, o roubo não foi o motivo da agressão do joalheiro que fomos visitar no Lenox.

— Não foi o que ele disse.

— Ele tentou dar um golpe no seguro. Quando acordou no hospital, teve a ideia de dizer que estava indo visitar uma cliente. Na verdade, ele estava apenas passando pelo parque, a caminho de casa. Um inspetor da seguradora conseguiu fazer ele entrar em contradição sem muito trabalho. A cliente não existia e aquele idiota incluiu no boletim de ocorrência dois colares supostamente

roubados que já tinham sido registrados como roubados em outra ocasião. Ele foi portanto vítima de um ataque totalmente de graça.

— Mal posso acreditar que o Olson tenha descoberto um furo tão importante.

— É verdade mesmo que não existe nenhum tipo de competição entre vocês?

Andrew olhou para longe fixamente.

— Sim, sim, claro...

— Voltando ao assunto, os policiais estão curiosos e não é muito fácil ir contar para eles que uma quarta vítima vai talvez se juntar à lista desse assassino no início de julho.

— Se foi mesmo um louco que me matou — disse Andrew, pensativo —, então estamos ferrados.

— Essa necessidade que você tem de dramatizar as coisas sempre...

— Quando você diz “as coisas”, está falando da minha morte? Desculpa se eu fui um pouco dramático, tem razão, onde eu estava com a cabeça...

— Não foi o que eu quis dizer, e além do mais, nada prova que o seu caso esteja ligado a tudo isso. Nós ainda temos quatro semanas pela frente.

— Talvez...

— Talvez o quê?

— Na Argentina, nada aconteceu exatamente como da primeira vez.

— Você passou por coisas que não tinha passado?

— A ordem dos acontecimentos mudou e, sim, algumas coisas novas aconteceram.

— Será que você só não se lembrava delas?

— Algumas delas, duvido muito.

— O que está escondendo de mim?

— Eu dormi com a garçonete. Isso não tinha acontecido antes.

— Sabia que eu tinha que ter ido! — gritou Simon, batendo o punho na mesa.

— Para evitar que eu fizesse bobagens?

— Não, você faz o que quiser, apesar de que, se eu estivesse lá, seria eu que teria dormido com ela. Não vai me dizer agora que se sente culpado?

— Claro que me sinto culpado.

— Inacreditável, Andrew. Você está convencido de que um sujeito vai te assassinar em um mês e é você que se sente culpado? O que aconteceu, aconteceu. Não conta nada para Valérie, principalmente, e se concentra nos dias que virão, por favor. Agora, vamos mudar de assunto — disse Simon, olhando para a vitrine.

Valérie entrou no café.

— Sabia que ia encontrar vocês dois aqui — disse ela, sentando do lado de Andrew. Vocês estão com uma cara... estavam brigando?

Simon se levantou e deu um beijo em Valérie.

— A gente não briga nunca. Vou deixar vocês a sós, um cliente me espera. Passa na concessionária se puder, Andrew, que terminamos nossa conversa.

Valérie esperou que Simon saísse e se sentou no lugar dele.

— Às vezes eu tenho a impressão de que ele tem ciúmes de mim — disse, rindo.

— É possível, o Simon é um pouco possessivo.

— Do que estavam falando? Estava um clima tenso entre vocês, nem tenta negar.

— Da despedida de solteiro que ele quer organizar para mim.

— Que medo!

— Pois é, eu também disse isso, e ele não aceitou muito bem — respondeu Andrew.

Primeira mentira para Valérie desde que tinha voltado, pensou imediatamente.

*

Chegando ao jornal, Andrew foi imediatamente falar com sua redatora-chefe. Olivia Stern desligou o telefone e convidou-o a se sentar. Andrew contou sobre sua viagem. As circunstâncias nas quais ele tinha conseguido as informações e o acordo que tinha feito com Ortiz.

— Você quer que publiquemos a matéria sem citar o nome falso dele? Isso é pedir demais, Andrew. A matéria vai perder a força, você está perdendo o objetivo de vista.

— Pensei que o objetivo fosse contar a trajetória de um homem comum que se tornou cúmplice de atrocidades. De que objetivo está falando?

— Denunciar um antigo criminoso de guerra. Sem isso, não vou conseguir publicar na primeira página.

— Você queria mesmo publicá-la na primeira página? — questionou Andrew.

— Era a intenção, mas você vai precisar decidir entre a glória e o respeito à sua palavra. A escolha é sua.

— Tem outras formas de denunciar ele — disse Andrew, tirando um envelope do bolso e colocando-o em cima da mesa.

Olivia abriu-o. A expressão de seu rosto mudou quando descobriu as fotos do comandante Ortiz tiradas por Marisa.

— Ele está ainda mais velho do que eu imaginava — murmurou.

— Estava ainda pior no leito do hospital — comentou Andrew.

— Você é um sujeito esquisito, Andrew.

— Eu sei, já me disseram isso. E agora, tem o suficiente?

— Escreve a matéria, isso é prioridade absoluta. Você tem duas semanas, e se o texto estiver à altura, vou pedir ao conselho editorial uma manchete na primeira página e mais duas páginas dentro do jornal.

Andrew quis pegar de volta as fotos, mas Olivia guardou-as em sua gaveta, assegurando que elas seriam devolvidas assim que tivessem sido escaneadas.

Saindo da sala de Olivia, Andrew foi visitar Freddy.

— Já voltou, Stilman?

— Voltei, como pode ver, Olson.

— Está com uma cara horrível, foi tão ruim assim no Brasil?

— Na Argentina, Freddy.

— Sim, enfim, na América do Sul, tanto faz.

— E você, como vai com o trabalho?

— Não podia estar melhor — respondeu Freddy —, mas não espere que eu diga nada mais que isso.

— Tenho um amigo policial, aposentado, mas ainda tem alguma influência... Se quiser falar com ele, é só pedir.

Freddy olhou para Andrew, pensativo.

— O que você está tramando, Stilman?

— Nada, Freddy, não estou tramando nada. Essa picuinha entre a gente está me cansando. Se você está realmente atrás de um assassino e se eu posso ajudar você, ajudo com prazer, só isso.

— E me ajudaria por quê?

— Para impedir que ele cometa um crime a mais, não parece um bom motivo?

— Você me mata de rir, Stilman. Percebeu que estou descobrindo algo importante. Não quer assinar minha matéria comigo, por acaso?

— Isso nunca passou pela minha cabeça, mas agora que você disse, tive uma ideia. E se, em vez de nos ignorarmos, publicássemos um dia uma matéria juntos? Conheço uma pessoa que ia chorar de alegria.

— Ah, é? Quem?

— O meu leitor mais fiel, Spookie-Kid. Não posso nem imaginar como ele ficaria satisfeito, podíamos até dedicar a ele...

Andrew deixou Freddy, cujas bochechas haviam ficado vermelhas, pensando sobre a questão, e foi sentar-se em sua cadeira de trabalho.

Uma mensagem de Valérie em seu celular lembrava-o de passar no alfaiate para ajustar sua roupa do casamento. Ligou o computador e começou a trabalhar.

*

Andrew dedicou a semana à matéria. Desde a volta de Buenos Aires, suas noites tornaram-se um inferno. Todas as vezes, tinha o mesmo pesadelo: estava correndo pelas pistas do River Park, com Olson atrás dele. Freddy se aproximava e acabava sempre o apunhalando, sob o olhar cúmplice de Valérie. À vezes, logo antes de morrer, reconhecia o inspetor Pilguez ou Marisa ou Alberto ou Louisa, ou mesmo Simon, entre os outros corredores. A cada vez,

Andrew acordava esbaforido, tremendo de frio e escorrendo de suor, com aquela dor insuportável na lombar, que nunca desaparecia completamente.

Na quinta-feira, o ar-condicionado do apartamento de Andrew parou de funcionar, e Valérie, que vinha sendo acordada a cada noite pelos gritos de Andrew, decidiu pelos dois que eles iam se instalar naquela noite mesmo em seu apartamento no East Village.

Andrew estava se sentindo cada vez mais exausto, sua dor nas costas piorava, obrigando-o a deitar-se às vezes no chão do escritório.

Na sexta-feira, saindo de casa, Andrew prometeu a Valérie que não deixaria Simon levá-lo ao clube de striptease. Mas Simon levou-o ao último lugar que ele esperava.

*

O Novecento estava lotado. Simon abriu um caminho para eles até o bar.

Andrew pediu um Fernet inundado com Coca.

— O que é isso?

— Uma coisa que você não vai gostar, nem tenta provar.

Simon pegou o copo, bebeu um gole, fez uma careta e pediu uma taça de vinho tinto.

— De onde tirou a ideia de me trazer aqui? — perguntou Andrew.

— Ora, não precisei insistir muito. Se lembro bem o que me contou, foi nessa noite que você se apaixonou, não foi?

— Não estou achando graça nenhuma, Simon.

— Que bom, eu também não estou achando graça nenhuma. Que horas vai acontecer o encontro fatal que deveria acabar com seu casamento?

— Você não gosta da Valérie, Simon, e ainda menos do fato de termos decidido nos casar. Você me trouxe aqui para que eu cometesse os mesmos erros. Foi o melhor jeito que você arrumou para acabar com o meu casamento, como você diz?

— Você deve estar muito mal das ideias mesmo para pensar uma coisa dessas, eu queria ajudar você a desmitificar um fantasma. E, para o seu governo, eu gosto muito da Valérie, e ainda mais do fato de que estejam juntos!

Simon viu um ser com pernas intermináveis atravessar o salão e levantou-se sem dizer nem mais uma palavra.

Só, no balcão, Andrew viu-o afastar-se.

Uma mulher tomou o lugar no banquinho ao lado dele e sorriu, enquanto serviam para Andrew seu segundo Fernet-Coca.

— É raro encontrar um americano que goste dessa bebida — disse ela, olhando-o fixamente.

Andrew a observava, por sua vez. Uma sensualidade estonteante irradiava dela, e seu olhar era de uma ousadia arrebatadora. Compridos cabelos negros alongavam-se por sua elegante nuca. Não conseguia desviar os olhos daquele rosto, que não tinha nada além de beleza.

— É a única coisa rara em relação a mim — disse, levantando-se.

Saindo do Novecento, Andrew respirou profundamente o ar noturno. Pegou o telefone e ligou para Simon.

— Estou aqui fora, faz o que quiser, eu vou voltar para casa.

— Me espera, estou chegando — respondeu Simon.

*

— Você está com uma cara! — preocupou-se Simon, ao encontrar Andrew na calçada.

— Só quero voltar para casa.

— Não vai me dizer que você ficou apaixonado em dois segundos de novo?

— Não vou dizer nada, você não entenderia.

— Me diz uma única coisa que eu não tenha entendido a seu respeito nesses últimos dez anos.

Andrew afundou as mãos no bolso e subiu a West Broadway. Simon foi atrás.

— Eu senti a mesma coisa que na primeira vez. Isso não é brincadeira.

— Então por que não ficou lá?

— Porque já causei estragos demais.

— Tenho certeza de que amanhã você não vai nem se lembrar do rosto dela.

— Você já tinha pensado isso da primeira vez e estava errado. Não vai ter mais mentira, aprendi minha lição. Talvez eu sinta a nostalgia desse encontro que nunca chegou a acontecer, mas a escolha está feita. O amor da nossa vida é aquele que nós vivenciamos, e não o que sonhamos. Você vai ver, meu Simon, caso um dia isso aconteça com você também.

*

Entrando em casa, Andrew encontrou Valérie de calcinha e sutiã, fazendo ginástica, no meio da sala.

— Você não está dormindo? — perguntou ele, tirando o casaco.

— Sim, claro que sim, com os pés para cima e as mãos embaixo do bumbum... Está cedo, Simon ficou louco por uma stripper e abandonou você? Ainda dá tempo de reservar uma cadeira para ela no nosso jantar de casamento, se as coisas derem certo para eles...

— Não, Simon não conheceu ninguém — respondeu Andrew, deitando-se ao lado de Valérie.

Ele levantou as pernas e começou a imitar a ginástica dela.

— A noite foi um fracasso?

— A minha despedida de solteiro foi ótima — respondeu Andrew —, melhor do que eu pensei que seria.

*

No dia seguinte, Andrew foi experimentar seu traje de casamento com o sr. Zanetti. O alfaiate pediu que subisse em uma plataforma. Observou-o e levantou o ombro direito do paletó.

— Não é sua culpa, senhor Zanetti, eu tenho um braço maior do que o outro.

— Estou vendo — respondeu o alfaiate, enfiando alfinetes no tecido.

— Eu sei que você não quer ser criticado por ter me vendido uma roupa mal-ajustada, mas eu tenho uma matéria importante para acabar.

— E está com pressa, é isso?

— Um pouco.

— Então você voltou lá? — perguntou o sr. Zanetti, olhando para o trabalho que estava fazendo.

— Lá onde? — respondeu Andrew.

— Naquele bar, foi lá que seus problemas começaram, não foi?

— Como sabe disso? — exclamou Andrew assustado.

Zanetti abriu um grande sorriso.

— Você acha que é o único que teve direito a uma segunda chance? Essa visão egocêntrica é muito inocente, senhor Stilman.

— Você também por acaso...

— A desconhecida do bar, encontrou de novo com ela? — perguntou Zanetti, interrompendo. — Claro que encontrou, está com uma cara ainda pior do que da primeira vez. Mas acho que se estamos fazendo a bainha da sua calça é porque decidiu se casar. Engraçado, eu podia apostar que seria diferente.

— O que aconteceu com você para que voltasse ao passado? — perguntou Andrew, com a voz trêmula.

— A única pergunta que você deveria fazer, senhor Stilman, é quem, e não o quê. Você vai morrer em breve se desviar sua atenção para outras coisas. Está pensando o quê? Que terá uma terceira chance? Seria um pouco demais, não acha? E para de tremer desse jeito, vou acabar furando você.

Zanetti deu um passo para trás para ver melhor a roupa de Andrew.

— Está melhor, mas ainda não está bom. Um centímetro a menos no ombro e deve ficar perfeito. Sou perfeccionista e, na minha idade, isso não muda. Se eu dissesse minha idade, você ficaria surpreso — acrescentou Zanetti, antes de soltar uma gargalhada.

Andrew tentou descer da plataforma, mas Zanetti segurou-o pelo braço, com um vigor surpreendente.

— E onde você acha que vai vestido assim? Sejam os razoáveis. Então, você escolheu seu amor de adolescência. É uma escolha sábia. Confie na minha experiência, eu me casei quatro vezes, isso acabou comigo. Mas você provavelmente não vai ter o prazer de conhecer esse tipo de decepção, se ainda não encontrou seu assassino. Eu não queria ser tão insistente, mas é mais do que urgente que você pense sobre isso.

Zanetti foi para trás de Andrew, segurou a ponta da manga do terno e puxou suavemente para baixo.

— Você tem um corpo bem torto mesmo, tenta ficar ereto, por favor, mesmo assim já é difícil. Onde eu estava? Ah, sim, estava falando sobre seu assassino. Tem pelo menos uma ideia da identidade dele? — perguntou Zanetti, aproximando o rosto da nuca de Andrew. — É sua futura mulher? Seu colega de trabalho? Aquele assassino em série misterioso? Aquela mãe que você afastou da filha adotiva? Sua redatora-chefe...

Andrew sentiu de repente um corte violento nas costas e não conseguiu respirar por causa da dor.

— Ou eu... — disse Zanetti com sarcasmo.

Andrew olhou-se no espelho a sua frente, seu rosto estava assustadoramente pálido, viu Zanetti atrás dele, com uma longa agulha ensanguentada na mão. Sentiu suas pernas se dobrarem embaixo dele e caiu de joelhos sobre a plataforma. Uma mancha de sangue aumentava na frente da sua gravata plastrão. Ele desabou com o rosto no chão, enquanto o riso do sr. Zanetti ressoava, enlouquecendo-o.

A luz se acendeu.

*

Valérie o sacudia com todas as suas forças. Andrew acordou suado.

— Se esse casamento te causa tanta angústia, ainda podemos cancelar, Andrew. Amanhã vai ser tarde demais.

— Amanhã — respondeu ele, sentando-se na cama. — Que dia é hoje?

— São duas horas da manhã — respondeu Valérie, virando-se em direção ao despertador. Hoje é sábado dia 30, na verdade, o casamento é hoje.

Andrew pulou da cama e foi para a sala. Valérie livrou-se dos lençóis e seguiu-o.

— O que foi? Está com uma cara de pavor.

Andrew olhou em volta e avançou em direção à sua bolsa que acabara de ver ao pé do sofá. Abriu-a desesperadamente e tirou de dentro uma grossa pasta.

— Minha matéria! Se já estamos no dia 30, não terminei a tempo a minha matéria.

Valérie se aproximou e abraçou-o.

— Você enviou ela por e-mail para sua redatora-chefe no início da noite. Fica calmo, agora. Eu adorei o que escreveu, e ela também vai achar maravilhoso. Vem deitar, por favor, Andrew, você vai ficar horrível nas fotos do casamento, e eu também se você não me deixar dormir.

— Não pode ser já dia 30 — murmurou Andrew —, não é possível.

— Você quer desistir do casamento, Andrew? — perguntou Valérie, olhando-o fixamente.

— Não, claro que não, não tem nada a ver com isso.

— O que não tem nada a ver com isso? O que está escondendo de mim, Andrew, e de quem você está com tanto medo? Você pode contar qualquer coisa para mim.

— Se eu pudesse mesmo...

23.

Logo antes do início da cerimônia, a mãe de Valérie se aproximou de Andrew, ajeitou o ombro de seu terno e inclinou-se em direção a ele para cochichar algo ao pé da orelha. Andrew se afastou delicadamente.

— A senhora pensou que eu nunca me casaria com sua filha, não é mesmo? Eu entendo, a ideia de ter você como sogra teria feito muitos desistirem; entretanto, cá estamos, na igreja... — disse Andrew, com ar provocador.

— O que há com você? Isso nunca passou pela minha cabeça — protestou a sra. Ramsay.

— Além de tudo é mentirosa — zombou Andrew, entrando na igreja.

Valérie estava mais linda do que nunca. Usava um vestido branco tão belo quanto elegante. Seus cabelos estavam presos e enfeitados com um pequeno chapéu branco. O sermão do padre foi perfeito, e Andrew ficou ainda mais emocionado do que em seu primeiro casamento, ainda que aquele, de certa forma, fosse o primeiro.

Depois da cerimônia, o pequeno cortejo saiu da igreja tomando o caminho que margeava a igreja St. Lukes in the Fields. Andrew surpreendeu-se ao ver sua redatora-chefe.

— Não íamos estragar nossa noite de núpcias esperando os comentários dela sobre sua matéria — cochichou Valérie no ouvido do marido. — Enquanto você trabalhava que nem um louco ontem, em casa, eu tomei a iniciativa de ligar para ela no jornal e convidá-la. E, além do mais, é sua chefe, ora...

Andrew sorriu e beijou a mulher.

Olivia Stern se aproximou deles.

— A cerimônia foi belíssima. Vocês formam um lindo casal. O vestido ficou maravilhoso em você e, quanto ao Andrew, nunca o tinha visto de terno. Devia usar mais vezes. Posso pegar seu marido emprestado por alguns minutos? — perguntou Olivia, dirigindo-se a Valérie.

Valérie se despediu e juntou-se aos pais, que caminhavam na frente deles.

— Seu texto ficou admirável, Andrew. Não vou importunar você no dia do seu casamento, não fique chateado comigo por eu deixar a festa mais cedo. É por uma boa causa. Enviarei minhas observações para você esta noite. Desculpa obrigá-lo a trabalhar no dia seguinte do seu casamento, mas eu preciso que escreva mais algumas páginas. Vou publicar a matéria na terça-feira, consegui a primeira página e mais outras três dentro do jornal. Sucesso, meu amigo — disse Olivia, batendo amigavelmente em seu ombro.

— Você não quer adiar a publicação por uma semana? — perguntou Andrew atordoadado.

— Adiar a publicação de um artigo que vai fazer a concorrência rachar de inveja? Você fez um trabalho incrível. Até segunda, divirta-se esta noite.

Olivia beijou-o no rosto e despediu-se de Valérie antes de partir.

— Ela parecia muito satisfeita, é a primeira vez que eu vejo você sorrir hoje. Vai poder relaxar, finalmente.

Valérie estava feliz, Andrew sentia-se bem, divinamente bem até que, chegando à Hudson Street, viu um 4 x 4 preto parado no sinal vermelho. Sentiu um nó na garganta.

— Que cara é essa? — perguntou Simon, aproximando-se. — Viu um fantasma?

O sinal abriu e o 4 x 4 se afastou, com as janelas fechadas.

— Eu dei um salto para a frente de suas semanas, Simon.

— Deu um quê?

— Elas sumiram... Eu estava com Zanetti, aconteceu com ele a mesma coisa que aconteceu comigo. Ele sabia de toda a minha história. Não sei o que aconteceu, era um pesadelo e, quando eu

acordei, tinham se passado 15 dias. Eu dei outro salto no tempo, mas para o futuro dessa vez. Não estou entendendo mais nada.

— Eu também não, se te consola. Isso não faz nenhum sentido. Do que está falando, Andrew? — perguntou Simon, olhando para o amigo, sinceramente preocupado.

— Do que está por vir, de nós dois, de Pilguez, da sra. Capetta, eu só tenho mais oito dias, estou apavorado.

— Quem é Pilguez? E sra. Capetta? — perguntou Simon cada vez mais confuso.

Andrew olhou demoradamente para ele e suspirou.

— Meu Deus! Eu perdi vocês dois, você e o Pilguez, com esse salto no tempo. Você não tem a menor ideia do que estou falando, não é?

Simon fez que sim com a cabeça e pegou Andrew pelo braço.

— Eu sabia que o casamento podia ter efeitos colaterais, mas não sabia que podia chegar a tanto.

Valérie se juntou a eles, pegou o marido pela cintura e dirigiu-se a Simon.

— Você vai ficar chateado se eu ficar com ele só para mim no dia do meu casamento, Simon?

— Fica com ele a semana toda, até o final do verão, se quiser, mas me devolve ele são e salvo, porque, hoje, ele não está batendo muito bem.

Valérie se afastou com Andrew.

— Eu queria que as comemorações já tivessem acabado para estar sozinho com você em casa — suspirou Andrew.

— Roubou as palavras da minha boca — respondeu Valérie.

*

Passaram o domingo no apartamento de Valérie. Chovia torrencialmente, uma dessas chuvas de verão que inundam a cidade.

Depois do almoço, Andrew concentrou-se na correção de sua matéria. Valérie aproveitou para organizar seus documentos. No

final da tarde, foram para a mercearia do bairro, andando colados um no outro embaixo do guarda-chuva.

— Não é tão ruim assim o East Village — disse Andrew, olhando ao redor.

— Vai mudar de bairro?

— Não disse isso, mas se ouvir falar de um bom três quartos, eu não me recusaria a visitar.

De volta ao apartamento, Andrew retomou o trabalho, e Valérie, sua leitura.

— Essa lua de mel não está sendo lá muito boa — disse para ela, levantando a cabeça. — Você merece um homem melhor que eu.

— Talvez tenha razão... Mas você é o homem da minha vida.

Andrew terminou seu artigo quando o sol se punha. Já passava das nove horas da noite. Valérie leu o texto e foi ela quem clicou em “enviar” no teclado do computador.

Andrew juntava seus rascunhos quando Valérie pegou-o pelas mãos.

— Vai descansar no sofá e deixa que eu guardo tudo na pasta.

Andrew aceitou de bom grado, suas costas estavam doendo e a ideia de deitar-se por um instante não era nada ruim.

— Quem é Marisa? — perguntou Valérie depois de algum tempo.

— Meu contato em Buenos Aires, por quê?

— Porque eu acabei de encontrar um pequeno envelope com um bilhete para você.

Andrew gelou. Valérie leu.

Para você, Andrew,

Este presente emprestado da casa da Louisa.

Como lembrança de Isabel e Rafael.

Agradeço em nome deles.

Marisa

Andrew pulou do sofá e arrancou o envelope das mãos de Valérie. Ele abriu e descobriu uma pequena foto em preto e branco. Dois rostos sorriam, congelados na palidez do passado.

— São eles? — perguntou Valérie.

— Sim, são eles, Isabel e Rafael — respondeu Andrew emocionado.

— Estranho, não sei se é porque eu conheço a história deles, ou porque li sua matéria, mas o rosto dessa mulher não me é estranho.

Andrew aproximou-se da fotografia para observá-la melhor.

— Minha matéria não tem nada a ver com isso — respondeu, chocado. — Eu também conheço esse rosto, e muito melhor do que imagina.

— Como assim? — perguntou Valérie.

— Que eu pensei em tudo, menos nisso, e que eu sou mesmo o maior dos imbecis.

*

Antes de atravessar a porta do prédio número 860, da Oitava Avenida, Andrew olhou para a inscrição preta que decorava a fachada do *New York Times*. Ele atravessou o hall, apressado, pegou o elevador e foi imediatamente para o escritório de sua redatora-chefe.

Andrew sentou-se no sofá de frente para ela sem esperar ser convidado.

Olivia olhou para ele, intrigada.

— Leu o final da minha matéria?

— Era exatamente o que eu queria. Enviei o texto para a diagramação e, a menos que algo de extraordinário aconteça hoje, vamos estar na primeira página da edição de amanhã.

— Você sabe que bem perto de onde Ortiz mora tem uma cidade com seu nome? É curioso, não é? Saber que um lugar se chama Olivia?

— Se você está dizendo.

— Não parece que achou tão interessante. Talvez se o nome fosse “María Luz” você achasse mais intrigante... uma cidade que de fato tivesse o seu nome.

Andrew pegou o pequeno envelope no seu bolso, tirou a fotografia de dentro dele e entregou-a para sua redatora-chefe. Ela olhou demoradamente para a foto e colocou-a na mesa.

— Você reconhece esse casal? — perguntou Andrew.

— Sei quem são, mas nunca cheguei a conhecer — suspirou Olivia.

— A mulher nesta foto lembra tanto você que eu cheguei a pensar que era você, perdida no meio dos anos 1970. Você sabe desde o dia em que Louisa revelou sua verdadeira identidade, não é, María Luz?

María Luz se levantou e andou até a janela.

— Foi na lanchonete onde os alunos da faculdade costumavam se reunir, depois das aulas. Louisa tinha ido várias vezes, sem nunca falar comigo. Ela se refugiava em um canto da sala e me observava. Até que um dia ela se aproximou e perguntou se podia sentar na minha mesa, pois tinha coisas importantes a me contar, coisas difíceis de serem ouvidas, mas que eu tinha que saber. Minha vida virou de cabeça para baixo quando ela me contou a história de Isabel e de Rafael, meus pais verdadeiros. Eu não quis acreditar nela. Descobrir que, por vinte anos, minha vida foi baseada em mentiras, que não sabia nada das minhas origens, que eu amava um pai que era, em parte, responsável pelo destino deles, assim como pelo meu, era inconcebível. Aceitar a verdade foi uma prova terrível. Mas eu não me queixo, tive uma oportunidade que outros não tiveram, ou ainda não tiveram: pude me reestruturar. Fui embora no mesmo dia da casa onde eu tinha crescido, sem dizer uma palavra ao homem que me criou. Fui morar com o meu namorado da época e me candidatei a uma bolsa na universidade de Yale. A vida me deu a oportunidade de amadurecer com essa abominação, de homenagear meus pais, de fazer eles vencerem aqueles que queriam que eles sumissem para sempre. Mais tarde, graças aos meus professores, consegui nacionalidade americana. Quando me formei, entrei no *New York Times*, primeiro como estagiária e depois fui sendo promovida.

Andrew pegou de volta a fotografia de Isabel e de Rafael e olhou novamente para ela.

— Foi minha investigação na China que te deu essa ideia? Pensou que, se eu consegui seguir uma vez a pista das crianças

roubadas, eu tinha boas chances de fazer a mesma coisa na Argentina?

— Essa ideia passou pela minha cabeça, de fato.

— Foi a Louisa ou o Alberto que enviou esse dossiê para você?

— Os dois. Eu nunca perdi o contato com eles. Louisa é como uma madrinha para mim. E pensando bem, de certa forma, ela é.

— Você me mandou atrás de Ortiz como se manda um cachorro atrás de uma presa.

— Eu consegui odiá-lo, mas não denunciá-lo. Ele me criou, me amou, é muito mais complicado do que pode imaginar. Eu precisava de você.

— Você tem consciência de que, se a gente publicar esse artigo, ele provavelmente será preso e condenado a passar o resto da vida na cadeia?

— Eu escolhi essa profissão por amor à verdade, era o único jeito possível de eu conseguir viver; eu abandonei ele há muito tempo.

— É muita cara de pau sua me falar sobre verdade. Você me manipulou desde o começo, estava tudo arquitetado, Marisa, Alberto, Louisa, o fato de Ortiz ter supostamente sido reconhecido indo visitar um cliente. Você já sabia de tudo, mas queria que fosse eu quem descobrisse. Foi preciso que um jornalista estrangeiro, alheio a toda essa história, juntasse as peças do quebra-cabeça por você. Você me usou, usou o jornal para conduzir uma investigação pessoal...

— Para com esse showzinho, Stilman, eu dei para você o melhor trabalho da sua carreira de bandeja. Quando for publicado, sua investigação na China vai ser uma lembrança menor. Essa matéria vai trazer reconhecimento, você sabe disso tão bem quanto eu. Mas se prefere que a gente passe tudo a limpo...

— Não, garanto, não é minha intenção. E sua irmã? O Ortiz me disse que a outra filha dele não sabia de nada disso. Você pretende avisá-la ou vai deixar que ela descubra o passado do pai lendo o jornal? Você deve estar pensando que isso não é da minha conta, mas pense bem, eu sei do que estou falando, mesmo que eu não tenha nenhum conselho para dar.

— Minha irmã sabe da verdade há muito tempo, eu disse tudo a ela antes de sair da Argentina. Eu cheguei até a propor que ela viesse comigo para os Estados Unidos. Ela nunca quis. Para ela, era diferente. Ela era filha legítima dele. Eu não posso culpá-la, nem por ter me rejeitado por eu ter feito a escolha que fiz.

Andrew observou Olivia com atenção.

— Como sua irmã é?

— Ela se parece com a mãe dela. Anna é linda de tirar o fôlego. Tenho uma foto dela de quando fez 27 anos — disse María Luz.

Ela se virou para pegar o porta-retratos que estava na mesinha atrás dela e entregou a Andrew.

— A Louisa enviou para mim, mas eu nunca soube como ela conseguiu.

Ao ver o retrato, Andrew ficou pálido. Levantou-se com um pulo e virou-se, logo antes de sair apressado da sala.

— María Luz, promete para mim que, aconteça o que acontecer comigo, você vai publicar minha matéria.

— Por que diz isso?

Andrew não respondeu. Olivia viu-o cruzar ansiosamente o corredor e atravessar a porta da escada.

*

Andrew saiu do jornal. Seus pensamentos se embaralhavam em sua cabeça.

Uma gritaria atraiu seu olhar para um grupo de corredores que desciam a Oitava Avenida, avançando em sua direção. Seus sentidos ficaram alerta, algo estava errado.

— Está cedo demais, não chegou o dia ainda, ainda não — murmurou, quando os primeiros corredores esbarraram nele ao passar ao seu redor.

Tomado pelo pânico, Andrew quis dar meia-volta, refugiar-se no interior do prédio, mas havia corredores demais impedindo-o de alcançar a porta.

De repente, Andrew reconheceu um rosto no meio da multidão, a desconhecida do Novecento caminhava em direção a ele, e um

descolador deslizou para fora de sua manga, a lâmina reluziu na palma de sua mão.

— Tarde demais — Andrew disse para ela —, isso vai ser inútil, aconteça o que acontecer comigo, a matéria vai ser publicada.

— Andrew, pobre Andrew, é para você que é tarde demais — respondeu Anna.

— Não! — gritou Andrew, quando ela se aproximou. — Não faz isso!

— Mas eu já fiz, Andrew, olha ao redor, tudo isso é fruto da sua imaginação. Você está morrendo, Andrew. Achou o quê? Que tinha ressuscitado? Que a vida tinha mesmo oferecido uma segunda chance, mandando você de volta para o passado? Pobre Andrew, tenho pena de você. Todo mal-estar, seus pesadelos, essa dor lancinante nas costas, esse frio que sentiu o tempo todo, os choques elétricos que te traziam de volta para a vida a cada vez que seu coração parava... Você está resistindo nessa ambulância desde que eu te apunhalei e você está perdendo sangue como um animal. Você lutou esse tempo todo, revirou sua memória, recompôs seu passado à espreita do menor detalhe que pudesse ter escapado porque queria entender. E, finalmente, acabou lembrando daquela fotografia que já tinha visto tantas vezes na sala da María Luz. Está de parabéns, não pensei que conseguiria. Eu não tinha nada contra você, mas você virou, sem saber, o instrumento que minha meia-irmã usou para chegar a seus fins. É uma covarde, e uma ingrata, meu pai deu tudo para ela, amou-a tanto quanto amou a mim, e ela nos traiu. Aquela pretensiosa achava mesmo que eu ia deixá-la nos destruir? Estou atrás de você há semanas, desde que deixou Buenos Aires. Eu fui atrás de você da mesma forma que você foi atrás do meu pai. Eu repeti tantas vezes o gesto que te silenciaria. Esperei o momento certo de agir. O golpe que eu dei foi perfeito, ninguém me viu, ninguém vai lembrar de nada. O hospital não está longe, e confesso que sobreviveu mais tempo do que imaginei, mas agora que entendeu tudo pode desistir, Andrew, não tem mais por que lutar.

— Tenho um motivo, sim — murmurou Andrew, com suas últimas forças.

— Não me diz que está pensando na sua mulher... depois do que fez com ela? Andrew, você a abandonou no dia do seu casamento, lembra? Ficou apaixonado por mim. Acredite em mim, pode desistir, a sua morte vai ser tão prazerosa para você quanto será para mim. Adeus. Andrew, seus olhos estão se fechando, vou deixar que viva seus últimos minutos em paz.

24.

A ambulância que transportava Andrew Stilman entrou na garagem da emergência às 7h42. Naquela manhã, o trânsito estava menos intenso do que de costume.

O hospital havia sido avisado por rádio; médicos e enfermeiros já se movimentavam ao redor da maca.

— Homem de 39 anos apunhalado na lombar há uma meia hora. Perdeu muito sangue, o coração parou três vezes, conseguimos ressuscitá-lo, mas o pulso está inconstante, a temperatura corporal caiu para 35 graus. Agora é com vocês — disse o médico, entregando as informações do paciente para o cirurgião de plantão.

Andrew reabriu os olhos, as lâmpadas que desfilavam em cima dele formavam uma linha descontínua à medida que avançava para a sala de operação.

Ele tentou falar, mas o médico inclinou-se para ele e disse para guardar suas forças, estavam levando-o para ser operado.

— Perdão... Valérie... Diz para ela... — cochichou.

E perdeu a consciência.

*

Um carro de polícia chegou com as sirenes ligadas. Uma mulher desceu e entrou correndo no hospital. Ela atravessou o hall apressada e segurou os enfermeiros que empurravam a maca de Andrew.

Um enfermeiro segurou-a com todas as forças para impedir que ela seguisse em frente.

— É meu marido — gritou. — Por favor, diz que ele está vivo!

— Você precisa deixar que a gente proceda com a operação, senhora, cada minuto conta. Viremos falar com você assim que

possível.

Valérie viu Andrew desaparecer atrás das portas da sala de operações.

Ela ficou imóvel, em choque.

Uma enfermeira, compreendendo sua aflição, guiou-a para a sala de espera.

— Os cirurgiões de plantão hoje de manhã são os melhores que eu já vi, ele não poderia estar em melhores mãos — assegurou a Valérie.

Simon chegou alguns minutos depois, ele foi para a recepção e viu Valérie, que chorava na sala de espera. Ela se levantou ao vê-lo e jogou-se em seus braços.

— Vai dar tudo certo, você vai ver — disse Simon, chorando.

— Diz para mim que ele vai sair dessa, Simon.

— Eu prometo, ele é forte, eu conheço bem, é um lutador, amo ele como se fosse meu irmão, e ele te ama também, você sabe, ele me disse isso mais uma vez ontem. Ele não para de dizer. Estava muito arrependido. Quem pode ter feito isso? Por quê?

— O policial que me trouxe para cá — falou Valérie, ofegante — disse que ninguém viu nada.

— Talvez o Andrew tenha visto algo...

Simon e Valérie ficaram sentados, lado a lado, olhando por longas horas as portas fechadas do corredor que desembocava na sala de operações.

No final da tarde um cirurgião se aproximou de Valérie e de Simon na sala de espera.

Eles escutaram as notícias sobre a operação com a respiração suspensa.

Meia hora havia se passado desde o momento em que Andrew fora apunhalado até sua chegada ao hospital. Durante a transferência, seu coração havia parado diversas vezes; Andrew havia voltado à vida, mas estava em algum lugar muito distante.

A operação havia se dado da melhor forma possível. A arma tinha causado lesões profundas e graves, e ele havia perdido muito sangue, sangue demais. O prognóstico continuava incerto e assim permaneceria nas próximas 48 horas.

O cirurgião não podia dizer nada além disso.

Despediu-se de Valérie e de Simon dizendo ainda que nutria grandes esperanças... Na vida, tudo era possível.

Na terça-feira, dia 10 de julho, o artigo de Andrew Stilman foi publicado na primeira página do *New York Times*.

Valérie leu-o para Andrew, em seu leito no hospital. Ele ainda não tinha recuperado a consciência.

Agradeço a

Pauline, Louis e Georges.
Raymond, Danièle e Lorraine.

Susanna Lea.
Emmanuelle Hardouin.

Nicole Lattès, Leonello Brandolini, Antoine Caro.
Élisabeth Villeneuve, Anne-Marie Lenfant, Arié Sberro, Sylvie
Bardeau, Lydie Leroy, todas as equipes das Éditions Robert Laffont.
Pauline Normand, Marie-Ève Provost.

Léonard Anthony, Sébastien Canot, Romain Ruetsch, Danielle
Melconian, Naja Baldwin, Mark Kessler, Stéphanie Charrier.

Katrin Hodapp, Laura Mamelok, Kerry Glencorse, Julia Wagner,
Aline Grond.

Brigitte et Sarah Forissier.

A Mary's Fish.

E agradeço especialmente a Victoria Donda, cuja carreira e
escritos iluminaram esta narrativa.